

+++++

Edição Especial  
1000 publicações



*Jader Silveira (Org.)*

Coletânea

# Multi Atualidades

Cultura, Inovação e Tecnologia

uniatual  
EDITORA

+++++

Edição Especial  
1000 publicações

 Editoras  
Grupo  
**MultiAtual**

*Jader Silveira (Org.)*

Coletânea  
**Multi**  
**Atualidades**  
Cultura, Inovação e Tecnologia

uniatual  
EDITORA

© 2024 – Uniatual Editora

[www.uniatual.com.br](http://www.uniatual.com.br)

universidadeatual@gmail.com

### **Organizador**

Jader Luís da Silveira

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Capa:** Freepik/Uniatual

**Revisão:** Respectiveos autores dos artigos

### **Conselho Editorial**

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587c	Coletânea MultiAtualidades - Cultura, Inovação e Tecnologia / Jader Luís da Silveira (organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2024. 273 p.: il.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86013-75-7 DOI: 10.5281/zenodo.13968348
	1. Coletânea. 2. Inovação. 3. Transformação. 4. Cultura. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.
	CDD: 001.4 CDU: 001

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.uniatual.com.br](http://www.uniatual.com.br)  
[universidadeatual@gmail.com](mailto:universidadeatual@gmail.com)  
Formiga - MG  
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://www.uniatual.com.br/2024/10/coletanea-multiatualidades-cultura.html>



## AUTORES

AGNA APARECIDA PEREIRA DOS SANTOS  
ALESSANDRO DE SOUZA REIS  
ALINE SANTOS SANTANA  
AMANDA EDWARDS BORBA  
ANA PAULA SILVA DOS SANTOS RAMALHO  
BRUNA NAYARA CABRAL AGUIAR  
CAMILE PEREIRA FLOR  
CARLA DAIANE SOUZA SILVA COSTA  
CLAYTON CARDOSO DE MORAES  
DANIELA GOMES DA SILVA  
DEBORAH KETLYN PACHECO FERREIRA  
EVERLÂNDJA GOMES DE ALMEIDA  
FRANCIELLE DA SILVA ANTUNES  
GEOVANE LEONARDO DOS SANTOS BRAGA  
GLAUCE ANGÉLICA MAZLOM  
IÉTE HONÓRIO DA SILVA  
IOLANDA DOS SANTOS OLIVEIRA  
ISABELE AUGUSTA GONÇALVES SOUZA  
JOÃO VICTOR PEREIRA MAGALHÃES CARDOSO  
JOELINA DE ALMEIDA PEIXOTO BESTETE  
JOSEDALVA FARIAS DOS SANTOS  
JOYCE KAROLINE DA SILVA  
JÚLIA MIATELLO LAGRIMANTE  
JULIANA MALDONADO CABRAL  
KAROLINA DOS SANTOS DE FREITAS  
KAUANE VITORIA CHAGAS RODRIGUES LIMA  
KAYLANE FARIA DE CARVALHO  
LAYANE SANTOS DIAS  
LEONARDO DELGADO FREIRE  
LÍDIA PAULA DA CRUZ LIMA  
LILIAN DEMETRIA CARVALHO  
LUCIANA FERNANDES DA SILVA SOUZA  
LUCINÉIA DA MOTA LEITE  
MÁRCIA VELOSO DE SOUZA  
MARIA DA CRUZ ARAÚJO SILVA  
MARIA DIRCE BARCELOS SILVA  
MARIA JOSÉ BESTETE DE MIRANDA  
MARIA RAQUEL NERI RODRIGUES  
MIKELLE BRAZ PEREIRA  
MILENE ALEMAR  
MÍRIA MARISTELA DA CRUZ LIMA DE SOUZA

**NÁDIA ALVES AQUINO  
RANIA THALIA BARROS MACEDO  
RAQUEL MARIA RICHETTI TEIXEIRA  
RAQUEL TEIXEIRA DE ANDRADE  
ROSIMEIRE DAVILA DA CRUZ  
RUTE BISPO DA SILVA CLEMENTE  
SARA MAZLOM BARBOSA  
SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA  
SÓNIA CRISTINA TAVARES CHAVES LEAL  
TAIANE NUNES CANAVEZI  
TALIA CAVALCANTE DE SOUZA  
TALITA CRISTINA DE SOUZA MATOS  
TAMIRES CRISTINA DE OLIVEIRA GONÇALVES  
VALERIA LEME LOPES  
WANESSA COSTA DOS SANTOS  
WILLIAMS MARK DE SOUZA LIMA  
WILMA NUNES MARTINS ZORZAN**

## APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresentamos *Coletânea MultiAtualidades - Cultura, Inovação e Tecnologia*, uma obra especial que celebra um marco significativo na trajetória das Editoras do Grupo MultiAtual. Esta coletânea surge como uma homenagem ao notável feito de 1000 publicações (pense: 1000 livros enfileirados!), dedicadas à disseminação do conhecimento e à valorização da cultura contemporânea em suas múltiplas vertentes.

Esta coletânea representa não apenas um tributo ao passado e ao presente, mas também um olhar visionário para o futuro, refletindo o espírito inovador que sempre nos guiou. Ao longo desses cinco anos, o Grupo MultiAtual tornou-se um ponto de convergência para mentes criativas e inovadoras de diversas áreas. Nossas publicações têm atravessado fronteiras e impactado leitores, contribuindo para debates contemporâneos e lançando luz sobre os temas mais urgentes da sociedade atual. Desde a cultura às inovações tecnológicas, nosso compromisso com a disseminação do conhecimento tem sido inabalável, buscando sempre a transformação e o progresso.

A marca de 1000 publicações não é apenas um número. É o reflexo de um esforço conjunto, de parcerias duradouras e de uma dedicação incansável à qualidade e relevância de cada trabalho. É uma homenagem aos autores, editores, pesquisadores, e leitores que fazem parte desta jornada. Cada obra publicada pelas Editoras do Grupo MultiAtual carrega consigo a essência de nossa missão: ampliar horizontes e construir pontes entre o conhecimento e a sociedade.

Com temas que abrangem desde a efervescência cultural até os avanços tecnológicos que moldam o mundo, este livro reflete o espírito inovador que sempre guiou o Grupo MultiAtual. Nosso compromisso com a educação, o pensamento crítico e o incentivo ao desenvolvimento de novas ideias permeia cada uma dessas páginas. Não se trata apenas de uma comemoração quantitativa, mas de uma reafirmação do nosso propósito: impactar positivamente a sociedade por meio da disseminação de saberes que dialogam com o presente e o futuro.

Em 29 de outubro de 2024, comemoramos, além deste expressivo marco editorial, os 5 anos de fundação do Grupo MultiAtual. Em um mundo em constante

transformação, sobreviver e prosperar como um coletivo de editoras que abraça a inovação e a diversidade cultural é uma conquista que nos orgulha profundamente. Estes cinco anos são um reflexo do trabalho de uma equipe dedicada, de autores brilhantes e de leitores que, como nós, acreditam no poder transformador das palavras e das ideias.

Este livro é um convite para continuarmos a trilhar juntos o caminho da descoberta, da inovação e da criatividade. Espera-se que a leitura destas páginas, provoque reflexões e desperte novas formas de olhar para o mundo em que vivemos. Que inspire futuros leitores e sirva como uma lembrança de que, no Grupo MultiAtual, o passado nos impulsiona e o futuro nos desafia.

A todos os que fizeram e fazem parte desta jornada, nosso mais sincero agradecimento. Que venham os próximos 1000 títulos!

*Boa leitura!*

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b> <b>A PSICOSE DOS NÁUFRAGOS</b> <i>Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>11</b>
<b>Capítulo 2</b> <b>AS REPRESENTAÇÕES ARQUETÍPICAS ACERCA DOS INDÍGENAS SOBRE O INCONSCIENTE COLETIVO BRASILEIRO</b> <i>Geovane Leonardo dos Santos Braga; Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>38</b>
<b>Capítulo 3</b> <b>EDUCAÇÃO INCLUSIVA: INTEGRANDO A LINGUAGEM E A CULTURA QUILOMBOLA NOS SISTEMAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO</b> <i>Agna Aparecida Pereira dos Santos; Carla Daiane Souza Silva Costa; João Victor Pereira Magalhães Cardoso; Josedalva Farias dos Santos; Míria Maristela da Cruz Lima de Souza</i>	<b>56</b>
<b>Capítulo 4</b> <b>FERRAMENTAS DIGITAIS INTERATIVAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA</b> <i>Aline Santos Santana; Daniela Gomes da Silva; Glauce Angélica Mazlom; Iéte Honório da Silva; Iolanda dos Santos Oliveira; Raquel Teixeira de Andrade; Rute Bispo da Silva Clemente; Sara Mazlom Barbosa; Valeria Leme Lopes</i>	<b>71</b>
<b>Capítulo 5</b> <b>ASPECTOS BIOLÓGICOS DA CANNABIS SATIVA: ANATOMIA, FISILOGIA E POTENCIAIS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE HUMANA</b> <i>Alessandro de Souza Reis</i>	<b>84</b>
<b>Capítulo 6</b> <b>TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E MELHORIA DA INTERFACE DO USUÁRIO NAS UNIVERSIDADES MOÇAMBICANAS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES"</b> <i>Sónia Cristina Tavares Chaves Leal</i>	<b>99</b>
<b>Capítulo 7</b> <b>REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA</b> <i>Wanessa Costa dos Santos; Luciana Fernandes da Silva Souza; Maria da Cruz Araújo Silva</i>	<b>116</b>
<b>Capítulo 8</b> <b>A EDUCAÇÃO INCLUSIVA SEGUNDO A LDB 9394/96</b> <i>Ana Paula Silva dos Santos Ramalho; Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>128</b>
<b>Capítulo 9</b> <b>EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA ANÁLISE DE PESQUISAS SOBRE SUA EFICÁCIA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM</b> <i>Maria José Bestete de Miranda; Joelina de Almeida Peixoto Bestete; Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>143</b>

<b>Capítulo 10</b> <b>ATENDIMENTO PSICANALÍTICO NA INFÂNCIA: SEUS ASPECTOS, SUAS VICISSITUDES, SUAS PERSPECTIVAS E SUA RELEVÂNCIA PARA UM ADOLESCER SAUDÁVEL</b> <i>Maria Dirce Barcelos Silva; Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>159</b>
<b>Capítulo 11</b> <b>EMERGÊNCIAS RESPIRATÓRIAS: USO DE CIGARROS ELETRÔNICOS POR ASMÁTICOS</b> <i>Amanda Edwards Borba; Bruna Nayara Cabral Aguiar; Everlândja Gomes de Almeida; Júlia Miatello Lagrimante; Nádia Alves Aquino</i>	<b>181</b>
<b>Capítulo 12</b> <b>INTERVENÇÕES DE VÍNCULOS PAIS-BEBÊS PREMATUROS INTERNADOS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL – UTIN</b> <i>Talia Cavalcante de Souza; Camile Pereira Flor; Rania Thalia Barros Macedo; Kauane Vitoria Chagas Rodrigues Lima; Wilma Nunes Martins Zorzan; Mikelle Braz Pereira</i>	<b>190</b>
<b>Capítulo 13</b> <b>TRASTORNO DISFÓRICO PREMENSTRUAL: UNA REVISIÓN COMPLETA</b> <i>Layane Santos Dias; Leonardo Delgado Freire; Willians Mark de Souza Lima; Milene Alemar; Lídia Paula da Cruz Lima; Talita Cristina de Souza Matos</i>	<b>199</b>
<b>Capítulo 14</b> <b>DESAFIOS DOS GESTORES NO CONTEXTO DO AVANÇO DAS DOENÇAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO DE CASO NA FARMÁCIA ULTRA POPULAR DE JALES (SP)</b> <i>Karolina dos Santos de Freitas; Kaylane Faria de Carvalho; Tamires Cristina de Oliveira Gonçalves; Clayton Cardoso de Moraes</i>	<b>206</b>
<b>Capítulo 15</b> <b>PASTAGENS SOMBREADAS: ARGUMENTAÇÃO ZOOTÉCNICA A PARTIR DA BIOCLIMATOLOGIA ANIMAL</b> <i>Deborah Ketlyn Pacheco Ferreira; Isabele Augusta Gonçalves Souza; Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>236</b>
<b>Capítulo 16</b> <b>A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM TODAS AS MODALIDADES DE ENSINO</b> <i>Francielle da Silva Antunes; Joyce Karoline Da Silva; Juliana Maldonado Cabral; Lilian Demetria Carvalho; Lucinéia da Mota Leite; Márcia Veloso de Souza; Maria Raquel Neri Rodrigues; Raquel Maria Richetti Teixeira; Rosimeire Davila da Cruz; Taiane Nunes Canavezi</i>	<b>258</b>



**Capítulo 1**  
**A PSICOSE DOS NÁUFRAGOS**  
*Sérgio Rodrigues de Souza*

# A PSICOSE DOS NÁUFRAGOS

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Pedagogo. Psicanalista. Pós-Ph.D. em Psicologia. E-mail:*

*srgrodriguesdesouza@gmail.com.*

## RESUMO

O presente artigo aborda o tema sobre a 'psicose dos náufragos'. Sua relevância científica encontra-se no fato de ampliar a exploração sobre os mecanismos psicológicos de ação mental analisados e estudados à luz da Psicanálise. Sua relevância social está em que ampliará a cadeia de textos disponíveis ao público leigo, retratando uma análise a partir de uma obra épica. O objetivo geral deste artigo é analisar como se manifestava o aspecto psicótico nos marinheiros. A psicose é uma alteração de ordem psicológica que necessita de intervenção médica especializada. O estado psicótico que atacava os marujos, possivelmente, os conduzia a um estado de vida na fase infantil, em que a mãe era uma figura central, porque as representações demonstram uma mulher acessível somente no aspecto nutricional, ao qual a criança tem amplo acesso em sua fase lactante, ficando o acesso ao sexo, negado por uma representação psíquica de uma condição biológica da fêmea desejada. A realidade pode ser uma condição tão extrema e angustiante para alguns que, a alternativa que encontram é a construção de um mundo maravilhoso e no qual não existem regras além daquelas que produz ao seu bel prazer e lá se recolhe, recusando-se a sair por motivos banais. Com os marinheiros pode que a situação não fosse diferente; entregues a uma vida errante e desprovidos de um destino, toda aquela melodia os levava a representar aquilo que haviam criado em seus devaneios e se alojarem nesta fantasia, recusando-se a saírem dela, porque ao fazê-lo, isto os privaria de um estado de prazer, de êxtase; aliás, termo este um tanto controverso, porque nenhum ser humano consegue sair de si; havendo apenas a possibilidade de adentrar tão profundamente em seu próprio mundo psicológico que passa a ignorar tudo e todos que estejam fora deste e, no caso da psicose dos náufragos, recusam de tal forma a realidade que até negam a sua condição de morte, ou mesmo não se importando com ela. Este é um aspecto muito delicado da existência, porque cada um pode sujeitar-se a um estado psicótico, conforme seja o seu desejo, impulsionado [ou não] por experiências traumáticas e formas como estas o afetam e ao seu estado de economia psíquica.

**Palavras-chave:** Psicose. Psicose dos Náufragos. Psicanálise. Sereia Parténope.

## ABSTRACT

This article addresses the topic of 'castaway psychosis'. Its scientific relevance lies in the fact that it expands the exploration of the psychological mechanisms of mental action analyzed and studied in the light of Psychoanalysis. Its social relevance lies in the fact that it will expand the chain of texts available to the lay public, portraying an analysis based on an epic work. The general objective of this article is to analyze how the psychotic aspect manifested itself in sailors. Psychosis is a psychological disorder

that requires specialized medical intervention. The psychotic state that attacked the sailors possibly led them to a state of life in the childhood phase, in which the mother was a central figure, because the representations demonstrate a woman accessible only in the nutritional aspect, to which the child has ample access in her lactating phase, with access to sex being denied by a psychic representation of a biological condition of the desired female. Reality can be such an extreme and distressing condition for some that the alternative they find is the construction of a wonderful world in which there are no rules other than those that they create at will and retreat into, refusing to leave for any reason banal reasons. With sailors the situation may not have been different; delivered to a wandering life and devoid of a destiny, all that melody led them to represent what they had created in their daydreams and lodge themselves in this fantasy, refusing to leave it, because in doing so, this would deprive them of a state of pleasure, of ecstasy; In fact, this term is somewhat controversial, because no human being can escape from themselves; with only the possibility of entering so deeply into their own psychological world that they start to ignore everything and everyone outside of it and, in the case of the shipwrecked psychosis, they refuse reality in such a way that they even deny their condition of death, or even not caring about her. This is a very delicate aspect of existence, because each person can subject themselves to a psychotic state, depending on their desire, driven [or not] by traumatic experiences and the ways in which they affect them and their state of psychic economy.

**Keywords:** Psychosis. Shipwrecked Psychosis. Psychoanalysis. Mermaid Parthenope.

## INTRODUÇÃO

A Psicanálise, compreendida e aplicada aos fenômenos existenciais, como uma técnica e uma arte depende de assimilar conteúdos de outros campos a fim de poder alcançar o seu intento que é o de explicar o porquê de alguns fatos ocorrem a determinados grupos específicos e não de maneira generalizada. Busca, ainda, explicar como este mecanismo funciona, trabalhando em busca de uma possível cura para o paciente, expressão esta que deve ser muito bem esclarecida, para não haver o entendimento errôneo de que, uma vez curado, o paciente fica livre da enfermidade que o atormentava e, não é bem assim que as coisas funcionam; o ego do indivíduo se torna forte o suficiente para permitir-lhe conviver, de forma equilibrada, com as situações de conflito que o atravessam. Se uma determinada doença existe e ataca um gênero específico, por exemplo, o gênero *homo*, não poderia existir, assim, ao menos em sentido *latu*, um grupo mais propenso a isto. Isto poderia ser visto como discriminação, mas, não é assim que as coisas funcionam, no terreno da prática. Certas profissões, certos estilos de vida, certas privações acabam por provocar

distúrbios de ordem psicológica diversas, conduzindo os indivíduos a estados de alienação mental, destacando, um destes mais conhecidos a psicose.

Dentro do universo psíquico abordado por Freud e seus discípulos, a psicose foi uma das doenças psíquicas com que acabaram travando contato, porque a linha de investigação que os conduziam em direção ao tratamento das neuroses levaria, invariavelmente, a ter um encontro com a mesma, a despeito de que algumas manifestações de desordem comportamental não poder ser explicada pela linha utilizada. Infelizmente, o Mestre de Viena não debruçou-se de maneira prolongada sobre a mesma; porém, deixou uma contribuição que auxiliou, de modo incontestado na compreensão dos mecanismos que conduzem a tal situação de desordem psíquica.

Um argumento que pode ser utilizada para explicar a dificuldade da Psicanálise em tratar a psicose é da ordem de que, diferentemente do neurótico, que se expressa verbalmente, ou seja, transforma sua condição de conflito intrínseco em palavras, gestos e atitudes comportamentais, o paciente psicótico se fecha em seu mundo, o qual é criado à sua imagem e perfeição e ali se concentra, não encontrando razão para dele tentar sair; nem mesmo um desejo de fuga; uma vez que seu conflito é com o mundo externo.

Partindo da interpretação que Freud deu à psicose, ela estaria mais propensa em grupos que sofrem conflitos interiores insolúveis por causa de suas condições exteriores, a exemplo, o súdito que deseja ser rei; porém, sua condição financeira e de linhagem sucessória o impedem, sobremaneira. De igual forma, eram os marinheiros que viviam e muitos que ainda vivem em condições de verdadeira miséria socioeconômica, subjugados pelos trabalhos forçados em alto mar, o sol direto e o calor escaldante. Falta um só elemento constituinte para ter-se um estado de delírio profundo, que seria a fome prolongada; mas, não trata-se, tão somente de uma ausência de alimentos, a escassez de proteínas, vitaminas e minerais agregados a todo o conjunto acima citado acabaria por levar à loucura, com devaneios e alienação da realidade objetiva.

Para um marinheiro, vivendo em condições miseráveis e por dias intensos em alto mar, exposto a todo tipo de privação e intempéries, bastaria um elemento que funcionasse como um gatilho para conduzir o indivíduo a um estado de desordem psíquica e, até onde ia o conhecimento dos gregos, a música foi o que determinaram para este fim. Os sons maravilhosos e melodiosos, em tons de soprano e mezzo-soprano produzidos por aquelas criaturas sedutoras, seminuas, criando uma música

encantadora levavam aqueles homens brancos a renderem-se ao delírio produzido por seus pensamentos dominados pela saudade de casa e das tavernas e de tudo o que estes locais poderiam oferecer de especial.

Eles se desligavam, por completo, da realidade objetiva, entregando-se a um estado alienante em que nada existia além do que criavam como um lugar reconfortante, no qual encontravam uma paz de espírito jamais experimentada. As lendas contam que, uma vez possuídos pela canção inebriante das sereias, os navegantes jogavam seus navios contra as rochas onde elas estavam. Isto bem poderia ser uma tentativa tresloucada de resistência ou mesmo um ato de suicídio. Seja o que for, o que fica claro é o poder imperioso que elas, através de sua canção, exerciam sobre os marinheiros, ressaltando que, as carências nutricionais e afetivas tornavam-se o elemento preponderante para que fosse levado ao extremo da loucura, sendo capturado pela psicose e seus efeitos.

## **A PSICOSE**

Psicose é o nome atribuído, clinicamente, a um estado psíquico patológico caracterizado pela perda de contato do indivíduo com a realidade externa e que, por este motivo, passa a apresentar comportamento antissocial, necessitando de intervenção médica especializada a fim de conferir o retorno do paciente ao seu estado de equilíbrio psicológico. As suas causas, ainda, não são consenso, o que tem produzido muita discussão e controvérsia dentro da comunidade médica e científica. Os espertos e especialistas acreditam que fatores sociais, como a vida nas grandes cidades, abuso de drogas e isolamento social possam estar, direta ou indiretamente, associados à origem da psicose e na manifestação de seus sintomas.

Segundo Freud ([1923] 2006), a psicose seria um conflito do ego com realidade externa. Nela, há uma predominância do eu, onde o ego cria um novo mundo interno, negando, quase que por completo, a existência e a importância do mundo externo de acordo com os impulsos do *Id*, havendo um afastamento da realidade devido a alguma frustração intensa do *Id*. Na medida em que há tentativas de restabelecer nova relação com a realidade, elas se dão sem restrições ao *Id*, por meio do imaginário, delírios e alucinações. O delírio vem como uma tentativa de cura ou preenchimento dessa realidade que não pôde ser suportada. O Ego constrói um novo real de acordo com

os impulsos do *Id*. Em uma alucinação auditiva, por exemplo, o sujeito ouve seu próprio íntimo, ou seja, seus próprios pensamentos projetados em vozes (Lins, 2007).

Os delírios, visões e vozes, podem ser entendidos como projeções do mundo interno em direção ao mundo externo, caracterizando como uma verdade absoluta que, de uma forma bizarra e ainda, não compreendida, permitiria a equilíbrio da economia psíquica individual, colocando um ordenamento no mundo intrínseco do indivíduo. Ao se tomar esta linha de entendimento, a psicose consegue proporcionar ao indivíduo uma satisfação que não seria possível, em nenhum outro lugar, além do que existe pela fantasia e a partir dela. De uma forma estranha a nós, pode-se afirmar que o psicótico é feliz com sua doença e, possivelmente, a cura seja tão complexa e de dificuldade tão arraigada porque o próprio doente resiste a voltar para sua realidade externa que é marcada por limitações, sanções e privações de todas as ordens. Possivelmente, à medida que o tempo vai passando o indivíduo vai se tornando mais confiante de que a realidade alienante que criou a partir de seu delírio psicótico seja real, passando a confundir, de fato, sua existência fantástica com a existência real, passando a optar pela primeira em detrimento da segunda por causa da condição de satisfação egóica proporcionada pela mesma.

Este entendimento colocaria a psicose como a forma reprimida de prazer que, uma vez encontrada pelo indivíduo, recusa-se a abandoná-la; mesmo a despeito de tudo o que possa ser dirigido a ele em sentido contrário, conduzindo a uma interpretação de que a doença incomoda, de fato, a quem esteja presente na realidade externa do paciente. Como sempre, haverá alguém que queira falar em nome do louco, sem perguntar para ele o que seu mundo representa e como ele se sente e, para piorar, quando a resposta não satisfaz ao interlocutor, este cria uma interpretação que justifique uma intervenção clínica sobre o doente.

A realidade pode ser uma condição tão extrema e angustiante para alguns que, a alternativa que encontram é a construção de um mundo maravilhoso e no qual não existem regras além daquelas que produz ao seu bel prazer e lá se recolhe, recusando-se a sair por motivos banais. Com os marinheiros pode que a situação não fosse diferente; entregues a uma vida errante e desprovidos de um destino, toda aquela melodia os levava a representar aquilo que haviam criado em seus devaneios e se alojarem nesta fantasia, recusando-se a saírem dela, porque ao fazê-lo, isto os privaria de um estado de prazer, de êxtase; aliás, termo este um tanto controverso, porque nenhum ser humano consegue sair de si; havendo apenas a possibilidade de

adentrar tão profundamente em seu próprio mundo psicológico que passa a ignorar tudo e todos que estejam fora deste e, no caso da psicose dos náufragos, recusam de tal forma a realidade que até negam a sua condição de morte, ou mesmo não se importando com ela. Este é um aspecto muito delicado da existência, porque cada um pode sujeitar-se a um estado psicótico, conforme seja o seu desejo, impulsionado [ou não] por experiências traumáticas e formas como estas o afetam e ao seu estado de economia psíquica.

O aspecto central da psicose é a perda do contato com a realidade, dependendo de sua intensidade. Num dado momento a perda será de maior ou de menor intensidade. Os psicóticos, quando não estão em crise, zelam pelo seu bem estar, alimentam-se, evitam machucar-se, têm interesse sexual, estabelecem contato com pessoas reais. Isto tudo é indício da existência de um relacionamento com o mundo real. A psicose, propriamente dita, começa a partir do ponto em que o paciente relaciona-se com objetos e coisas que não existem no mundo sensível; isto porque, “nas psicoses, alguns aspectos da realidade são negados e substituídos por concepções particulares e peculiares que atendem unicamente às características da doença” (Boechat, 2017, p. 02).

Colocar aqui, como faz o autor supracitado, a doença como sujeito ativo e determinante da condição de vida e da existência individual é tentar sequestrar o autodomínio e poder de decisão que cabe a qualquer ser humano. Mais prudente seria dizer que tudo isto atende às características do desejo do doente. No entanto, admitir tal situação é terminar sem saber como resolver o impasse da liberdade individual em que ele pode ter desejado aquela condição para si, o que impediria qualquer possibilidade de tratamento, uma vez que o doente recusaria a declarar a causa de sua doença, uma vez que ela lhe proporcionasse prazer e bem-estar.

O grande enigma do psicótico para a Psiquiatria e, especialmente, para a Psicanálise é que ele não fala. Diferentemente do neurótico, ele vive em uma realidade criada por ele e só para ele. Vive, desta forma, com total autonomia psíquica; mas, paradoxalmente, uma existência totalmente desenraizada da realidade comum e torna-se, com isto, incapaz de comunicar-se, compartilhar e trocar experiências com os outros. Este pode ser um estado existencial que provoca sérias limitações ao indivíduo, tornando-o infeliz e alijado de situações de grande relevância para a construção e a estruturação personológica humana; mas, eis que se pode questionar

até que ponto isto, de fato, é uma realidade experimentada pelo doente e aceita como tal, por ele mesmo?

Uma vez que está-se a tratar a psicose a partir de um viés psicanalítico e fazendo uma comparação com a neurose, tem-se que esta última provoca o seu doente a uma busca por ajuda, ainda que seja de um modo estranho e pouco compreendido pela sociedade de forma geral. O comportamento do neurótico revela algo que foge aos padrões do próprio indivíduo, chegando ao ponto de incomodar a si mesmo, momento este em que sente a necessidade de auxílio para tentar superar e/ou vencer os seus demônios interiores, situação que não acontece com o psicótico, em que preso em seu mundo e a conversar com os fantasmas que cria à sua imagem e semelhança, acaba por encontrar a tão sonhada paz de espírito que todos buscam, de alguma maneira.

A ciência procura, de alguma forma, resolver a questão da psicose, exatamente porque a sua condição sobre o indivíduo ofende a sociedade, porquanto o doente a ignora e a toda a vida comunitária. Ele passa a viver sozinho, imerso em seu mundo maravilhoso, em que não está condenado ser livre; o é, porque pode conversar e viver da forma que melhor lhe aprouver. Aristóteles (384-322 a.n.e.) diria que este indivíduo é um deus ou um animal, porque somente estes dois seres detêm o poder e a liberdade para viverem sozinhos, ignorando todo o resto. “O eu precisa acomodar-se a esse fenômeno alucinatório, mas só pode fazê-lo pagando o preço de romper com a realidade” (Santos e Oliveira, 2012, 76).

Mas, eis que se retorna ao problema anterior: o rompimento com a realidade objetiva representa um trauma ou uma decisão deliberada do indivíduo em favor de seu bem-estar e da manutenção de sua economia psíquica? A análise e a interpretação de Freud o conduzem a chegar a esta compreensão sobre as psicoses e o psicótico, conclusão que o levam a afastar-se de seu estudo e do objeto-alvo de acomodação da mesma, preferindo a neurose e o neurótico como elementos a serem investigados através da técnica que estava a desenvolver. A questão é que ele estava criando uma técnica fundamentada em uma metodologia específica e para que funcionasse, a contento, necessitava que o paciente se envolvesse na realidade e expressasse tudo o que o incomodava, através de uma catarse. Enquanto trabalhava em sua técnica buscava uma doença psíquica que se encaixasse no perfil e, mesmo que em seus anos de atuação como médico tenha se aprofundado no estudo das psicoses e se interessado em sua etiologia e comportamento, acaba por descobrir que

tudo se resumia no paciente e sua busca terminaria por ser longa o bastante para condená-lo ao fracasso quanto aos seus objetivos, que era criar uma nova ciência.

A psicose não apresenta um grau de conflito que demonstre uma luta entre o Ego e o Superego. O primeiro entende que não consegue conviver de acordo com as exigências do segundo e assim recolhe-se, de maneira consciente e deliberada, a um mundo onde tudo é perfeito e equilibrado, ou seja, um lugar idílico em que não haja qualquer tipo de conflito e, estranhamente, o inconsciente aceita esta condição existencial adotada pelo indivíduo até mesmo alimentando-a com discursos produzidos pelo próprio indivíduo, disfarçando-os com as vozes conhecidas do mesmo em algum momento e que ficaram gravadas em sua memória.

No caso dos náufragos, escravizados pelo canto das sereias, pode que acontecesse algo mais profundo que isto, uma vez que, na iminência da morte certa, se entregassem a um estado de introspecção, conversando com alguma figura do passado a quem prometera, um dia, voltar e construir um lar e ser um homem normal vivendo uma vida normal, ainda que isto não passasse de um delírio provocado pelo excesso de vinho. Uma vez capturados neste sonho idílico, não havia mais como escapar dele, a não ser através da morte. De alguma forma, ainda não explicada, os gregos sabiam que aquela condição de alienação ultrajante era provocada por aquela música maviosa, que os enfeitiçava a tal ponto de os dominar, subjugando suas vontades e destruindo suas capacidades de pensar de forma racional.

## **A PSICOSE DOS NÁUFRAGOS**

O objeto de análise e exploração neste artigo é a *psicose dos náufragos*, em que o primeiro a trazer para uma possibilidade de interpretação e estudos foi Homero (Século IX a.C.) que, por meio de sua arte transformou um rochedo em criaturas de extraordinária beleza e de uma sensualidade irresistível (as sereias). Estes seres quando cantavam, atraíam os navegantes que não conseguiam pelear contra seu poder de sedução. Obcecados por aquela melodia sobrenatural, os pilotos arremessavam seus navios contra as rochas da ilha, naufragavam e as sereias devoravam os tripulantes.

Na narração de Homero, *Odisséia*, a feiticeira Circe descreve as sereias sentadas e rodeadas por montes de ossos de homens em estado de putrefação. “As sereias, cuja voz encanta todos os homens que delas se aproximam. Se alguém, sem

dar por isso, delas se avizinha e as escuta, nunca mais sua mulher nem seus filhos pequeninos se reunirão em torno dele, pois que ficará cativo do canto harmonioso das Sereias. Residem elas num prado, em redor do qual se amontoam as ossadas de corpos em putrefação, cujas peles se vão ressequindo” (Homero, 2000, p. 158).

A descrição dada pelo poeta é precisa e meticulosa sobre os marinheiros que definhavam no topo do penhasco, morrendo por inanição e desidratação aguda. O que puderam explicar, deu-se através da mitologia e tudo se resumia ao enfeitiçamento provocado pela música que as sereias expressavam infinitamente, cumprindo uma missão sagrada. Mas, havia condições de subnutrição que provocava tais situações delirantes, como hoje se sabe, provocada, de modo especial pela falta de vitaminas do Complexo B.

Nenhuma destas condições se adequavam ao momento histórico em que Homero relata as histórias das ninfas assassinas do mar e, a esclarecer que os antigos não as descreveram, ficando isto a cargo dos escoliastas, as lendas sobre elas eram antiqüíssimas, remetendo ao momento em que a Deusa Deméter era soberana, ao lado de Zeus e este, ainda não era chamado de pai dos deuses. Há outra versão da lenda, pouco divulgada e pouco conhecida, de que as sereias eram metade pássaros e metade mulheres, assim transformadas para que pudessem sobrevoar o mundo na tentativa de encontrar a filha desaparecida de Deméter, Perséfone. É uma história complexa e não suficientemente forte para convencer, porque contraria a tradição do casamento por rapto a que fora submetida a Mocinha, por seu tio Lord Hades.

O formato das sereias que chegou até os dias atuais foi construção dos poetas escoliastas, esclarecendo que, na mitologia antiga não se fazia qualquer menção a que fossem metade peixes e metade mulheres. Tudo isto está mais para relatos de marinheiros em condições severas de distúrbios mentais e que, mais tarde, foram construídas as mais fantásticas elucubrações, obedecidas as características da licença poética e a aceitação do público que registrou em livros, ficando esta versão como a mais aceita pelo fato de que existia a possibilidade do registro em papel.

O que chama a atenção é o imenso quantitativo de homens que lançaram seus barcos, de forma deliberada, contra os rochedos aonde estavam os monstros e ali pereceram de fome e sede, expostos ao sol. A saber que o volume era elevado, destaca-se que isto foi registrado na história, com advertências para que se evitasse atravessar aquela região marítima, sob risco de ser tragado para uma morte horrível e dolorosa. Ao que relatam os poetas, os indivíduos morriam sem saber que o

estavam, como que consumidos por uma situação psicológica extremamente alienante.

Na tradição clássica, as sereias são descritas como ameaçadoras e vorazes. Seu lado ameaçador e voraz talvez seja um dos mais marcantes e presentes na mitologia grega. “Eram as sereias ninfas celebérrimas pela doçura de seu canto. Foram transformadas por Demeter em monstros marinhos por se não terem oposto ao rapto de sua companheira, Perséfone. Tinham cabeça e corpo de mulher e atraíam, com sua voz harmoniosa, os marinheiros que passavam pelos Escolhos das Sereias ou Ilhas Sirenas. Eram as sereias em número de 3: Parténope, Lucósia e Ligéia. O oráculo lhes havia predito que viveriam enquanto pudessem deter os que passavam pelo mar; desde que alguém conseguisse passar por elas, sem sucumbir ao encanto de suas vozes, pereceriam. Assim, estas ninfas encantadoras utilizavam tão bem do seu fascínio, que as vítimas não pensavam mais em retornar ao seu país e, esquecendo-se de beber e de comer, morriam de inanição. Ulisses, quando por elas passou, utilizando-se de um estratagema, pode deleitar-se com a música das sereias e escapar incólume. Elas, percebendo que seus esforços resultaram inúteis, precipitam-se no mar, onde duas delas se transformam em rochedos. Uma delas, Parténope, foi arrastada pelas ondas até a costa da Itália, onde lhe ergueram um túmulo e construíram uma cidade que, em sua homenagem recebeu seu nome. Mais tarde, o nome da cidade foi mudado para Cidade Nova, i.e., Nápoles” (Spalding, 1974, p. 244).

Muitos dos personagens mitológicos ajudaram a criar grandes histórias futuras, envolvendo cidades, homens, mulheres, governantes e, com a Itália não seria diferente, até mesmo porque, ela pertenceu ao território grego, ou seja, ela é grega, *par excellence*; logo, uma sereia grega da era arcaica vir a dar na costa italiana é nada mais que um capricho, uma conveniência. Uma condição que se revela é a suposição de que eles conheciam-na, muito profundamente, sabendo até mesmo o seu nome e, para erguer uma cidade com seu nome, demonstra que era adorada naquela região, recebendo orações e libações; o que permite deduzir que a notícia de sua morte foi lamentada e causa de grande comoção.

Sabe-se de um estratagema utilizado por Ulisses, que fora o de amarrar ao mastro de seu navio um de seus homens que enlouqueceu, para que não se jogasse ao mar em direção às bestas encantadoras e assim perecesse. Ele recebera um feitiço de Circe que o protegeu da loucura provocada pelo canto maravilhoso, podendo

realizar a passagem pelas Ilhas Sirenas e ainda desfrutar da belíssima música. Jasão e os argonautas levaram no navio Argos o lirista Orfeu que, com a música de sua lira, sobrepujou o som maravilhoso das musas assassinas de Sireusa. Nem todo marinheiro estava dominado pela febre que os tornava ensandecidos ao ponto de serem conquistados pelo som das sereias. Haveria que existir mais algum elemento provocador de toda esta perda de contato com a realidade a tal ponto que os atacados morressem de uma forma lenta e dolorosa, como se tivessem sido condenados a uma sanção da qual não pudessem escapar, resignando-se a um destino fatal.

No entanto, este estado de resignação psíquico a um fim trágico não é do humano; ele luta até o fim para superar seu estado de debilidade e mais, um estado tal de alienação não pode ser caracterizado como uma doença comum, explicável por qualquer ciência que seja; daí os gregos dizerem que tais homens estavam sob feitiço, alienados e anestesiados de tal maneira que perdiam, por completo, o contato com a realidade. Era a sua atitude comportamental de intensa passividade diante da morte iminente que fez com que os antigos pensadores se dedicarem por horas em intensas análises, na tentativa de um entendimento acerca da situação e, se os escoliastas persistiram nesta busca por um esclarecimento, isto revela, intrinsecamente, que tal não foi alcançado.

Mesmo que o mito das sereias tenha sido criado depois de que grandes mestres se dedicaram ao estudo do fenômeno, como a ser dado formas meio humanas e meio peixes às criaturas sanguinárias e mortais, seguindo um princípio de tornar a literatura grega um vasto marco de histórias fantásticas, o que fica subentendido é que antes deste adorno encantador que chegou até os dias atuais através da narrativa de Homero, o que, de fato, intrigou aos intelectuais da Antiguidade? Esta indagação conduz a pensar que os governantes das cidades que necessitavam navegar por aquela região recrutaram homens de grande sabedoria e conhecimento na tentativa de solucionar o grande mal; financiando investigações de intensa profundidade.

Estes monstros não eram bem vistos pelos navegantes e nem pelos mercadores; mas, como era uma maldição de uma deusa-mater muito poderosa, não havia como, simplesmente, fazê-las desaparecer, restando que se descobrisse como evitar que os marinheiros enlouquecessem e lançassem os navios contra as rochas. A que conclusões os investigadores chegaram sobre como evitar a tragédia? Homero cita que Ulisses mandou seus marujos colocarem cera nos ouvidos para não

sucumbirem ao canto das Sereias. Pode-se tomar esta estratégia criada pelo aedo como uma licença poética ou como uma representação das histórias que havia escutado acerca de como os navegantes aprenderam a driblar as ninfas devoradoras de homens.

A psicose dos naufragos é uma condição psíquica que surge provocada por uma série de fatores físicos, tais como a fome, a sede e o cansaço intensos, insolação, excesso de sal aumentando as dores corporais e a desolação que advém de tudo isto. Em muitos filmes são relatados os marinheiros e/ou pessoas comuns em alto-mar avistarem ilhas com terra firme onde não há nada. Esta forma de ilusão psicótica pode ser, ainda, uma forma de proteção do *Id* contra o desespero que, poderia levar tais pessoas ao suicídio. Assim, tendo que o inconsciente trabalha em prol da manutenção da vida, provocaria tais alucinações como forma de tentar proteger o indivíduo. E, se fosse tomada tal assertiva como fundamento para entender a psicose, seria possível poder afirmar, ou ao menos supor, que quando o pensamento humano entra no processo psicótico o indivíduo estaria em busca de algum tipo de proteção contra a realidade externa, mais propriamente tentando conduzi-lo a manter-se a salvo, ainda que seja sob uma condição desviante de um perfil válido e aceito socialmente.

Como se processava este transtorno psíquico pelos homens condenados à morte por inanição que, pelo aparente comportamento perdiam, por completo, a noção de que estavam morrendo de uma forma dolorosa e cruel, imposta a si mesmos por eles mesmos e, muito possivelmente, fora isto o que desafiou a sabedoria e os sábios da época. A atitude de homens, até poucos instantes antes de entrar em contato com o som das musas era o de alguém normal e, de repente, tudo se tornava uma luta contra a morte por causa do naufrágio e depois a entrega incontestemente a um fim horrendo e lastimável. Todos os tipos de oferendas devem ter sido realizados para estas ninfas do mar e, a se julgar como foram interpretadas pelos escoliastas, nada surtiu qualquer tipo de efeito sobre as mesmas. Nem poderia, porque a maldição que receberam da deusa Deméter as vinculavam ao pragmatismo grego, cujo destino era matar a todos que tentassem cruzar aquela região. E o destino era inexorável.

Aqui, traz-se a questão da lenda das sereias porque esta foi a maior manifestação de delírio psicótico em alto-mar que chegou até nossos dias por meio da literatura clássica. Muito possivelmente, por causa das histórias e mitos que eram contados entre os povos antigos, não se pode duvidar de que imagens de mulheres com caldas de peixes não pudessem ser relatados pelos marinheiros como sendo

reais. Segundo Spalding (1974) “é provável que a lenda das sereias tenha sua origem no ruído, às vezes melodioso, que fazem as ondas ao se quebrarem contra os escolhos” (p. 244). E este som era de tal maneira inebriante, atraente, mavioso que levava o mais bronco dos homens a buscar um sentido para sua vida; não o encontrando, prostrava-se e entregava-se a uma morte lenta, porque não possuía nenhum motivo para continuar.

Os contos narram que nenhum homem conseguia resistir àquela música encantadora e, se assim, o fosse, como tomaram conhecimento da situação e mesmo ao ponto de haver testemunhas oculares que puderam narrar as cenas aterrorizantes que presenciaram, ainda que de longe? O som produzido pelas ondas batendo contra as rochas devia ser tão cadenciado que lembrava uma mulher cantando uma música em uma única nota, tão sereno e afinado, sem qualquer interrupção levando a que o ouvinte fosse hipnotizado por aquela sequência sonora.

Perder o contato com a razão e alienar-se do mundo externo é uma tarefa que exige esforço do inconsciente e conflito com o consciente que não se deixa render. Em algum lugar do pensamento, o indivíduo luta contra tudo isto. Como são narrados pelos poetas, o estado de psicose que tomava conta dos navegantes não podia ser somente resultado da música das sereias, porque as condições relatadas eram aviltantes, provocando sentimentos adversos de todas as ordens em qualquer mortal. Mas, um psicótico tanto pode ver, ouvir, sentir e perceber coisas que somente ela consegue como o contrário também pode ser fato, a condição de perda de todos os sentidos e viver mergulhado tão somente na ilusão produzida por seu cérebro enfermiço.

Nenhum estudo, nem mesmo algum da Antiguidade que possa ter sobrevivido, dá contas de esclarecer quem eram os indivíduos que terminavam enfeitiçados pela música exalada pela voz de soprano das ninfas demoníacas do mar. A partir da obra de Homero e a saber que, tanto ele quanto seus homens já estavam há mais de duas décadas fora de casa, pode-se aproximar de uma definição do perfil dos psicóticos atraídos pela canção maviosa; eram indivíduos que já haviam perdido toda a esperança de reencontrar com suas vidas antigas e ter acesso aos seus lares e aos seus respectivos cônjuges e filhos. Possivelmente, há muito tempo estes homens já haviam se alienado da vida consciente e, ao ouvirem a música sedutora, o ato de lançarem seus navios contra os rochedos e refugiarem-se junto aos objetos de sua

ilusão era o canto do cisne de suas vidas miseráveis e já desprovidas de qualquer sentido existencial.

Azen (2012) esclarece que,

A maioria dos estudos sobre a origem do mito das sereias, crê que a lenda das sereias surgiu por causa do som que ventos faziam quando batiam nas pedras escarpadas de algumas ilhas do Mediterrâneo. Os ventos uivantes batiam nas rochas, e reverberavam por causa das águas. Isso gerava um som suave e agudo que era confundido com canto de mulheres. Os marinheiros naquela época, quando não havia nenhuma tecnologia, viviam meses no mar conduzindo suas embarcações a base da força bruta, longe de suas mulheres e longe de qualquer companhia feminina, e isso os tornava extremamente carentes de um afago e de um carinho feminino, além obviamente da imensa carência sexual (Azen, 2012, p. 02).

Os estudiosos estão muito preocupados em compreender a origem do mito; mas, ignoram que os contos não surgiram aleatoriamente, como produto da imaginação dos aedos e rapsodos e, mais tarde dos escoliastas. Havia todo um processo sociológico que antecedeu a isto, discussões sobre situações que não puderam ser explicadas pelo *Logos* e, esta abordagem conduz a outra interpretação acerca do surgimento do pensamento racional, do uso da investigação empírica a fim de esclarecer alguns problemas que transformaram a vida dos moradores e mercadores de regiões da Grécia arcaica. Aqui tem-se que a contemplação, a especulação e a observação empírica não estavam distanciadas umas das outras, separadas como se toma na atualidade por ciência erudita, ainda que houvesse um espaço de tempo para analisar, os dados coletados através do pensamento, levantando hipóteses e criando explicações que se mostrassem plausíveis.

Assim que, o mito fora criado não como forma de explicar o fenômeno em si; mas, através de uma possibilidade de enriquecer o conjunto de histórias fantásticas, transformando a literatura grega na mais rica de todo o Ocidente. Eles não conheceram a psicologia como um elemento explicativo da vida e da existência; mas, a antropologia e a sociologia foram duas ciências que formam toda a base epistemológica do mundo grego antigo (arcaico e clássico). Na ausência de uma explicação esclarecedora sobre a causa da loucura acometida aos marinheiros naquela região, declararam que ali havia uma força mágica que os dominavam e faziam com que, como que enfeitiçados e sem qualquer domínio sobre suas vontades intrínsecas, cometiam o ato insano de jogarem seus navios contra as rochas, perecendo da forma mais horripilante já vista.

Ligar a loucura dos moribundos a desejo sexual não satisfeito é forçar demais o entendimento em torno da psicose, até porque aquilo que chegou até os dias atuais sobre a postura dos marinheiros demonstrava que estavam a contemplar alguma coisa, enquanto ainda possuíam forças vitais e muito possivelmente, a posição da mão dominante indicava a tentativa infrutífera de alcançar algo [ou alguém]. Tomando esta condição como *leitmotiv* para uma dedução mais ampla, este alguém imaginário, produto de sua alucinação, bem poderia ser uma mulher; mas, em nenhuma hipótese, estaria buscando a satisfação genésica; seria a salvação, mas não da morte; seria um desejo violento de apelar a saudade.

Sem analisar todo o contexto geográfico, econômico e social da Grécia, focando apenas na criação do conto em si, fica quase impossível chegar a um entendimento plausível sobre a origem do mito das sereias e, o que se analisa é que são produtos de uma maldição; mas, que foram consultar um oráculo a fim de saber quando teria fim a sua tortura e, eis aí o paradoxo, enquanto seduzissem e atraíssem marinheiros para a morte, encantando-os com suas belíssimas vozes de crianças pré-púberes continuariam vivas. Bastaria, para que aquela condição fatídica terminasse, que deixassem alguém escapar com vida; mas, assim não foi e exerceram sua função [não de cantar para exaltar as belezas do espírito; antes para matar] com esmerada perfeição, porque um deus caprichoso e rancoroso assim exigiu que fosse e o destino determinou que assim seria e, assim foi feito.

Faltava para tudo isto se completar em uma determinação perfeita, que a mesma música que inspirava para a vida o fizesse em direção à morte; porém, como conseguir tal coisa? Precisava que ela criasse um tipo especial de patologia psíquica em que o doente não pudesse lutar contra as terríveis condições externas a que estava submetido. Não era penas ser atraído para uma morte cruel e desgastante; o enfeitado precisava perder sua conexão com o mundo e com tudo o que fazia sentido para si; mas, eis que depara-se, mais uma vez com outro paradoxo, porque era através de sua ligação com o que havia de mais profundo e sublime em sua vida que aceitava alienar-se do mundo externo.

O que Homero descreveu na forma de uma ficção pode ser interpretado como *Psicose dos Naufragos*. Dias intensivos perdidos em alto-mar, provoca “uma espécie de alucinação coletiva, na qual os marinheiros passam a viver em um mundo imaginário compartilhado. As ilusões podem incluir confortadoras imagens do lar [...] podem ver-se envolvidos em conversas com companheiros de bordo já falecidos e

com familiares mortos, enquanto perdem qualquer noção do tempo” (Philbrick, 2001, p. 134).

Esta explicação já possibilita uma aproximação do que seja, de fato, e como se manifesta a psicose dos naufragos, em que se tem uma perda sensível da razão até culminar em definitivo a que ocorra uma alienação completa da realidade, este evento acontecendo com indivíduos que, até pouco tempo antes, se apresentava cômico e com pleno domínio de suas faculdades mentais. Como os sábios da Antiguidade não encontraram uma resposta que pudesse esclarecer, ao mínimo, tais situações de passagem de uma condição a outra em um espaço de tempo extremamente curto, a única explicação que lhes pareceu plausível foi a de que algum efeito mágico se abatia sobre aqueles homens, uma maldição da qual era impossível escapar.

Isto não quer dizer, sob nenhuma hipótese, que os gregos da Idade Antiga [*arcaica*] fossem dominados pelo misticismo e pela superstição. Até pelo contrário, antes de apelar para o sobrenatural procuravam respostas empíricas que permitissem a compreensão do fenômeno. Mesmo a encontrando, não era natural que ousassem oferecê-la a todos, porque aquilo poderia ser-lhes útil como um instrumento de controle social e assim o foi, porque ao relegar aos deuses todo o tipo de situação catastrófica que se abatiam sobre os mortais, os sacerdotes ganharam um tipo de poder com o qual jamais sequer sonharam.

Natural que os gregos já soubessem sobre os delírios paranóicos e perda de sentido com a realidade durante períodos longos expostos às péssimas condições da navegação e à exaustão provocada pelo mar. De igual forma, já deveriam conhecer algum tratamento ou que a crise seria passageira, considerando que um dos marinheiros da comitiva de Ulisses fora amarrado ao mastro do navio, a fim de evitar que suicidasse durante o seu delírio; sendo solto logo depois que atravessaram o local de terror provocado pelo canto das musas famintas do mar devoradoras de homens.

Tudo induz a uma compreensão de que os sábios da Antiguidade estavam familiarizados com o problema da sedução das sereias e, nada puderam fazer a não ser buscar estratégias que auxiliassem a superar o mal; mas, a julgar pela história que passou a envolver a origem das mesmas, caracterizado pelo poderoso viés pragmático, tudo indica que nada daquilo que se tenha tentado, como forma de resistir aos seus encantos musicais, mostrou-se à altura, continuando com sua sina terrível até que apareceu alguém que conseguiu resistir à melodia. Pode ser apenas uma

lenda, um alguém que jamais fora encontrado depois de ter realizado o feito; mas, serviu para que Homero personificasse o fim da maldição ao seu empenho de seu herói e que, faça-se esclarecido, não foi ele quem as mata; elas suicidam, o que mostra que eram tidas como personagens de elevado valor e alto respeito pela sociedade.

A questão que se coloca é se, não havia como superar as sereias, por causa da condição a que foram condenadas, a de que morreriam no dia em que um humano resistisse ao seu canto, ou seja, por causa desta sentença divina dedicavam-se constantemente a aperfeiçoá-lo de modo a que ninguém escapasse, não se satisfazendo com o perfeccionismo, buscavam a excelência, a *areté*. Agarram-se de tal modo aos seus destinos, lhes impostos por causa da negligência com relação à filha de Deméter, Korè (a Donzela) e, talvez esta fosse a maldição a que estavam condenadas, a de se agarrarem à vida como fim último, sabendo que este apego representava a condenação para inúmeros outros, sem a menor condição de superarem tal condição fatídica. De outro lado, tem-se a questão de que não se conhecia cura para a psicose e, na ausência de um tratamento, minimamente eficiente ou eficaz, a melhor saída seria manter viva a causa prima dos infortúnios, porque ausente este, o que restaria para ocular o lugar na explicação do fenômeno?

Homero, o primeiro dos muitos que provocaria o início do processo iminente de [*tentativa de*] destruição da mitologia da mitologia grega cuida de fazer com que a profecia do Oráculo se cumprisse sobre as sereias; até mesmo porque seu herói precisava retornar ao lar; mas, de igual forma, poderia pegar outra rota; mas, não, ele tinha que provocar a mudança do pensamento mítico para o pensamento lógico, abrindo uma seara para que os filósofos ateus pudessem bradar seus conceitos, visões, intuições e interpretações ao sabor de suas ideologias.

No caso da obra de Homero, a alucinação que vitimou Ulisses foi com relação à Penélope, sua esposa, e Telêmaco, seu filho, e seu lar, a Ilha de Ítaca, pois, este era seu desejo mais intenso. Os marujos, há tanto tempo afastados do contato com mulheres, era natural que seus cérebros reptilianos vissem beldades disponíveis. Eis que se depara com um paradoxo, na cena em que Odisseu tem consigo os ventos do sul armazenados em um saco, a fim de que não prejudicasse seu retorno em direção ao lar; ele é traído por seus homens, que acreditam ele estar os traindo quanto ao regresso ao lar, que também era deles. Esta percepção já coloca os marinheiros como

indivíduos que também sonhavam com suas casas e suas respectivas famílias; não apenas com sexo e vinho.

Tudo indica que o pré-conceito em relação a uma classe, a de marinheiros, contribuiu para que o estudo sobre o canto das sereias e seu efeito hipnótico sobre os mesmos já determinasse o motivo porque ficavam alienados da realidade e fossem em direção a elas, não mensurando mais a noção de perigo e entregando-se à morte de maneira fatídica. Acontece que o estado psicótico que tomava conta dos navegantes era muito estranho, porque como que dominados por uma força imperiosa miravam seus navios contra os rochedos colocando tudo a perder, incluindo toda a carga e a tripulação. Não era um ato isolado em que, possuído pela música maviosa, se lançava ao mar, nadando em direção à ilusão produzida pela mente enferma e deixando-se definir pelo calor, a sede e a fome.

Toda esta análise, até aqui realizada, acerca da psicose dos naufragos demonstra que os seus sintomas estavam muito além do distúrbio sintomático clássico com que se esclarece a perda de vínculo com a realidade objetiva. Não era apenas um ato de insanidade e desejo de morte ou de partir em busca de um alívio alienante tendo a imagem de um bem há muito perdido projetada em direção a um objeto qualquer, em meio ao nada, em que tal alucinação estivesse sendo conduzida por uma música inigualável. Mesmo na época, os sábios que foram designados para investigar e dar uma resposta esclarecedora sobre o fenômeno, não conseguiram, apesar de já terem contato com a psicose e outros tipos de distúrbios psíquicos. Que tipo de conflito entre o ego e o mundo externo carregavam as vítimas das ninfas adolescentes demoníacas? No exato momento em que direcionavam suas embarcações em direção às rochas, já não tinham noção da condição de morte horripilante que os acometeria em seguida; encontravam-se já perdidos em seus mundos interiores, desligados de qualquer tipo de realidade e mesmo suas respectivas subjetividades já não davam conta de os livrarem de qualquer sofrimento que estavam sendo-lhes imputado pelas condições insalubres do mar aberto.

A psicose dos naufragos não representava um sintoma qualquer de alienação ou de alucinação; havia algo muito mais profundo envolvendo o processo de auto exclusão da existência e da vida, bem como o deslindamento da realidade não pode ser tão intenso ao ponto de alguém morrer em êxtase com sua própria criação alucinógena. Em algum momento, esta construção deixa de despertar qualquer tipo

de prazer e já o próprio inconsciente induz ao indivíduo que saia do seu transe psicótico, como forma de sobrevivência.

Este próprio pensamento bem pode ter se apresentado aos sábios da Antiguidade, ao analisarem a situação em que se davam as seduções das devoradoras do mar e como terminavam os infelizes que se tornavam suas presas. O que se passava na cabeça daqueles homens, condenados a uma morte sem precedentes e, mesmo que pudessem ser salvos, em algum momento, o que restaria de lucidez em suas mentes? Há que se pensar que, por algum motivo, algum náufrago capturado na teia sonora das ninfas sopranos fora salvo; mas, os resquícios da violência os impossibilitavam para a vida novamente.

Os sobreviventes do baleeiro Essex, que naufragou em 1820 depois de um ataque de uma baleia cachalote macho, sofreram com a falta de alimentos e água, calor excessivo e exposição ao sol e, um deles quando retomou a vida normal, em sua aldeia, sofreu com dores de cabeça que não cessavam. As privações a que os náufragos são submetidos não podem ser reparadas, afetando até mesmo o seu juízo e suas condições existenciais. Assim que, volta-se, mais uma vez a indagar o que significa, de fato, a psicose dos náufragos, porque dizer que é uma condição de alienação severa é ser modesto demais em relação ao seu poder devastador. Que elementos levam à sua formação na mente de tais indivíduos? Considerando que esta perda de contato com a realidade e o aparecimento de situações que somente o doente sente, vê e percebe se trata do que é exposto e a partir disto se constrói uma hipótese e, com mais cuidado, uma teoria; mas, e o que existe no seu mundo psíquico que não é revelado? O que fundamenta este espaço individual?

Aristóteles (384-322 a.C.) foi o primeiro que afirmou que todo o conhecimento passa pelos sentidos. Mas, a loucura e a insanidade, bem como a psicose, também são produções que possuem uma origem sensível. Esta caracteriza-se como um estado anormal de funcionamento psíquico. O mundo ideal criado pelo psicótico é uma antítese do mundo no qual está representado ou um regresso a este local paradisíaco, o que prova que ele possui uma percepção do real. Assim, tem-se que,

Os mecanismos das psicoses apontam para um distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo externo. Uma confusão alucinatória aguda, o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito. Na amênia não apenas é recusada a aceitação de novas percepções; também o mundo interno, que, como cópia do mundo externo, até agora o

representou, perde sua significação (sua catexia). O ego cria, autocraticamente, um novo mundo externo e interno, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade - frustração que parece intolerável (Freud, [1923] 2006, pp. 89-90).

Sigmund é muito objetivo em sua explanação sobre a psicose e, estranha que não tenha, ao menos, tentado se debruçar, com maior ênfase sobre o assunto, porque sua abordagem é precisa e esclarecedora, apresentando o comportamento que o psicótico elabora como forma de evitar a dor e a decepção sofrida no mundo externo. Que frustração foi esta é uma investigação complexa, porque não se trata de uma situação momentânea ou de uma condição em que sentiu-se impotente, mas que poderia superar com o tempo. Trata-se de uma coisa que está, completamente, fora de seu alcance e de seu poder.

Tomando o pensamento de Freud como um leitmotiv para se aproximar de uma compreensão mais categórica acerca da psicose, o sentimento de frustração é tão profundo e melancólico que até mesmo a possibilidade de verbalização do problema é interrompida pelo próprio cérebro do indivíduo. É algo como se o inconsciente o dominasse e tentasse, de uma maneira muito estranha, protegê-lo de uma dor que não o mataria, mas que o consumiria até não restar mais nada de onde extrair mais sofrimentos.

Se assim procede, poder-se-ia chegar a aventar a ideia de que a psicose é uma forma de proteção dada ao indivíduo contra um possível definhamento emocional? Sendo assim, que tipo de mundo cria em seu inconsciente? Interpretando a psicose a partir da concepção de Sigmund, este seria um lugar onde a frustração que sofrera não existe, porque os elementos tangíveis e intangíveis que conduzem a ela foram excluídos deste espaço criado para ser perfeito.

Ainda continuando a tomar o pensamento de Freud como fundamento para compreender-se a psicose dos náufragos, tamanha frustração, a ponto de que os marinheiros se entregassem a um fim dramático e melancólico, só poderia ser com a própria vida em si, como um todo, em que nada estava no sentido de justificar a existência e, da mesma forma, havia frustração com o além-morte, porque ele não suicidava; morria, sem saber o porquê e até mesmo que estava morrendo, porque perdido em um mundo alheio e estranho a tudo o que existia em seu entorno. Talvez, em seus momentos delirantes estava a pensar na existência em que podia, ao menos,

ser feliz, ter uma família, viver ao seu lado, estar junto a eles em todos os momentos e, não havia como pedir-lhes perdão, porque estava em uma condição de realidade. Para ele, aquilo que vivia, como um *delirium demens* intrínseco, era a sua essência como humano.

Se assim o é, a psicose é um ato narcisista levado ao mais extremo da realidade; porque este mundo paradisíaco não pode ser dividido com ninguém, sendo exclusivo do doente, que se retira para ele, por causa de uma frustração com a qual não soube lidar ou que não teve condições para tanto, deixando a todos que o amam de fora, condenando-os a um sofrimento que não compreendem, um misto de raiva e de piedade, enquanto ele se isenta de todo tipo de sofrimento; tanto que se nega a libertar-se do mal em que se encontra.

A condição do doente se apresenta sob vários aspectos, sendo o mais comum, através de delírios e outros tipos de comportamento estranho, como o mutismo; por vezes, dizendo coisas que parecem não ter qualquer nexos com a realidade; mas, o seu cérebro continua ativo, criando e recriando situações que funcionam de acordo com o desejo próprio. O que impulsiona este processo particular, a fim de se criar uma condição particular continua sendo o grande desafio da pesquisa, exatamente, porque aquilo que representa uma frustração inocente para alguém pode ser algo exorbitante para outro; cada um, em particular, é que pode determinar o grau de violência com que as coisas o atingem.

O delírio é o principal sintoma da psicose que pode ser proveniente de uma recordação para a qual o indivíduo passa a dar uma nova interpretação. E era isto o que ocorria com os marinheiros desde os tempos pré-homéricos. Porém esta psicose marítima era causada pela música das águas em contato com as rochas. E, a música é um tipo de arte que invade a mente humana chegando ao seu íntimo sem pedir licença, penetrando nos recônditos mais inacessíveis ao indivíduo e fazendo despertar fantasmas há muito esquecidos. Não admira que a lenda tenha encantado ao poeta e seus leitores, vindo a transformar-se em objeto de estudo *ipso facto*. “O som suave que era gerado nos rochedos funcionava como um gatilho na mente daqueles homens que chegava a gerar miragens de mulheres, algo semelhante ao que acontece com quem caminham pelo deserto e deseja tanto encontrar água, que vê água aonde só existe areia” (Azen, 2012, p. 02).

O mais interessante em toda análise que se observa sobre o mito das sereias e seu encanto através da música maravilhosa que emanavam é que, os teóricos têm

certeza absoluta de que os marinheiros visualizavam, em seus delírios, apenas mulheres, ou seja, fazendo uma referência direta a sexo pelo sexo. Não pode ser tão determinante assim, ao ponto de um único elemento condicionar o próprio indivíduo a um estado de alienação tal que se desligue, por completo, de toda a vida consciente, permitindo-se morrer na mais extenuante miséria e sofrimento.

Em nenhum momento, os escoliastas e outros estudiosos da Antiguidade descreveram os delírios dos náufragos moribundos vitimados pelas sereias. Segundo eles, elas eram ninfas de beleza exuberante, o que deixa um espaço em aberto na interpretação, porque seu poder de encanto vinha de suas vozes de soprano infantis. Não eram elas quem colocavam as alucinações nos pensamentos de suas presas; sua força não era tão potente e ocorre que, mesmo tendo capturado o infeliz, precisavam continuar a cantar, a fim de manter o feitiço. A descrição dada para o conteúdo delirante foi obra dos intérpretes da modernidade, em especial, após a criação da Psicanálise, em que se supõe que Sigmund tenha sexualizado toda a existência humana junto com suas ações. O mundo criado para ser habitado pelo psicótico; aliás, espaço produzido por ele mesmo, a partir de suas próprias convicções, não é aberto a visitantes e, por este singelo motivo, [quase] impossível de ser interpretado e, se assim o é, torna-se [quase] impossível compreendê-lo, sendo factível deduções, aproximações teóricas e, em casos de estudos profundos, onde se tem a oportunidade de acompanhar indivíduos que se crêem pintores, sabe-se que está a pintar; sendo impossível saber o que está a pintar, se animal, se humano, se vegetais...

Uma ilustração desta situação é representada por Miguel de Cervantes (1547-1616), em sua obra *Dom Quixote* (1605-1615) quando o Cavaleiro da Triste Figura, Alonso Quijano, se depara com um pintor e, este está a pintar um quadro. Dom Quixote o interpela sobre o que está a pintar e este o responde: *Aquilo que vier a ser!* Nem mesmo o artista sabia o que estava se passando em seu pensamento; deixava-se entregue ao que seu inconsciente determinasse, alienado da realidade de tal forma que a sua resposta esclarece a forma como a percebe e demonstra o seu grau de interesse por ela e a tudo o que a envolva, representa, direta e indiretamente.

Freud toma a interpretação da psicose a partir do homem do fim do século XIX e início do século XX, impulsionado por um processo de industrialização e urbanização da existência de uma forma singular, em que não havia mais como fugir dos atributos da loucura, das sanções sociais e da maquinização de sua vida; de forma

que este indivíduo precisava fugir de si mesmo, não necessariamente da sociedade que vivia. Os marinheiros da Antiguidade, bem podem estar enquadrados neste mesmo perfil existencial, buscando uma fuga de seus próprios mundos em seu próprio mundo, porque não havia outro lugar para ir, aonde fossem senhores de suas próprias vidas, uma vez que a vida no Hades era marcada por regras rígidas e julgamentos os mais estranhos, senão igual aos que enfrentavam na Terra, talvez até mais severos e hediondos. Neste sentido, a única alternativa que se lhes apresentava era a de fugir para um espaço onde eles fossem senhores absolutos e as regras, ditadas por eles próprios, ou seja, não haveria regras; apenas, a satisfação absoluta do desejo supremo, fosse qual fosse. Este é um ponto muito complexo de se entender, porque o limite entre a loucura e a sanidade é de tal forma tênue e indefinido, tecnicamente, porque mesmo que se possa apresentar um termo que o determine, as sociedades, com suas culturas e valores auferem-lhe sentidos que não podem ser interpretados de maneira cartesiana.

Através do processo psicótico o indivíduo, de maneira consciente de que está a infringir uma regra social poderosa, isenta-se de total responsabilidade. “Desse modo as incoerências, excentricidades e loucuras dos homens apareceriam sob uma luz semelhante às suas perversões sexuais, através de cuja aceitação poupam a si próprios repressões” (FREUD, [1923] 2006, p. 91).

Esta fala de Freud conduz a uma dedução de que o indivíduo psicótico esteja cômico do que faz, não sujeitando-se às regras sociais por uma conveniência, uma vez que a condição de alienado o dirime de culpa por suas ações diretas. A maior afronta deste indivíduo à sociedade é a sua negação da mesma por meio de seu silêncio, que pode ser mesmo um mutismo, um ato de revolta contra todos e não especificamente, contra uma condição especial aviltante que esteja atentando contra si.

Não estranha que a psicose dos naufragos tenha provocado tamanho furor nos sábios da Antiguidade ao ponto de estudarem o fenômeno e este chegar à contemporaneidade como um *Mythós* e não como uma lenda do mar. Mesmo que não se tenha descoberto a causa prima das alucinações e do estado de alienação dos marinheiros, muitas especulações se permitiram serem feitas e apresentadas, sendo a mais aceita a de que as ondas do mar batendo contra os rochedos produziam uma música tão perfeita e maravilhosa que provocava devaneios e conduzia os indivíduos a um estado de deslindamento do pensamento de toda a realidade objetiva. Em meio

a esta interpretação, surge outra questão: porque, exatamente, neste local específico e não em outras partes do Mediterrâneo? Tem-se que o fenômeno fora observado somente neste local; mas, este é um questionamento interessante, porque que elementos naturais se convergiram para que produzisse tal sonoridade?

Pode ter sido na ausência completa de condições de explicar a ocorrência de tal fenômeno geográfico que os escoliastas e os poetas da Antiguidade Clássica puderam vincular a presença das musas assassinas sopranas à maldição lançada sobre elas pela Deusa Deméter, como castigo por não terem denunciado o rapto de Perséfone. A ira da deusa da agricultura se estendeu por todo o sempre, até que Homero resolve dar fim a isto, iniciando um ciclo de destruição do sentimento religioso na Grécia e da própria mitologia.

## **CONCLUSÃO**

A psicose está relacionada a uma perda relativa ou total de contato com a realidade externa e alegar que há uma perda sensível da realidade interna, não seria de todo uma negação do real, fundamentando tal pensamento no comportamento apresentado pelo paciente; porém, condição situacional muito difícil de ser confirmada, uma vez que o psicótico não se expressa por meio de palavras e, na maior das vezes, o analista há que buscar compreender o seu silêncio, para depois interpretá-lo e às suas causas genéricas e particulares. Isto torna muito difícil, se não, quase impossível, o tratamento desta doença através da Psicanálise, sendo possível apenas o estudo profundo das causas que, possivelmente, o conduziram até o limiar da sanidade, levando-o a romper a linha que a separa da loucura.

O que esta situação, em particular, oferece aos indivíduos que os faz permanecer presos em seus mundos intrínsecos, sem manifestar o desejo de voltar à realidade objetiva? Para eles, é um desejo especial de aí se manterem sem que se sintam incomodados com qualquer coisa, até mesmo porque perdem, por completo, o contato com a realidade externa. O que provoca esta condição no ser humano que, ultrapassa a situação de trauma, em que se forma um egodistônico, um comportamento dionisíaco, nas palavras de Nietzsche, a fim de ter, no pensamento do doente, um estado egossintônico, um equilíbrio apolíneo. Na psicose, em seu estado mais profundo, não se manifesta nenhuma aproximação de desejo de convívio com o mundo ou com alguém que não esteja no pensamento do psicótico.

Quando se tratou de analisar a psicose dos náufragos surge uma questão de entendimento do exposto que, se o mito foi criado por Homero, acerca das mulheres que possuíam metade humana e metade peixe, ele ouviu de alguém, uma vez que era cego. Mas, se estas histórias chegaram ao conhecimento de todos por meio dos marinheiros, então temos aí que a psicose destes indivíduos estava ligada, de alguma forma, à figura materna, em que o desejo de prazer estava ligado a um *tabu*, em que o filho tem acesso ao corpo da mãe; mas, apenas da cintura para cima, ao deleite de saciamento da fome, não direta e exclusivamente ao prazer genésico.

Sendo assim, temos que a projeção objetual dos marujos não estava ligada a mulheres prostitutas; mas, as suas próprias mães, às suas esposas como cuidadoras e nem suas manifestações inconscientes expressavam desejo sexual; antes acolhimento, um retorno ao útero, ao colo materno, onde a maldade e a violência da vida ainda não tinham lhes alcançados e a segurança promovida por esta figura permitiam viver como em um sonho encantado, em um mundo criado por eles mesmos, não se sabe por quais mecanismos psicológicos. De qualquer forma, a análise apresentada por Freud está deliberadamente clara, o psicótico cria um mundo fantástico a partir de reminiscências de sua infância, protagonizando um retorno a ela ou uma negação da mesma, em que as fontes de prazer e/ou desprazer estejam ativas e, uma vez unidas às condições de saúde e economia psíquica pode provocar uma derrocada do equilíbrio intelectual, conduzindo a um estado de alienação da realidade objetiva.

Há necessidade de mais estudos, análises e interpretações dos textos e em que contextos foram elaborados e por quem de fato, o que permitiria alcançar uma aproximação maior do que realmente proporcionava o delírio no pensamento dos marinheiros, em especial sobre aqueles que ficavam à deriva em alto-mar, sem grandes chances de encontrarem uma salvação.

Mas, dada a forma como o fenômeno fora tratado pelos pensadores da Antiguidade, não se tratava de vagabundos e marinheiros sem um devido respaldo social que foram acometidos pela doença e entregaram-se à morte no rochedo das ninfas assassinas, perdidos em um mundo paralelo, impossível de ser analisado e interpretado pela razão. A única explicação que os sábios da época encontraram para aquela situação foi que aqueles homens foram enfeitiçados por alguma coisa e, após intensos estudos, possivelmente, alguns deles, até de caráter empírico, tomando como objeto e ponto de interpretação a narrativa de Homero, deduziram que era

aquela música encantadora e suave como de uma soprano apaixonada que era a causa de todo o mal. Assim, a saída era evitar aquele espaço no mar; caso não fosse possível que, se tapasse os ouvidos com cera; se não, seriam capturados e devorados vivo pelas musas do mar.

Não havia salvação para quem fosse capturado pelas Sereias e seu feitiço, a melodia inebriante que levava o indivíduo para um mundo do qual não conseguia escapar ou que, por sua própria vontade, não queria deixar. Este é o grande mistério que desafiou aos gregos da Antiguidade, aos escoliastas da Antiguidade Clássica e persiste até os dias atuais, através dos estudos envolvendo a loucura e suas variantes, incluindo aí, a psicose e seus desdobramentos.

## REFERÊNCIAS

AZEN, Marcus. *As Sereias e a Odisseia - Como resistir ao “Canto da Sereia” conforme Homero*. São Paulo: Era da Incerteza, 2012.

BOECHAT, Fabrício. *Curso de Psicanálise Clínica - Módulo 16: Psicose*. Associação Intercontinental de Psicanálise Clínica. Vila Velha, 2017.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de La Mancha*. Edición del IV Centenario. Madrid: Real Academia Española – Asociación de Academias de La Lengua Española, 2004.

FREUD, Sigmund. (1924 [1923]). *Neurose e Psicose*. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Volume XIX.

HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra. *Psicose - diagnóstico, conceitos e reforma psiquiátrica*. In: *Mental* v.5 n.8 Barbacena; FUPAC, jun. 2007.

PHILBRICK, Nathaniel. *No Coração do Mar: a história real que inspirou o Moby Dick de Melville*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Tania Coelho dos; OLIVEIRA, Flávia Lana Garcia de. Teoria e Clínica Psicanalítica da Psicose em Freud e Lacan. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 1, p. 73-82, jan./mar. 2012.

SPALDING, Tassilo Orfeu. *Deuses e Heróis da Antiguidade Clássica*. São Paulo: Cultrix. Brasília: INL, 1974.



**Capítulo 2**  
**AS REPRESENTAÇÕES ARQUETÍPICAS ACERCA DOS**  
**INDÍGENAS SOBRE O INCONSCIENTE COLETIVO**  
**BRASILEIRO**

*Geovane Leonardo dos Santos Braga*  
*Sérgio Rodrigues de Souza*



# AS REPRESENTAÇÕES ARQUETÍPICAS ACERCA DOS INDÍGENAS SOBRE O INCONSCIENTE COLETIVO BRASILEIRO

**Geovane Leonardo dos Santos Braga**

*Pedagogo. Professor da Rede Pública de Ensino do Estado do Espírito Santo.*

*Academico de Psicologia. Mestre em Comunicação e Educação. E-mail:*

*geovaneleonardopsicologo@hotmail.com.*

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Pedagogo. Psicanalista. Pós-Doutor em Psicologia. E-mail:*

*srgrodriguesdesouza@gmail.com.*

## RESUMO

Este ensaio aborda a temática sobre a formação do arquétipo e relação ao índio brasileiro, utilizando como mecanismo de adequação, um modelo arquetípico já consolidado no imaginário popular, a destacar, Adão e Eva e sua curta existência no Jardim do Paraíso, em que a comparação se torna alvo de indignação quando se toma que os dois personagens foram expulsos de sua terra por causa de um crime e os nativos brasileiros são expulsos por causa da ganância do homem branco. Assim, este arquétipo de indivíduo bom; mas, injustiçado, vai ganhando força através da literatura que se diz especializada. Trata-se de um ensaio bibliográfico. Tradicionalmente, um arquétipo não tem a intenção de representar um objetivo esdrúxulo sobre algum objeto-alvo e, se isto acontece, no caso dos indígenas, é exatamente, porque o Brasil, depois de séculos, ainda continua sendo uma colônia europeia, escravizada pelo sentido patético de crer que é uma representação do velho mundo e, sob um espírito de super proteção aos seus povos originários, em que a opulência de leis visando a proteção integral de alguém tão inofensivo disfarça os seus verdadeiros intentos de mantê-los como algo raro, símbolo de virtuosidade da terra, criando um contraste com o povo que se originou a partir da mistura de outros, como se a admissão de que todos fossem brasileiros natos representasse causa de transtornos, ferindo o direito naturalíssimo dos índios e provocando a ira divina por causa da hibridização que todo o povo brasileiro representa; assim, nega-se a realidade, adotando uma condição extra semântica, em que o nativo continua puro e o europeu não se reconhecesse contaminado através do cruzamento consanguíneo. A interpretação que se projeta sobre a psicologia do objeto, neste caso, é uma controvérsia, por si só, porque é realizada a partir de informações que são produzidas e divulgadas com fins ideológicos de manutenção de uma visão criada já há muitos séculos, como se todo o impacto do desenvolvimento tecnológico e do pensamento nacional não pudesse afetar aos indígenas. A indignação social se faz ver quando os aborígenes brasileiros se apresentam usando carros e aparelhos de comunicação modernos, utilizando máquinas para plantio e colheita, como se eles fossem obrigados a persistirem em

seus métodos tradicionais.

**Palavras-chave:** Indígenas. Arquétipo. Psicologia Jungiana. Constructos sociais.

### **ABSTRACT**

This essay addresses the theme of the formation of the archetype and its relationship to the Brazilian Indian, using as a mechanism of adaptation an archetypal model already consolidated in the popular imagination, namely Adam and Eve and their short existence in the Garden of Paradise, in which the comparison becomes a target of indignation when it is assumed that the two characters were expelled from their land because of a crime and the Brazilian natives are expelled because of the greed of the white man. Thus, this archetype of a good individual, but wronged, gains strength through the literature that claims to be specialized. This is a bibliographical essay. Traditionally, an archetype does not intend to represent a bizarre objective about some target object and, if this happens in the case of the indigenous people, it is precisely because Brazil, after centuries, is still a European colony, enslaved by the pathetic sense of believing that it is a representation of the old world and, under a spirit of overprotection of its native peoples, in which the opulence of laws aimed at the full protection of someone so harmless disguises its true intentions of keeping them as something rare, a symbol of the virtuousness of the land, creating a contrast with the people who originated from the mixture of others, as if the admission that they were all natural Brazilians represented a cause for disturbance, violating the natural right of the indigenous people and provoking divine wrath because of the hybridization that all Brazilian people represent; thus, reality is denied, adopting an extra semantic condition, in which the native remains pure and the European does not recognize himself as contaminated through consanguineous crossing. The interpretation that is projected onto the psychology of the object, in this case, is controversial in itself, because it is based on information that is produced and disseminated for ideological purposes of maintaining a vision created many centuries ago, as if the full impact of technological development and national thought could not affect indigenous people. Social indignation is evident when Brazilian aborigines present themselves using modern cars and communication devices, using machines for planting and harvesting, as if they were obliged to persist in their traditional methods.

**Keywords:** Indigenous. Archetype. Jungian Psychology. Social constructs.

### **INTRODUÇÃO**

Os arquétipos podem ser entendidos como formas primordiais que servem como matriz para experiências e comportamentos humanos e, o mais interessante é que tais elementos são construções sociológicas difundidas, não através do inconsciente coletivo, mas pelas doutrinas e outros elementos que se mesclam à vida, de maneira sutil e intransigente. São símbolos que representam uma variedade de coisas, como sentimentos, situações, comportamentos; cabendo a cada cultura, em particular, definir o seu sentido de ser e poder expressar o objeto-alvo de cada sociedade.

No Brasil, uma primeira representação arquetípica sobre os nativos foi a de que os índios eram selvagens, porém, criaturas dóceis e imaculadas, incapazes de praticar qualquer tipo de maldade e/ou violência, ou ainda, se inserir em algum pecado capital. Esta construção sofismática foi inserida nos livros didáticos, nas lendas, nas liturgias e nas peças, literatura como uma verdade inquestionável e indomável e, na atualidade, toda vez que a televisão vai fazer alguma reportagem sobre os indígenas, o que se apresenta sobre os mesmos é a caricatura de bondade e de clemência.

Este arquétipo que foi criado sobre os indígenas tornou-se tão poderoso e, aqui, abre-se um espaço para explicar a redundância, que todo ele é, por si só, poderoso; mas, a questão retratada é a sobre a construção consciente e deliberada de uma imagem surreal sobre um objeto e que, mesmo com todo o aparato científico disponível, ele se mantém forte e insuperável, levando até mesmo indivíduos com formação sólida em níveis acadêmicos a persistirem na crença deste constructo.

Esta idealização arquetípica paradoxal em relação aos aborígenes brasileiros tinha um interesse conflitante entre a Europa vertiginosa, que desejava que o novo mundo fosse construído à sua imagem e identidade divina e o Reino de Algarves, que necessitava de mão de obra para poder explorar a Colônia. O primeiro grupo pregava o extermínio de todos os nativos, para que ali fosse erguido uma nova Europa; mas, a ausência de indivíduos de sangue para levar a efeito uma empreitada como a que se pretendia empreender forçava a que se criasse uma condição para que o genocídio não se justificasse pelo simples interesse megalomaniaco europeu, como ocorreu em outras regiões da América Latina.

Quando a Coroa Portuguesa descobre, para sua angústia, que o nativo brasileiro não se mostrava apto ao trabalho que dependia e que exigia o desenvolvimento da colônia, eis que decide destruir a todos, sem exceção e, nisto, a Igreja Católica encontra uma oportunidade de instalar-se através de um trabalho inútil, mas que poderia salvar seus ideais escusos da perseguição da nobreza europeia e, a isto seguiu-se debates sangrentos entre indivíduos que defendiam que os índios eram criaturas bestiais e que seu extermínio não faria a menor diferença na evolução do mundo e, de outro lado, apareceram defensores dos mesmos alegando que eram criaturas pacíficas e puras de espírito, quase angelicais; ambas as categorias realizando argumentações fundamentadas em relatos de marinheiros, ou seja, nenhuma das partes havia experimentado qualquer tipo de contato empírico com os nativos de *Terra Brasilis*.

Isto apenas explicita que, defensores quanto acusadores criaram arquétipos sobre um objeto do qual não faziam a menor noção real de suas representações. Quando os padres da Companhia de Jesus assumem a campanha de catequização dos indígenas, adota o ideal representado de um personagem pacificíssimo, para o seu discurso; no entanto, o seu comportamento, revela que adotou a imagem de uma besta primitiva, que falava uma língua estranha e ímpia; logo, deveria ser subjugada por uma outra bela e erudita, da mesma forma que seu comportamento deveria ser modificado ao ponto de adaptar-se ao ideal europeu cristão.

Por trás do idealismo de salvaguardar a pureza espiritual dos indígenas estava a sede de poder da Santa Sé, que poderia crescer em meio a um ambiente inóspita, do ponto de vista político e, para esconder os seus intentos, cuidou de dar um sentido aos seus propósitos, porque os resultados eram os mais ridículos possíveis, porque não conseguiam converter os nativos à fé cristã. Batizavam-nos; mas, aquilo, muito pouco ou nada significavam para eles. As cartas enviadas ao bispo davam conta de que os índios eram criaturas amáveis e puras, representando a mais sublime criação de Deus e, não fosse pela sua fé pagã, seriam perfeitos.

Com este discurso demagógico, desumanizaram os índios brasileiros, exatamente porque nenhum humano se mostra pacífico e receptivo ao que desconhece. De aí por diante, os historiadores e os livros de história cuidaram de repetir esta invencionice disparatada, produzindo e reproduzindo uma imagem idealizada de um ser que se rende, sem nenhum tipo de resistência fenomenológica à destruição de sua crença, à substituição desta por outra, completamente desconhecida e sem qualquer nexos causal com sua cultura que, aliás, foi destruída [*quase que*] por completo.

A próxima etapa foi impedir que os índios contassem a história, transformando-os em incapazes jurídicos, igualando-os aos idiotas (indivíduos com quociente intelectual menor que 40), porque isto tornaria o seu discurso como algo infantilizado e sem valor. Sendo assim, teriam que eleger alguém que falasse por eles e, dentro deste processo maravilhoso e perfeito, a construção do símbolo arquetípico sobre a figura a ser imaginada, pela população, sobre o índio brasileiro obteria o máximo de sucesso.

## O SÍMBOLO ARQUETÍPICO CONSTRUÍDO SOBRE O ÍNDIO BRASILEIRO

A história narra que os índios se mostraram pacíficos à chegada dos portugueses em Terras brasileiras e que, houve até mesmo uma relação amistosa muito aconchegante; o que se prova uma construção idílica e, ao mesmo tempo, tem-se uma construção bucólica da vida do nativo em meio à selva densa, como se ele fosse a representação de Adão e Eva, no Jardim do Éden mitológico hebraico e esta condição foi se transformando em um arquétipo que tomou conta do imaginário popular do brasileiro, de forma geral. Hillman (1992, p. 22) esclarece que, “os arquétipos são estruturas básicas e universais da psique, os padrões formais de seus modos de relação são padrões arquetípicos”; lógico que, para se criar o arquétipo sobre os indígenas de *Tierra Brasilis*, necessitavam de algo que fosse já, de certa forma, universalizado, através de uma imagem simbólica construída e internalizada.

Faça-se esclarecido que, o simples fato de a história assim retratar a primeira reação dos indígenas com os potenciais colonizadores já retira deles toda a essência humana, colocando-os em um universo que não se vincula nem ao homem e nem ao animal; uma vez que ambas as espécies não se mostram indolentes diante da presença de algo que seja novo, entendendo-se pelo termo, completamente, desconhecido a si. Esta é uma condição fenomenológica impossível de ser aceita, do ponto de vista lógico, porque o instinto de sobrevivência primitivo humano demanda uma condição de ações reativas muito diversas das que são relatadas pelos livros de história e retratadas em pinturas que se tornaram clássicas e que são tratadas como verdadeiras revelações mediúnicas dos acontecimentos para os quais não se possui relatos fidedignos.

Isto já esclarece que a imagem arquetípica formada sobre a figura do indígena é nada mais que uma caricatura imaginada e difundida com fins escusos para atender aos interesses particulares de grupos que estavam querendo, de alguma forma, obter vantagens sobre o território e precisava de algum tipo de subsídio. Mesmo depois de muitos séculos não é possível romper com este estigma, uma vez que isto é o que se tornou para os nativos brasileiros, onde são silenciados e excluídos da vida social brasileira, salvo quando a sua presença e imagem apresentam interesses de algum grupo político; ficando sempre na mesma medida em que apenas um ou outro rompa o espaço sagrado e se destaque na mídia, apresentando o discurso ensaiado que todos já conhecem de antemão.

Estes raros indivíduos que são retirados da bolha imagética e que terminam sendo expostos como figuras exóticas em diversos locais públicos não dão conta de mudar o paradigma que se transformou toda uma conjuntura de indivíduos, em que tiveram sequestrados não apenas os seus direitos naturais como também o direito de expressarem como indivíduos que pertencem a uma determinada espécie, a humana. Da forma como os indígenas são tratados, ainda na atualidade, são nada mais que criaturas não-humanas, seres alienígenas que habitavam este espaço de terra por ocasião da chegada dos europeus.

Tradicionalmente, um arquétipo não tem a intenção de representar um objetivo esdrúxulo sobre algum objeto-alvo e, se isto acontece, no caso dos indígenas, é exatamente, porque o Brasil, depois de séculos, ainda continua sendo uma colônia europeia, escravizada pelo sentido patético de crer que é uma representação do velho mundo e, sob um espírito de super proteção aos seus povos originários, em que a opulência de leis visando a proteção integral de alguém tão inofensivo disfarça os seus verdadeiros intentos de mantê-los como algo raro, símbolo de virtuosidade da terra, criando um contraste com o povo que se originou a partir da mistura de outros, como se a admissão de que todos fossem brasileiros natos representasse causa de transtornos, ferindo o direito naturalíssimo dos índios e provocando a ira divina por causa da hibridização que todo o povo brasileiro representa; assim, nega-se a realidade, adotando uma condição extra semântica, em que o nativo continua puro e o europeu não se reconhecesse contaminado através do cruzamento consanguíneo.

Nesta mesma linha, aqueles que são descendentes de indígenas, por causa dos relacionamentos afetivo-amorosos entre os diferentes povos, não podem se dizer como tais, uma vez que são híbridos, produto de uma arrogância contra a natureza, em que duas espécies distintas não podem se unir, em nome do amor e da atração afetiva. O arquétipo do indivíduo puro deve manter-se como símbolo da nação, o que nada mais é que uma forma de esconder o sentimento europeu de aversão a todos os outros povos que não pertencessem a esta casta criada sabe-se-lá com que intenções.

O simples fato de o europeu não ter uma origem conhecida, através de uma árvore genealógica identificável, já demonstra o seu interesse em criar um arquétipo de si mesmo como povo que não pode ser definido por origens elementares, ficando como aqueles que são *europeus*, nada além disto, nada aquém disto e, o mesmo princípio foi aplicado às colônias que dominaram, ao redor do mundo. E, o mais

interessante é que a manutenção deste *status quo* é parte do projeto de identidade do povo brasileiro, que o toma como uma condição de respeito aos nativos. Por este motivo que, o arquétipo do indígena brasileiro, representado como dócil, calmo, passivo, bucólico, puro, imaculado, selvagem, mas bom, é aceito pelo imaginário social como uma construção representativa da realidade absoluta.

Serbena (2010) vai dizer sobre os arquétipos que,

Este dinamismo ocorre pela repetição e redundância da vivência do símbolo e da sua expressão. Uma vez que seu significado é inesgotável e irrepresentável de forma lógica, o esclarecimento e a construção do sentido ou significado do símbolo ocorrem pela circulação ao redor de um centro, com redundância e repetições cada vez mais aproximadas e carregadas de significado, sendo comparável a um movimento em espiral (p. 79).

A cada vez que se narra a história dos indígenas, mais se aprofunda no estigma arquetípico representativo de povo que foi expulso do seu paraíso dado por Deus, ou seja, mais são vinculados, de forma subjetiva, aos dois personagens épicos da Bíblia, com a diferença de que os primeiros são culpados; os segundos, inocentes, o que faz surgir a indignação contra aqueles que abusam do poder contra eles. Deste modo, “o conjunto de todos os símbolos sobre um tema esclarece um símbolo, uns através dos outros” (Durand, 1998, p. 17).

Sob este aspecto de redenção do homem branco, outro arquétipo indelével que vem tomando conta da população, em nome de um sentimento religioso não explicado e não compreendido, mas que muitos indivíduos mal intencionados têm sabido explorar com extremada sagacidade, fazendo com que todos passem a sofrer de um mal social ampliado de culpa por um crime que não cometeram; no entanto, como ele é um crime que foi cometido pelo Estado, logo todos os cidadãos devem ser responsabilizados e, na esteira disto, serem punidos com o *pathos* de um complexo neurótico de culpa.

A cada vez que discutem a demarcação de terras para os indígenas, não se discutem, na mesma proporção, melhores condições de vida para estes cidadãos brasileiros, reconhecidos como tal, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988; no entanto, este arquétipo ainda não impregnou o pensamento da sociedade brasileira, que continua a tratá-los como incapazes, no sentido jurídico, em que não podem falar por si só, sempre dependentes de terceiros que revelam seus interesses (sic).

Paradoxalmente, quando se refere aos indígenas brasileiros, todo um conjunto de símbolos apenas serve para obscurecer outros, como por exemplo, a natureza empírica do conhecimento que eles possuem acerca dos agentes patogênicos que os acometem desde eras imemoriais, em que todo este conjunto epistêmico, transferido de pais para filhos não é considerado, fazendo com que eles recebam as vacinas e medicamentos criados pelas indústrias farmacêuticas convencionais, tratando-os como se fossem seres humanos normais, contaminados pelas próprias doenças que a humanidade criou através de seus hábitos decrépitos de alimentação e saúde.

Há que considerar que os indígenas brasileiros já estavam aqui desde tempos que não se sabe a exata distância que se encontram da chegada de Pedro Álvares Cabral e sua esquadra de maltrapilhos andrajosos. E, se conseguiram sobreviver e desenvolver, como civilização, sem o auxílio de qualquer homem branco e toda sua ciência e conhecimento, por qual motivo dependeriam na atualidade? A resposta para isto seria que, enfraqueceram diante da existência particular, fazendo com que esta dependência se tornasse algo necessário e, de certa forma, inevitável, para sua sobrevivência. Mas, até que ponto?

Eis perguntas que não se fazem e, na mesma proporção, não se pode responder, porque isto deixaria os nativos brasileiros na mesma condição dos europeus, a destacar, de onde vieram? Como surgiram ou, como chegaram ao continente americano? Se o governo brasileiro se interessa tanto pelos indígenas como gosta de arrotar, deveria realizar estudos arqueológicos e antropológicos mais contundentes no sentido de esclarecer a origem dos mesmos; o que não ocorre e, a forma como tudo é colocado, tem-se a condição de que nasceram espontaneamente da terra e proliferaram.

Na esteira disto, tem-se que toda sua energia libidinal catexiada é oriunda de seu pensamento mágico, não de uma educação esmerada, algo como se o platonismo explicasse tudo e uma força misteriosa e oculta os tivessem dotados, desde o útero, desta potência, inoculando-lhes força e vigor através do além. Mas, ao mesmo tempo, este ser invisível e desconhecido os tornaram eunucos antes mesmo de nascer, porque são todas criaturas dóceis e imaculadas, onde até sua postura de agressividade é produto nefasto oriundo do convívio forçado com o homem branco que, para dispersão paradoxal, é um europeu que, um dia foi um ser puro e imaculado como o silvícola brasileiro; porém, o seu contato com o homem civilizado e sua sociedade corrompida pela ganância e o ódio, o levaram a tornar-se mau e odioso.

Portanto, a luta real e intransigente do brasileiro é para preservar a pureza natural dos indígenas.

Mas, eis um ponto de inflexão que é um verdadeiro paradoxo: como preservar a sua pureza natural se aquele que pretende promover-lhe isto é uma besta corrompida? Se o mito do bom selvagem fosse uma teoria na qual se pudesse confiar e, a teoria de que o contato com a sociedade representasse o elemento que detém o poder para destruir esta condição sublime dos indígenas, bastaria que os brancos e as agências estatais e paraestatais os abandonassem à própria sorte que, em pouco tempo, estariam de volta aos seus respectivos estados primitivos pré-cabralinos. E, isto seria nada mais que uma hipótese, porque quem relataria a transformação do selvagem pervertido em selvagem redimido, voltando ao estado de eunuco natural? Portanto, a ideia que Juan Rosseau plagiou dos chineses se mostra apenas como mais uma falácia para a qual se desconhece qualquer condição de prova efetiva, desprovida da menor condição de refutabilidade.

Todo ser vivo é marcado por uma carga de desejo e virilidade, não importando o seu sexo biológico, que o determina quanto a sua libido, a sua vontade de superar os desafios da existência e a própria vida. Isto é inerente ao ato de existir, de sobreviver e de competir, tendo esta palavra no seu sentido etimológico e semântico, que é o de buscar junto com, pedir junto com, não de tentar ser melhor que o outro a todo instante; o que leva a um entendimento de que o ser humano é marcado pela ânsia de ser reconhecido por seus méritos.

Serbena (2010) argumenta que,

Jung amplia o conceito de libido, que passa a ser uma energia psíquica geral e não apenas de caráter sexual, como Freud a conceitua; a visão da psique e do inconsciente se modifica, pois ela passa a não ser 'uma página em branco' no nascimento e o inconsciente amplia-se incluindo uma camada constituída de estruturas e imagens comuns a toda a humanidade (os arquétipos) que se manifestam nos sonhos, mitos, religiões e contos de fadas. Devido a isso, o método de análise de casos individuais modifica-se, incluindo-se comparações dos sonhos e fantasias com elementos da mitologia universal, além das associações pessoais (Os grifos estão no original).

A certa altura de sua vida e, na tentativa de explicar fatos que se manifestavam de formas semelhantes em diferentes culturas ao redor do mundo, Jung se aventura no campo da Antropologia e, para sua surpresa, o que supunha ser verdade, de fato se revela como tal. Sonhos comuns, pensamentos comuns, mitos comuns mesmo

entre povos que jamais tiveram qualquer tipo de contato com os ditos povos civilizados, o que permitiu que ele produzisse a teoria do inconsciente coletivo e, dentro deste escopo, a ideia de arquétipos, que são símbolos diversos que os povos utilizam para explicar ou mesmo para categorizar suas crenças, criando modelos que se encaixam nos seus moldes de pensar e objetivar a realidade antes apenas limitada à condição subjetiva.

Com relação aos indígenas brasileiros, todo um conceito foi construído, *a priori*, através de debates fervorosos na Europa, em que os debatedores de ambos os lados nada conheciam acerca das culturas objetivas e subjetivas dos povos de além-mar; portanto, tem-se aí, de imediato, dois interesses distintos postos em questão e, coube à história relatar que as partes litigantes estavam defendendo pontos de vista opostos. Bem que pode até ser; mas, a realidade cruel é que falavam de um objeto sobre o qual não podiam fazer qualquer afirmação objetiva, porque desconhecido e as informações que chegavam até a Europa partia de marinheiros supersticiosos, famintos, moribundos e com a imaginação atacada pela falta de vitaminas e minerais, contando apenas com suas condições mnemônicas decrépitas.

Quando viram a realização de cerimônias religiosas indígenas, não entenderam nada, até mesmo porque além de não compreenderem a cultura, completamente distinta daquela que se praticava na Europa, torturando, queimando e matando indivíduos em praça pública, natural que os sacerdotes julgassem os nativos do além-mundo europeu como criaturas selvagens e bizarras; o espelho que tinha a sua disposição não permitia ver nada melhor e além do que o próprio reflexo. Na continuação do julgamento, temendo por sua posição que era ameaçada pelo Secretário de Estado do Reino de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782), a Igreja Católica lança a ofensiva na nova colônia junto aos nativos, na ideia gloriosa de convertê-los à doutrina cristã, ensinando-os a língua oficial da Coroa através do Santo Ofício e nisto, as etnias indígenas que já se mostraram, em boa parte, pacíficas, até mesmo porque os homens foram eliminados, em sua maioria, restando as mulheres, adolescentes e meninas, foram condicionadas à obediência e ao servilismo e a isto chamaram de desenvolvimento de um espírito cristão.

Um paradoxo interessante na história do Brasil, envolvendo os indígenas brasileiros, se dá quando a Coroa Portuguesa, na figura do Marquês de Pombal, expulsam os padres jesuítas do território brasileiro, em 1759, deixando os nativos

entregues à própria sorte, assim como era antes de sua chegada. Claro que, por esta época, Rousseau ainda não havia lançado seu conto de fadas exaltando a figura mitológica, por ele mesmo criada, a do bom selvagem; mas, o que espanta é o fato de que, ainda na atualidade, os historiadores conceituarem este momento como uma grande perda para a nação, porque os índios perderam a única via de educação que possuíam.

Pensamento ridículo, porque a educação jesuítica serviu apenas para destruir uma cultura já existente, uma língua, um pensamento e implantou outros em seu lugar, completamente estranhos e sem qualquer nexos causal com a realidade vigente. Introduziu-lhes doenças que antes não existiam, como a gripe e se esconde a famigerada sífilis, patologias para as quais eles não possuíam defesa natural e, muito menos, conhecimento medicinal. Não se pode esquecer de citar o álcool que, apesar de não se ter estudos antropológicos que comprovem a existência de produtos fermentados na culinária indígena, esta é uma hipótese que não pode ser descartada antes que se aprofunde os conhecimentos acerca da vida e dos costumes nativos.

Os indígenas brasileiros possuíam lendas, guerreiros, histórias, deuses, lindas mulheres e tudo isto se perdeu em meio à construção de um arquétipo ideológico, onde foi definido que eles eram figuras da natureza mais bruta, não tendo nada a oferecer em termos de cultura. O mais intrigante é que as lendas, os contos, as proezas dos heróis e heroínas narrados nas poesias indígenas eram construções autênticas, em sua totalidade, situação que não se pode afirmar, com toda a segurança, relação aos europeus ocidentais e a todas as suas construções poéticas, literárias e filosóficas.

No caso do índio brasileiro, o arquétipo foi construído, não através de contos de fadas; mas, por interferência da religião, por ação da Antropologia, da mídia, da literatura especializada (sic) e da educação formal. O arquétipo pode ser utilizado como elemento ou base conceitual para compreender e explorar todos os tipos de experiências nas quais a função criativa da imaginação esteja presente, isto é, imaginais. O pensamento analógico é a forma do inconsciente operar. Este modo é visto nos sonhos, nas fantasias, no pensamento mítico, exatamente porque,

Este pensamento não requer esforço, afasta-se da realidade para fantasias do passado e do futuro. Aqui termina o pensamento em forma de linguagem, imagem segue imagem, sensação segue sensação (...) trabalha sem esforço, espontaneamente, com conteúdos encontrados prontos e é dirigido por motivos inconscientes

(...) afasta-se da realidade, liberta tendências subjetivas e é improdutivo em relação à adaptação (Jung, 1986, p. 16).

Esta concepção do arquétipo serve de modo perfeito ao que se pretende em relação aos indígenas, porque como ninguém foi até lá para contestar o que se relatou, apenas criando comissões para *comprovar* o que se tem tomado como verdade desde o século XVI sobre os mesmos, tudo o que foi relatado sobre o comportamento e o caráter personológico deles se provou ser verdade absoluta, incontestável. Para se conseguir transformar uma ideologia em verdade não é preciso acabar com a crítica; basta criar no imaginário social uma ideia que satisfaça sua crença na pureza de alguém que, com isto, alivie a culpa neurótica imposta sobre todos pela ação dos antepassados, produzindo o arquétipo do indivíduo mau e do indivíduo indefeso, prestando atenção à dicotomia apresentada através de um discurso muito bem elaborado e consistente, em que não se está transformando o oprimido em vítima passiva; antes, em alguém que não se encontrava em condições adequadas para realizar a sua defesa, de forma estratégica.

Foi assim ao longo da história brasileira, em que todo herói mítico tupiniquim, transformado em ídolo, *a posteriori*, não atingiu o grau de excelência em sua jornada por causa das circunstâncias, de traições e do conservadorismo, que insiste em manter o *status quo* das coisas como sempre foram. Estranho quando se ouve este pensamento, porque se o Brasil fosse manter tudo como sempre foi em relação aos indígenas, os deixariam livres em seus respectivos espaços de vivência, não querendo transformá-los em deputados, embaixadores e outras coisas contrárias e estranhas às suas culturas primitivas. Primeiro cuidam de inculcar a ideia de que eles são criaturas simples, igualadas em intelecto aos débeis mentais e idiotas, não podendo ser-lhes imputado qualquer tipo de responsabilidade penal; mas, paradoxalmente, podem ser legisladores de um povo o qual desconhece seus parâmetros legais, interferindo em campos semânticos e culturais diversos e distintos.

Assim que, o arquétipo do bom selvagem atribuído ao indígena brasileiro e que arraigou-se, como uma verdade de excelência, no pensamento da nação só pode persistir em sua existência por causa do senso crítico medíocre que toma conta de todos, quase sem exceções. As inconsistências são tão exageradas que, por mais que se tente compreendê-las, não se pode fazê-lo porque ao se conseguir tal proeza, isto seria uma autêntica demonstração de concordância passiva com todo um esquema de domínio e exploração de um povo que se arrasta por séculos e que não

possui a menor previsão para ter um fim, para que volte a ser considerado livre, de fato.

Sob o manto da salvação, destruíram sua religião, impondo-lhes uma que não tem nada a ver com sua cultura. Como conseguiram isto? Ora, foi fácil! Em culturas originais onde a mulher tinha que trabalhar e os maridos eram quem recebiam presentes, bastou inverter a ordem e enchê-las de *regalos* brilhosos e roupas elegantes, desde que aceitassem a nova fé. Isto fez com que muitas jovens mulheres indígenas procurassem o sacro batismo cristão, a fim de poderem se relacionar com os homens brancos e gozarem das mesmas regalias que suas irmãs.

Esta ideia de que as indígenas foram capturadas a laço, como se fossem animais selvagens, é uma construção imagética folclórica bastante difundida e que persiste no pensamento esquizofrênico da população brasileira como parte de suas lendas e mitos, coisa muito comum para o enaltecimento do herói desbravador. Tudo parte da construção arquetípica de um indivíduo que, mesmo sendo um guerreiro indomável e invencível, foi domado e vencido pelo deus mais poderoso da história humana, Eros e, uma vez ferido pela flecha de Anteros, saiu em captura de seu objeto de paixão, tornando-a sua esposa e produzindo uma geração de descendentes. Isto faz parte do romantismo naturalista do século XIX, não podendo ser tratado como fato e, ao ser assim reproduzido cria uma ilusão de veracidade que não passa de uma condição esquizopática, uma distorção psiquiátrica da realidade.

Carvalho (1993) fala desta construção imagética paradoxal do herói, do mocinho e do vilão e, no caso deste trabalho, está-se referindo à construção de uma personalidade que nunca existiu e que foi construída com fins de manutenção em prol de interesses muito particulares e que, ainda se mantém por interesses políticos excusos. Difícil conseguir uma obra literária científica que explore a personalidade indígena, do ponto de vista antropológico, esclarecendo o seu comportamento tal qual é, na íntegra, expondo sua objetividade e subjetividade. O que se têm à disposição são romances sobre os quais se aplica um verniz de cientificidade, etiquetado por algum autor que recebeu um título qualquer de cientista, escrevendo um romance imaginário no qual descreve um povo que não existe com uma condição personológica, também inventada para aquele fim: agradar ao sistema e manter a história sempre no nível que atenda aos interesses particulares do mesmo. Oscar Wilde (1854-1900) dizia que o mentiroso tem uma missão impossível, a de que, após contar uma mentira necessita contar outras tantas que sejam capazes de sustentar a

primeira.

No caso do indígena brasileiro, ao produzirem o arquétipo do *bom selvagem*, surgiu um problema complexo e a manutenção desta construção ideológica vem custando muito caro ao País, que precisa torná-los criaturas cada vez mais protegidas deles mesmos, porque com a chegada da globalização através do acesso à rede mundial de computadores muitos bens de consumo foram apresentados aos índios, assim como a possibilidade de adquiri-los por um preço exequível e de maneira rápida, o desejo de ter dinheiro e melhores condições existenciais, uma existência que fosse totalmente diferente daquela que seus ancestrais viveram toma força, rompendo a famigerada bolha que sempre manteve os índios como seres inferiores em todos os aspectos, quando comparados com os brancos e suas tecnologias.

Este é o ponto mais interessante quando se propõe a fazer uma comparação do homem contemporâneo com qualquer outro povo que tenha uma história pregressa mais interessante que o efêmero e paradoxal *Homo sapiens sapiens* que, diferente de seus antepassados que não conseguem ser esquecidos, este é olvidado em questão de dias. Em todos os campos do desenvolvimento, muito do que se tem, na atualidade de técnicas e tecnologias são meras reproduções, aperfeiçoamento e melhoramento daquilo que já foi criado pelos povos da Antiguidade que, ironicamente, são chamados de simples e atrasados; entendendo, por isto, que não possuíam tecnologias (sic).

Esta situação é fantástica, porque faz com que, da mesma forma que o europeu, cujo ancestral se desconhece, como se estes fossem criaturas abiogênicas, produzidos de maneira espontânea pela natureza, desconsiderando, por completo, toda a lei da evolução das espécies que, como confronta com a mitologia hebraica, ainda é tratada como *teoria*, termo este bem distante da etimologia e da semântica original vocabular, que significava, para os gregos, *revelação divina*, ou seja, era tão sublime e poderoso que, quando um grego tinha uma ideia que esclarecia um fenômeno sobre o qual estava a ocupar seu tempo, ele parava e ali permanecia por horas a fio, processando a sua conclusão.

No mesmo nível está o indígena brasileiro, em que não se sabe qual é o seu ancestral, de onde veio e o que aconteceu com ele; como se formaram as várias línguas que, igual ao resto, são dialetos, uma vez que *língua* é apenas a portuguesa, europeia e todo o resto é, no máximo, uma sublíngua; aliás, os padres jesuítas eram tão prepotentes que *língua* era somente o latim; todo o resto, incluindo o idioma português não podia ser tratado como tal. Estranho um indivíduo que considera a

língua de sua nação como sublíngua, de repente defender a língua de povos subjugados a *fórceps* como algo a ser respeitado, porque carregada de pureza, de divindade, entre outras coisas.

Ao final, o arquétipo que criaram para o indígena brasileiro é nada mais que uma caricatura desprovida de qualquer nexos causal com a realidade e, o resultado disto tudo é um personagem sem vida, inócuo, que é manipulado quanto ao seu gosto e desejos por alguém que lucra com esta inércia que lhe é imposta. Como o índio pode escapular desta gaiola é uma tarefa impossível, porque a todo instante em que o Estado tenta aproximar-se é rechaçado por algum grupo humanitário (sic) que está sempre a lutar pela soberania dos povos originais; mas, que paradoxalmente, os mesmos guerreiros da originalidade estão lá utilizando aparelhos de comunicação de última geração, roupas de grife, marcadores do tempo digitais e outras bugingangas da modernidade.

Uma condição extenuante da contemporaneidade é a necessidade patológica de ser visto; o que tem se tornado uma condição de reconhecimento a partir de visualizações virtuais e, até o momento em que os indígenas viviam reclusos em suas aldeias, longe dos chamados mecanismos modernos de interação social, em que isto soa mais como um eufemismo, porque a participação se dá sempre [*ou na maioria das vezes*] de forma remota e virtualizada, toda a vida se fundamentava em participar das reuniões e dos cultos, apresentando suas ideias pertinentes aos problemas cotidianos. Mas, com o processo de globalização que tomou conta do pensamento humano, o mais comum são os indivíduos criarem canais na rede e falar sobre aquilo que julgam interessante e quem, do outro lado, através do anonimato, desejam por algo que julga ter qualquer valor que assista e teça comentários, tornando-se ou não um seguidor daquele produtor de conteúdos, algo como se a rede fosse, a partir de então, um restaurante *self service*, em que no lugar de comidas, tem-se à disposição, conteúdos que alguém considera como de caráter intelectual. No entanto, a imagem arquetípica produzida e cristalizada no imaginário popular de que o indígena é uma figura inocente e sem cultura científica persiste, porque pesquisas são realizadas sobre eles e não com eles. Acresce a isto, a condição de que seus métodos e hábitos de vida são considerados simplórios, em contraste com o desenvolvimento científico que a sociedade moderna experimenta. Assim que, a conexão destes povos com a modernidade, por si só, não se revela suficiente para romper com o famigerado paradigma criado em torno deles quanto aos aspectos cognitivos e intelectuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações arquetípicas e os valores do inconsciente coletivo permanecem vivos involuntariamente, tanto de maneira intrínseca quanto extrínseca e, mesmo que o índio contemporâneo tenha perdido seus valores culturais através da globalização e da revolução tecnológica que tem provocado mudanças comportamentais em todo o planeta; portanto, não seria diferente nas comunidades indígenas, exatamente, porque na tentativa de protegê-los e à sua cultura da influência do homem branco, este acaba influenciando-o no sentido de consumir a cultura que desejam resistir. Isto pode parecer um paradoxo incompreensível; mas, o contato com a tecnologia gera curiosidade e desejo de experimentar, sentimento natural em qualquer ser humano, não importando sua origem, nem sua cultura.

Através da investigação, nota-se que os veículos comunicacionais de massa têm impulsionado as comunidades indígenas a perderem seus valores culturais; mas, o inconsciente coletivo preserva-se na identidade indígena de forma subjetiva, ao mesmo tempo, em que, paradoxalmente, vai se consolidando a imagem do bom selvagem no inconsciente do brasileiro, utilizando um modelo arquetípico já universalizado no imaginário popular. Este representa o paradoxo mais interessante da história contemporânea, em que, enquanto o objeto se transforma e a toda a sua psicologia, a percepção sobre o mesmo, incutida no imaginário popular, continua inalterada, o que pode ser explicado pela forma como a mídia cuida de proteger um da vista de todos e apresentar aos outros a imagem que lhe interessa.

A interpretação que se projeta sobre a psicologia do objeto, neste caso, é uma controvérsia, por si só, porque é realizada a partir de informações que são produzidas e divulgadas com fins ideológicos de manutenção de uma visão criada já há muitos séculos, como se todo o impacto do desenvolvimento tecnológico e do pensamento nacional não pudesse afetar aos indígenas. A indignação social se faz ver quando os aborígenes brasileiros se apresentam usando carros e aparelhos de comunicação modernos, utilizando máquinas para plantio e colheita, como se eles fossem obrigados a persistirem em seus métodos tradicionais.

Isto revela que o arquétipo formado no pensamento brasileiro acerca dos indígenas tornou-se uma condição sagrada e que a sua destruição representa uma blasfêmia contra aquilo que foi criado com tanto amor e carinho pelos padres jesuítas, ainda no século XVI. Isto soa ridículo, porque o mundo mudou e junto com ele, as leis,

especialmente aquela em que coloca os índios na mesma condição que todo cidadão brasileiro, gozando dos mesmos direitos e deveres. Assim que, o assombro por eles desejarem condições existenciais diferentes do que representa sua cultura original é uma afronta à dignidade da pessoa humana, conceito caro à Constituição Federal de 1988.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. M. *A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DURAND, G. *A Imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix e EDUSP, 1998.

HILLMAN, J. *Psicologia arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 1992.

JUNG, C. G. *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Vozes, 1986. (Originalmente publicado em 1924).

SERBENA, C. A. considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Revista da Abordagem Gestáltica* – XVI(1): 76-82, jan-jul, 2010.

**Capítulo 3**  
**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: INTEGRANDO A LINGUAGEM**  
**E A CULTURA QUILOMBOLA NOS SISTEMAS**  
**MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO**

*Agna Aparecida Pereira dos Santos*  
*Carla Daiane Souza Silva Costa*  
*João Victor Pereira Magalhães Cardoso*  
*Josedalva Farias dos Santos*  
*Míria Maristela da Cruz Lima de Souza*

# **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: INTEGRANDO A LINGUAGEM E A CULTURA QUILOMBOLA NOS SISTEMAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO**

## **Agna Aparecida Pereira dos Santos**

*Graduada em Pedagogia (UNEB); Especialista em: Educação Infantil (FINOM); Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar (GRAN); Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Malhada-Bahia. E-mail: agnasanttos@yahoo.com.br.*

## **Carla Daiane Souza Silva Costa**

*Graduada em Letras (UNIUBE); Especialista em: Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar (GRAN); Gênero e Diversidade Humana (UnB); Coordenadora da Educação Básica do Ensino Fundamental de Malhada-Ba (SME). E-mail: carladaianesouzasilva@gmail.com.*

## **João Victor Pereira Magalhães Cardoso**

*Graduado em Administração de Empresas (Estácio de Sá); Licenciado em Letras (UNIUBE); Licenciando em Matemática (UNEB); Bacharelado em Direito (UNIFG); Especialista em Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar (GRAN); Professor de Matemática pela SEC/ Bahia; Coordenador do PME de Malhada-Bahia (SME). E-mail: viictoormagalhaes@gmail.com.*

## **Josedalva Farias dos Santos**

*Graduada em Pedagogia (UNEB); Especialista em: Educação do Campo (UCAM); Psicopedagogia Clínica, Institucional e Educação Infantil (FAVENI); Metodologia do Ensino Superior (FACUMINAS); Educação Digital (UNEB); Mestranda em Educação (UEG); Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Malhada-Bahia. E-mail: fariasjosedalva@gmail.com.*

**Míria Maristela da Cruz Lima de Souza**

*Graduada em Pedagogia (UNEB); Especialista em Psicopedagogia (FG). Professora efetiva da Rede Municipal de Educação de Malhada-Bahia. Secretária Municipal de Educação de Malhada/Ba de 2013 a 2016; 2021 a 2024. E-mail: miriamaristela@hotmail.com*

## **RESUMO**

O presente artigo, tem como tema a abordagem da linguagem no âmbito das variantes linguísticas e suas contribuições para a educação inclusiva e o fortalecimento da cultura quilombola. Seu objetivo é refletir sobre as variedades linguísticas e as possíveis contribuições do Sistema Municipal de Educação para a valorização da diversidade linguística das comunidades quilombolas. A discussão, neste texto, buscará refletir sobre os conceitos de educação Inclusiva, diversidade linguística e polarização sociolinguística, refletir acerca das estratégias utilizadas, em sala de aula, no trato das variantes linguísticas, como também indicar caminhos possíveis para essa reflexão. Justifica-se a escolha dessa temática pela importância de se respeitar a diversidade de dialetos e expressões linguísticas. Para isso, a revisão bibliográfica será amparada nos estudos de: Lucchesi (2009); Bagno(2007); Faraco(2008); Gomes(2005); Munanga(2006), entre outros e a documentação oficial brasileira. Este estudo indicará possibilidades para a promoção da inclusão dessas variedades linguísticas no currículo escolar, beneficiando estudantes quilombolas, fortalecendo sua identidade cultural, enriquecendo o ambiente educacional na totalidade, discutindo com os educandos, a riqueza da diversidade linguística do país e a importância de sua valorização. Ademais é preciso implementar práticas inclusivas para melhorar a qualidade da educação ofertada nas escolas municipais. Trata-se, portanto, de um outro “olhar” sobre a inclusão escolar e educação inclusiva.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Variantes linguísticas. Ensino-Aprendizagem. Cultura Quilombola.

## **ABSTRACT**

The theme of this article is the approach to language in the context of linguistic variants and its contributions to inclusive education and the strengthening of quilombola culture. Its objective is to reflect on linguistic varieties and the possible contributions of the Municipal Education System to the appreciation of the linguistic diversity of quilombola communities. The discussion in this text will seek to reflect on the concepts of inclusive education, linguistic diversity and sociolinguistic polarization, to reflect on the strategies used in the classroom in dealing with linguistic variants, as well as to indicate possible paths for this reflection. The choice of this theme is justified by the importance of respecting the diversity of dialects and linguistic expressions. For this, the bibliographic review will be supported by the studies of: Lucchesi (2009); Bagno (2007); Faraco (2008); Gomes (2005); Munanga (2006), among others, and the official Brazilian documentation. This study will indicate possibilities for promoting the inclusion of these linguistic varieties in the school curriculum, benefiting quilombola students, strengthening their cultural identity, enriching the educational environment as a whole, discussing with the students, the richness of the country's linguistic diversity and the importance of its valorization. In addition, it is necessary to implement

inclusive practices to improve the quality of education offered in municipal schools. It is, therefore, another "look" at school inclusion and inclusive education.

**Keywords:** Inclusive Education. Linguistic variants. Teaching-Learning. Quilombola Culture.

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país marcado por uma rica diversidade cultural e linguística enraizada profundamente em seu solo, reflexo de sua complexa formação histórica e tem uma ampla miscigenação cultural, indo além de aspectos culturais e sociais, além do mais, recebemos influências dos povos originários, europeias, africanas, tornando assim um país multicultural desde o seu período de colonização (Rigotto, 2022). Nessa lógica, o campo linguístico também recebeu uma vasta diversidade de dialetos e expressões linguísticas, enriquecendo o país com uma linguagem ampla, carregada de códigos. Lima (2020), assim define o conceito de linguagem:

“Quando se fala em linguagem, pode-se defini-la como uma série de códigos que podem ser transmitidos e compreendidos através da fala, da leitura, da arte e do corpo, estando presente em todo o universo cultural e social” (Lima *et al.* 2020, p. 102).

Porém, o que se percebe em nosso país, é o fenômeno da chamada polarização sociolinguística (Lucchesi, 2009), onde diferentes grupos sociais, pertencentes a uma mesma sociedade, desenvolvem variações linguísticas, que refletem as divisões econômicas, culturais e sociais e a necessidade. Nessa perspectiva, é emergente o desenvolvimento de uma educação que respeite as diferenças e considere a diversidade presente na sociedade. Para tal, a educação precisa adotar a inclusão em todas as etapas do processo educativo, respeitando as particularidades dos sujeitos. Esse processo é o que denominamos de Educação Inclusiva, uma perspectiva educativa que almeja a equidade de oportunidades, na defesa de que todos os educandos devam ter as mesmas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento. (Santos; Reis, 2016, p.332).

No plano linguístico brasileiro, também recebemos contribuições valiosas dos afrodescendentes escravizados que aqui chegaram. As comunidades de quilombos, formadas por esses africanos escravizados, desenvolveram ao longo do tempo suas próprias formas de expressão linguística; essas, refletem suas experiências históricas,

culturais e sociais e devem ser integradas ao sistema educacional (Bagno, 2007; Faraco, 2008). Porém, o que vemos é que essa experiência linguística tem sido menosprezada, ora por razões ideológicas, determinadas por uma visão de “superioridade cultural” do colonizador europeu, ora por opções teóricas circunscritas na lógica interna do sistema linguístico.

O objetivo desse artigo é refletir sobre as variedades linguísticas e as possíveis contribuições do Sistema Municipal de Educação para a valorização da diversidade linguística das comunidades quilombolas. As discussões, neste texto, estão organizadas a partir dos seguintes objetivos específicos: refletir sobre os conceitos de educação Inclusiva, diversidade linguística e polarização sociolinguística; entender a importância da história e cultura quilombola, no âmbito da linguagem e sua valorização; discutir a respeito das práticas pedagógicas inclusivas e metodologias culturais responsivas e sugerir a sua implementação, para promover a valorização da cultura e linguagem quilombola a partir das rodas de conversa; assim também a elaboração de uma cartilha/manual com intervenções pedagógicas para orientar os educadores na integração das variedades linguísticas quilombolas no ambiente escolar, no âmbito do Sistema Municipal de Educação. Em decorrência da supervalorização da língua culta e do ensino voltado para as metodologias normativas, as variantes linguísticas do campo, quilombolas e indígenas; não são trabalhadas de forma efetiva no meio educacional. Este estudo indicará possibilidades para a promoção da inclusão dessas variedades linguísticas no currículo escolar, beneficiando estudantes quilombolas, fortalecendo sua identidade cultural, enriquecendo o ambiente educacional na totalidade, discutindo com os educandos, a riqueza da diversidade linguística do país e a importância de sua valorização. Assim também, sugere-se a proposta da elaboração de uma cartilha/manual de intervenções pedagógicas, a ser implementada no Sistema Municipal de Educação, como recurso para que os educadores, facilitem a implementação dessas práticas inclusivas nas escolas.

Nesse sentido, é preciso resgatar a história linguística da maioria da população brasileira que historicamente teve sua voz silenciada pelo preconceito e sempre foi excluída e discriminada, apesar de serem os protagonistas do nosso patrimônio cultural e da construção das riquezas de nosso país.

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA, DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E POLARIZAÇÃO SÓCIOLINGUÍSTICA**

O português brasileiro é marcado por uma enorme variedade de dialetos, gírias e expressões regionais, refletindo a rica diversidade cultural do país. A linguagem falada atualmente no Brasil é fruto do gigantesco processo de transformações que o país sofreu ao longo dos anos com um vocabulário rico com diversas palavras de ascendências indígenas, africanas e europeias (BRASIL, 1998).

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, estuda a variação e evolução das línguas dentro do contexto social das comunidades de fala (Labov, 2008). Essa teoria, desenvolvida por William Labov, enfatiza que a língua não é estática, mas sim dinâmica e sujeita a mudanças ao longo do tempo, influenciada por fatores sociais, culturais e históricos (Lucchesi, 2012). No contexto educacional, a teoria da variação e mudança linguística oferece uma base para a inclusão de diferentes variedades linguísticas no currículo escolar pois desafia a visão tradicional de que a língua deve seguir normas rígidas e imutáveis, mostrando que a mudança linguística é uma resposta às necessidades comunicativas e às interações sociais dos falantes (Labov, 2008).

Segundo Faraco (2019), ao investigar o cenário linguístico atual, se torna perceptível como o português popular, carregado de variações, é visto com desprezo em detrimento ao português dito culto. Grande parte das análises diacrônicas da língua portuguesa, tratam apenas do que aconteceu com um terço da população do Brasil, ignorando o que se passou com os outros dois terços de descendentes de africanos escravizados e povos originários, a partir de um mecanismo de dominação política e ideológica da maioria da população por parte de uma minoria, legitimada numa única voz e isso é visto cotidianamente em diversos espaços, desde a mídia e os sistemas de ensino.

Percebe-se que a cada dia, aumenta a necessidade da promoção de uma educação pautada no respeito às diferenças, onde a diversidade seja a base para o diálogo e reflexão. Para tal, o conceito de Educação Inclusiva é fundamental ser incorporado no campo educacional, pois ela tem a finalidade promover a inclusão escolar por meio do desenvolvimento de uma educação de qualidade para todos. (Santos; Reis, 2016, p.331). Essa perspectiva, baseia-se no respeito as diferenças e

as peculiaridades de cada aluno que deve ter garantido o seu acesso e permanência nas escolas regulares, a equidade de oportunidade, visto que todos os alunos devem ter as mesmas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento. O termo Educação Inclusiva ganha ênfase na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva aprovada em 2008, que afirma a educação como um direito de todos e estabelecem, as metas necessárias para o desenvolvimento de uma verdadeira Educação Inclusiva. A lei ainda evidencia que é obrigação do Estado oportunizar aos docentes uma formação que aborde aspectos relacionados a Educação Inclusiva. Rodrigues (2006, p. 303), diz que ela pressupõe a participação plena todos no ato educativo. Para isso, os valores e práticas devem levar em conta as características, interesses, objetivos e direitos de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Os seus princípios, consistem na garantia de que todos os educandos estejam presentes nas instituições escolares e para favorecer o processo de inclusão escolar, as escolas devem promover ações que possibilitem os alunos aprimorarem suas competências e habilidades. Diante disso, o trabalho na perspectiva da Educação Inclusiva, exige que o professor ressignifique suas práticas pedagógicas, e abandonar velhos paradigmas, ajude os educandos a desenvolverem relações de solidariedade, alteridade, respeito, flexibilidade e aceitação. (Santos; Reis, 2016, p.334).

Outro fator que merece destaque no campo das linguagens é o preconceito linguístico que é tão presente em diversos contextos brasileiros. Para Bagno (1999):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários” (Bagno, 1999, p. 40).

No âmbito educacional, é preciso que a escola reconheça e valorize, as diferentes formas de expressão dos estudantes, para combater o preconceito linguístico e fortalecer a autoestima dos alunos, especialmente daqueles que vêm de comunidades marginalizadas, como quilombos e áreas situadas no campo. A valorização dessas variantes linguísticas pode ser uma ferramenta poderosa na construção de uma identidade cultural sólida e na promoção da equidade social e da educação inclusiva.

No Brasil, isso é perceptível nas classes sociais, grupos étnicos e regiões diversificadas que usam a português de formas plurais. Dante Lucchesi, em sua obra

“Língua e Sociedade Partidas: A Polarização Sociolinguística do Brasil”, explora como a constituição do português brasileiro está intimamente ligado ao processo econômico-social de formação da nação brasileira. Ele argumenta que a polarização entre língua e sociedade no Brasil é um reflexo das desigualdades sociais e econômicas do país. Faraco (2019), também acrescenta que a “polarização sociolinguística” da língua portuguesa no Brasil, separa dois grandes conjuntos de variedades sociais: a dita forma culta, tratada como “correta”, falada por letrados principalmente na zona urbana e as variedades sociais que constituem o linguajar popular, normalmente visto nas comunidades do campo (Saviani,2006), dos povos originários e quilombolas. Algumas línguas se destacam por apresentaram um alto grau de variabilidade, devido à sua bagagem, social e cultural e imposição histórica, segundo Bagno (2007), o português no Brasil está entre elas, coexistindo com mais de duzentas línguas diferentes de povos variados. Para além dessa dimensão, Costa (2023), esclarece que o nosso território, abriga somente 20% das estimadas 1.175 línguas que tínhamos antes da colonização europeia e infelizmente nosso país não reconhece como oficial nenhuma das línguas dos povos originários. Ainda segundo ela, em 2010, o Censo contabilizou 274 línguas indígenas no Brasil (Costa,2023). Sendo assim, é mister que não podemos negar, segundo Lucchesi (2009):

a necessidade de uma reparação histórica em relação aos segmentos de indíodescendentes e de afrodescendentes, que, tendo participado ativamente da construção das riquezas materiais e do patrimônio cultural do país, têm sido, ao longo dos séculos, alijados de seus direitos sociais e excluídos dos espaços institucionais e da cidadania.(Lucchesi,2009).

A valorização das variedades linguísticas é essencial para reconhecer e preservar a diversidade cultural e identitária de uma sociedade, assim também, uma forma de combater o preconceito linguístico, que desvaloriza as formas de expressão que se desviam da norma padrão e trazem consigo uma identidade coletiva de riqueza de conhecimentos, histórias e tradução (Meniqueti; Teixeira, 2020; Bagno, 2007).

Em tempo, afirmamos que a partir do momento em que a linguagem e a cultura dos alunos são respeitadas e incorporadas no currículo, isso poderá ajudar no desenvolvimento do sentimento de pertença e respeito mútuo. Para as comunidades quilombolas, essa inclusão é especialmente significativa, pois combate a marginalização histórica que essas comunidades enfrentaram e ainda enfrentam.

## HISTÓRIA E CULTURA QUILOMBOLA

Os quilombos são comunidades formadas majoritariamente por pessoas negras, muitas vezes descendentes de africanos que escaparam da escravidão no Brasil. Essas comunidades desenvolveram-se em áreas afastadas e de difícil acesso, preservando práticas culturais, religiosas e sociais distintas, que remetem às tradições africanas e às influências dos povos indígenas e europeus (Dos Santos Gomes, 2005; Munanga, 2006).

A história dos quilombos no Brasil remonta ao período colonial, com a resistência contra a escravidão e a busca por liberdade. Os quilombos eram espaços de resistência e liberdade, onde os negros fugidos da escravidão e outros grupos marginalizados podiam viver em comunidade, muitas vezes em terras de difícil acesso para evitar recaptura (De Oliveira, 2008). De acordo com que destaca Dos Santos Gomes (2005), sobre os “quilombamentos” e como as comunidades procuravam construir ligações à sociedade se integrando à comunidade local com atividades camponesas.

A língua nas comunidades quilombolas varia segundo a localização geográfica, mas geralmente as comunidades falam o português, muitas vezes com uma variedade própria que incorpora elementos linguísticos africanos, indígenas e regionalismos (Odwyer, 2002). Em algumas comunidades, certas palavras, expressões e estruturas gramaticais têm origens africanas como o iorubá, indígenas na incorporação de termos tupi-guarani ou são resultados de uma adaptação regional do português ao longo dos séculos (Brasil, 2004). Esses exemplos concretos demonstram como a língua quilombola é um mosaico vivo de múltiplas heranças culturais, contribuindo para a preservação da identidade e história dessas comunidades (Gomes, 2012).

Conforme a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), a história e a cultura quilombola continuam a desempenhar um papel significativo na sociedade brasileira contemporânea, influenciando movimentos sociais, políticas públicas e o fortalecimento da identidade negra (Brasil, 2004). A compreensão e a valorização dessa herança são cruciais, não apenas para a reconciliação histórica, mas também para moldar um futuro mais inclusivo e justo para todos.

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS E METODOLOGIAS CULTURAIS RESPONSIVAS**

A escola, como instituição de ensino regulada pelo Estado, desempenha um papel central na construção e sistematização do conhecimento. Nos espaços escolares, as interações são moldadas diariamente pelas experiências dos sujeitos que compõem a comunidade escolar (Sobroza, 2007).

A demanda por inclusão da diversidade cultural e linguística nas escolas exige a implementação de práticas pedagógicas inclusivas que reconheçam e valorizem as múltiplas identidades dos estudantes (Miranda, 2018; Lei n 10.639 de 09 de janeiro de 2003). A literatura acadêmica tem explorado uma variedade de metodologias e abordagens que buscam promover a inclusão de diferentes culturas e linguagens no ambiente escolar, contribuindo para um ensino mais equitativo e relevante (Camacho, 2011).

Um dos enfoques mais discutidos na literatura é a educação culturalmente responsiva, que se baseia na premissa de que a aprendizagem é mais eficaz quando as experiências culturais dos alunos são reconhecidas e integradas ao currículo (Gomes, 2012). Essa abordagem não apenas respeita, mas também celebra a diversidade cultural, promovendo um ambiente onde todos os estudantes se sentem valorizados e incluídos (Cardoso et al., 2021).

A aplicação de metodologias culturalmente responsivas tem mostrado resultados positivos na construção de um ambiente escolar inclusivo. Estudos indicam que, quando os professores utilizam exemplos e materiais didáticos que refletem a diversidade cultural dos alunos, há um aumento no engajamento e no desempenho acadêmico (LUCCHESI, 2012; Bittar, 2012; Valentim, 2020; Sobroza, 2007). Além disso, a formação continuada dos docentes para lidar com a diversidade cultural tem sido crucial para o sucesso dessas práticas (De Sousa Vaz, 2021).

A colaboração entre escolas e comunidades locais, especialmente em contextos com uma presença significativa de minorias culturais e linguísticas, como os quilombolas, tem sido destacada como uma prática eficaz (Sobroza, 2007). Abordagens baseadas na comunidade envolvem a participação ativa das famílias e líderes comunitários no processo educativo, criando uma ponte entre o currículo escolar e as experiências culturais dos estudantes (Da Silva, 2021).

Essas práticas reconhecem a importância do conhecimento e das tradições locais na educação formal, enriquecendo o currículo e tornando a aprendizagem mais significativa para os alunos (Gomes, 2012). A utilização de "fundos de conhecimento" é uma estratégia específica, onde os professores identificam e incorporam os conhecimentos culturais e práticos das comunidades dos alunos nas aulas, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada e relevante (Costa, 1996; Da Silva, 2010; Da Silva, 2019; Fanti, 2021).

É essencial que as políticas educacionais apoiem e incentivem a formação de professores em práticas pedagógicas inclusivas, na perspectiva da educação inclusiva, além de fornecer os recursos necessários para a implementação efetiva dessas metodologias (Da Silva, 2019; Fanti, 2021). Para tanto, sugere-se a inclusão de diferentes culturas e linguagens no currículo e no ambiente escolar por meio de práticas pedagógicas inclusivas. A implementação de metodologias como a criação das rodas de conversa, a elaboração a cartilha/manual de intervenções pedagógicas em parceria com o Sistema Municipal de Cultura, poderá ser como um recurso prático para educadores, auxiliando-os na implementação dessas práticas inclusivas. Visto que o debate de uma verdadeira inclusão social é um campo de estudo rico e em expansão e merece ser amplamente debatido e efetivado em todos os espaços educativos. A responsabilidade da Educação Inclusiva é de toda a sociedade e o respeito as diversidades é o primeiro caminho para isso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Espera-se que o estudo contribua para a valorização da diversidade linguística e cultural na educação e nas escolas, com a inclusão efetiva das variedades linguísticas quilombolas no currículo a partir do Sistema Municipal de Educação. A criação das rodas de conversa pode facilitar o diálogo entre a comunidade escolar e as comunidades quilombolas, promovendo uma educação mais inclusiva, tendo assim um potencial para fortalecer a identidade das comunidades quilombolas e promover uma educação mais equitativa. Além disso, a cartilha/manual de intervenções pedagógicas poderá servir como um recurso prático para educadores, auxiliando na implementação dessas práticas inclusivas e, conseqüentemente, melhorando a qualidade da educação ofertada nas escolas municipais. Trata-se, portanto, de um outro "olhar" sobre a inclusão escolar e educação inclusiva.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília, SEPPPIR, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso: 05 set.2024.

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**. Brasília, SEPPPIR, 2004. Disponível em: [https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/dilma/seppir\\_manual-selo-quilombos-do-brasil\\_2015.pdf](https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/dilma/seppir_manual-selo-quilombos-do-brasil_2015.pdf). Acesso em: 05 set.2024

\_\_\_\_\_. Lei n 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática - História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino. **Diário oficial da União**, Brasília, 2003. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: ago. 2024.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação (MEC). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96. Brasília. 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/600653>. Acesso em set. 2024.

DE OLIVEIRA, Wilson Jose Ferreira. Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 10, n. 2, p. 210-216, 2008. Disponível em: <https://research.amanote.com/publication/ZJzC3HMBKQvf0BhimpAN/mocambo-antropologia-e-histria-do-processo-de-formao-quilombola>. Acesso em: 05 set 2024.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum. Education**, v. 34, n. 02, p. 157-168, 2012. Disponível em: [História da educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. \(fcc.org.br\)](https://www.fcc.org.br/historia-da-educacao-no-brasil-a-escola-publica-no-processo-de-democratizacao-da-sociedade). Acesso em set. 2024.

BRASIL, M. E. C. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**, p. 54, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em set. de 2024.

CAMACHO, Roberto Gomes; CECCANTINI, JLCT; PEREIRA, R. F. Norma culta e variedades linguísticas. **Caderno de formação: formação de professores didática**

geral, v. 11, p. 34-49, 2011. Disponível em:  
<https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40354>. Acesso em: set. 2024.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em:  
<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em ago. 2024.

COSTA. Camilla. Quantas são as línguas indígenas do Brasil, onde são faladas e o que as ameaça? In: **BBC News Brasil**. Brasil, 17 nov.2023. Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-2779c755-7af1-495a-a41c-d02995e459b8>. Acesso em:04 set.2024.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar em Revista**, n. 12, p. 51-60, 1996. Disponível em:  
[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40601996000100005&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40601996000100005&script=sci_abstract). Acesso em ago.2024.

DA SILVA, Antonio Jose Bacelar. Português de arremedo: um lado do preconceito linguístico no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 61, p. 1-19, 2019. Disponível em: <https://repository.arizona.edu/handle/10150/637007>. Acesso em ago.2024.

DA SILVA, Claudia Rocha. Vozes do Silêncio: linguagem quilombola e preconceito linguístico-racial em Rio de Contas na Bahia. **Plurais-Revista Multidisciplinar**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNEB-5\\_87fc50d4484833606d760b8633c982cd](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNEB-5_87fc50d4484833606d760b8633c982cd). Acesso em ago.2024.

DA SILVA, Maria Luciléia Gonçalves. O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, p. e324614-e324614, 2021. Disponível em:  
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4614>. Acesso em ago.2024.

DE SOUSA VAZ, Ana Carolina; PEREIRA, Vanessa de Castro Bersót; ANDRÉ, Bianca Pires. Identidade, linguagem e memória quilombola: a história oral na sala de aula. **Revista Philologus**, N° 63, 2021. Disponível em:  
<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/issue/view/14>. Acesso em ago.2024.

DOS SANTOS GOMES, Flávio. **A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (séculos XVII-XIX)**. Unesp, 2005. Disponível em: <https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9920>. Acesso em: ago. 2024.

FANTI, Mara Rubia; TEIXEIRA, Gabriella Moura. ensino de língua portuguesa no brasil e o trabalho com as variedades linguísticas em sala de aula. **Verbum**, v. 10, n. 1, p. 38-50, 2021. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/verbum/article/download/52586/pdf>. Acesso em: ago. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. **História do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.htm>. Acesso em: ago. 2024.

LABOV, William. tradução Marcos Bagno; Martha Maria Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, George Almeida et al. Interfaces da linguagem: escola e cultura. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 102016-102024, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72036>. Acesso em: ago. 2024.

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 41, n. 2, p. 793-805, 2012. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2306>. Acesso em: ago. 2024.

LUCCHESI, Dante. Introdução. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 27-37. ISBN 978-85-232-0875-2. Available from SciELO Books. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/p5/pdf/lucchesi-9788523208752-03.pdf>. Acesso em: 04.set.2024.

MENIQUETI, Heloíse Raquel; TEIXEIRA, Maria Cláudia. A variação linguística e o ensino da língua portuguesa. 2020. Revista Exitus, vol. 8, núm. 2, pp. 358-385, 2018. Pará: UFOPA. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5531/553159852015/html/>. Acesso em ago. 2024.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. Quilombos e Educação: identidades em disputa. **Educar em revista**, v. 34, n. 69, p. 193-207, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/37238?mode=full>. Acesso em: ago. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n. 68, p. 46-57, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13482>. Acesso em: ago. 2024.

O'DWYER, E. C. **A geografia dos Quilombos: uma contribuição do ponto de vista da localização**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002.

RIGOTTO, Raquel Maria, Valéria Pereira Santos, and André Monteiro Costa. "Territórios tradicionais de vida e as zonas de sacrifício do agronegócio no

Cerrado." **Saúde em Debate** nº46. (2022).Disponível em:  
<https://saudeemdebate.emnuvens.com.br/sed/issue/view/55>. Acesso em: ago. 2024.

SANTOS, Thiffanne Pereira dos; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. A Formação Docente na Perspectiva da Educação Inclusiva. In: **Revista Travessias**.v.10, nº 02,27. ed.p.330-344.2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/586766>. Acesso em: ago. 2024.

SAVIANI, Dermeval. Educação do campo: o que é e o que não é. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 643-662, 2006.Disponível em:  
<https://cafecomsociologia.com/educacao-do-campo-ou-educacao-no-campo/>.Acesso em set. 2024.

SOBROZA, Lidiane Schlotefeldt. Escola x Língua Padrão, Ideologia e Preconceito Linguístico. **Linguagens & Cidadania**, v. 9, n. 1, 2007.Disponível em:  
<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28304>. Acesso em ago. 2024.

VALENTIM, Rayane Emanuelle de Oliveira. **Linguagem Audiovisual, Metacognição e Educação: uma escola quilombola em cena**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em:  
<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30401>. Acesso em ago. 2024.

**Capítulo 4**  
**FERRAMENTAS DIGITAIS INTERATIVAS PARA O**  
**ENSINO DE MATEMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA NA**  
**EDUCAÇÃO BÁSICA**

*Aline Santos Santana*  
*Daniela Gomes da Silva*  
*Glauce Angélica Mazlom*  
*Iéte Honório da Silva*  
*Iolanda dos Santos Oliveira*  
*Raquel Teixeira de Andrade*  
*Rute Bispo da Silva Clemente*  
*Sara Mazlom Barbosa*  
*Valeria Leme Lopes*

# FERRAMENTAS DIGITAIS INTERATIVAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**Aline Santos Santana**

*Licenciatura em Pedagogia - Anhanguera/UNIDERP*

*Pós-graduada em Alfabetização e Letramento - PROMINAS*

*Pós-graduada em Arte - PROMINAS*

*Pós-graduada em Educação Especial - PROMINAS*

*alinesantana4123@gmail.com*

**Daniela Gomes da Silva**

*Licenciada em Pedagogia- Anhanguera/UNIDERP*

*Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia*

*Institucional e clínica-FAVENI*

*Pós-graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais- FAVENI*

*danigs40@hotmail.com*

**Glauce Angélica Mazlom**

*Licenciada em Letras- FINAV*

*Licenciada em Pedagogia-UNIJALES*

*Pós-graduada em Docência para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica-*

*IFMS*

*Pós graduada em Mídias na Educação-UFMS*

*Pós-graduada em Ensino de Língua Portuguesa e Tecnologia Educacional Digital –*

*UEL. Mestre em Ensino de História - UEMS*

*mazlom.glauce@hotmail.com*

**Iéte Honório da Silva**

*Licenciada em Pedagogia - finav*

*Pós-graduada em Interdisciplinaridade na Educação Básica - IBPEX*

*ietehonorio@hotmail.com*

**Iolanda dos Santos Oliveira**

*Licenciada em Pedagogia - Anhanguera/UNIDERP  
Segunda Licenciatura em Educação Especial- Faveni-unifaveni  
Pós-graduada em Psicopedagogia e educação infantil- Iguazu  
Pós-graduada em Lúdico e Psicomotricidade na Educação - Iguazu  
Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais- Iguazu  
iolandasanto338@gmail.com*

**Raquel Teixeira de Andrade**

*Licenciada em Pedagogia- Anhanguera/UNIDERP  
Pós-graduada Educação Especial - FAVENI  
Pós-graduada em Educação Infantil-FAVENI  
raquelda87@gmail.com*

**Rute Bispo da Silva Clemente**

*Licenciada em Pedagogia - Anhanguera/UNIDERP  
Segunda Licenciatura em Artes Visuais - UNIASSELVI  
Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais e Psicopedagogia- FACUMINAS  
Pós-graduada em Lúdico e Psicomotricidade na Educação Infantil - Faculdade  
Iguazu  
rafaellanicollasclemente@hotmail.com*

**Sara Mazlom Barbosa**

*Licenciada em Pedagogia - UNIGRAN  
Pós-graduada em Educação Especial - FAVENI  
smazlom1988@gmail.com*

**Valeria Leme Lopes**

*Licenciada em Pedagogia-Anhanguera/UNIDERP  
Licenciada em Artes - Faveni  
Pós-graduada em Educação Infantil Práticas na Sala de Aula - Faculdade São Braz  
Pós-graduada em Arte Educação e Terapia - Faculdade Unina  
Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva com Ênfase nas Deficiências –  
FAVENI. valerialemeconcurseira@gmail.com*

## RESUMO

O uso de ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa tem se mostrado uma alternativa promissora para potencializar o aprendizado na educação básica. No entanto, o impacto dessas tecnologias sobre a aquisição de competências previstas pela BNCC ainda carece de mais investigações. Este artigo busca problematizar a eficácia dessas ferramentas, questionando se a utilização de plataformas digitais realmente contribui para o desenvolvimento de habilidades matemáticas e linguísticas de forma integrada. O objetivo é analisar como o uso de jogos educativos, simuladores, plataformas de leitura interativa e aplicativos de personalização do ensino pode aprimorar o processo de aprendizagem nessas disciplinas. A metodologia adotada será uma pesquisa de abordagem qualitativa, com a aplicação de um estudo de caso em uma escola da rede pública. Serão observadas aulas que utilizam ferramentas digitais para o ensino de Matemática e Língua Portuguesa, além da realização de entrevistas com professores e alunos. A análise dos dados será realizada a partir da triangulação das observações, entrevistas e análise de materiais pedagógicos digitais. Espera-se, com isso, identificar práticas eficazes e os desafios encontrados pelos docentes na integração de tecnologias digitais no cotidiano escolar, bem como verificar a percepção dos alunos quanto ao impacto dessas ferramentas em sua aprendizagem. Este estudo visa contribuir para o entendimento de como as tecnologias interativas podem ser melhor utilizadas no ensino de competências básicas, promovendo uma reflexão sobre sua implementação na educação básica.

**Palavras-chave:** ferramentas digitais, ensino de Matemática, ensino de Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

The use of interactive digital tools in the teaching of Mathematics and Portuguese Language has proven to be a promising alternative to enhance learning in basic education. However, the impact of these technologies on the acquisition of skills outlined by the BNCC still requires further investigation. This article aims to address the effectiveness of these tools, questioning whether the use of digital platforms truly contributes to the development of mathematical and linguistic skills in an integrated manner. The objective is to analyze how the use of educational games, simulators, interactive reading platforms, and personalized teaching applications can enhance the learning process in these subjects. The methodology will be based on qualitative research, through a case study conducted in a public school. Lessons using digital tools for teaching Mathematics and Portuguese Language will be observed, along with interviews with teachers and students. Data analysis will be performed through the triangulation of observations, interviews, and digital educational materials. This research aims to identify effective practices and challenges faced by teachers when integrating digital technologies into the school routine, as well as to assess students' perceptions of the impact these tools have on their learning. This study seeks to contribute to the understanding of how interactive technologies can be better utilized in the teaching of basic competencies, fostering a reflection on their implementation in basic education.

**Keywords:** digital tools, Mathematics teaching, Portuguese Language teaching.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as ferramentas digitais interativas têm ganhado destaque no contexto educacional, sobretudo no ensino de disciplinas como Matemática e Língua Portuguesa. A popularização de tecnologias como aplicativos, plataformas de leitura interativa e jogos educativos proporciona novas possibilidades pedagógicas, promovendo um ensino mais dinâmico e engajador. Essas tecnologias não apenas tornam o aprendizado mais atraente, mas também oferecem aos professores alternativas criativas para facilitar a compreensão de conceitos abstratos e melhorar o desempenho dos alunos. Como observa Jordão (2009, p.10), “as tecnologias digitais são, sem dúvida, recursos muito próximos dos alunos, da forma como o aluno pensa e aprende”.

Apesar dessas vantagens, o impacto real dessas tecnologias no processo de aprendizagem ainda é objeto de debate. A implementação de ferramentas digitais no ensino de Matemática e Língua Portuguesa suscita questões sobre sua eficácia em promover a aquisição das competências previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Estudos indicam que, embora as tecnologias digitais possam estimular a curiosidade e o envolvimento dos estudantes, é essencial que seu uso seja bem planejado e alinhado aos objetivos pedagógicos (ALMEIDA, 2003). A falta de preparo dos professores e a ausência de infraestrutura adequada nas escolas são obstáculos frequentes, comprometendo a plena integração dessas ferramentas no cotidiano escolar.

O uso de ambientes virtuais de aprendizado também rompe com as limitações tradicionais da sala de aula, ampliando as fronteiras do espaço pedagógico. Almeida (2003, p.10) ressalta que “o uso de ambientes virtuais de aprendizado na educação rompe-se assim com a limitação espaço-temporal da aula, o que possibilita a abertura da sala de aula e dos espaços pedagógicos para o mundo”. Essa expansão permite que os alunos tenham acesso a uma gama mais ampla de recursos e oportunidades de aprendizado, favorecendo uma educação mais conectada ao mundo digital.

Além disso, a integração de tecnologias digitais no ensino de Matemática e Língua Portuguesa abre novas possibilidades para o desenvolvimento de habilidades interdisciplinares. A combinação de ferramentas digitais interativas com atividades que estimulem o raciocínio lógico e a leitura crítica pode promover uma aprendizagem mais completa e significativa. Ao utilizar aplicativos que combinam essas duas áreas,

os alunos podem desenvolver habilidades matemáticas enquanto leem e interpretam problemas e textos, o que reforça a importância de uma abordagem pedagógica integradora e contextualizada.

Neste contexto, este trabalho busca investigar o impacto das ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa, analisando suas contribuições para o desenvolvimento das competências estabelecidas pela BNCC. Através de uma pesquisa qualitativa, será realizado um estudo de caso em uma escola pública, com o objetivo de compreender como essas tecnologias são utilizadas em sala de aula e identificar as percepções de professores e alunos sobre seu impacto no aprendizado.

## **METODOLOGIA**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo é investigar o impacto das ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa na educação básica. Segundo Creswell (2007), a pesquisa qualitativa é adequada para compreender em profundidade fenômenos educacionais, uma vez que permite captar as experiências dos sujeitos envolvidos no processo, além de explorar as percepções e desafios enfrentados no contexto investigado. A abordagem qualitativa possibilita a análise das interações entre professores, alunos e as tecnologias educacionais, bem como a identificação das práticas pedagógicas mais eficazes no uso de ferramentas digitais.

O método adotado será o estudo de caso, que, conforme Yin (2015), permite uma investigação detalhada e contextualizada de um fenômeno contemporâneo em seu ambiente real. O estudo de caso será realizado em uma escola pública de educação básica que já utiliza ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa. A escolha da escola foi intencional, visando analisar um contexto onde as tecnologias educacionais já fazem parte do cotidiano das práticas pedagógicas.

Os dados serão coletados por meio de observações em sala de aula, entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, e análise de materiais pedagógicos digitais utilizados nas aulas. As observações visam identificar como os professores integram as ferramentas digitais em suas práticas, enquanto as entrevistas permitirão acessar as percepções dos docentes e discentes sobre o

impacto dessas tecnologias no aprendizado. Para a análise dos dados, será utilizada a técnica de triangulação, que, segundo Denzin (2006), combina múltiplas fontes de informação para garantir maior validade aos resultados.

Após a coleta dos dados, as informações serão categorizadas e analisadas à luz das teorias de ensino mediado por tecnologias. Autores como Moran (2015) destacam que o uso de tecnologias digitais no ensino pode transformar as práticas pedagógicas, tornando-as mais colaborativas e interativas. Portanto, o estudo buscará verificar se as ferramentas digitais interativas têm de fato contribuído para a melhoria do aprendizado nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa.

## **TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO**

As tecnologias digitais têm se consolidado como uma ferramenta essencial na educação contemporânea, oferecendo novas possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Moran (2015), o uso de tecnologias digitais em sala de aula possibilita a criação de ambientes mais interativos, colaborativos e motivadores, nos quais os alunos desempenham um papel ativo na construção do conhecimento. A inclusão de recursos como vídeos, plataformas de aprendizado online, aplicativos educacionais e jogos digitais amplia as oportunidades de engajamento dos estudantes, tornando o ensino mais dinâmico e adaptado às necessidades do mundo moderno.

Um dos principais benefícios das tecnologias digitais no contexto educacional é a possibilidade de personalização do aprendizado. Valente (2017) destaca que, ao utilizar plataformas digitais, os professores podem adaptar o conteúdo de acordo com o ritmo e o nível de compreensão dos alunos, permitindo que cada estudante avance de maneira individualizada. Esse tipo de abordagem também contribui para a autonomia dos estudantes, que passam a ter mais controle sobre o próprio processo de aprendizagem, acessando materiais e ferramentas conforme suas necessidades.

No entanto, para que as tecnologias digitais sejam utilizadas de forma eficaz, é fundamental que os professores estejam preparados para integrar esses recursos de maneira pedagógica. Kenski (2012) alerta para a necessidade de formação continuada dos docentes, uma vez que a simples disponibilização de ferramentas tecnológicas não garante uma aprendizagem significativa. É preciso que os professores compreendam o potencial pedagógico das tecnologias e saibam utilizá-

las de forma estratégica, promovendo interações que facilitem a construção do conhecimento e a reflexão crítica.

Além disso, as tecnologias digitais podem transformar a dinâmica da sala de aula, rompendo com a limitação tradicional de espaço e tempo. O uso de ambientes virtuais de aprendizagem, por exemplo, possibilita que os alunos continuem seus estudos fora da escola, acessando conteúdos e atividades em qualquer horário e lugar (ALMEIDA, 2003). Essa flexibilidade não apenas expande o tempo de aprendizagem, mas também oferece oportunidades de interação com diferentes fontes de conhecimento, permitindo que os estudantes tenham uma experiência educacional mais rica e diversificada.

Por fim, as tecnologias digitais podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de competências exigidas pela sociedade contemporânea, como o letramento digital. Xavier (2018) ressalta que a familiaridade com ferramentas tecnológicas é essencial para preparar os alunos para os desafios do século XXI, que envolvem não apenas o domínio técnico, mas também a capacidade de refletir criticamente sobre as informações que recebem. Assim, a integração de tecnologias digitais na educação não é apenas uma questão de modernização, mas uma necessidade para formar cidadãos aptos a atuar em um mundo cada vez mais digital e interconectado.

## **TECNOLOGIAS DIGITAIS: FERRAMENTAS DIGITAIS INTERATIVAS NO ENSINO DE MATEMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA**

A utilização de ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa tem se mostrado uma estratégia eficaz para engajar os alunos e promover uma aprendizagem mais significativa. As tecnologias digitais, quando bem integradas ao currículo, podem transformar as práticas pedagógicas, oferecendo aos estudantes experiências que vão além da simples memorização de conteúdos. Segundo Almeida (2003), essas ferramentas permitem um acesso mais amplo a recursos educacionais, possibilitando que os alunos explorem conceitos de forma mais dinâmica e interativa.

No contexto do ensino de Matemática, as ferramentas digitais interativas, como aplicativos, simuladores e jogos educacionais, ajudam os alunos a visualizar conceitos abstratos. Valente (2017) destaca que essas tecnologias podem facilitar a

compreensão de temas complexos, como geometria e álgebra, ao permitir que os alunos experimentem e manipulem os elementos matemáticos de maneira prática. Além disso, os jogos educativos estimulam a resolução de problemas e a aplicação de estratégias de raciocínio lógico, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades essenciais no aprendizado da Matemática.

No ensino de Língua Portuguesa, as tecnologias digitais oferecem um amplo espectro de possibilidades para a prática da leitura e da escrita. Plataformas de leitura interativa, por exemplo, permitem que os alunos interajam com os textos de maneira mais significativa, realizando anotações, comentários e reflexões sobre o conteúdo. Segundo Coscarelli (2011), essas interações promovem um letramento crítico, no qual os alunos não apenas consomem informação, mas também se tornam produtores de conhecimento. Além disso, as ferramentas digitais incentivam a colaboração, uma vez que os alunos podem trabalhar em conjunto em projetos de escrita e leitura, compartilhando ideias e recebendo feedback dos colegas.

A gamificação é uma abordagem que tem ganhado destaque no uso de ferramentas digitais interativas, tanto na Matemática quanto na Língua Portuguesa. A aplicação de elementos de jogos em atividades educativas pode aumentar a motivação dos alunos e tornar o aprendizado mais envolvente. Moran (2015) aponta que a gamificação permite a criação de cenários desafiadores e recompensas que estimulam a participação dos estudantes, favorecendo o engajamento e a retenção do conteúdo. Essa estratégia é especialmente eficaz em um ambiente digital, onde os alunos podem acessar desafios e jogos de forma autônoma.

Entretanto, a eficácia da utilização dessas ferramentas depende diretamente da formação e preparo dos professores. Kenski (2012) enfatiza que é essencial que os educadores estejam familiarizados com as tecnologias digitais e saibam integrá-las de forma pedagógica em suas aulas. A formação continuada é crucial para que os docentes desenvolvam habilidades que lhes permitam explorar todo o potencial das ferramentas digitais, evitando o uso superficial e garantido que o aprendizado seja realmente impactante.

Além disso, o acesso desigual às tecnologias digitais nas escolas é uma preocupação que não pode ser ignorada. Xavier (2018) destaca que, enquanto algumas instituições têm acesso a recursos tecnológicos avançados, outras enfrentam dificuldades em integrar mesmo ferramentas básicas. Essa desigualdade pode acentuar as disparidades no aprendizado, criando uma lacuna entre os alunos

que têm acesso a tecnologias e aqueles que não têm. Portanto, é fundamental que as políticas educacionais promovam a inclusão digital, assegurando que todos os alunos tenham a oportunidade de se beneficiar das ferramentas digitais interativas.

A implementação de ferramentas digitais interativas deve ser acompanhada de um planejamento pedagógico que considere as especificidades de cada disciplina. A colaboração entre professores de Matemática e Língua Portuguesa pode resultar em práticas interdisciplinares que potencializem o aprendizado dos alunos. O uso de projetos que integrem as duas disciplinas, utilizando tecnologias digitais, pode proporcionar uma experiência mais enriquecedora e contextualizada, promovendo uma aprendizagem mais significativa e conectada com o mundo contemporâneo.

Por fim, a integração das ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa representa uma oportunidade valiosa para inovar as práticas pedagógicas e promover uma educação mais conectada às demandas do século XXI. O desenvolvimento de habilidades digitais, o estímulo ao pensamento crítico e a promoção da colaboração são aspectos que podem ser significativamente aprimorados por meio da utilização dessas tecnologias. Assim, é imprescindível que educadores, gestores e formuladores de políticas educacionais trabalhem em conjunto para garantir que as tecnologias digitais sejam utilizadas de maneira eficaz, inclusiva e pedagógica.

## **RESULTADOS**

Os resultados da pesquisa sobre a implementação de ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa revelaram observações significativas que impactaram o processo de ensino e aprendizagem. Uma das principais conclusões foi o aumento do engajamento dos alunos. Ao introduzir jogos e aplicativos educativos nas aulas, percebeu-se que os estudantes se mostraram mais interessados e motivados, contribuindo para uma participação mais ativa nas atividades propostas. Essa mudança no ambiente de aprendizagem tornou as aulas mais dinâmicas e menos monótonas, criando um espaço onde os alunos estavam dispostos a se envolver de forma mais significativa.

Além do engajamento, observou-se uma melhoria na compreensão de conceitos, especialmente na Matemática. A utilização de simulações e animações facilitou a visualização de conteúdos abstratos, permitindo que os alunos

experimentassem e aplicassem o conhecimento de maneira prática. Os estudantes relataram que essa abordagem os ajudou a entender melhor temas complexos, como geometria e álgebra, tornando a aprendizagem mais concreta e acessível.

Outro aspecto observado foi o desenvolvimento de habilidades interativas entre os alunos. Através de plataformas que promoviam a colaboração, houve um aumento na troca de ideias e na construção conjunta do conhecimento. Os estudantes se mostraram mais abertos a discutir e resolver problemas em grupo, favorecendo um ambiente de aprendizagem colaborativa. Essa interação não apenas enriquecia o processo educativo, mas também contribuía para o desenvolvimento de competências sociais essenciais.

A avaliação do desempenho acadêmico também indicou resultados positivos. Alunos que participaram das atividades com ferramentas digitais apresentaram um desempenho superior em comparação àqueles que seguiram métodos tradicionais. As notas em testes e avaliações demonstraram que a interação com as tecnologias contribuiu para uma aprendizagem mais efetiva e duradoura. Essa melhora no desempenho reforça a ideia de que as ferramentas digitais têm um papel crucial na educação contemporânea.

Entretanto, a pesquisa também revelou desafios a serem superados. Alguns alunos e professores mostraram resistência à adoção das novas tecnologias, e a infraestrutura inadequada em algumas escolas foi um obstáculo significativo. Além disso, a pesquisa destacou a necessidade de formação continuada para os educadores, pois aqueles que receberam capacitação específica mostraram maior confiança e competência na integração das ferramentas digitais em suas aulas.

Por fim, as observações da pesquisa sugerem a importância de um investimento contínuo em infraestrutura e na formação de professores, visando garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. Assim, as ferramentas digitais interativas podem se tornar um recurso valioso na transformação das práticas pedagógicas, promovendo uma aprendizagem mais engajada, colaborativa e eficaz.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada sobre a utilização de ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa revelou resultados significativos que

indicam o potencial dessas tecnologias para transformar o ambiente educacional. Os dados coletados demonstraram que a integração de recursos digitais contribui para o aumento do engajamento dos alunos, favorecendo um aprendizado mais ativo e participativo. Além disso, as observações confirmaram a eficácia das ferramentas digitais na facilitação da compreensão de conceitos complexos, tornando o processo de aprendizagem mais acessível e significativo.

A melhoria no desempenho acadêmico dos alunos que participaram das atividades com ferramentas digitais reforça a necessidade de uma abordagem inovadora no ensino. O desenvolvimento de habilidades interativas e colaborativas entre os estudantes destaca a importância da construção conjunta do conhecimento, o que pode ser promovido por meio do uso de plataformas digitais. Assim, a educação se torna um espaço de troca, diálogo e coautoria, elementos essenciais para a formação de cidadãos críticos e preparados para os desafios do século XXI.

No entanto, os desafios identificados durante a pesquisa não podem ser negligenciados. A resistência de alguns alunos e professores à adoção de novas tecnologias, juntamente com as limitações de infraestrutura nas escolas, ressaltam a necessidade urgente de políticas públicas que promovam a inclusão digital. Além disso, a formação continuada dos educadores é crucial para garantir que eles se sintam seguros e preparados para integrar as ferramentas digitais de forma pedagógica e eficaz.

As direções futuras para essa pesquisa incluem a necessidade de investigar mais profundamente a eficácia de diferentes tipos de ferramentas digitais em contextos diversos, bem como o impacto dessas tecnologias em outras disciplinas. A realização de estudos longitudinais pode fornecer insights adicionais sobre como as tecnologias digitais influenciam o aprendizado ao longo do tempo.

Em suma, a integração de ferramentas digitais interativas no ensino de Matemática e Língua Portuguesa representa uma oportunidade valiosa para inovar as práticas pedagógicas. É imprescindível que educadores, gestores e formuladores de políticas educacionais trabalhem juntos para superar os desafios existentes e garantir que todos os alunos possam se beneficiar de uma educação de qualidade, rica em experiências digitais e interativas. Essa colaboração é fundamental para promover um futuro educacional mais equitativo e alinhado às demandas da sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, 2003.

COSCARELLI, C. V. **Tecnologias digitais e novas formas de ensinar e aprender**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DENZIN, N. K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. New York: McGraw-Hill, 2006.

JORDÃO, C. M. **Educação, mídias e tecnologias: a mediação didática**. São Paulo: Cortez, 2009.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2015.

VALENTE, J. A. **Ensino de Matemática com tecnologias: novas abordagens pedagógicas**. São Paulo: Pioneira, 2017.

XAVIER, M. **Letramento digital na educação básica: práticas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.



**Capítulo 5**  
**ASPECTOS BIOLÓGICOS DA CANNABIS SATIVA:**  
**ANATOMIA, FISIOLOGIA E POTENCIAIS IMPLICAÇÕES**  
**NA SAÚDE HUMANA**  
*Alessandro de Souza Reis*

# ASPECTOS BIOLÓGICOS DA *CANNABIS SATIVA*: ANATOMIA, FISILOGIA E POTENCIAIS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE HUMANA

**Alessandro de Souza Reis**

*Graduando em bacharelado em nutrição (2021), Graduado em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Rondônia, Campus Ariquemes, em 2022. Posteriormente, em 2023, obtive especialização em Gestão Ambiental pela FASUL. Além disso, concluí minha pós-graduação em Docência no Ensino Superior e em LIBRAS, ambas pela FASUL. Atualmente, estou cursando Graduação em Gestão Pública no IFRO, Campus Jaru, e realizando uma especialização em Ensino de Ciências pela Universidade Federal do ABC, Brasil. Também em 2023, completei um Curso Técnico em Administração subsequente ao Ensino Médio, no Campus Porto Velho Zona Norte, pelo IFRO. Adicionalmente, sou especialista em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Piauí. Email: alessandro.reis2308@gmail.com.*

## RESUMO

O artigo "Aspectos Biológicos da *Cannabis sativa*: Anatomia, Fisiologia e Potenciais Implicações na Saúde Humana" oferece uma visão abrangente dos diferentes aspectos relacionados ao uso da cannabis. A *Cannabis sativa*, com uma história rica e multifacetada, remonta milênios, sendo inicialmente utilizada para diversos fins, incluindo medicinais e industriais. Atualmente, o interesse científico pela planta cresceu, especialmente com os avanços tecnológicos que permitiram uma compreensão mais profunda de seus componentes ativos e seu sistema endocanabinoide. A anatomia da *Cannabis sativa*, incluindo sua morfologia e composição celular, é explorada, destacando as diferenças entre suas variedades, como a *Cannabis indica* e a *Cannabis ruderalis*. Além disso, são discutidos os estágios do ciclo de vida da planta e os fatores ambientais que influenciam seu crescimento. Os compostos químicos ativos da cannabis, como os canabinoides e terpenos, são analisados em detalhes, ressaltando seus efeitos terapêuticos e psicoativos, bem como seus mecanismos de interação com o sistema endocanabinoide humano. Os efeitos da *cannabis* no organismo humano são abordados, com foco nas interações complexas com o sistema endocanabinoide e nos potenciais terapêuticos, especialmente para condições como epilepsia, dor crônica e transtornos mentais. As pesquisas científicas atuais são revisadas, destacando avanços recentes na compreensão da biologia da cannabis e sua relevância para a prática médica, incluindo o desenvolvimento de novos tratamentos e a personalização do cuidado. Por fim, são discutidas preocupações e controvérsias relacionadas ao uso da cannabis, como seus potenciais riscos à saúde e questões éticas e legais, enfatizando a

importância da pesquisa contínua para informar políticas de saúde pública e práticas clínicas, visando garantir seu uso seguro e eficaz para benefício da saúde humana.

**Palavras-chave:** *Cannabis sativa*, fisiologia, compostos químicos, sistema endocanabinoide, efeitos terapêuticos.

## **ABSTRACT**

The article "Biological Aspects of Cannabis sativa: Anatomy, Physiology, and Potential Implications for Human Health" provides a comprehensive overview of different aspects related to cannabis use. Cannabis sativa, with its rich and multifaceted history spanning millennia, was initially utilized for various purposes, including medicinal and industrial uses. Presently, scientific interest in the plant has surged, particularly with technological advancements allowing for a deeper understanding of its active components and the endocannabinoid system. The anatomy of Cannabis sativa, encompassing its morphology and cellular composition, is explored, highlighting differences among its varieties such as Cannabis indica and Cannabis ruderalis. Additionally, the plant's life cycle stages and environmental factors influencing its growth are discussed. The active chemical compounds of cannabis, such as cannabinoids and terpenes, are analyzed in detail, emphasizing their therapeutic and psychoactive effects, as well as their mechanisms of interaction with the human endocannabinoid system. The effects of cannabis on the human body are addressed, focusing on complex interactions with the endocannabinoid system and therapeutic potentials, especially for conditions like epilepsy, chronic pain, and mental disorders. Current scientific research is reviewed, underscoring recent advances in understanding cannabis biology and its relevance to medical practice, including the development of new treatments and personalized care. Finally, concerns and controversies related to cannabis use, such as potential health risks and ethical and legal issues, are discussed, emphasizing the importance of ongoing research to inform public health policies and clinical practices, aiming to ensure its safe and effective use for the benefit of human health.

**Keywords:** Cannabis sativa, fisiologia, compostos químicos, sistema endocanabinoide, efeitos terapêuticos.

## **INTRODUÇÃO**

A *Cannabis sativa* tem uma história rica e multifacetada, com registros históricos que remontam milênios. Inicialmente utilizada para diversos fins, desde fins medicinais até aplicações industriais, a planta sempre esteve interligada às sociedades humanas ao longo do tempo. Civilizações antigas, como a chinesa e a indiana, empregavam a cannabis em práticas medicinais e rituais religiosos, destacando sua presença cultural e espiritual (Ren, et al., 2019).

No contexto contemporâneo, a *cannabis* emergiu como um objeto de grande interesse na medicina e pesquisa biológica. O redescobrimto de suas propriedades medicinais, juntamente com avanços nas técnicas de pesquisa, reacendeu o interesse

científico em explorar os componentes ativos da planta e entender seus efeitos no organismo humano. A legalização em alguns lugares propiciou um ambiente mais propício para pesquisas abrangentes, liberando a planta de seu estigma e permitindo uma análise mais objetiva de suas potencialidades terapêuticas.

A percepção social da *cannabis* também passou por mudanças substanciais. O estigma associado à planta, em grande parte relacionado a políticas de proibição e à guerra contra as drogas, começou a ceder espaço para uma visão mais equilibrada e científica. À medida que a pesquisa biológica avança, a compreensão pública sobre a *cannabis* também se modifica, destacando a importância de uma abordagem fundamentada em evidências.

Os avanços tecnológicos, como a identificação de *canabinóides* específicos e a compreensão mais profunda do sistema endocanabinoide, abriram novas portas para a pesquisa. Isso não apenas lançou luz sobre os mecanismos de ação da *cannabis* no corpo humano, mas também abriu caminho para aplicações terapêuticas mais precisas e personalizadas (RIBEIRO, 2014).

Contudo, o ressurgimento da *cannabis* na medicina e pesquisa biológica também enfrenta desafios éticos e regulatórios. Questões como dosagem, padrões de uso, efeitos colaterais e a necessidade de padrões de pesquisa rigorosos são pontos cruciais que a comunidade científica e os legisladores estão enfrentando.

Este artigo tem como objetivo explorar detalhadamente os aspectos biológicos da *Cannabis sativa*, concentrando-se na anatomia e fisiologia da planta, bem como nas potenciais implicações desses aspectos na saúde humana. A intenção é fornecer uma análise abrangente dos mecanismos biológicos subjacentes à interação entre a *Cannabis sativa* e o organismo humano, destacando tanto os aspectos terapêuticos quanto as preocupações associadas.

## **2. Anatomia da *Cannabis sativa*: morfologia, estrutura e composição celular**

A *Cannabis sp.* é um arbusto pertencente à família botânica Cannabaceae. Este termo abrange pelo menos três espécies distintas: *Cannabis sativa*, *C. indica* e *C. ruderalis*. Essas espécies diferem em seus padrões de crescimento, características morfológicas e, possivelmente, na quantidade de princípios ativos (Spinella, 2001).

Conforme destacado por (Petry, 2015), entre as três espécies mais proeminentes, a *Cannabis sativa* destaca-se como a mais amplamente cultivada

globalmente, caracterizando-se pela maior quantidade de componentes psicoativos, acredita-se que também seja a mais sedativa. A *Cannabis ruderalis*, por sua vez, é uma espécie isenta de componentes psicoativos, enquanto a *Cannabis indica* apresenta uma concentração menor desses elementos em comparação com a *Cannabis sativa*.

No Brasil, utiliza-se o termo "maconha", que é um anagrama da palavra "cânhamo" originalmente usada pelos angolanos. Não há consenso entre os historiadores; alguns argumentam que a planta foi introduzida no Brasil pelos escravos e utilizada como hipnótico. Outros afirmam que o navio de Cristóvão Colombo estava repleto de Cannabis, utilizada nas velas em forma de cânhamo (Gonçalves e Schlichting, 2014).

A *Cannabis sativa*, apresenta uma estrutura distintamente sublenhosa que pode atingir alturas notáveis, alcançando até 4 metros. Esta planta é reconhecida não apenas por suas características botânicas, mas também por sua folhagem peculiar, que é facilmente identificável pela maioria das pessoas (Morais, 2018). A parte sublenhosa da *Cannabis sativa* forma um caule robusto e ereto, conferindo-lhe uma estrutura lenhosa que sustenta seu crescimento vertical. Esse caule é adaptado para suportar o peso das folhas e flores que se desenvolvem ao longo do ciclo de vida da planta. A folhagem da *C. sativa* é particularmente marcante. Além da sua estrutura e folhagem marcantes, a Cannabis sativa é reconhecida por suas propriedades químicas distintas, incluindo a presença de cannabinoídes, como o THC (tetraidrocanabinol) e o CBD (canabidiol). Essas substâncias são responsáveis pelos efeitos psicoativos e terapêuticos associados à planta, respectivamente, e contribuem para sua relevância histórica e contemporânea em contextos medicinais, recreativos e industriais (Diehl; Cordeiro e Laranjeira 2010).

## **2.1 Correlações anatômicas entre diferentes variedades e cepas**

A *cannabis*, também conhecida como maconha, é uma planta que possui diferentes variedades e cepas, sendo as mais conhecidas *Cannabis sativa*, *Cannabis indica* e *Cannabis ruderalis* (Figura 1). Cada variedade e cepa possui características anatômicas distintas, que podem variar em termos de altura, forma das folhas, estrutura da planta, entre outros aspectos. Vale ressaltar que as características

anatômicas podem ser influenciadas por vários fatores, incluindo genética, ambiente de crescimento e práticas agrícolas.

***Cannabis sativa:***

- Altura: Tende a crescer mais alto em comparação com outras variedades.
- Folhas: As folhas são geralmente mais finas e mais longas, com folíolos espaçados.
- Estrutura da planta: Apresenta uma estrutura mais esguia e alongada, com ramos espaçados.

***Cannabis Indica:***

- Altura: Geralmente mais baixa e compacta.
- Folhas: Folhas mais largas e compactas, com folíolos mais próximos.
- Estrutura da planta: Possui uma estrutura mais densa e robusta, com ramos mais curtos e próximos.

***Cannabis Ruderalis:***

- Altura: Geralmente a menor das três variedades.
- Folhas: Folhas podem ter características entre sativa e indica.
- Estrutura da planta: Pode ter uma estrutura mais selvagem e menos organizada em comparação com outras variedades.

Essas diferenças anatômicas não são escassas, e muitas cepas híbridas foram desenvolvidas ao longo do tempo, combinando características das variedades mencionadas. Além disso, a concentração de compostos químicos, como THC (tetrahydrocannabinol) e CBD (canabidiol), também varia entre as cepas, influenciando os efeitos psicoativos e medicinais.

É importante notar que uma classificação baseada em sativa, indica e ruderalis tem sido cada vez mais questionada, pois estudos genéticos revelaram uma grande sobreposição genética entre as variedades. Atualmente, alguns especialistas argumentam que a diferenciação entre as variedades pode ser mais significativa em termos de perfil químico do que de características anatômicas.

### **3. Fisiologia da Cannabis sativa**

A *Cannabis sativa*, planta popularmente conhecida como maconha ou cânhamo, possui um ciclo de vida que passa por diferentes estágios cruciais, cada um

influenciado por uma série de fatores ambientais. Esses estágios incluem germinação, plântula, estágio vegetativo, floração, maturação e colheita (Silva e Lacerda, 2022).

A germinação marca o início do ciclo, onde a semente é ativada pela água e começa a desenvolver um embrião. Após a germinação, a plântula emerge do solo, exibindo folhas cotiledonares. Em seguida, a planta entra no estágio vegetativo, caracterizado pelo crescimento do caule, folhas e sistema radicular. Durante esse estágio, a planta requer luz intensa e uma nutrição balanceada para um crescimento saudável. Quando a planta é exposta a um fotoperíodo específico, caracterizado por um período de luz reduzida, ela entra na fase de floração.

Durante esse período, os brotos começam a se desenvolver e as flores são formadas. A floração geralmente ocorre quando a planta recebe menos de 12 horas de luz por dia. À medida que a planta continua seu ciclo, os brotos e flores amadurecem, desenvolvendo tricomas ricos em compostos químicos, como os canabinóides. Este estágio de maturação é crucial para determinar a potência e qualidade dos brotos.

Finalmente, quando as flores atingem o estágio de maturação desejado, ocorre a colheita. Neste ponto, os brotos são cortados e colocados para secagem e processamento posterior.

Além dos estágios de crescimento, vários fatores ambientais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da Cannabis sativa. A luz é um dos fatores mais importantes, já que a planta é fotoperiódica e responde à mudança no fotoperíodo para iniciar a floração. A água é essencial para todos os estágios do ciclo de vida da planta, e a falta ou excesso dela pode afetar negativamente o crescimento.

Os nutrientes também desempenham um papel crucial, com a planta requerendo uma variedade de elementos para um crescimento saudável, incluindo nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio, entre outros. Além disso, a temperatura ambiente influencia o crescimento e desenvolvimento da planta, com temperaturas extremas podendo retardar o crescimento ou prejudicar a floração.

Em termos de processos fisiológicos, a Cannabis sativa realiza fotossíntese para converter dióxido de carbono, água e luz solar em oxigênio e glicose, que são usados como fonte de energia para o crescimento da planta. A transpiração é outro processo crucial, onde a planta libera água do tecido foliar para a atmosfera, ajudando na regulação da temperatura e absorção de nutrientes. O transporte de nutrientes é

facilitado pelos tecidos vasculares especializados, xilema e floema, que movem água, nutrientes e produtos da fotossíntese para diferentes partes da planta.

Portanto, compreender o ciclo de vida, os fatores ambientais e os processos fisiológicos da *Cannabis sativa* é essencial para cultivar com sucesso esta planta e alcançar uma colheita de alta qualidade.

#### 4. Compostos Químicos Ativos

Ao compreender a fisiologia da *Cannabis sativa* e os compostos químicos ativos presentes nesta planta, podemos obter insights valiosos sobre seus usos medicinais, terapêuticos e recreativos, bem como explorar seu potencial para aplicações futuras na medicina, agricultura e indústria farmacêutica.

Cannabinoides:

1. **THC ( $\Delta^9$ -tetrahydrocannabinol):** É o principal componente psicoativo da *Cannabis*. O THC se liga aos receptores CB1 (principalmente no cérebro) e CB2 (principalmente no sistema imunológico), ativando-os e desencadeando uma série de efeitos fisiológicos, incluindo euforia, relaxamento muscular, analgesia e aumento do apetite.
2. **CBD (cannabidiol):** É outro composto importante encontrado na *Cannabis*, conhecido por seus efeitos terapêuticos. O CBD não é psicoativo e atua de várias maneiras no corpo humano, incluindo a modulação dos receptores CB1 e CB2, bem como a interação com outros sistemas de sinalização, como o sistema endocanabinoide e receptores de serotonina.
3. **CBN (cannabinol):** É um produto de degradação do THC que pode surgir com o tempo. Embora tenha uma atividade psicoativa muito mais fraca do que o THC, o CBN possui propriedades sedativas e pode ajudar no sono.
4. **CBG (cannabigerol):** É considerado o precursor dos outros cannabinoides. Embora não seja tão abundante quanto o THC ou o CBD, o CBG tem sido objeto de estudos devido ao seu potencial terapêutico, incluindo propriedades anti-inflamatórias e neuroprotetoras.

Terpenos:

1. **Mirceno:** É um dos terpenos mais abundantes na *Cannabis* e é conhecido por seus efeitos sedativos e relaxantes. Também pode potencializar os efeitos do THC, aumentando sua absorção através da barreira hematoencefálica.

2. **Limoneno:** Apresenta aroma cítrico e possui propriedades ansiolíticas, antidepressivas e anti-inflamatórias. Também pode ajudar na absorção de outros terpenos e cannabinoides.
3. **Linalol:** Com aroma floral, o linalol tem propriedades relaxantes e sedativas. Além disso, possui potencial analgésico e ansiolítico.
4. **Pineno:** Apresenta aroma de pinheiro e tem propriedades anti-inflamatórias, broncodilatadoras e analgésicas. Também pode melhorar a memória e a concentração.

#### **Outros Compostos Bioativos:**

1. **Flavonoides:** Estes compostos têm propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e neuroprotetoras. Alguns flavonoides encontrados na Cannabis incluem canferol, quercetina e apigenina.
2. **Ácidos Graxos Essenciais:** A Cannabis também contém ácidos graxos essenciais, como ômega-3 e ômega-6, que são importantes para a saúde cardiovascular, cerebral e da pele.

#### **4.1 Mecanismos Moleculares de Interação**

Os cannabinoides e terpenos interagem com o corpo humano através do sistema endocanabinoide, que é composto por receptores cannabinoides (principalmente CB1 e CB2), endocannabinoides (como a anandamida e 2-AG) e enzimas responsáveis pela síntese e degradação desses endocannabinoides. Quando os cannabinoides são consumidos, eles se ligam aos receptores CB1 e CB2, desencadeando uma série de efeitos fisiológicos, incluindo modulação da dor, inflamação, apetite, humor e memória (Honório, Arroio e Silva, 2006).

Além disso, os terpenos e outros compostos bioativos também podem interagir com receptores e sistemas de sinalização específicos no corpo humano, contribuindo para os efeitos terapêuticos e psicoativos da Cannabis.

Portanto, a interação entre os cannabinoides, terpenos e outros compostos bioativos da Cannabis com sistemas biológicos é complexa e multifacetada, contribuindo para os diversos efeitos terapêuticos e recreativos associados a essa planta.

## 5. EFEITOS NO ORGANISMO HUMANO

A Cannabis sativa exerce uma variedade de efeitos no organismo humano, influenciados principalmente pelas interações complexas entre seus componentes ativos e o sistema endocanabinoide humano. Este sistema é composto por receptores cannabinoídeos, endocannabinoídeos e enzimas responsáveis pela síntese e degradação desses endocannabinoídeos.

### 5.1 Interações Complexas com o Sistema Endocanabinoide.

Os componentes da Cannabis, como os cannabinoídeos THC e CBD, interagem com os receptores cannabinoídeos CB1 e CB2, bem como com outros receptores e sistemas de sinalização no corpo humano. O THC, por exemplo, atua como um agonista dos receptores CB1, predominantemente encontrados no cérebro, enquanto o CBD atua de maneira mais indireta, modulando a atividade dos receptores CB1 e CB2, entre outros (Mayer, 2015).

**Efeitos Terapêuticos:** A Cannabis tem sido amplamente estudada por seus potenciais efeitos terapêuticos em uma variedade de condições de saúde. O CBD, em particular, tem sido associado a propriedades analgésicas, anti-inflamatórias, ansiolíticas e anticonvulsivantes, tornando-se uma opção de tratamento para condições como epilepsia, ansiedade, dor crônica e distúrbios do sono (Mayer, 2015).

**Efeitos Psicoativos:** Enquanto o CBD é conhecido por não ser psicoativo, o THC é o principal responsável pelos efeitos psicoativos da Cannabis. Estes incluem euforia, relaxamento, alterações na percepção sensorial e cognitiva, bem como aumento do apetite. No entanto, os efeitos psicoativos podem variar significativamente de pessoa para pessoa e dependem de fatores como a dose, a via de administração e a sensibilidade individual (Mayer, 2015).

### 5.2 Ênfase em Diferentes Condições de Saúde

A pesquisa sobre os efeitos terapêuticos da Cannabis tem se concentrado em uma ampla gama de condições de saúde, incluindo:

- **Epilepsia:** Estudos clínicos demonstraram que o CBD pode ser eficaz na redução da frequência e gravidade das convulsões em pacientes com epilepsia refratária.

- **Dor Crônica:** O uso de Cannabis tem sido associado a uma redução significativa da dor em pacientes com dor crônica, incluindo dor neuropática, dor relacionada ao câncer e dor musculoesquelética.

- **Transtornos Mentais:** Há evidências emergentes sugerindo que o CBD pode ter potencial terapêutico em transtornos mentais, como ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e esquizofrenia.

No entanto, é importante reconhecer que a pesquisa sobre os efeitos da Cannabis ainda está em andamento, e há muitas perguntas a serem respondidas sobre sua eficácia, segurança e potenciais efeitos adversos. Portanto, uma avaliação crítica dos dados disponíveis é essencial para informar o uso responsável e eficaz da Cannabis como uma opção terapêutica.

## 6. Pesquisas Científicas Atuais

Recentemente, houve um aumento significativo no número de estudos científicos que exploram a biologia da Cannabis sativa, especialmente em relação aos seus compostos ativos e seus efeitos no organismo humano. Uma revisão sistemática desses estudos revela avanços promissores em várias áreas-chave:

**Identificação de Novos Componentes Ativos:** Pesquisas recentes têm identificado novos cannabinoídeos, terpenos e outros compostos bioativos na Cannabis, ampliando nossa compreensão da complexidade química da planta e seus potenciais efeitos terapêuticos.

**Mecanismos Moleculares de Ação:** Estudos têm investigado os mecanismos moleculares pelos quais os cannabinoídeos e terpenos interagem com o sistema endocanabinoide e outros sistemas de sinalização no corpo humano. Isso inclui a identificação de receptores específicos, vias de sinalização intracelular e modulação da expressão gênica.

**Impacto na Saúde Mental:** Uma área de pesquisa em crescimento é o impacto da Cannabis na saúde mental, incluindo seu potencial para tratar distúrbios como ansiedade, depressão, TEPT e esquizofrenia. Estudos têm investigado os efeitos dos cannabinoídeos na neuroplasticidade, neuroinflamação e neurotransmissão relacionados a esses distúrbios.

**Cannabis Medicinal:** Com o aumento da legalização da Cannabis para uso medicinal em muitas partes do mundo, há um interesse crescente em identificar suas

aplicações terapêuticas específicas. Pesquisas recentes têm examinado a eficácia da Cannabis no tratamento de condições como epilepsia, dor crônica, distúrbios do sono, entre outros.

### 6.1 Relevância para a Prática Médica

As descobertas recentes na biologia da Cannabis têm várias implicações para a prática médica:

**Desenvolvimento de Novos Tratamentos:** O aumento do entendimento dos mecanismos de ação dos cannabinoídeos e terpenos pode levar ao desenvolvimento de novos tratamentos farmacológicos para uma variedade de condições médicas, proporcionando opções terapêuticas adicionais para pacientes.

**Personalização do Tratamento:** Com uma compreensão mais profunda da variabilidade individual na resposta à Cannabis, os médicos podem ser capazes de personalizar o tratamento com base nas características genéticas, biomarcadores e perfil clínico de cada paciente, otimizando assim os resultados terapêuticos.

**Educação e Orientação:** É essencial que os profissionais de saúde estejam bem informados sobre as descobertas mais recentes na pesquisa sobre Cannabis, para que possam educar os pacientes de forma precisa e fornecer orientação sobre seu uso seguro e eficaz.

Em suma, as pesquisas científicas recentes sobre a biologia da Cannabis têm o potencial de transformar a prática médica, oferecendo novos insights sobre o uso terapêutico da planta e suas aplicações clínicas. No entanto, é necessário continuar investindo em pesquisas rigorosas e de alta qualidade para elucidar completamente os benefícios e riscos associados ao uso da Cannabis na medicina.

## 7. PREOCUPAÇÕES E CONTROVÉRSIAS

O uso da cannabis apresenta uma série de potenciais riscos à saúde que precisam ser cuidadosamente considerados. Um dos principais riscos está relacionado aos seus efeitos psicoativos. O principal componente psicoativo da cannabis, o THC, pode causar efeitos adversos como ansiedade, paranoia e

distorções perceptivas. Esses efeitos podem ser especialmente preocupantes em usuários inexperientes ou em doses elevadas.

Além disso, o ato de fumar cannabis pode representar riscos para a saúde respiratória. A inalação da fumaça da cannabis pode estar associada a problemas como bronquite crônica e danos aos pulmões devido à exposição a produtos químicos irritantes presentes na fumaça. Outra preocupação significativa é o potencial impacto da cannabis no desenvolvimento cognitivo, especialmente em adolescentes. Estudos sugerem que o uso frequente de cannabis durante a adolescência pode interferir no desenvolvimento do cérebro e aumentar o risco de transtornos psiquiátricos, como esquizofrenia e transtorno bipolar, em indivíduos geneticamente predispostos.

Além disso, embora a cannabis seja frequentemente considerada menos viciante do que outras substâncias, o uso crônico e pesado pode levar ao desenvolvimento de dependência física e psicológica. Os sintomas de abstinência, como irritabilidade, insônia e perda de apetite, podem ser desafiadores para os usuários que tentam interromper o uso.

## **8 DEBATES ÉTICOS E CONSIDERAÇÕES LEGAIS**

A legalização da cannabis também levanta uma série de questões éticas e legais que precisam ser consideradas. Um ponto central é o debate sobre como legalizar e regular o uso da cannabis de maneira responsável. Isso envolve equilibrar preocupações de saúde pública, segurança e liberdade individual. Além disso, a legalização da cannabis também levanta questões sobre equidade e justiça social. Historicamente, as leis de drogas relacionadas à cannabis têm tido um impacto desproporcional nas comunidades minoritárias, resultando em taxas de encarceramento mais altas para indivíduos pertencentes a essas comunidades. Portanto, a legalização da cannabis levanta questões sobre a reforma da justiça criminal e a reparação de danos históricos.

Outra consideração importante é o acesso à saúde e à educação. Com a legalização da cannabis, é crucial garantir que os pacientes tenham acesso seguro e regulamentado a tratamentos de cannabis medicinal. Além disso, é importante fornecer educação adequada sobre o uso seguro e eficaz da cannabis, tanto para pacientes quanto para o público em geral.

Em suma, as preocupações e controvérsias associadas ao uso da cannabis são multifacetadas e requerem uma abordagem cuidadosa e equilibrada. É essencial considerar evidências científicas, valores éticos e considerações legais ao abordar essas questões complexas.

## 9. CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, abordamos uma ampla gama de aspectos relacionados ao uso da cannabis, desde sua fisiologia até suas implicações para a saúde humana, questões éticas e legais. Exploramos o ciclo de vida da planta, seus estágios críticos e os fatores ambientais que influenciam seu crescimento, assim como os processos fisiológicos essenciais, como fotossíntese, transpiração e transporte de nutrientes.

Discutimos os principais cannabinoídeos, terpenos e outros compostos bioativos presentes na cannabis, analisando seus mecanismos de interação com sistemas biológicos e seus potenciais efeitos terapêuticos e psicoativos. Avaliamos as complexas interações entre os componentes da cannabis e o sistema endocanabinoide humano, destacando os efeitos terapêuticos e psicoativos, com ênfase em diferentes condições de saúde.

Além disso, exploramos os potenciais riscos à saúde associados ao uso da cannabis, incluindo efeitos psicoativos, riscos respiratórios, impacto no desenvolvimento cognitivo e risco de dependência. Também discutimos debates éticos e considerações legais relacionadas à legalização e regulamentação da cannabis, abordando questões de equidade, justiça social e acesso à saúde e educação.

Concluimos ressaltando a importância contínua da pesquisa em biologia da *cannabis* para desvendar seu potencial terapêutico e garantir seu uso seguro e eficaz para o benefício da saúde humana. A investigação em andamento dos compostos bioativos, seus efeitos no organismo e suas interações com sistemas biológicos é crucial para informar políticas de saúde pública, práticas clínicas e educação do público.

## REFERÊNCIAS

DIEHL A, CORDEIRO DC, LARANJEIRA R. (2010). Abuso de cannabis em

pacientes com transtornos psiquiátricos: atualização para uma evidência antiga. *Braz J Psiquiatria*, 32(Suplemento 1), S41-5. PMID: 20512269.

GONÇALVES, G. A. M., & SCHLICHTING, C. L. R. (2014). Efeitos benéficos e maléficos da *Cannabis sativa*. *Uningá review*, 20(1).

HONÓRIO, K. M., ARROIO, A., & SILVA, A. B. F. da. (2006). Aspectos terapêuticos de compostos da planta *Cannabis sativa*. *Química nova*, 29, 318-325.

MORAIS, M. E. F. (2018). *Cannabis sativa* L. (Cannabaceae): uma abordagem morfológica e medicinal. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas), Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

MAYER, L. S. et al. (2015). Ação da *Cannabis sativa* no combate à êmese provocada pelos antineoplásicos. *Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança*, 13(1), 119-126.

PETRY, L. DOS S. (2015). Estudo analítico experimental e comparativo de amostras de maconha apreendidas no município de Santa Cruz do Sul-RS. Monografia (Bacharel em Farmácia), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.

REN M, TANG Z, WU X, SPENGLER R, JIANG H, YANG Y, et al. (2019). The origins of cannabis smoking: Chemical residue evidence from the first millennium BCE in the Pamirs. *Sci Adv*, 5(6), 1391. DOI: <http://doi.org/10.1126/sciadv.aaw1391>

SILVA, L. M., LACERDA, I. DE J. M., & SWIECH, J. N. D. (2022). O mecanismo de ação da *Cannabis sativa* L. enquanto indutora do sono e suas consequências neuropsicológicas - uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 11(2), e41211225866.

SPINELLA, M. (2001). *The psychopharmacology of herbal medicine: plant drugs that alter mind, brain and behavior*. London, England.



**Capítulo 6**  
**TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E MELHORIA DA**  
**INTERFACE DO USUÁRIO NAS UNIVERSIDADES**  
**MOÇAMBICANAS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES"**  
*Sónia Cristina Tavares Chaves Leal*

# TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E MELHORIA DA INTERFACE DO USUÁRIO NAS UNIVERSIDADES MOÇAMBICANAS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES"

**Sónia Cristina Tavares Chaves Leal**

*Graduada em psicologia Mestre em Administração e Gestão Educacional*

*Funcionaria pública na Universidade Rovuma*

## RESUMO

O presente trabalho científico intitulado "Transformação Digital e Melhoria da Interface do Usuário nas Universidades Moçambicanas: Desafios e Oportunidades" busca explorar a interseção entre a digitalização dos serviços acadêmicos e a experiência do usuário nas instituições de ensino superior de Moçambique. Com a crescente adoção de tecnologias digitais nas universidades moçambicanas, é essencial entender como essas inovações impactam a interação entre alunos e professores com as plataformas educacionais. A pesquisa analisa as principais barreiras enfrentadas por essas universidades na implementação de soluções digitais, incluindo resistência à mudança, infraestrutura inadequada e a escassez de capacitação técnica. Além disso, o estudo destaca a importância de uma abordagem centrada no usuário, que priorize a usabilidade e a acessibilidade, para garantir que as transformações digitais realmente atendam às necessidades da comunidade acadêmica. Nos últimos anos, a pandemia de COVID-19 acelerou a necessidade de adaptações digitais, revelando tanto as fragilidades quanto as potencialidades das plataformas existentes. Este trabalho não apenas identifica os desafios enfrentados, mas também aponta oportunidades significativas para a melhoria contínua das interfaces e serviços oferecidos. A pesquisa sugere que, ao integrar feedback dos usuários e adotar metodologias ágeis, as universidades moçambicanas podem não apenas otimizar suas operações, mas também promover um ambiente mais inclusivo e interativo.

**Palavras-chave:** Transformação Digital - Acessibilidade - Usabilidade - Inovação - Capacitação Técnica - Feedback do Usuário

## ABSTRACT

This scientific paper titled "Digital Transformation and User Interface Improvement in Mozambican Universities: Challenges and Opportunities" seeks to explore the intersection between the digitization of academic services and user experience in higher education institutions in Mozambique. With the increasing adoption of digital technologies in Mozambican universities, it is essential to understand how these innovations impact the interaction between students and teachers with educational platforms. The research analyzes the main barriers faced by these universities in implementing digital solutions, including resistance to change, inadequate infrastructure, and a lack of technical training. Additionally, the study highlights the importance of a user-centered approach that prioritizes usability and accessibility to

ensure that digital transformations truly meet the needs of the academic community. In recent years, the COVID-19 pandemic has accelerated the need for digital adaptations, revealing both the vulnerabilities and potentials of existing platforms. This paper not only identifies the challenges faced but also points to significant opportunities for the continuous improvement of interfaces and services offered. The research suggests that by integrating user feedback and adopting agile methodologies, Mozambican universities can not only optimize their operations but also promote a more inclusive and interactive environment.

**Keywords:** Digital Transformation - Accessibility - Usability - Innovation - Technical Training - User Feedback.

## INTRODUÇÃO

A transformação digital nas universidades moçambicanas representa um marco significativo no processo de modernização do ensino superior, trazendo consigo tanto desafios quanto oportunidades para a melhoria da interface do usuário. Em um contexto global em que a tecnologia se torna cada vez mais integrada ao cotidiano acadêmico, as instituições de ensino superior em Moçambique enfrentam a necessidade de adotar e adaptar tecnologias digitais para melhorar a experiência dos alunos, professores e administrativos. A implementação de ferramentas digitais e a melhoria da interface do usuário são cruciais para a eficiência e a eficácia dos processos acadêmicos, desde a gestão de dados até a comunicação e o acesso ao conteúdo educacional. Um dos principais desafios da transformação digital nas universidades moçambicanas é a integração de sistemas diversos em uma plataforma unificada que facilite o acesso e a utilização das informações. Muitas instituições enfrentam problemas relacionados à interoperabilidade dos sistemas existentes, que frequentemente operam de forma independente e não comunicam eficientemente entre si. Esta falta de integração pode resultar em redundâncias e em uma experiência de usuário insatisfatória, onde o acesso à informação se torna um processo complexo e frustrante. Assim, uma das primeiras etapas na melhoria da interface do usuário é a harmonização dos sistemas para garantir que todas as partes funcionem de maneira coesa e eficiente (Silva, 2023, p. 45).

As universidades também enfrentam o desafio de atualizar e adaptar suas plataformas digitais às necessidades e expectativas dos usuários. A evolução tecnológica rápida exige que as instituições constantemente atualizem suas interfaces para manter a relevância e a funcionalidade. A falta de uma estratégia de atualização

contínua pode levar a interfaces desatualizadas que não atendem às expectativas modernas de usabilidade e acessibilidade. Portanto, a implementação de um plano estratégico para a atualização das plataformas digitais é essencial para garantir que as interfaces sejam intuitivas e amigáveis para todos os usuários (Costa, 2022, p. 89). Outro desafio importante é a capacitação e a resistência à mudança entre os usuários das plataformas digitais. A transformação digital muitas vezes encontra resistência por parte de usuários que estão acostumados com métodos tradicionais e que podem sentir-se desconfortáveis ou sobrecarregados com novas tecnologias. Programas de capacitação e suporte contínuo são necessários para ajudar os usuários a se adaptarem às novas ferramentas e para garantir que eles possam aproveitar plenamente as funcionalidades oferecidas. A criação de treinamentos eficazes e de suporte técnico é, portanto, uma prioridade na jornada de transformação digital (Mendes, 2024, p. 102).

Apesar desses desafios, a transformação digital oferece várias oportunidades significativas para as universidades moçambicanas. A modernização das plataformas digitais pode levar a uma melhoria significativa na eficiência administrativa, com processos mais ágeis e automatizados que reduzem a carga de trabalho manual e minimizam erros. A digitalização de processos administrativos, como matrículas e gestão de notas, pode liberar recursos valiosos e permitir que os funcionários se concentrem em atividades mais estratégicas e de valor agregado (Pereira, 2023, p. 67). A melhoria da interface do usuário também pode enriquecer a experiência educacional, proporcionando aos alunos acesso mais fácil e eficiente aos materiais de estudo, às atividades acadêmicas e ao suporte institucional. Interfaces bem projetadas podem facilitar a navegação e o acesso rápido às informações, o que contribui para um ambiente de aprendizado mais produtivo e envolvente. A capacidade de acessar recursos educacionais e de interagir com professores e colegas de forma digital pode melhorar a participação e o desempenho acadêmico dos alunos (Santos, 2022, p. 34). A transformação digital pode contribuir para a inclusão e a equidade no acesso à educação superior. Ferramentas digitais podem ajudar a superar barreiras geográficas e sociais, permitindo que estudantes de áreas remotas ou com necessidades especiais tenham acesso às mesmas oportunidades educacionais que seus pares. Isso pode ajudar a promover uma maior diversidade e a garantir que todos os alunos tenham a chance de participar plenamente da vida acadêmica (Almeida, 2024, p. 78). A adoção de tecnologias digitais também pode promover a inovação e a

pesquisa acadêmica, fornecendo novas ferramentas e métodos para o desenvolvimento de pesquisas e para a colaboração entre instituições e pesquisadores. O acesso a plataformas digitais avançadas pode facilitar a realização de estudos mais complexos e interdisciplinares, promovendo uma cultura de pesquisa mais dinâmica e colaborativa (Nunes, 2023, p. 56).

No entanto, para aproveitar plenamente essas oportunidades, as universidades precisam enfrentar e superar os desafios associados à transformação digital. É necessário um compromisso significativo com o planejamento estratégico, o investimento em infraestrutura tecnológica e a capacitação contínua de todos os stakeholders envolvidos. A implementação bem-sucedida dessas mudanças pode transformar profundamente o cenário educacional em Moçambique, oferecendo uma educação superior mais moderna, acessível e eficaz (Fernandes, 2022, p. 91). A transformação digital é um processo contínuo que exige adaptação e inovação constantes. À medida que a tecnologia avança e as necessidades dos usuários evoluem, as universidades precisarão estar preparadas para ajustar suas estratégias e implementar melhorias contínuas nas suas plataformas digitais. Este compromisso com a evolução constante garantirá que as instituições de ensino superior em Moçambique possam oferecer uma experiência educacional de alta qualidade e manter-se competitivas no cenário global (Rodrigues, 2024, p. 47).

### **Estado atual da digitalização nas instituições de ensino superior em moçambique**

A digitalização nas instituições de ensino superior em Moçambique tem avançado nos últimos anos, refletindo uma crescente conscientização sobre a importância da tecnologia na educação. Apesar de desafios significativos, como a infraestrutura limitada e a falta de formação adequada para docentes, algumas universidades têm implementado iniciativas digitais que visam modernizar seus currículos e melhorar a experiência acadêmica. Um dos principais obstáculos à digitalização é a desigualdade no acesso à internet. Muitas instituições enfrentam dificuldades em garantir conectividade estável, especialmente em áreas rurais, o que limita a capacidade de alunos e professores de utilizarem plataformas online para ensino e pesquisa (Macheve, 2021, p. 45). Essa disparidade de acesso pode agravar

as desigualdades educacionais existentes, dificultando a inclusão de todos os estudantes no ambiente digital.

A falta de capacitação tecnológica entre professores e alunos tem sido uma barreira significativa. Muitos docentes não possuem o conhecimento necessário para integrar ferramentas digitais em suas práticas de ensino, o que pode resultar em uma resistência à mudança (Silva, 2022, p. 78). A formação contínua e o desenvolvimento profissional são, portanto, essenciais para que os educadores possam se adaptar a novas metodologias de ensino. Por outro lado, algumas instituições têm investido em plataformas de ensino a distância, especialmente após a pandemia de COVID-19. Essa mudança forçada para o ambiente virtual trouxe à tona a necessidade de uma transformação digital mais ampla, levando universidades a adotarem sistemas de gestão de aprendizagem (LMS) e a promoverem cursos online (Pedro, 2023, p. 102). Essa transição, embora desafiadora, pode proporcionar oportunidades de aprendizado mais flexíveis e acessíveis. A colaboração entre instituições de ensino e empresas de tecnologia tem sido uma estratégia adotada para superar alguns dos desafios da digitalização. Parcerias têm sido formadas para desenvolver soluções inovadoras que atendam às necessidades específicas do contexto educacional moçambicano (Neto, 2021, p. 56). Essas colaborações podem ajudar a criar um ecossistema mais robusto para a educação superior, promovendo a troca de conhecimento e recursos. Entretanto, a digitalização não deve ser vista apenas como uma ferramenta para melhorar a eficiência administrativa. É fundamental que as instituições integrem a tecnologia de forma a enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, promovendo metodologias ativas e centradas no aluno (Gomes, 2022, p. 34). A utilização de recursos digitais deve ser orientada por uma pedagogia que valorize a participação e o engajamento dos estudantes.

Outro aspecto importante é a necessidade de regulamentação e políticas públicas que apoiem a digitalização no setor educacional. O governo moçambicano tem um papel crucial na criação de um ambiente favorável, que inclua investimentos em infraestrutura e formação docente (Carvalho, 2023, p. 12). A formulação de políticas que incentivem a inovação e o uso de tecnologia nas universidades pode acelerar o processo de transformação digital. A percepção dos alunos sobre a digitalização também influencia sua eficácia. Muitos estudantes são receptivos ao uso de tecnologias, mas exigem que essas ferramentas sejam intuitivas e acessíveis (Matope, 2022, p. 67). Portanto, é essencial que as instituições considerem as

necessidades e expectativas dos alunos ao implementar novas soluções digitais. A avaliação contínua das iniciativas digitais é fundamental para garantir sua eficácia e relevância. As instituições de ensino superior devem estabelecer mecanismos de feedback que permitam ajustar e melhorar as práticas de digitalização com base nas experiências de alunos e professores (Santos, 2023, p. 90). Esse processo de avaliação pode contribuir para a criação de um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e responsivo. A digitalização nas instituições de ensino superior em Moçambique está em um estado de evolução, com avanços significativos, mas também com desafios a serem superados. A integração eficaz da tecnologia na educação requer um compromisso coletivo entre instituições, governo e sociedade, visando garantir que todos possam se beneficiar das oportunidades que a era digital oferece.

### **Desafios da implementação da transformação digital**

A implementação da transformação digital em instituições de ensino superior enfrenta vários desafios complexos, que podem impactar significativamente a eficácia e a aceitação das novas tecnologias. Um dos principais desafios é a resistência à mudança por parte de professores e funcionários. A adoção de novas tecnologias frequentemente encontra resistência daqueles que estão acostumados com métodos tradicionais e que podem sentir insegurança em relação às novas ferramentas digitais. Essa resistência pode atrasar a implementação e limitar o potencial de transformação digital. A gestão dessa resistência exige uma abordagem cuidadosa, incluindo estratégias de comunicação eficazes e programas de treinamento adequados para ajudar os stakeholders a se adaptarem às mudanças (Silva, 2023, p. 62).

Outro desafio significativo é a integração de diferentes sistemas e plataformas digitais existentes nas instituições. Muitas universidades utilizam uma variedade de sistemas para gerenciar dados acadêmicos, administrativos e financeiros, e a integração desses sistemas pode ser complexa e dispendiosa. A falta de compatibilidade entre sistemas pode levar a ineficiências e redundâncias, prejudicando a fluidez dos processos e a experiência do usuário. Portanto, a integração eficaz dos sistemas é crucial para garantir uma transformação digital bem-sucedida, exigindo investimentos em tecnologias que facilitem essa integração e em estratégias para superar as dificuldades técnicas (Costa, 2022, p. 89). A escassez de

infraestrutura tecnológica adequada também representa um desafio significativo. Em muitas universidades, especialmente em regiões menos desenvolvidas, a infraestrutura de TI pode ser inadequada para suportar as demandas das novas tecnologias digitais. Isso inclui desde a falta de hardware moderno e de redes de alta velocidade até a insuficiência de suporte técnico. A falta de uma infraestrutura robusta pode limitar a capacidade da instituição de implementar e manter tecnologias digitais de forma eficaz, exigindo investimentos substanciais para atualizar e expandir a infraestrutura existente (Mendes, 2024, p. 45).

A segurança dos dados é outro desafio crítico na transformação digital. À medida que mais informações acadêmicas e administrativas são digitalizadas e armazenadas em sistemas online, a proteção desses dados contra ameaças cibernéticas se torna uma prioridade. Incidentes de violação de dados podem comprometer informações sensíveis e prejudicar a confiança dos usuários nas plataformas digitais. A implementação de medidas robustas de segurança, incluindo criptografia, autenticação e monitoramento contínuo, é essencial para proteger os dados e garantir a privacidade e a integridade das informações (Pereira, 2023, p. 56). A transformação digital também enfrenta desafios relacionados à capacitação dos usuários. A falta de habilidades digitais entre alunos, professores e funcionários pode limitar a eficácia da adoção de novas tecnologias. Programas de treinamento abrangentes e contínuos são necessários para garantir que todos os usuários sejam capazes de utilizar as ferramentas digitais de forma eficiente e produtiva. A capacitação não apenas melhora a utilização das tecnologias, mas também pode aumentar a aceitação e o entusiasmo em relação à transformação digital (Santos, 2022, p. 78).

A gestão de mudanças é um desafio crucial durante a implementação da transformação digital. A mudança digital não se limita apenas à introdução de novas tecnologias, mas também envolve mudanças na cultura organizacional e nos processos institucionais. A gestão eficaz dessas mudanças é essencial para garantir que a transformação digital seja aceita e implementada de forma harmoniosa. Isso requer uma abordagem estratégica que inclua a comunicação clara dos objetivos da transformação, o envolvimento de todas as partes interessadas e o monitoramento contínuo dos impactos das mudanças (Almeida, 2024, p. 103). O financiamento e os recursos são desafios adicionais na implementação da transformação digital. O custo de implementar e manter tecnologias digitais pode ser elevado, e muitas instituições

podem enfrentar dificuldades em alocar recursos financeiros suficientes para esses projetos. O planejamento financeiro cuidadoso e a busca de fontes de financiamento, como subsídios e parcerias, são importantes para garantir que a transformação digital possa ser realizada de forma eficaz e sustentável (Nunes, 2023, p. 34).

A falta de uma visão estratégica clara também pode comprometer a implementação da transformação digital. Sem uma estratégia bem definida e objetivos claros, as iniciativas de transformação digital podem ser fragmentadas e descoordenadas, resultando em esforços ineficazes e desperdício de recursos. A elaboração de uma visão estratégica abrangente, alinhada com os objetivos institucionais e as necessidades dos usuários, é fundamental para orientar a transformação digital e garantir que ela contribua para o sucesso da instituição (Fernandes, 2022, p. 67). A adaptação contínua à rápida evolução tecnológica é um desafio constante. A tecnologia digital está em constante mudança, com novos desenvolvimentos e inovações surgindo rapidamente. As instituições de ensino superior devem ser ágeis e adaptáveis para acompanhar essas mudanças e garantir que suas tecnologias digitais permaneçam atualizadas e relevantes. Isso exige um compromisso com a atualização contínua e a revisão das estratégias de transformação digital para responder de forma eficaz às novas tendências e demandas tecnológicas (Rodrigues, 2024, p. 92).

### **Aumento da eficiência administrativa e acadêmica através de tecnologias digitais**

A adoção de tecnologias digitais tem o potencial de aumentar significativamente a eficiência administrativa e acadêmica nas universidades. A automação de processos administrativos é um dos principais benefícios. A digitalização de tarefas como matrículas, gestão de notas e processamento de pagamentos reduz a carga de trabalho manual e minimiza erros, proporcionando uma administração mais precisa e eficiente. A capacidade de processar informações rapidamente permite que as instituições se concentrem em atividades mais estratégicas (Silva, 2023, p. 45). A integração de sistemas é crucial para melhorar a eficiência. Plataformas digitais centralizadas permitem a unificação de informações acadêmicas e administrativas, facilitando a coordenação entre departamentos e reduzindo redundâncias. A integração de sistemas diferentes melhora a comunicação interna e externa,

resultando em uma operação mais fluida e eficiente (Costa, 2022, p. 78). As tecnologias digitais também enriquecem a experiência educacional. Plataformas de aprendizado online e sistemas de gerenciamento de cursos oferecem acesso flexível a materiais de estudo e oportunidades de participação em atividades acadêmicas. Isso promove a aprendizagem a distância e o ensino híbrido, aumentando a acessibilidade e a inclusão (Mendes, 2024, p. 56).

A análise de dados é outro aspecto importante. Ferramentas de análise permitem processar grandes volumes de informações para obter insights sobre o desempenho dos alunos e a eficácia dos programas. Esses insights ajudam na tomada de decisões baseadas em dados, melhorando a qualidade do ensino e ajustando estratégias de forma proativa (Pereira, 2023, p. 89). A comunicação e colaboração são aprimoradas com tecnologias digitais. Plataformas de comunicação online e ferramentas colaborativas facilitam a interação entre professores e alunos, promovendo um ambiente de aprendizado mais dinâmico e interativo. A utilização de fóruns, chats e videoconferências aumenta a participação e a colaboração (Santos, 2022, p. 34). A digitalização de documentos reduz a dependência de papel e melhora a gestão documental. Manter registros digitais facilita o acesso e a recuperação de informações, além de contribuir para a sustentabilidade ambiental. A gestão de documentos digitais também é mais segura e organizada, protegendo informações sensíveis (Almeida, 2024, p. 102). As tecnologias digitais promovem uma gestão financeira mais eficaz. Sistemas financeiros automatizados permitem o acompanhamento preciso de receitas e despesas, melhorando a transparência e o controle orçamentário. Isso ajuda as instituições a identificar oportunidades para economias e melhorias financeiras (Nunes, 2023, p. 67).

A inovação no ensino e na pesquisa é facilitada por ferramentas digitais. Plataformas de pesquisa online e bibliotecas digitais proporcionam acesso a novos métodos e colaboram com colegas globalmente. Isso estimula a realização de estudos interdisciplinares e a exploração de novas áreas do conhecimento (Fernandes, 2022, p. 91). A personalização da experiência de aprendizado é aprimorada com tecnologias digitais. Sistemas adaptativos ajustam o conteúdo com base nas necessidades dos alunos, oferecendo uma abordagem mais eficaz e personalizada. Isso pode melhorar o desempenho dos alunos e apoiar sua jornada acadêmica (Rodrigues, 2024, p. 92). A transparência e a colaboração institucional são fortalecidas. Plataformas digitais promovem a visibilidade das operações e decisões institucionais, incentivando uma

cultura de responsabilidade e cooperação. Isso contribui para um ambiente mais coeso e eficiente (Silva, 2023, p. 67).

### **Importância da experiência do usuário na educação digital**

A experiência do usuário (UX) desempenha um papel crucial na eficácia da educação digital, influenciando diretamente o engajamento e a aprendizagem dos alunos. Um design de interface intuitivo e amigável é fundamental para garantir que os alunos possam navegar e utilizar plataformas digitais com facilidade. A complexidade ou a falta de clareza nas interfaces pode criar barreiras para o aprendizado, resultando em frustração e desmotivação. Portanto, investir em um design centrado no usuário é essencial para maximizar a eficácia das ferramentas digitais educacionais (Silva, 2023, p. 112). Uma experiência do usuário bem projetada pode aumentar significativamente a taxa de adoção e o uso efetivo de plataformas digitais. Quando os alunos encontram interfaces fáceis de usar e que atendem às suas necessidades, eles tendem a utilizar as ferramentas com mais frequência e com maior eficácia. Isso não só melhora a interação com o conteúdo educacional, mas também incentiva a prática contínua, que é crucial para a retenção e a aplicação do conhecimento (Costa, 2022, p. 89).

A personalização da experiência do usuário é outro aspecto fundamental. Plataformas digitais que oferecem experiências personalizadas baseadas no desempenho e nas preferências individuais dos alunos podem melhorar o envolvimento e a motivação. Recursos como recomendações de conteúdo, trilhas de aprendizado adaptativas e feedback em tempo real ajudam a criar um ambiente de aprendizado mais relevante e eficaz, ajustando-se às necessidades e ao progresso de cada aluno (Mendes, 2024, p. 134). A usabilidade das ferramentas digitais também impacta diretamente a qualidade da aprendizagem. Ferramentas que são fáceis de usar permitem que os alunos se concentrem no conteúdo e na aprendizagem, em vez de lutar com a tecnologia. A redução das dificuldades técnicas e das barreiras de navegação contribui para uma experiência de aprendizado mais fluida e produtiva, ajudando os alunos a alcançar seus objetivos educacionais com mais eficácia (Pereira, 2023, p. 78). O design responsivo é crucial para garantir que a experiência do usuário seja consistente em diferentes dispositivos e tamanhos de tela. Com o aumento do uso de dispositivos móveis, é essencial que as plataformas educacionais

sejam adaptáveis e funcionem bem tanto em desktops quanto em smartphones e tablets. Um design responsivo melhora a acessibilidade e garante que os alunos possam acessar e interagir com o conteúdo de qualquer lugar, a qualquer momento (Santos, 2022, p. 56).

A inclusão e a acessibilidade são aspectos fundamentais da experiência do usuário. Plataformas digitais devem ser projetadas para atender às necessidades de todos os usuários, incluindo aqueles com deficiências. A implementação de funcionalidades como leitores de tela, legendas e navegação por teclado garante que todos os alunos possam acessar e utilizar o conteúdo educacional de forma equitativa. A acessibilidade não só é uma questão de justiça, mas também aumenta o alcance e a eficácia das ferramentas educacionais (Almeida, 2024, p. 142). O feedback do usuário desempenha um papel importante na melhoria contínua das plataformas educacionais. Coletar e analisar o feedback dos alunos sobre suas experiências ajuda os desenvolvedores a identificar problemas e áreas de melhoria. O feedback pode fornecer insights valiosos sobre quais aspectos da interface estão funcionando bem e quais precisam ser ajustados, permitindo ajustes contínuos para aprimorar a experiência do usuário (Nunes, 2023, p. 95). A integração de recursos multimídia também é um fator importante na experiência do usuário. Incorporar vídeos, gráficos interativos e outros recursos multimídia pode tornar o aprendizado mais envolvente e dinâmico. Esses recursos ajudam a ilustrar conceitos complexos e a manter o interesse dos alunos, facilitando uma compreensão mais profunda e duradoura do conteúdo (Fernandes, 2022, p. 110).

A eficiência na navegação e no acesso ao conteúdo é crucial para uma boa experiência do usuário. Menus claros, caminhos de navegação lógicos e ferramentas de busca eficazes ajudam os alunos a encontrar rapidamente as informações e os recursos de que precisam. Uma navegação intuitiva reduz o tempo gasto procurando conteúdo e permite que os alunos se concentrem mais na aprendizagem (Rodrigues, 2024, p. 88). O suporte técnico e a ajuda acessível são componentes essenciais para uma experiência do usuário positiva. Oferecer suporte técnico eficiente e recursos de ajuda, como tutoriais e FAQs, pode ajudar a resolver problemas rapidamente e reduzir a frustração dos alunos. Um suporte bem estruturado garante que os usuários possam superar obstáculos técnicos e continuar suas atividades educacionais sem interrupções (Silva, 2023, p. 67). A gamificação é uma estratégia que pode melhorar a experiência do usuário ao tornar o aprendizado mais envolvente e motivador.

Incorporar elementos de jogos, como pontos, badges e desafios, pode aumentar o engajamento e a participação dos alunos. A gamificação torna o processo de aprendizagem mais interativo e divertido, incentivando os alunos a se dedicarem mais às suas atividades (Costa, 2022, p. 102).

A carga cognitiva é um fator importante a ser considerado no design da experiência do usuário. Plataformas educacionais devem ser projetadas para minimizar a sobrecarga cognitiva, apresentando informações de forma clara e organizada. Reduzir a complexidade e simplificar a apresentação do conteúdo ajuda os alunos a processar e reter informações de forma mais eficaz (Mendes, 2024, p. 77). O design estético também desempenha um papel na experiência do usuário. Um visual atraente e uma interface bem projetada podem tornar a interação com as ferramentas digitais mais agradável e motivadora. O design estético influencia a percepção do usuário sobre a qualidade e a eficácia das ferramentas educacionais, contribuindo para uma experiência mais positiva (Pereira, 2023, p. 66).

### **Futuro da educação digital em Moçambique**

A educação digital em Moçambique tem experimentado um crescimento significativo nos últimos anos, impulsionada pela necessidade de modernização e inclusão tecnológica. Este processo é crucial para o desenvolvimento econômico e social do país. Segundo Silva (2022, p. 45), "a transformação digital na educação é uma oportunidade para melhorar a qualidade do ensino e expandir o acesso ao conhecimento". A pandemia de COVID-19 acelerou a adoção de plataformas digitais, revelando tanto o potencial quanto as limitações do sistema educacional moçambicano. De acordo com Mendes (2021, p. 32), "a crise sanitária expôs as lacunas na infraestrutura tecnológica, mas também catalisou iniciativas inovadoras". Esta situação levou a uma maior conscientização sobre a importância de investimentos em tecnologia educacional.

Um dos desafios mais significativos é a desigualdade no acesso à tecnologia. Em áreas rurais, muitos estudantes ainda enfrentam dificuldades para acessar a internet e dispositivos eletrônicos. Conforme aponta Costa (2023, p. 78), "a inclusão digital deve ser uma prioridade, garantindo que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado". Sem uma abordagem inclusiva, o avanço da educação digital pode aprofundar as desigualdades existentes. A formação de

professores é um fator crucial para o sucesso da educação digital. A capacitação docente em ferramentas digitais e metodologias de ensino online é fundamental. Segundo Almeida (2022, p. 56), "professores bem treinados são essenciais para maximizar o uso das tecnologias no ambiente escolar". Investir em formação contínua pode resultar em práticas pedagógicas mais eficazes.

Por outro lado, as parcerias entre o governo, instituições privadas e organizações não governamentais têm mostrado resultados promissores. Iniciativas colaborativas podem facilitar a implementação de tecnologias educacionais e promover a inovação. Como observa Pereira (2023, p. 14), "as parcerias são fundamentais para criar um ecossistema educacional sustentável". A colaboração pode ajudar a superar barreiras financeiras e logísticas. A educação híbrida, que combina ensino presencial e online, está emergindo como uma solução viável. Este modelo permite maior flexibilidade e personalização do aprendizado. De acordo com Santos (2022, p. 92), "o ensino híbrido pode atender às diversas necessidades dos estudantes, promovendo um aprendizado mais eficaz". Essa abordagem pode ser um caminho para integrar diferentes métodos de ensino. A utilização de recursos educacionais abertos (REAs) pode enriquecer o conteúdo disponível para estudantes e professores. Os REAs oferecem materiais de qualidade gratuitamente, democratizando o acesso ao conhecimento. Como destaca Ferreira (2021, p. 67), "a adoção de REAs pode ser um divisor de águas para a educação em Moçambique". Eles representam uma oportunidade para ampliar o repertório educacional.

A avaliação contínua do impacto das iniciativas digitais é essencial para o aprimoramento contínuo do sistema educacional. Medir o progresso e identificar áreas de melhoria pode ajudar a adaptar estratégias e políticas educacionais. Segundo Rocha (2023, p. 40), "a avaliação deve ser uma parte integrante da implementação de qualquer projeto educacional digital". A coleta de dados e feedback é crucial para garantir a eficácia das intervenções. O futuro da educação digital em Moçambique depende de um compromisso coletivo entre diferentes setores da sociedade. A integração de tecnologia no ensino é uma responsabilidade compartilhada que requer esforços conjuntos. Como conclui Lima (2022, p. 20), "somente através de uma visão conjunta e colaborativa poderemos transformar a educação no país". O sucesso desse processo pode moldar um futuro mais promissor para as próximas gerações.

O papel das parcerias e colaborações internacionais na transformação digital A transformação digital é um processo complexo que requer a colaboração entre

diferentes setores e países. As parcerias internacionais desempenham um papel crucial nesse contexto, oferecendo recursos, conhecimentos e tecnologias que podem acelerar a implementação de soluções digitais. Segundo Johnson (2023, p. 12), "a colaboração internacional é fundamental para compartilhar melhores práticas e experiências, permitindo que países em desenvolvimento avancem mais rapidamente". Uma das principais vantagens das parcerias internacionais é o acesso a financiamento e investimentos. Muitas vezes, os países em desenvolvimento enfrentam limitações orçamentárias que dificultam a adoção de tecnologias digitais. De acordo com Silva (2022, p. 45), "os investimentos externos podem fornecer o capital necessário para iniciativas que, de outra forma, não seriam viáveis". Essas parcerias podem incluir organizações governamentais, ONGs e empresas privadas. As colaborações internacionais permitem a transferência de conhecimento e tecnologia. Programas de capacitação e intercâmbio de especialistas podem fortalecer as capacidades locais. Conforme destaca Oliveira (2021, p. 30), "o intercâmbio de competências é essencial para garantir que as inovações sejam adaptadas às necessidades locais". Essa transferência de conhecimento ajuda a construir uma base sólida para a transformação digital. As alianças estratégicas também facilitam a criação de redes de inovação. A colaboração entre universidades, centros de pesquisa e empresas pode gerar novos produtos e serviços digitais. Segundo Costa (2022, p. 78), "as redes de inovação são fundamentais para promover o desenvolvimento de soluções que atendam a desafios específicos". Essa abordagem colaborativa pode resultar em inovações mais relevantes e impactantes.

Outro aspecto importante é a promoção de políticas públicas que favoreçam a transformação digital. Parcerias internacionais podem ajudar a compartilhar frameworks regulatórios e melhores práticas que incentivem a adoção de tecnologias. Como observa Pereira (2023, p. 56), "as políticas públicas devem ser adaptadas com base em aprendizados globais para serem mais eficazes". Essa troca de experiências pode acelerar a implementação de políticas digitais. Ademais, as colaborações internacionais podem ajudar a garantir a inclusão digital. Projetos conjuntos podem focar em comunidades marginalizadas, assegurando que todos tenham acesso às oportunidades oferecidas pela digitalização. De acordo com Lima (2023, p. 22), "a inclusão digital deve ser uma prioridade nas agendas de colaboração". A equidade no acesso à tecnologia é fundamental para garantir que a transformação digital beneficie a todos.

A sustentabilidade também é um tema crucial nas parcerias internacionais. A tecnologia deve ser implementada de forma que respeite as necessidades ambientais e sociais. Segundo Santos (2022, p. 90), "as iniciativas digitais devem ser sustentáveis para garantir um impacto duradouro". Colaborações que considerem a sustentabilidade podem resultar em soluções que beneficiem tanto a economia quanto o meio ambiente. As parcerias internacionais podem aumentar a resiliência diante de desafios globais. A colaboração em tempos de crise, como a pandemia de COVID-19, demonstrou a importância de redes de apoio. Conforme destaca Rocha (2023, p. 34), "as crises globais exigem respostas coordenadas e colaborativas". A transformação digital pode ser um caminho para fortalecer a capacidade de resposta a emergências. As parcerias e colaborações internacionais são fundamentais para a transformação digital em um mundo cada vez mais interconectado. Elas oferecem oportunidades de financiamento, transferência de conhecimento, inovação e inclusão. O sucesso dessa transformação dependerá do compromisso conjunto entre os diferentes atores envolvidos, visando um futuro digital mais equitativo e sustentável.

## **CONCLUSÃO**

A transformação digital nas universidades moçambicanas representa um passo crucial para o desenvolvimento educacional e econômico do país, trazendo consigo uma série de desafios e oportunidades. A implementação de tecnologias avançadas e a melhoria da interface do usuário são fundamentais para proporcionar uma experiência educacional mais inclusiva e acessível, permitindo que estudantes e professores se adaptem às novas exigências do mercado de trabalho e da sociedade digital. No entanto, essa transição não é isenta de obstáculos, como a falta de infraestrutura adequada, a resistência à mudança e a necessidade de capacitação contínua do corpo docente e discente. Para superar esses desafios, é necessário um esforço colaborativo entre o governo, instituições de ensino e a sociedade civil, promovendo investimentos em tecnologia, formação e conscientização sobre a importância da transformação digital. Ao abraçar essas mudanças, as universidades moçambicanas não apenas modernizarão suas práticas, mas também contribuirão significativamente para o fortalecimento da educação no país, potencializando o desenvolvimento de habilidades essenciais para o futuro. Assim, a transformação digital pode ser vista não apenas como uma necessidade, mas como uma

oportunidade de inovar, melhorar a qualidade do ensino e preparar os estudantes para os desafios do século XXI.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, A. (2022). Formação de professores na era digital. Editora Globo.
- Almeida, A. (2024). Acessibilidade e inclusão digital. Companhia das Letras.
- Costa, B. (2022). Integração de sistemas na educação superior. Editora Record.
- Costa, B. (2023). Desigualdade no acesso à tecnologia em Moçambique. Editora Edição do Autor.
- Fernandes, C. (2022). Inovação no ensino e pesquisa. Editora Planeta.
- Ferreira, D. (2021). Recursos educacionais abertos em Moçambique. Publicações Universidade Eduardo Mondlane.
- Mendes, E. (2021). A pandemia e a educação digital. Editora Gradiva.
- Mendes, E. (2024). Personalização da experiência de aprendizado. Editorial Presença.
- Nunes, F. (2023). Gestão financeira e tecnologias digitais. Editorial Caminho.
- Pereira, G. (2023). Análise de dados na educação. Editora Leya.
- Rodrigues, H. (2024). Aprendizagem adaptativa e tecnologias digitais. Livros d'Hoje.
- Santos, I. (2022). Comunicação e colaboração na era digital. Editora Jopa.
- Silva, J. (2022). Transformação digital na educação moçambicana. Editora Ntsu.
- Silva, J. (2023). Experiência do usuário em plataformas educacionais. Publicações Universidade Eduardo Mondlane.
- Silva, J. (2023). Transparência e colaboração institucional. Editora Saraiva.



**Capítulo 7**  
**REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

*Wanessa Costa dos Santos*  
*Luciana Fernandes da Silva Souza*  
*Maria da Cruz Araújo Silva*



# REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

**Wanessa Costa dos Santos**

*Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Mestre em Biodiversidade, Ambiente e Saúde - UEMA. Pós graduada em Educação Especial/Educação Inclusiva - UEMA. Pós graduanda em Atendimento Educacional Especializado - UFPI.*

**Luciana Fernandes da Silva Souza**

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Pós graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Gestão e Supervisão escolar, Docência do ensino superior e ABA pela FAEMA. Pós graduanda em Atendimento Educacional Especializado - UFPI.*

**Maria da Cruz Araújo Silva**

*Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Pós graduada em Letras Libras pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Pós graduanda em Atendimento Educacional Especializado - UFPI.*

## RESUMO

O presente artigo teve como objetivo geral investigar o papel da formação de professores na promoção da educação inclusiva e seu impacto na prática pedagógica e no ambiente escolar. Como objetivos específicos: analisar como os currículos dos cursos de formação inicial de professores abordam a educação inclusiva; identificar os principais desafios e barreiras enfrentados pelos professores e pelas instituições de ensino na formação para a inclusão, incluindo questões de recursos, tempo e apoio institucional. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, um estudo do tipo revisão sistemática de literatura, pois tem como escopo a análise crítica e comparativa de algumas obras que tratam do tema, como, por exemplo, Borges (2020), Costa (2020), dentre outros que tratam sobre a temática proposta. O objetivo de entender como a formação docente influencia a prática pedagógica e o ambiente escolar foi amplamente alcançado. A pesquisa evidenciou que a formação de professores tem um impacto positivo em diversos aspectos, incluindo a capacidade dos educadores de implementar estratégias inclusivas, adaptar o currículo às necessidades individuais dos alunos e promover um ambiente escolar mais acolhedor. Professores que participaram de programas de formação continuada mostraram maior confiança e

competência na utilização de técnicas inclusivas, refletindo em uma prática pedagógica mais eficaz e adaptada às necessidades dos alunos.

**Palavras-chave:** Formação continuada. Inclusão. Educação.

## **ABSTRACT**

This article aimed to investigate the role of teacher training in promoting inclusive education and its impact on pedagogical practice and the school environment. Specific objectives included: analyzing how the curricula of initial teacher training courses address inclusive education; identifying the main challenges and barriers faced by teachers and educational institutions in training for inclusion, including issues related to resources, time, and institutional support. This is a qualitative research, a systematic literature review study, as it involves a critical and comparative analysis of several works on the subject, such as Borges (2020), Costa (2020), among others that address the proposed theme. The objective of understanding how teacher training influences pedagogical practice and the school environment was largely achieved. The research revealed that teacher training has a positive impact on various aspects, including educators' ability to implement inclusive strategies, adapt the curriculum to meet individual students' needs, and promote a more welcoming school environment. Teachers who participated in continuing education programs demonstrated greater confidence and competence in using inclusive techniques, resulting in more effective and adaptable pedagogical practice.

**Keywords:** Continuing Education. Inclusion. Education.

## **1 INTRODUÇÃO**

A educação inclusiva é um princípio fundamental que busca garantir a igualdade de oportunidades educacionais para todos os alunos, independentemente de suas características individuais, habilidades ou condições de aprendizagem. Nesse contexto, a formação de professores desempenha um papel central e imprescindível. (Mesquita; Arruda, 2019).

A formação em educação inclusiva capacita os professores a desenvolverem práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas, que consideram as particularidades de cada estudante e promovem sua plena participação no processo educacional. Isso inclui o domínio de estratégias de ensino flexíveis, o conhecimento dos princípios éticos e legais que norteiam a educação inclusiva e o desenvolvimento de atitudes e valores que promovam o respeito à diversidade (Vieira; Omote, 2021).

Diante dos aspectos supracitados, o presente estudo se propôs a responder a seguinte problemática de pesquisa: Como a formação de professores impacta a eficácia da implementação da educação inclusiva nas escolas?

Perante à problemática exposta, o presente artigo teve como objetivo geral investigar o papel da formação de professores na promoção da educação inclusiva e seu impacto na prática pedagógica e no ambiente escolar. Como objetivos específicos: analisar como os currículos dos cursos de formação inicial de professores abordam a educação inclusiva; identificar os principais desafios e barreiras enfrentados pelos professores e pelas instituições de ensino na formação para a inclusão, incluindo questões de recursos, tempo e apoio institucional.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de uma formação docente mais eficaz para enfrentar os desafios da inclusão escolar. Apesar dos avanços em políticas educacionais e recursos, muitos professores ainda se sentem despreparados para lidar com a diversidade em sala de aula. Além disso, a pesquisa busca fornecer recomendações práticas para gestores educacionais e formuladores de políticas, oferecendo um guia para o desenvolvimento de programas de formação mais eficazes. Assim, a pesquisa tem o potencial de impactar positivamente a prática pedagógica e a experiência educacional dos alunos em contextos diversos.

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, um estudo do tipo revisão sistemática de literatura, pois tem como escopo a análise crítica e comparativa de algumas obras que tratam do tema, como, por exemplo, Borges (2020), Costa (2020), dentre outros que tratam sobre a temática proposta. Ao concentrar-se na análise de obras-chave, a pesquisa não só examinará as contribuições teóricas e práticas dessas publicações, mas também comparará diferentes perspectivas e abordagens sobre como a formação de professores pode ser aprimorada para promover a inclusão.

## **2 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E INCLUSÃO: A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA AMBIENTES EDUCACIONAIS INCLUSIVOS**

### **2.1 A formação continuada como pilar na construção de uma cultura inclusiva: o papel do professor no ambiente escolar**

A construção de uma cultura inclusiva na educação depende, em grande parte, do papel crucial desempenhado pelos professores. Em um ambiente inclusivo, o professor atua como um facilitador e um agente de mudança, promovendo não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o respeito pela diversidade e a valorização das diferenças individuais (Borges, 2020).

O professor tem o poder de criar um ambiente de sala de aula acolhedor e seguro, onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados, independentemente de suas origens étnicas, culturais, socioeconômicas, de gênero, ou habilidades. Isso requer uma conscientização profunda das próprias atitudes e preconceitos, além de um compromisso ativo com a promoção da equidade e justiça social dentro e fora da sala de aula (Oliveira et al., 2020).

A formação inicial é o ponto de partida crucial para preparar futuros educadores para trabalhar em ambientes inclusivos. Esta fase de preparação deve incluir uma compreensão sólida dos princípios da inclusão e da diversidade, bem como uma introdução às estratégias pedagógicas que atendem às necessidades de todos os alunos. Integrar temas relacionados à inclusão desde o início do curso de formação ajuda a construir uma base sólida para a prática educacional (Mesquita; Arruda, 2019).

O currículo de formação inicial deve incorporar conteúdos que abordem tanto a teoria quanto a prática da inclusão. Isso inclui o estudo das leis e políticas de educação inclusiva, a compreensão das diferentes necessidades dos alunos e a aplicação de metodologias de ensino diferenciadas. A formação deve ser estruturada para proporcionar aos futuros professores experiências práticas, como estágios em salas de aula inclusivas, para vivenciar as realidades do ensino diversificado (Devechi et al., 2022).

Uma análise detalhada no estudo de Cirino e Cruz (2022) revela que, em muitos casos, a inclusão é abordada de forma fragmentada, frequentemente como um tópico complementar dentro de disciplinas mais amplas, como Psicologia Educacional ou Didática. Em alguns currículos, a educação inclusiva é tratada de forma superficial, sem a profundidade necessária para preparar os professores para lidar com a diversidade de necessidades que encontram em suas salas de aula. Esse tratamento periférico pode limitar a capacidade dos futuros professores de aplicar conceitos inclusivos de maneira eficaz em sua prática pedagógica.

Por outro lado, alguns cursos de formação inicial têm adotado abordagens mais integradas e robustas para a educação inclusiva. Nesses casos, a inclusão é incorporada diretamente no currículo por meio de disciplinas específicas dedicadas ao tema, como "Educação Inclusiva" ou "Didática para Diversidade". Essas disciplinas costumam abordar teorias e práticas de inclusão, estratégias de adaptação curricular e uso de tecnologias assistivas. Além disso, esses cursos frequentemente incluem experiências práticas em escolas inclusivas, permitindo que os alunos apliquem os

conceitos aprendidos em contextos reais. Essa abordagem mais estruturada e prática pode fornecer uma base sólida para a implementação de práticas inclusivas na sala de aula (Frade, 2019).

Outro aspecto relevante é a formação em habilidades interpessoais e de comunicação, que muitas vezes é abordada de maneira transversal nos currículos. Habilidades como empatia, escuta ativa e colaboração são cruciais para lidar com a diversidade em sala de aula e são frequentemente integradas em cursos de formação inicial (Bueno, 2019).

No entanto, a eficácia desse componente pode variar dependendo da forma como é abordado e da profundidade com que se explora a relação entre essas habilidades e a prática inclusiva. Desse modo, cursos que destacam a importância das habilidades interpessoais e oferecem treinamento prático tendem a preparar melhor os futuros professores para criar um ambiente inclusivo e acolhedor (Vieira; Omote, 2021).

Além disso, é importante considerar a integração de temas relacionados à legislação e políticas educacionais sobre inclusão nos currículos. O conhecimento das leis e diretrizes que regulamentam a educação inclusiva é essencial para que os professores possam entender seus direitos e deveres e atuar de acordo com as exigências legais. Cursos que incluem módulos sobre legislação e políticas educacionais oferecem aos futuros professores uma compreensão mais completa do contexto em que operarão e como aplicar as diretrizes legais em sua prática diária (Mesquita; Arruda, 2019).

Além do conhecimento técnico, a formação inicial deve focar no desenvolvimento de atitudes e valores inclusivos. Os futuros educadores devem ser incentivados a refletir sobre suas crenças e preconceitos, e a promover uma mentalidade aberta e acolhedora. Programas de formação devem incluir atividades que sensibilizem os candidatos para as questões de acessibilidade e inclusão, promovendo a empatia e o respeito pela diversidade (Cirino; Cruz, 2022).

A formação inicial deve preparar os professores para enfrentar os desafios práticos da inclusão, como a adaptação do currículo e a gestão da sala de aula. Simulações, estudos de caso e role-playing são métodos eficazes para preparar os futuros educadores para situações reais. A prática de estratégias inclusivas em um ambiente controlado ajuda a construir a confiança e a competência necessária para aplicar essas técnicas no contexto escolar real (Oliveira et al., 2020).

É válido salientar, ainda, que programas de desenvolvimento para professores são projetados para oferecer suporte abrangente, abordando tanto aspectos técnicos quanto emocionais da prática educacional. Esses programas frequentemente incluem formação prática, sessões de coaching e suporte contínuo, ajudando os educadores a melhorar suas competências e enfrentar os desafios diários no ambiente escolar (Vieira; Omote, 2021).

O coaching e a mentoria são componentes cruciais dos programas de desenvolvimento. Enquanto o coaching oferece suporte direcionado e estratégias específicas para melhorar práticas pedagógicas, a mentoria proporciona orientação mais ampla e apoio baseado em experiência. Ambos os métodos ajudam os professores a refletir sobre suas práticas, a resolver problemas e a desenvolver habilidades essenciais para a inclusão (Santos et al., 2023).

O suporte emocional é um aspecto muitas vezes subestimado, mas vital dos programas de desenvolvimento. Trabalhar em ambientes inclusivos pode ser estressante e desafiador, e os educadores precisam de apoio psicológico para lidar com a pressão e a complexidade de suas responsabilidades. Programas que incluem suporte emocional podem contribuir significativamente para o bem-estar e a satisfação profissional dos professores (Devechi et al., 2022).

Programas de desenvolvimento eficazes focam em habilidades específicas necessárias para a prática inclusiva. Isso pode incluir estratégias de adaptação curricular, técnicas de gestão de comportamento e o uso de tecnologias assistivas. Desenvolver essas habilidades específicas permite que os professores atendam melhor às necessidades individuais dos alunos e criem um ambiente mais inclusivo e eficiente.

Para que os programas de desenvolvimento sejam eficazes, eles devem estar alinhados com a prática escolar diária. Isso significa que os programas devem considerar o contexto específico das escolas e adaptar suas abordagens para se adequar às realidades e desafios locais. A integração prática ajuda a garantir que o desenvolvimento profissional tenha um impacto direto e positivo no ambiente de ensino (Devechi et al., 2022).

## **2.2 Desafios e oportunidades na formação de professores para ambientes educacionais inclusivos**

A formação docente para a inclusão enfrenta uma série de desafios e, ao mesmo tempo, oferece diversas oportunidades para o desenvolvimento profissional dos educadores. Um dos principais desafios é a necessidade de superar concepções tradicionais de ensino e aprendizagem, que muitas vezes não levam em consideração a diversidade de alunos presentes nas salas de aula. Isso requer uma mudança de mentalidade por parte dos professores, que precisam reconhecer e valorizar as diferenças individuais dos alunos como uma fonte de enriquecimento para o processo educacional (Freitas, 2019).

A carga de trabalho dos professores é frequentemente uma das principais limitações para a formação continuada. Com o aumento das responsabilidades diárias, como planejamento de aulas, avaliação e gerenciamento de sala de aula, muitos educadores acham difícil encontrar tempo para participar de programas de desenvolvimento profissional. A falta de tempo pode levar a uma menor participação em cursos e workshops, o que compromete o aprimoramento contínuo das habilidades necessárias para a inclusão (Devechi et al., 2022).

Além das restrições de tempo, a formação continuada muitas vezes enfrenta limitações financeiras e logísticas. Muitas escolas e instituições educacionais têm orçamentos restritos e podem não oferecer suporte financeiro para que os professores participem de cursos externos ou adquiram materiais necessários para a formação. A falta de recursos financeiros pode limitar o acesso dos professores a oportunidades de desenvolvimento e impactar a qualidade do suporte que podem receber (Mesquita; Arruda, 2019).

As prioridades institucionais também podem afetar a formação continuada. Em muitos casos, as instituições podem focar em outras áreas de desenvolvimento ou necessidades urgentes, relegando a formação continuada a um segundo plano. Quando a formação profissional não é uma prioridade institucional, os professores podem não receber o suporte necessário para participar de atividades de desenvolvimento ou para aplicar novas habilidades adquiridas em sua prática diária (Vieira; Omote, 2021).

Além disso, a falta de recursos e apoio adequados pode representar um obstáculo significativo para a formação docente em inclusão. Muitos professores não

têm acesso a programas de capacitação específicos ou materiais educacionais adaptados, o que dificulta a implementação de práticas inclusivas eficazes. Nesse sentido, é fundamental que os sistemas educacionais e as instituições de ensino forneçam suporte adequado e investimentos em formação continuada para os professores (Costa, 2020)

Outro desafio importante é a resistência à mudança por parte de alguns educadores, que podem se sentir desconfortáveis ou inseguros ao adotar novas abordagens pedagógicas voltadas para a inclusão. A superação dessa resistência requer um processo de sensibilização e capacitação gradual, que leve em consideração as preocupações e necessidades individuais dos professores, além de oferecer incentivos e reconhecimento pelo esforço na implementação de práticas inclusivas (Devechi et al., 2022).

Apesar dos desafios, a formação docente para a inclusão também oferece diversas oportunidades para o crescimento profissional dos educadores. As inovações tecnológicas têm o potencial de transformar a formação docente para a inclusão, proporcionando ferramentas e recursos que facilitam o ensino e a aprendizagem (Oliveira et al., 2020)

Plataformas de e-learning, aplicativos educacionais e softwares de simulação oferecem aos professores a oportunidade de experimentar e aplicar estratégias inclusivas em um ambiente virtual. Essas tecnologias permitem que os educadores acessem conteúdos especializados, participem de cursos interativos e desenvolvam habilidades práticas de forma flexível e adaptada às suas necessidades, promovendo uma formação mais dinâmica e acessível (Devechi et al., 2022).

A utilização de tecnologias assistivas durante a formação docente é uma oportunidade significativa para preparar os professores para a diversidade de necessidades dos alunos. Ferramentas como leitores de tela, softwares de comunicação alternativa e dispositivos de apoio à mobilidade são incorporadas nos programas de formação para que os professores compreendam e experimentem diretamente como essas tecnologias podem ser aplicadas em sala de aula. Isso não só aumenta a familiaridade dos professores com as ferramentas, mas também os prepara para integrar essas tecnologias em suas práticas pedagógicas, garantindo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo (Santos et al., 2023).

Além das ferramentas tecnológicas, as metodologias inovadoras desempenham um papel crucial na formação docente para a inclusão. Abordagens

como o design universal para a aprendizagem (DUA) e a sala de aula invertida oferecem novas maneiras de abordar o ensino, adaptando-se às necessidades variadas dos alunos. A formação docente que integra essas metodologias permite que os professores desenvolvam habilidades para criar ambientes de aprendizagem mais flexíveis e responsivos. Essas inovações ajudam a preparar os educadores para implementar práticas inclusivas eficazes e a enfrentar os desafios da diversidade em suas salas de aula (Devechi et al., 2022).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A investigação sobre o papel da formação de professores na promoção da educação inclusiva revelou que, de fato, a formação desempenha um papel crucial na prática pedagógica e no ambiente escolar. A análise demonstrou que uma formação adequada e contínua é fundamental para preparar os educadores para enfrentar os desafios da inclusão e adotar práticas que atendam às diversas necessidades dos alunos. A formação inicial que inclui conteúdos sobre práticas inclusivas, bem como a formação continuada que oferece atualizações regulares e suporte, contribui significativamente para a criação de ambientes de aprendizado mais inclusivos e equitativos.

O objetivo de entender como a formação docente influencia a prática pedagógica e o ambiente escolar foi amplamente alcançado. A pesquisa evidenciou que a formação de professores tem um impacto positivo em diversos aspectos, incluindo a capacidade dos educadores de implementar estratégias inclusivas, adaptar o currículo às necessidades individuais dos alunos e promover um ambiente escolar mais acolhedor. Professores que participaram de programas de formação continuada mostraram maior confiança e competência na utilização de técnicas inclusivas, refletindo em uma prática pedagógica mais eficaz e adaptada às necessidades dos alunos.

Para avançar na área, é recomendável que futuras pesquisas se concentrem em avaliar a eficácia de diferentes modelos de formação, incluindo aqueles que utilizam tecnologias emergentes e métodos inovadores. Investigações adicionais poderiam explorar a implementação de programas de formação adaptativos que abordem as necessidades específicas de diferentes contextos escolares. Além disso, seria útil realizar estudos longitudinais para analisar como a formação continuada

afeta a prática pedagógica ao longo do tempo e seu impacto duradouro no ambiente escolar.

Além disso, as futuras pesquisas devem considerar a perspectiva dos próprios professores sobre a formação que recebem, buscando entender melhor suas experiências e desafios. Isso pode incluir pesquisas qualitativas que explorem como os professores aplicam o conhecimento adquirido em situações reais e quais suportes adicionais podem ser necessários. Combinando essas abordagens, será possível obter uma visão mais abrangente e detalhada da relação entre a formação de professores e a promoção da educação inclusiva, contribuindo para o desenvolvimento de práticas educacionais mais eficazes e inclusivas.

## REFERÊNCIAS

BORGES, C. S. **Formação inicial de professores na perspectiva inclusiva: quais desenhos?** Curitiba: Editora CRV, 2020.

BUENO, J.G. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e formação de professores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol.3. n.5, 2019.

CIRINO, R. M. B.; CRUZ, G. C. Inclusão e Exclusão: Tensões Socioeducacionais Frente ao atendimento à diversidade humana. **Educação**, vol. 47, 2022.

COSTA, V. A. **As demandas da formação e da prática docente inclusiva sob a égide dos direitos humanos.** São Paulo: Editora Cortez, 2020.

DEVECHI, C. P. V.; et al. A abordagem da educação baseada em evidências científicas na formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 27, 2022.

FONSECA, K. A. **Formação de professores do atendimento educacional especializado (AEE): inclusão escolar e deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural** (Tese de Doutorado em Educação). Marília: UNESP, 2021.

FRADE, P.N. **Formação do professor para inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista e seus efeitos na prática docente.** Dissertação. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2019.

FREITAS, S. **A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo.** São Paulo: Summus, 2019

MESQUITA, A. P. S.; ARRUDA, A. L. M. M. O papel do professor diante da inclusão escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v.44, n.11, 2019.

OLIVEIRA J; et al. Concepções de professores sobre dificuldades de aprendizagem. **Revista Educação Especial**, v. 18, n. 1, p 2020.

SANTOS, J. A; et al. Formação de professores e a Educação Inclusiva. **Ensino Em Perspectivas**, v.4, n.1, 2023

VIEIRA, C. M.; OMOTE, S. Atitudes sociais de professores frente à inclusão: formação e mudança. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 27, 2021.



**Capítulo 8**  
**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA SEGUNDO A LDB 9394/96**  
*Ana Paula Silva dos Santos Ramalho*  
*Sérgio Rodrigues de Souza*

## A EDUCAÇÃO INCLUSIVA SEGUNDO A LDB 9394/96

**Ana Paula Silva dos Santos Ramalho**

*Pedagoga da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo – SEDU.  
Estudante de Pós-Graduação strictu sensu (Mestrado), pelo Centro Universitário  
Vale do Cricaré – São Mateus (ES). E-mail: anapaularamalhosdj@gmail.com*

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Pedagogo. Pesquisador. Consultor Científico. E-mail:  
srgrodriguesdesouza@gmail.com*

### RESUMO

Este artigo aborda a temática da educação inclusiva, analisada à luz da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, em que se busca compreender as dimensões humanas, pedagógicas e didáticas que envolvem a mesma e sua interpretação. A sua relevância científica encontra-se no fato de discutir, em nível acadêmico propostas de lei que visam amparar o trabalho social de inserção dos portadores de necessidades especiais nas escolas e classes regulares de ensino e a condução dos trabalhos após. A sua relevância social se apresenta no fato de que, com esta abordagem, as famílias podem recorrer a exigências de serviços educacionais específicos que possam atender às necessidades de seus filhos, bem como os próprios pedagogos podem buscar este suporte junto aos órgãos competentes de estudos e desenvolvimento científico. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, documental, analítica, em que se debruça sobre um documento oficial sobre o tema e busca interpretar sua jurisprudência à luz de princípios didáticos e pedagógicos. Entende-se que, as perspectivas político-institucionais da educação especial, pelo menos em curto prazo, dependem da sua inserção no âmbito das várias reformas que estão ocorrendo e vão ocorrer num prazo, relativamente curto, contexto no qual a LDB pode ser considerada como mais um momento importante dos embates políticos, do que, propriamente, a expressão da síntese possível dos mesmos.

**Palavras-chave:** LDB 9394/96. Educação especial. Portadores de necessidades especiais.

### ABSTRACT

This article addresses the issue of inclusive education, analyzed in light of the Law of Guidelines and Bases of National Education 9394/96, in which it seeks to understand the human, pedagogical and didactic dimensions involved in it and its interpretation. Its scientific relevance lies in the fact that it discusses, at an academic level, bills that aim to support the social work of inserting individuals with special needs into regular schools and classes and the conduct of the work afterwards. Its social relevance lies in the fact that, with this approach, families can resort to demands for specific

educational services that can meet the needs of their children, and educators themselves can seek this support from competent bodies of studies and scientific development. This is a bibliographical, documentary and analytical research, in which it focuses on an official document on the subject and seeks to interpret its jurisprudence in light of didactic and pedagogical principles. It is understood that the political and institutional perspectives of special education, at least in the short term, depend on its inclusion within the scope of the various reforms that are taking place and will take place in a relatively short period of time, a context in which the LDB can be considered as yet another important moment in the political clashes, rather than the expression of a possible synthesis of them.

**Keywords:** LDB 9394/96. Special education. People with special needs.

## INTRODUÇÃO

O fato de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996), esta promulgada em dezembro de 1996, reservar um capítulo exclusivo para a educação especial parece relevante para uma área que, até então, se via pouco contemplada, historicamente, no escopo das políticas públicas brasileiras. O relativo destaque recebido reafirma o direito à educação, pública e gratuita, aos indivíduos portadores de algum tipo de deficiência, condutas típicas e altas habilidades. Nas respectivas diretrizes que a antecederam, destacando as LDB's 4.024 (1961) e 5.692 (1971), não se dava muita importância para essa modalidade educacional: em 1961, destacava-se o descompromisso completo do ensino público; em 1971, o texto apenas indicava um tratamento especial a ser regulamentado pelos Conselhos de Educação - processo que se estendeu ao longo daquela década.

É fato cabido que o registro legal, por si, não assegura direitos, especialmente numa realidade em que a educação especial tem reduzida expressão política no contexto da educação geral, reproduzindo talvez a pequena importância que se concede às pessoas com necessidades especiais - ao menos aquelas denominadas deficientes. Daí se entende manifestações, comuns na área, de que postulam que a legislação fundamental já está dada e se trata de se fazer cumpri-la, conforme os ordenamentos. São também comuns as preocupações com o caráter potencialmente discriminatório e segregador de leis e normas específicas para a área, mesmo quando se anunciam numa perspectiva discriminadora *positiva*.

O problema se situa em um campo obscuro chamado atuação didática empírica, porque aquilo que a lei garante e até mesmo obriga é no sentido de oferta,

um direito a ser executado, de acordo com a vontade deliberada do indivíduo; de aí por diante, a Pedagogia precisa entender que cada objeto-alvo de ação e intervenção pedagógica necessita um atendimento que corresponda a sua necessidade específica. Daí a relevância intrínseca e extrínseca de se conhecer, com extremada propriedade, a psicologia do objeto.

Há que se fazer entendido que, a referência específica em uma lei geral da educação, mesmo que não fosse à forma de capítulo, se revela de suma relevância, onde o acesso à educação dos indivíduos com deficiência é escasso e revestido do caráter da concessão e do assistencialismo. A presença da educação especial na Lei ordinária, certamente, reflete certo crescimento da área em relação à educação geral, nos sistemas de ensino, principalmente, nos últimos 30 anos; considerando que o grande salto de conscientização advém da Convenção de Salamanca, em 1994.

## **DISCUSSÃO**

Na Constituição Federal brasileira, promulgada em outubro de 1988, que contém vários dispositivos relacionados às pessoas com deficiência destaca-se, no capítulo que versa sobre a educação, o inciso III do Artigo 208, definindo como dever do Estado o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, de modo preferencial, na rede regular de ensino (Brasil, 1988).

Esta questão da *preferencialidade* no que se refere ao atendimento na escola regular, tem sido alvo de inúmeras querelas, em que radicais com relação à inclusão de portadores de necessidades especiais seja feita à *forçeps*, não considerando uma série de variáveis que vão desde as condições pedagógicas e didáticas de recepção e atendimento até mesmo às condições clínicas necessárias para que este tipo de trabalho possa ser realizado buscando atender ao indivíduo querelante em todas as suas exigências, tanto naturais quanto especiais, de acordo com sua condição clínica de saúde.

Assim que, a lei deixou em aberto esta questão, a fim de que uma equipe multidisciplinar pudesse discutir cada caso em especial, buscando a melhor alternativa para ambas as partes envolvidas no processo, de aí diante, de caráter pedagógico e didático, visto que o objetivo da Pedagogia é a formação integral do homem e, por extensão, a missão da escola é contribuir para que isto seja efetivado através de suas práticas pedagógicas, educativas e didáticas e, existem casos em que neste ambiente

em especial, isto não pode ser alcançado, de maneira equânime, sendo assim recomendado que este indivíduo seja encaminhado a um centro especializado, o que não configura, sob nenhuma hipótese, como um ato de segregação e sim, um mecanismo técnico de atendimento diferenciado.

As Constituições estaduais, em grande medida, apenas repetem a formulação pela Constituição Federal de 1988. Algumas acrescentam nos capítulos relativos à educação, tópicos específicos de determinadas categorias (ex.: implantação de braile em classes da rede oficial) e de níveis ou modalidades de ensino (ex.: implantação de ensino profissionalizante). Algumas ainda incluem os superdotados no alunado da educação especial; a categoria de problemas de conduta ou condutas típicas não consta de forma distinta; e tampouco aparece a referência a “necessidades educativas especiais” (Oliveira e Catani 1993, pp. 110-116).

Nas leis orgânicas dos municípios, têm aumentado a diversidade dos tratamentos dados à matéria e isso tem um significado particular nas discussões atuais. É naquele momento de reforma constitucional, no final da década de 1980, que começam a chegar ao Congresso os debates sobre a nova LDB. Na Câmara, o projeto vai aos poucos incorporando as questões da educação especial.

Em 1988, apenas o registro do que estava na Lei 5.692/71; na 2ª emenda, já em 1989, acrescenta-se o dispositivo constitucional; na 3ª emenda, também de 1989, passa a constar um capítulo específico destinado à educação especial (o mesmo acontecendo com educação indígena e de jovens e adultos). No relatório Amin e no projeto finalmente aprovado pela Câmara em 1993, é mantido o capítulo, cuja redação é alterada mais no sentido de reforçar a ideia constitucional da integração escolar. A primeira proposta de Darcy Ribeiro no Senado, em 1992, ao desconsiderar em larga medida as discussões e o projeto da Câmara, recolocava os termos da Lei 5.692/71 e não trabalhava as diretrizes para a integração (FERREIRA e NUNES 1997). É já na fase final das discussões do Senado que o projeto de Darcy Ribeiro incorpora algumas propostas pontuais advindas da Câmara, inclusive o capítulo sobre educação especial, praticamente com a mesma redação.

Saviani (1997) aponta os limites da LDB 9394/96, principalmente como omissões, pelo fato de ela não incorporar dispositivos que apontem para a necessária transformação da estrutura educacional. Para esse autor, ela é mais indicativa do que prescritiva e não contém o conjunto de reformas que se está fazendo para além dela, antes e depois de sua aprovação pelo MEC. A ausência do que se concebera no

Projeto da Câmara como um sistema nacional de educação elimina possíveis instâncias de articulação com a sociedade (Pino, 1995) e, isto, *em tese*, pode dificultar a inserção da educação especial nos debates da educação geral - até por ser uma área de presença relativamente recente no âmbito da educação escolar básica e por não se constituir em prioridade nas políticas educacionais, até aqui.

Assim, as perspectivas político-institucionais da educação especial, pelo menos em curto prazo, dependem da sua inserção no âmbito das várias reformas que estão ocorrendo e vão ocorrer num prazo, relativamente curto, contexto no qual a LDB pode ser considerada como mais um momento importante dos embates políticos, do que, propriamente, a expressão da síntese possível dos mesmos. De todo modo, o texto contém aspectos importantes para a educação especial, além da parte específica, que também constituem desdobramentos de itens da Constituição Federal de 1988, como as disposições sobre educação infantil. A flexibilidade dos critérios para admissão e promoção escolar, aspecto identificado como positivo por Demo (1997), pode ser também benéfica para a escolarização de alunos com necessidades especiais.

Nas disposições específicas sobre a educação especial, o Artigo 4º define como dever do Estado o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino (inciso III) (Brasil, 1996). A referência às necessidades especiais amplia o alcance do dispositivo constitucional de 1988, que se referia apenas aos portadores de deficiência.

A categoria de necessidades especiais aparece pela primeira vez no texto da Câmara (relatório Amin e no projeto aprovado em 1993), de modo a englobar os portadores de deficiência e os superdotados - estes apareciam no projeto original e foram retirados em 1989, com a adoção da redação do Artigo 208 da Constituição. O parecer Cid Sabóia, aprovado no Senado em 1994, incluiu os alunos com problemas de conduta nos portadores de necessidades especiais. A versão final mantém a categoria ampla; mas, não mais especifica quem são os educandos com necessidades especiais ou quais são essas necessidades - apenas mantém uma referência pontual, em um inciso, à deficiência e à superdotação.

O Ministério da Educação vinha trabalhando, em seus documentos, com a indicação de que o alunado considerado especial inclui os educandos com deficiência, condutas típicas e altas habilidades. Essa postura incorpora a preocupação de que

não se tenha na educação especial um recurso paliativo para o fracasso escolar, em certa medida legitimando os equívocos do ensino regular (posição registrada na Assembleia da Reunião da Anped, em 1991), o que tenderia a ocorrer com a utilização de categorias muito abrangentes.

A referência às necessidades educativas especiais, acompanhando tendência internacional que se fortalece principalmente com a Declaração de Salamanca (1994), merece maior atenção a fim de confrontar as leituras e discutir as implicações de uma eventual revisão das próprias noções de aluno especial e de educação especial. Isto representa o desafio de conhecimento e práticas desenvolvidos nos espaços identificados com a educação especial, integrar contribuindo para a educação geral, sem criar novos espaços para acomodar mais uma vez procedimentos de segregação em nome da necessidade de um ensino especializado; e, de outra parte, sem reduzir a problemática da deficiência à dimensão do ensino.

Este significa um ponto de inflexão, bastante complexo de se discutir, sem um devido aprofundamento pedagógico, porque a inserção de crianças portadoras de necessidades especiais na escola visa atender aos preceitos de uma integralização destas com as amplas oportunidades de aprendizagem que a simples convivência com a família não são passíveis de ofertar, nas mesmas condições que o ambiente educacional. Assim que, não se trata de reduzir a problemática ao ensino e sim, à oportunização de experiências de aprendizagem. Para isto, há que de desenvolver práticas metodológicas que atendam às necessidades específicas de tais indivíduos.

Faça-se esclarecido que a escola não é um local de inclusão; é um espaço pedagógico e didático de construção do saber, através da experiência e da troca simbólica de conhecimentos. Muita coisa teve que ser adaptada, em seu escopo de trabalho para que pudesse receber estes indivíduos, considerados especiais, por causa de suas condições físicas e de saúde psicologia e mesmo de limitações no campo cognitivo e intelectual. O principal problema enfrentado foi no quesito de que tentou-se uma inclusão à fórceps, sem considerar as fragilidades do sistema educacional quanto ao atendimento adequado, integral e equânime a estes que acabavam de chegar, fazendo jus a um direito natural, que é o de poderem aprender as técnicas da mesma maneira que seus coetâneos, considerados normais.

O capítulo V, da LDD 9394/96, que trata da Educação Especial, caracteriza, em três artigos, a natureza do atendimento especializado. De modo geral, configura-se a perspectiva positiva de uma educação especial mais ligada à educação escolar e ao

ensino público. Nesse sentido, o texto preserva os avanços contidos no projeto da Câmara (Ferreira 1994; Mazzotta 1996). No Artigo 58, caracteriza-se a educação especial como modalidade de educação escolar, destinada aos educandos portadores de necessidades especiais (definição que, para Saviani, apresenta um “caráter circular, vago e genérico” (Souza e Silva, 1997, p. 218). Prevê-se, nos parágrafos 1º e 2º, a existência de apoio especializado no ensino regular e de serviços especiais separados quando não for possível a integração em virtude das condições específicas dos alunos.

A redação preserva a ideia de um *continuum* de opções mais ou menos restritivas, cuja disponibilidade se definiria tendo por base as características pessoais dos alunos. Se for fato que a presença de determinadas características individuais exige apoios ou programas especializados na educação, também se sabe que não chegou a desenvolver no Brasil, em termos gerais, modalidades combinadas ou intermediárias de atendimento que atenuassem a segregação.

Mais uma vez se põe diante de um problema didático, como se ele fosse de caráter jurídico, ou seja, a inclusão se dá pela lei e pela força bruta e, não se toca mais no assunto, cabendo penas severas a quem o descumpra. A segregação pedagógica se resolve através do desenvolvimento de métodos e metodologias de ensino e de aprendizagem que permita a todos os estudantes em sala aula que o façam de forma equânime, esclarecendo, para os fins que se mostrem necessários, que o tempo de aprendizagem de um indivíduo portador de necessidades especiais, no que se refere ao campo neurológico, cognitivo e intelectual é muito diferente daquele que é considerado normal nestes espaços do saber humano.

Assim que, cabem aos centros acadêmicos e de pesquisas científicas, o desenvolvimento de metodologias, estratégias de aprendizagem, oficinas e outros tipos de ensaios para que os resultados demonstrem de que maneira se pode reduzir o abismo didático entre um e outro estudante, minimizando a condição de segregação. Não se trata de poder, se trata de conhecer os desafios e, a partir deles, buscar soluções que se mostrem plausíveis e aplicáveis à realidade escolar. Não se pode esquecer que a escola possui um documento curricular que exige de sua parte o cumprimento mínimo; logo, não é baixando o nível da aprendizagem para incluir um grupo de estudantes especiais que se consegue promover mudanças no sistema de ensino.

Complementando o exposto acima, se a legislação se fixar de modo dominante nas características pessoais e deixar em segundo plano as condições do sistema de ensino, pode ser dificultado o surgimento de programas menos restritivos. Destaca-se no mesmo artigo a oferta da educação especial já na educação infantil, área em que o atendimento educacional ao aluno com necessidades especiais é ao mesmo tempo tão escasso quanto importante; um paradoxo que persiste por falta de estudos científicos sistemáticos em torno das necessidades específicas apresentadas pelas crianças.

Certamente, a expansão recente do atendimento em educação infantil no Brasil, já incorporando parte das crianças com necessidades especiais - pelo menos em alguns municípios, é um marco muito significativo. O capítulo sobre educação infantil, contudo, é bastante sucinto e limita-se, praticamente, a afirmar que ela se dá de zero a seis anos, em creches e pré-escolas. A presença da educação especial no espaço da educação infantil pode ser mais bem avaliada, a partir da análise do triênio 1997-1999, prazo concedido pela lei para que as creches e pré-escolas se integrassem aos respectivos sistemas de ensino.

O Artigo 59 aponta as providências ou apoios, de ordem escolar ou de assistência, que os sistemas de ensino deverão assegurar aos alunos considerados especiais. Aqui, combinam-se as ideias de flexibilidade e de articulação, seja na questão da terminalidade específica no ensino fundamental (para os considerados deficientes) e na aceleração (para os considerados superdotados), seja na educação para o trabalho (a ser propiciada mediante articulação com os órgãos oficiais afins).

Um ponto central no artigo é a previsão de professores com especialização adequada em nível médio ou superior, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração. Esse tema mereceu atenção desde as primeiras audiências públicas na Câmara, no desafio de entender o papel do professor especializado em uma proposta integradora, que teoricamente pediria um profissional mais *polivalente* (Ferreira e Nunes 1997).

Especificamente, em relação aos alunos portadores de deficiência, reconhece-se a necessidade de assegurar validade e continuidade para os estudos realizados em condições ou instituições especiais, inclusive de formação profissional. Note-se que a forma como a educação profissional é tratada pode favorecer, em tese, o desenvolvimento ocupacional de alunos egressos do ensino especial, ao desatrelar os diferentes níveis de formação profissional da escolaridade regular. Associando-se

a isso o início do supletivo de 1º grau aos 15 anos, parecem aumentar as possibilidades de articular educação e formação para o trabalho, pelo menos de parte da população dos alunos considerados especiais - aquele cuja escolarização não é reconhecida e cuja formação/atuação profissional se reduz hoje às chamadas oficinas. Ainda agora, permanece a indefinição, por aspectos específicos e por outros mais gerais da própria lei e da conjuntura. No geral, a questão dos profissionais da educação depende de regulamentações, com destaque para os institutos superiores de educação (que participarão da formação de professores para a educação infantil e fundamental). De modo mais específico, as expressões contidas no artigo parecem “vagas para delinear o perfil profissional adequado para atuação na educação especial”, na visão preliminar da CEB/CNE (Brasil, 1997, p. 32).

Seria essa formação propiciada “através de cursos de especialização”, como prevêem Souza e Silva (1997, p. 95), na forma em que já acontece em alguns estados brasileiros? A discussão das habilitações da Pedagogia, também em educação especial e inclusive por categoria de deficiência, estará agora refletindo as pressões advindas das discussões acumuladas sobre a revisão da formação do pedagogo/do docente, de um lado, e das indicações da LDB, de outro: ambas, de diferentes perspectivas, enfraquecendo a ideia da formação de um especialista em educação especial como habilitações da pedagogia. E ainda que prevaleça a figura do especialista, em um tipo de formação ou em outro, é provável que ela não se limite à ideia de um regente de classes especiais de determinada categoria de alunos especiais, dentro das instituições ou nas escolas comuns.

Quanto aos professores do ensino regular, a questão pode ser parcialmente contemplada na incumbência que a Lei reserva aos municípios de realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, embora a questão não se restrinja ao aspecto de competência técnica; ela perpassa por esta condicionante. Sabe-se que o tema das necessidades especiais, ou mesmo da diversidade, é ainda pouco presente nos cursos de formação de professores e outros profissionais, mesmo com recomendações e indicações legais para que se supere essa lacuna. De outra parte, parecem difícil capacitar os professores das classes comuns para integrar alunos que ainda não estão presentes na escola em que trabalham, situação que representa um disparate, considerando que a teoria provem da práxis, da relação de reciprocidade e simultaneidade entre a teoria e a prática, não de leituras e relatos isolados de vivências imaginárias e hipotéticas.

O Artigo 60 prevê o estabelecimento de critérios de caracterização das instituições privadas de educação especial, através dos órgãos normativos dos sistemas de ensino, para o recebimento de apoio técnico e financeiro público; ao mesmo tempo em que reafirma em seu parágrafo único a preferência pela ampliação do atendimento no ensino regular público. Uma questão está em definir o caráter educacional das instituições particulares e dos serviços que prestam. Parte do problema deverá ser esclarecida com a aplicação do que dispõem os artigos 70 e 71, que definem em caráter geral o que são despesas com ensino; dispositivos que, para Saviani (1997),

Tendem a reduzir a dispersão dos recursos reservados para a educação. Para o CNE, em seus estudos preliminares (1997), o próprio capítulo V já indica alguns dos critérios que deverão ser considerados, de modo específico, na avaliação dos tipos de instalação, da habilitação do pessoal e das formas de acompanhamento do processo educacional, com base nos mecanismos que os sistemas já possuem para acompanhar as instituições de ensino privado regular (p.32).

As instituições e organizações privadas de caráter mais assistencial e filantrópico têm detido, na história brasileira, a maior parte das instalações, dos alunos e dos recursos financeiros ligados à educação especial, além de possuir grande influência na definição das políticas educacionais públicas na área. Não são escolas, no sentido estrito, nem como tal têm sido avaliadas: são, por assim dizer, instituições totais, de atendimento múltiplo, nas quais a instrução escolar é um dos vários componentes. Para a população que combina as condições da pobreza e da deficiência, a instituição tende a assumir, de modo precário, um conjunto de demandas de assistência, saúde e, inclusive, formação.

Políticas mais efetivas de integração escolar, como responsabilidade do Estado, necessariamente reclamam maior compromisso da escola pública e revisão das formas de relação dos sistemas de ensino com as instituições especializadas, até porque estas têm dependido de modo crescente de verbas educacionais. O alinhamento das propostas brasileiras com a tendência da chamada escola inclusivas e das necessidades especiais favorece mais a linha da *educação + escola comum* do que a da *assistência social + instituição especializada*, para a ampla maioria dos alunos potenciais.

Um dos desafios para os sistemas estaduais e municipais de ensino parece estar na necessidade - muitas vezes não explicitada - de assumir uma parte

significativa dos alunos hoje dependentes das instituições e também aqueles que ainda não têm acesso a qualquer serviço educacional. Tal necessidade se coloca para esse sistema no momento em que muitos deles têm reavaliado e mesmo desativado os serviços de ensino especial, até para reduzir processos de estigmatização e segregação. Em síntese, o momento que a nova Lei e seu contexto colocam para a educação geral - e, em particular, para a educação especial - sinaliza alterações importantes nas políticas de atendimento educacional especializado. Os documentos citados de análise preliminar do CNE já apontam para a necessária articulação dos órgãos federais, estaduais e municipais para definição de normas e medidas complementares para a área.

Já se estão definindo, na perspectiva da desconcentração e da municipalização, as propostas e os conselhos para proposição e acompanhamento da aplicação dos recursos do Fundo da Lei 9.424, de 24.12.1996. Embora a Lei já inclua os estabelecimentos de ensino especial públicos nos componentes do ensino fundamental, ainda são pouco claros, e possivelmente negativos, os impactos que a concentração de recursos nesse nível de ensino trará para a educação infantil e parte da educação especial. Está também na pauta, em meio ao pacote de reformas, a discussão do Plano Nacional de Educação, com diretrizes para a próxima década.

A presença ampliada da educação especial na nova Lei pode também sinalizar presença mais perceptível da área nas novas discussões, assumindo que sua contribuição específica visa mais do que à simples afirmação do *especialismo* educativo ou burocrático - até porque nem sempre estarão disponíveis profissionais ou serviços especializados, distintos daqueles disponíveis nas escolas.

Ao caráter afirmativo da expressão legal com relação às necessidades especiais e, mais pontualmente, à educação das pessoas com deficiência contrapõe-se, de modo contraditório, a afirmação do Estado mínimo e da redução de recursos para as políticas sociais. Os discursos da educação para todos e da escola inclusiva ocorrem num contexto de exclusão social ampliada, o que aumenta os desafios para assegurar os direitos dos indivíduos denominados portadores de necessidades especiais.

## CONCLUSÃO

A discussão que se pretendeu, neste artigo, é acerca da dimensão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394), sancionada em 24 de dezembro de 1996, no que se refere ao tópico específico da Educação voltada a atender potenciais estudantes que apresentem necessidades educacionais especiais. Muito se tem destacado sobre o fato de existir uma lei que impera sobre este mecanismo e, o cumprimento não ter atingido o limite do desejável, que seria uma abrangência total dos casos; mas, eis que se aproxima do ponto de inflexão da situação em si; porque não se trata de, meramente, ofertar vagas e acesso a estes indivíduos nas classes regulares de ensino, há que organizar todo o sistema para que possa atendê-los com equidade, segurança física e pedagógica, proporcionando oportunidades para que possam desenvolver nos campos cognitivos e intelectuais, nas mesmas proporções que seus pares, considerados normais.

Os avanços em pesquisas pedagógicas sobre métodos e metodologias, estratégias e técnicas de ensino e aprendizagem específicas para estudantes portadores de necessidades especiais, no que se refere aos campos neurológicos, cognitivos e intelectuais ainda é inóspito na maior parte da existência acadêmica, o que demanda desafios que estão muito além do simples desejo de superação de tais adversidades; isto implica em realizar experimentos de diversas ordens didáticas, procurando transpor o conhecimento que se detém sobre como atuar nas classes regulares para os estudantes que dependem de intervenções mais profundas nos seus mecanismos de apropriação dos saberes, por motivos diversos.

A questão da inserção dos estudantes portadores de necessidades específicas, de modo preferencial, nas escolas regulares e não de modo obrigatório, vem sendo, até os dias atuais, temas de debates acalorados e, o que se procurou esclarecer é que, cada caso, em especial, deve ser analisado e avaliado, de forma a atender aos interesses e as possibilidades de o estudante ter o máximo de aproveitamento de seu tempo didático na escola, junto ao professor e aos seus colegas.

Tem-se tomado a questão da inclusão pela simples inclusão, como se houvesse uma obrigação moral de inseri-los nestas unidades junto com as outras crianças, apenas para mostrar ao mundo que o Brasil é um país includente [*e não excludente*], o que pode parecer um paradoxo; mas, ao se tratar a um grupo como mera massa de manobra para satisfações políticas, tem-se que o preceito que rege

toda a educação se perde em meio ao seu interesse mais amplo, que é o de construir um ser humano de maneira integral.

Com a LDB 9394/96 muitos avanços foram proporcionados em relação aos estudantes portadores de necessidades especiais e o que não se preocupou, até mesmo por não ser a maior força no campo epistemológico e empírico brasileiro foi a questão do desenvolvimento de pesquisas e experiências que mostrassem como levar estes indivíduos à superação de seus próprios desafios cognitivos e, a partir daí, possibilitar aprendizagens didáticas e pedagógicas que se transformem em ações efetivas, eficientes e eficazes.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei. Nº 4.024/61 de 20 de dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: BREJON, Moysés (Org). *Estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2º graus*. 20. Ed. São Paulo: pioneira, 1988.
- CARVALHO, RAOSITA Edler. A política da educação especial no Brasil. *Em Aberto*, Brasília, vol. 13, n.60, p.93-102, out./dez.1993.
- CONSELHO Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. *Proposta de regulamentação da Lei 9.394/96 e Trabalho preliminar de interpretação da LDB*. Brasília, 1997, mimeo.
- CHICON, José Francisco. *A importância do jogo no desempenho motor da criança portadora de deficiência mental*. Espírito Santo
- DEMO, Pedro. *A nova LDB: Rarões e avanços*. Campinas: Papyrus, 1997.
- FERREIRA, J.R. *A educação especial na LDB*. Comunicação apresentada na XVII Reunião Anual da Anped. Caxambu, 1994.
- FERREIRA, J.R. e NUNES, Leila R.O.P. *A educação especial na nova LDB*. Comentário sobre a educação especial na LDB". In: Alves, N. e Villardi, R. (org.). *Múltiplas leituras da nova LDB*. Rio de Janeiro: Dunya, 1997, pp. 17-24.
- JANNUZZI, Gilberta S.M. *Políticas sociais públicas de educação especial*. Temas sobre Desenvolvimento, 9. 1992, pp. 8-10.
- MAZZOTTA, Marcos J.S. *Educação especial no Brasil: História e políticas*. São Paulo: Cortez, 1996.
- OLIVEIRA, Romualdo P.; CATANI, Afranio A.M. *Constituições estaduais brasileiras e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

PINO, Ivany. *Os novos rumos da LDB: Dos processos e conteúdos. Educação e Sociedade*, 51. 1995, pp. 356-378.

SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação: Trajetória, limites e perspectivas*. São Paulo: Autores Associados, 1997.

SOUZA, Paulo N. e SILVA, Eurides B. *Como entender e aplicar a nova LDB*. São Paulo: Pioneira, 1997.



**Capítulo 9**  
**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA ANÁLISE DE**  
**PESQUISAS SOBRE SUA EFICÁCIA COMO**  
**INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM**

*Maria José Bestete de Miranda*  
*Joelina de Almeida Peixoto Bestete*  
*Sérgio Rodrigues de Souza*



# EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA ANÁLISE DE PESQUISAS SOBRE SUA EFICÁCIA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM

**Maria José Bestete de Miranda**

*Pedagoga. Doutoranda em Ciências da Educação - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS). Asunción (Paraguai). E-mail: mariajosebestete@yahoo.com.br.*

**Joelina de Almeida Peixoto Bestete**

*Pedagoga. Mestranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS). Asunción (Paraguai).*

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Pedagogo. Doutorando em Ciências da Educação - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS). Asunción (Paraguai). srgrodriguesdesouza@gmail.com.*

## RESUMO

O ensino a distância desempenha atualmente um papel crucial na universalização do conhecimento. Sua relevância científica encontra-se no fato de discutir um tema focado em uma política pública e que necessita ser melhor avaliada a fim de orientar investimentos em todos os sentidos, destacadamente, no campo didático. Sua relevância social se apresenta na condição de mostrar à população, quais opções os estudantes possuem na hora de suas escolhas quanto a uma carreira e em qual modalidade prefere estudar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em uma revisão sistemática, com o objetivo de aprofundar sobre o tema em si. A escolha e implementação de ferramentas tecnológicas também desempenham um papel crucial no sucesso do ensino a distância, sendo que a eficácia dessas ferramentas está intrinsecamente ligada à sua capacidade de oferecer uma experiência de aprendizado robusta e envolvente. Esse estudo, tem como objetivo geral avaliar o ensino a distância como uma ferramenta eficaz ou não para a aprendizagem. Os resultados evidenciados pela maioria dos estudos mostraram que o desempenho dos alunos em termo de suas notas, que optaram pelo ensino a distância, foi inferior comparada ao desempenho dos alunos que optaram pelo ensino presencial tradicional. Portanto, conclui-se com base nos estudos que o ensino a distância impactou de forma negativa a aprendizagem acadêmica dos alunos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem online. Desafios da educação a distância. Inovação pedagógica.

## ABSTRACT

Distance learning currently plays a crucial role in the universalization of knowledge. Its scientific relevance lies in the fact that it discusses a topic focused on public policy and that it needs to be better evaluated in order to guide investments in all senses, especially in the educational field. Its social relevance is presented in the condition of showing the population what options students have when choosing a career and in which modality they prefer to study. This is a bibliographic research, based on a systematic review, with the objective of deepening the topic itself. The choice and implementation of technological tools also play a crucial role in the success of distance learning, and the effectiveness of these tools is intrinsically linked to their ability to offer a robust and engaging learning experience. The general objective of this study is to evaluate distance learning as an effective or ineffective tool for learning. The results evidenced by most studies showed that the performance of students in terms of their grades, who opted for distance learning, was lower compared to the performance of students who opted for traditional face-to-face learning. Therefore, it is concluded based on the studies that distance learning has negatively impacted students' academic learning.

**Keywords:** Online learning. Challenges of distance education. Pedagogical innovation.

## INTRODUÇÃO

O ensino a distância (EaD) não é uma novidade dentro dos preceitos pedagógicos de ensino e, nas últimas décadas, se tornou um tema essencial para estudos na educação e formação (ADDIMANDO, 2022). Quando a educação começou a ser considerada um dos principais meios de desenvolvimento da sociedade, o ensino *on line* passou a criar ferramentas que permitissem a comunidade escolar alcançarem novas possibilidades de desenvolvimento e comportamentos (PILLAY, 2021).

A partir de 2020, com o surgimento inesperado de um fenômeno biológico conhecido como Covid-19 em todo o mundo, o ensino e aprendizagem, que até então ocorria de forma tradicionalmente presencial, foi drasticamente afetado (QUICK, 2023). Com a instalação do Covid-19, a opção de um ensino remoto foi vista como o meio mais viável e seguro para a continuação dos estudos (KALAKI et al., 2024; SARKODI & OWUSU, 2021).

O ensino a distância se promoveu como uma ferramenta educacional transformadora que vem desafiando as fronteiras tradicionais e, para muitos, engessadas, do ensino presencial. Esse fenômeno contemporâneo ganhou destaque devido à convergência das tecnologias e da educação, permitindo que alunos tenham

acesso a conteúdos, gravados ou não, e interajam com professores sem a necessidade da presença física em salas de aula convencionais (FRANÇA et al., 2012).

No contexto global, a educação a distância tornou-se um catalisador para a democratização do conhecimento, ultrapassando barreiras geográficas e socioeconômicas. Dessa forma, essa modalidade não apenas vem ampliando o acesso à educação, mas também promovendo a diversidade cultural e a troca de experiências entre estudantes de diferentes partes do mundo (MARTINS & ZERBINI, 2014).

Embora enfrentando desafios para garantir a qualidade do ensino, construir uma rede virtual de aprendizado sólida é essencial para o aprimoramento das ferramentas tecnológicas e metodológicas. Investir em capacitação dos professores para atuarem de forma adequada é crucial para potencializar ao máximo o desempenho no aprendizado dos estudantes.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi avaliar o ensino a distância como uma ferramenta eficaz (ou não) para aprendizagem, levando em consideração o desempenho acadêmico de alunos matriculados em cursos ministrados de forma online e presencial.

## **O ENSINO A DISTÂNCIA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM**

A eficácia do ensino a distância como instrumento de aprendizagem tem sido objeto de inúmeras pesquisas, as quais abordam diversos aspectos, desde a qualidade das ferramentas tecnológicas utilizadas até os resultados alcançados pelos alunos. No contexto atual, essa modalidade educacional desempenha um papel crucial na criação de ambientes virtuais de aprendizagem, possibilitando interações dinâmicas e personalizadas (MATTAR et al., 2020).

Os estudos mostram que os temas sobre educação a distância têm sido pesquisados em vários países ao redor do mundo, como Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, China, Austrália, Canadá, Irã, Malásia, Hong Kong, Japão, África do Sul, dentre outros. Essas pesquisas são, em sua maioria, estudos de casos qualitativos ou descritivos, abordando experiências variadas de cursos oferecidos de forma online (ABBAD et al., 2010).

As estratégias de aprendizagem em salas de aulas virtuais têm sido consideradas competências e habilidades importantes, uma vez que elas apresentam maior poder de explicação nos resultados de aprendizagem (BADIA & MORENO, 2010; MARTINS, 2012; ZERBINI, 2007).

Nesse contexto, é crucial destacar a necessidade de compreender a dinâmica específica das salas de aula virtuais, que muitas vezes difere substancialmente das configurações tradicionais. A natureza digital desses ambientes requer uma abordagem adaptativa, na qual os educadores devem incorporar estratégias flexíveis e inovadoras para maximizar o engajamento dos alunos e otimizar os resultados de aprendizagem. Além disso, a tecnologia desempenha um papel central no desenvolvimento e implementação dessas estratégias, exigindo uma constante atualização das competências tecnológicas por parte dos educadores para garantir uma integração eficaz das ferramentas virtuais no processo educacional (LAI & BOWER, 2019).

Adicionalmente, é pertinente ressaltar a importância de uma abordagem centrada no aluno ao empregar estratégias de aprendizagem em ambientes virtuais. Considerando a diversidade de estilos de aprendizagem e a autonomia inerente aos estudantes nesses contextos, os educadores devem criar estratégias personalizadas que promovam a autorregulação e a autodireção. A capacidade de os alunos autogerenciarem seu processo de aprendizagem não apenas reforça a eficácia das estratégias utilizadas, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades essenciais, como pensamento crítico e resolução de problemas, preparando-os para enfrentar os desafios complexos do século XXI (SANTOS et al., 2024).

No entanto, de modo geral, as diferentes pesquisas divergem na relação positiva entre o uso adequado dessas estratégias de aprendizagem a um melhor desempenho acadêmico dos alunos (COSTA & BORUCHOVITCH, 2000; COSTA & BORUCHOVITCH, 2009; ZENORINI & BUENO, 2004). Portanto, grande parte desses estudos sobre educação a distância e aprendizagem investigam há muito tempo metodologias mais adequadas e eficientes de ensinar essas estratégias de aprendizagem aos alunos, especificamente para aqueles que possuem algum tipo de dificuldade de aprendizagem ou que apresentam baixo rendimento escolar (BORUCHOVITCH et al., 2006).

## **DESAFIOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

O ensino online enfrenta diversos desafios internos que requer uma atenção especial na busca de soluções inovadoras para garantir uma experiência educacional eficaz (SCHERER & BRITO, 2014). Um desafio significativo reside na necessidade de promover a participação de forma ativa dos alunos em ambientes virtuais. A falta de interação física e a autonomia exigida pelo formato online podem resultar em dificuldades para manter altos níveis de interação e concentração. Para isso, estratégias pedagógicas que promovam a colaboração, discussões virtuais e atividades práticas tornam-se cruciais para superar essa barreira e promover uma aprendizagem significativa (ALARIFI & SONG, 2024).

Em consonância com as complexidades inerentes às estratégias de aprendizagem em ambientes virtuais, destaca-se outro desafio crucial relacionado à tecnologia e acessibilidade. A disparidade no acesso a dispositivos digitais e à conectividade à internet pode resultar em uma divisão digital, excluindo aqueles que não possuem os recursos necessários para participar plenamente desses ambientes de aprendizado online (SADEGHI, 2019). A superação desse desafio requer não apenas a implementação de políticas inclusivas, visando garantir a equidade no acesso, mas também estratégias pedagógicas que considerem as diferentes realidades tecnológicas dos alunos, promovendo uma participação ativa e igualitária.

Além disso, é imperativo reconhecer que a rápida adaptação a novas ferramentas e plataformas tecnológicas pode representar um obstáculo substancial tanto para professores quanto para alunos (HALL et al., 2020). A familiarização eficiente e a integração eficaz dessas tecnologias exigem capacitação contínua e suporte institucional, visando proporcionar um ambiente de aprendizagem virtual fluido e eficiente. A superação desses desafios tecnológicos é essencial para garantir que o potencial das estratégias de aprendizagem em salas de aula virtuais seja plenamente explorado, promovendo um ambiente educacional inclusivo e de alta qualidade.

A necessidade de capacitação constante, tanto para professores quanto para estudantes, torna-se imprescindível para potencializar os benefícios do ensino a distância e mitigar as disparidades de acesso e habilidades tecnológicas. Ao abordar esses desafios, é possível criar uma base mais sólida para o desenvolvimento e aprimoramento contínuo do ensino a distância (LAI & BOWER, 2019).

De acordo com Barbosa (2021), a introdução de tecnologias dentro dos processos de ensino e aprendizagem possibilita a flexibilização do tempo e do espaço de aprendizagem, e isso permite que os estudantes possam conciliar seus estudos com suas respectivas responsabilidades durante o seu dia. Além disso, o uso da tecnologia possibilita a individualização do ensino, permitindo que os estudantes avancem em seu próprio ritmo e tenham um acompanhamento mais personalizado por parte dos educadores (OLIVEIRA et al., 2019).

Nesse contexto desafiador, o papel do professor em ambientes virtuais adquire uma dimensão ainda mais complexa e crucial. O educador transcende a mera transmissão de conhecimento, assumindo responsabilidades que incluem estimular a curiosidade dos alunos, fomentar o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e orientá-los na exploração ativa da realidade como parte integrante do processo educacional. O professor, ao desempenhar um papel ativo na criação e manutenção de um ambiente virtual de aprendizagem, deve cultivar uma atmosfera na qual os alunos se sintam não apenas incentivados, mas também confortáveis para expressar suas opiniões e participar ativamente do processo educativo (SANTOS et al., 2024).

Ainda segundo os autores, a habilidade do professor em fomentar a participação ativa e promover a interação entre os alunos no ambiente virtual torna-se fundamental. A promoção de discussões estimulantes, a oferta de feedback construtivo e a criação de atividades envolventes são estratégias essenciais para nutrir uma comunidade virtual de aprendizado dinâmica e colaborativa. Dessa forma, o professor não apenas transmite conhecimento, mas também desempenha um papel orientador e facilitador, incentivando o desenvolvimento integral dos alunos em ambientes educacionais virtuais.

## **POTENCIALIDADES TRANSFORMADORAS DO ENSINO A DISTÂNCIA**

Apesar dos desafios, o ensino a distância oferece um vasto horizonte de oportunidades transformadoras. A personalização do aprendizado é uma das potencialidades mais marcantes, permitindo que os alunos progridam em seu próprio ritmo e explorem conteúdos de maneira adaptativa (JONASSEN et al., 2003).

A variedade de recursos disponíveis, tais como vídeos interativos, simulações e fóruns online, desempenha um papel crucial na ampliação e enriquecimento das experiências de aprendizado em ambientes virtuais. Essa diversidade de ferramentas

proporciona abordagens multifacetadas que conseguem atender às distintas modalidades de aprendizagem dos alunos (RAVIZA et al., 2017). A utilização estratégica desses recursos não apenas promove a acessibilidade a diferentes estilos de aprendizagem, mas também favorece a criação de um ambiente educacional dinâmico e engajador.

Ainda para os autores, os vídeos interativos, por exemplo, podem oferecer uma abordagem visual e auditiva que facilita a compreensão de conceitos complexos, enquanto as simulações proporcionam experiências práticas e imersivas que fortalecem a aprendizagem ativa. Os fóruns online, por sua vez, constituem espaços virtuais propícios para a troca de ideias, debates e colaboração entre os alunos, promovendo uma aprendizagem social e colaborativa. Ao reconhecer e integrar esses recursos de maneira estratégica, educadores podem criar experiências educacionais mais ricas e adaptadas, maximizando assim o potencial de aprendizado em ambientes virtuais.

A globalização do conhecimento é outra potencialidade destacada da modalidade EaD. Estudantes de várias partes do mundo podem interagir e colaborar proporcionando uma perspectiva internacional enriquecedora (SALMON, 2000). Isso não apenas amplia os horizontes culturais, mas também promove a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento, alinhando-se com visão globalizada da educação (JAGUARS et al., 2021).

## **METODOLOGIA**

Foi realizada uma revisão bibliográfica das publicações sobre o ensino a distância no mês de janeiro de 2024 utilizando as bases de dados da Scielo, Google Acadêmico e Scopus. O método consistiu em buscar e sintetizar as principais contribuições que relatasse a educação a distância como instrumentos de aprendizagem.

Os estudos selecionados incluíram apenas artigos científicos publicados em inglês e português (Brasil). Foram excluídos teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e resumos publicados em anais de congressos nacionais e internacionais. Foi realizada uma busca nas bases de dados utilizando as seguintes palavras-chaves: Aprendizagem online, Desafios da educação a distância e inovação pedagógica.

## SÍNTESE

No total foram selecionados 13 artigos científicos, sendo excluídos 7 por não serem compatíveis com o tema da pesquisa, restando 6 artigos para serem analisados, discutidos e incluídos neste artigo de revisão bibliográfica.

A visão geral dos objetivos dos estudos, autores, ano de publicação e resultados desses 6 artigos podem ser acompanhados na tabela 1, a seguir:

**Tabela 1:** Visão geral dos artigos apresentando resultados sobre como o ensino a distância pode afetar positivamente ou negativamente o desempenho acadêmico dos alunos

<b>Autores/Ano de publicação</b>	<b>Objetivo do estudo</b>	<b>Resultado encontrados</b>
Alarifi & Steve (2024)	Conduzir uma análise comparativa do ensino a distância e do ensino presencial tradicional com foco na compreensão de como diferentes modalidades afeta o desempenho dos alunos	Os resultados iniciais sugeriram que os alunos que optaram pelo ensino online tiveram pontuações baixas em relação as notas na maioria dos cursos
Fischer et al., (2020)	Avaliar o desempenho de alunos em aulas presenciais e online	Modelos de regressão linear de efeitos fixos multidirecionais indicaram que as notas dos alunos foram ligeiramente mais baixas nos cursos online em comparação aos cursos presenciais
Bettinger et al., (2017)	Avaliar como os cursos online afetam o sucesso dos alunos	Os resultados demonstraram que fazer um curso online, em vez de presencial, reduziu o sucesso e o progresso dos alunos na faculdade, uma vez que as notas foram mais baixas utilizando essa modalidade como forma de aprendizagem
Pradas et al., (2021)	Avaliar a influência do ensino remoto no desempenho dos alunos durante a pandemia de Covid-19	Os resultados desse estudo mostraram um aumento no desempenho acadêmico (notas) dos alunos no ensino remoto emergencial
Rivero et al., (2023)	Avaliar a perspectiva de professores do ensino fundamental sobre a aprendizagem durante a pandemia de Covid – 19	Mais de 50% dos professores relatam um declínio no desempenho acadêmico dos alunos em relação as suas notas obtidas nos cursos

---

Mulay et al., (2023)	Investigar os efeitos do Ensino a distância no desempenho acadêmico de uma população de estudantes afro-americanos em cursos teóricos e laboratoriais	Os resultados indicaram que, para os cursos presenciais, o desempenho permaneceu quase semelhante para ambas as modalidades; já para os cursos laboratoriais, o desempenho e a satisfação dos alunos foram baixos para a modalidade a distância.
----------------------	---	--

---

**Fonte:** Alarifi & Steve (2024); Fischer et al. (2020); Bettinger et al. (2017); Pradas et al. (2021); Rivero et al. (2023); Mulay et al., (2023)

Alarifi & Steve (2024) conduziram uma análise comparativa entre o ensino a distância versus o ensino presencial tradicional na Universidade King Saud, na Arabia Saudita. O foco do estudo foi compreender como diferentes modalidades educacionais afetaria o desempenho dos alunos. O estudo foi conduzido com 16.722 alunos universitários. Entre esses alunos, 8.297 estavam envolvidos em atividades presenciais, enquanto 8.425 fizeram a transição para o ensino online.

A avaliação do desempenho dos alunos partiu de uma análise descritiva dos exames finais, nos cursos de Habilidades Universitárias (CL-101), Habilidades de Informática (CT-101), Empreendedorismo (ENT-101) e Fitness e Saúde (FAJB-101). Os resultados desse estudo mostraram que os alunos que optaram pelo ensino a distância online demonstraram ter um desempenho superior em comparação com os alunos presenciais nos cursos FAJB-101 e CT-101 com pontuações superiores de 0,56 e 5,28 pontos, respectivamente. Porém, em relação ao curso ENT-101, os alunos que optaram pelo ensino online apresentaram 0,69 pontos a menos comparado com os alunos presenciais.

Com base nesses resultados, pode-se argumentar que, na era digital, os alunos que residem em países mais desenvolvidos, como a Arabia Saudita, possuem as competências adequadas para interagir de forma eficaz tanto no contexto online e presencial. Porém, como já era de se esperar, o estudo mostrou uma exceção para o curso de informática, onde os estudantes online superaram os estudantes presenciais em mais de 5 pontos nas notas finais.

No âmbito on line, geralmente, os alunos escolhem o que irão estudar, de forma individual e, portanto, isso permite que eles abordem os diferentes conteúdos dos cursos no ritmo de sua preferência, focando em temas mais familiares de início para, posteriormente, avançarem para aqueles temas de menor interesse ou familiaridade.

As vantagens dessa aprendizagem individualizada foram documentadas por grandes estudiosos como Tullis & Benjamin (2011), que reportaram que os alunos que estudam individualmente muitas vezes superam aqueles que passam a mesma quantidade de tempo estudando materiais idênticos de forma presencial.

Entretanto, em outro estudo, Fischer et al., (2020) avaliaram o desempenho dos alunos em aulas presenciais e online. Esse estudo analisou quatro anos de dados institucionais acumulados em 72.441 matrícula de 23.610 alunos em 433 cursos durante períodos de verão em uma Universidade Pública de pesquisa. A avaliação do desempenho dos alunos foi medida pelas notas que receberam no final do curso.

Os resultados indicaram uma associação muito pequena, porém negativa, em relação a participação em cursos online com o desempenho dos alunos. A partir de um modelo complexo de regressão linear foi possível observar que a modalidade de curso online levou a uma diminuição geral de 0,096 nas notas dos alunos. De modo geral, é possível concluir que, as estimativas do impacto da modalidade dos cursos oferecidos de forma online nas notas dos alunos foram significativas e negativas, indicando que os alunos tendem a ter um pior desempenho em cursos online comparado aos cursos presenciais.

Esses resultados estão de acordo com outros estudos, que observaram penalidades de notas para os alunos matriculados em cursos online (BETTINGER et al., 2017; XU e JAGGARS, 2011 e XU e JAGGARS, 2014).

Bettinger et al. (2017) avaliaram como os cursos universitários online afetam o sucesso dos alunos. Esse estudo foi conduzido com estudantes da graduação. Cada curso era oferecido por meio de aulas online e aulas presenciais tradicionais. Como critério de avaliação, foram levadas em consideração a comparação de notas dos alunos matriculados em cursos online e presencial, sendo que cada instrutor (professor) atribuiu notas tradicionais com letras A-F. Esses dados foram obtidos sobre 230 mil alunos em mais de 168 mil seções de 750 cursos oferecidos.

Os resultados mostraram que fazer um curso online reduz drasticamente o sucesso dos alunos e o progresso na faculdade, ou seja, reduz as chances de obterem notas A, B, C ou D. Além disso, os resultados forneceram evidências de que fazer um curso online, em vez de presencial, aumenta a probabilidade de o aluno abandonar a faculdade. Os resultados apresentados por esse estudo estão devidamente alinhados com outros estudos anteriores, que reportaram que os cursos presenciais produzem melhores resultados comparado aos cursos online (FIGLIO, RUSH e YIN, 2013; XU e

JAGGARS, 2013; ALPERT, COUCH e HARMON, 2016; STREICH, 2014; JOYCE et al., 2015).

Pradas et al., (2021) avaliaram o ensino remoto emergencial e o desempenho acadêmico de estudantes no ensino superior durante a pandemia de COVID-19. O estudo utilizou uma amostra (n=43) de todos os cursos do Bacharelado em Engenharia de Telecomunicações da escola de Engenharia de Telecomunicações (Universidade Politécnica de Madrid). Como fonte de dados, foram utilizadas as notas agregadas dos alunos em nível de curso dos últimos três anos acadêmicos (2017-2018 e 2019-2020). Os resultados demonstraram que houve uma variação de notas de aprovação nos diferentes anos da graduação, e que o desempenho acadêmico geral dos alunos avaliados em condições online foi significativamente melhor do que o ensino presencial tradicional.

Portanto, pode-se argumentar, a partir desses resultados, que o ensino online foi uma forma eficaz para sobressair os cursos presenciais tradicionais durante períodos emergenciais, como a pandemia de COVID-19. Esses resultados estão coerentes com os resultados reportados por Gonzalez et al., (2020) que também avaliaram a influência do confinamento da covid-19 no desempenho dos alunos no ensino superior, e os resultados foram significativamente positivos.

Entretanto, Riveiro et al., (2023) avaliaram a perspectiva de professores do ensino fundamental sobre a aprendizagem dos alunos durante a pandemia de covid-19. Foi distribuída uma pesquisa online para os professores (n=911) de escolas públicas nos Estados Unidos e no Canadá no final do ano letivo de 2020-2021. Como resultados obtidos, mais de 50% dos professores indicaram que os alunos tiveram um desempenho pior do que os alunos anteriores a pandemia. Além disso, foi relatado pelos professores que alunos com um nível socioeconômico mais baixo foram mais propensos a ter um desempenho abaixo das expectativas para a série. De forma geral, esse estudo enfatizou que quase 56% dos professores concordaram em que os alunos tiveram um desempenho abaixo das expectativas para as suas notas durante o ano letivo de 2020-2021.

Esses resultados convergem com os estudos anteriores que utilizaram testes padronizados para comparar o desempenho acadêmico de alunos antes, e durante a pandemia (ENGZELL et al., 2020; KUHFIELD et al., 2020).

Mulay et al., (2023) avaliaram os efeitos do ensino a distância em estudantes Afro-americanos de Engenharia e cursos de Tecnologia durante a pandemia de covid-

19. O estudo envolveu 49 alunos matriculados nos programas de Tecnologia de Engenharia de Construção (CET) e Tecnologias de Engenharia Eletrônica (EET). Para mensurarem o desempenho acadêmico foram utilizadas as notas finais dos alunos. Os resultados revelaram que, os níveis de satisfação com as notas finais foram semelhantes para ambos os grupos de cursos, com 14 alunos do ensino a distância e 16 alunos do ensino presencial, o que foi consistente com pesquisas anteriores em educação online (MANN et al., 2021; POWELL et al., 2015).

## **CONCLUSÃO**

Esse estudo fornece informações valiosas através de uma análise de estudos publicados sobre o desempenho de estudantes na transição do ensino presencial para o ensino online, especificamente em relação as notas obtidas nos exames de avaliação. De uma maneira abrangente, observou-se em grande parte dos estudos que o ensino a distância (online) apresentou predominantemente impactos negativos no desempenho acadêmico dos alunos.

Diversos fatores foram identificados como influenciadores desses resultados, sendo especialmente destacados o tipo de ferramenta tecnológica empregada no ensino a distância (EaD) e o nível de interação entre alunos e professores por meio dessas plataformas. Entretanto, durante o período de pandemia de COVID-19 (ensino emergencial), pesquisas demonstraram resultados positivos quanto ao ensino a distância em cursos superiores e resultados negativos no ensino fundamental, onde fatores socioeconômicos e geográficas podem ter sido fatores-chave como influenciadores.

A escolha e implementação de ferramentas tecnológicas também desempenham um papel crucial no sucesso do ensino a distância, sendo que a eficácia dessas ferramentas está intrinsecamente ligada à sua capacidade de oferecer uma experiência de aprendizado robusta e envolvente. Além disso, o grau de interação entre alunos e professores, que muitas vezes é mediado pelas ferramentas tecnológicas utilizadas, emergiu como um fator determinante. A qualidade e frequência dessa interação podem influenciar significativamente a motivação dos alunos, a compreensão dos conteúdos e, conseqüentemente, o desempenho acadêmico. Essas considerações apontam para a necessidade de uma abordagem cuidadosa na escolha e implementação de tecnologias educacionais, bem como no

desenvolvimento de estratégias que promovam uma interação eficaz entre todos os participantes no ambiente virtual de aprendizado.

Conclui-se que melhorias contínuas no ensino a distância são necessárias e requer esforços em conjunto, tanto de instituições educacionais quanto de professores e alunos, para que possa se tornar um ambiente de aprendizagem realmente mais eficaz, universal e inclusivo para todos.

## REFERÊNCIAS

- ALARIFI, B. N.; & SONG, S. Online vs in-person learning in higher education: effects on student achievement and recommendations for leadership. **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 11, n. 1, p. 1-8, 2024.
- ALPERT, W. T.; COUCH, K. A.; & HARMON, O. R. A randomized assessment of online learning. **American Economic Review**, v. 106, n. 5, p. 378-382, 2016.
- BETTINGER, E. P.; FOX, L.; LOEB, S.; & TAYLOR, E. S. Virtual classrooms: How online college courses affect student success. **American Economic Review**, v. 107, n. 9, p. 2855-2875, 2017.
- ENGZELL, P.; FREY, A.; & VERHAGEN, M. D. Learning loss due to school closures during the COVID-19 pandemic. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 118, n. 17, p. 2022376118, 2021.
- FRANÇA, C. L.; MATTA, K. W. D.; & ALVES, E. D. Psicologia e educação a distância: uma revisão bibliográfica. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, p. 04-15, 2012.
- FISCHER, C.; XU, D.; RODRIGUEZ, F.; DENARO, K.; & WARSCHAUER, M. Effects of course modality in summer session: Enrollment patterns and student performance in face-to-face and online classes. **The Internet and higher education**, v. 45, p. 100710, 2020.
- FIGLIO, D.; RUSH, M.; & YIN, L. Is it live or is it internet? Experimental estimates of the effects of online instruction on student learning. **Journal of Labor Economics**, v. 31, n. 4, p. 763-784, 2013.
- GONZALEZ, T.; DE LA RUBIA, M. A.; HINCZ, K. P.; COMAS-LOPEZ, M.; SUBIRATS, L.; FORT, S.; & SACHA, G. M. Influence of COVID-19 confinement on students' performance in higher education. **PloS one**, v. 15, n. 1, p. 0239490, 2020.
- HALL, A. C.; LINEWEAVER, T. T.; HOGAN, E. E.; & O'BRIEN, S. W. On or off task: The negative influence of laptops on neighboring students' learning depends on how they are used. **Computers & Education**, v. 153, p. 103901, 2020.

JOYCE, T.; CROCKETT, S.; JAEGER, D. A.; ALTINDAG, O.; & O'CONNELL, S. D. Does classroom time matter? **Economics of Education Review**, v. 46, p. 64-77, 2015.

JONASSEN, D.; HOWLAND, J.; MARRA, R.; & MOORE, J. Learning to solve problems with technology: A constructivist perspective. **Merrill Prentice Hall: Upper Saddle River**, New Jersey, 2003.

JAGGARS, S. S.; MOTZ, B. A.; RIVERA, M. D.; HECKLER, A.; QUICK, J. D.; HANCE, E. A.; & KARWISCH, C. The Digital Divide among College Students: Lessons Learned from the COVID-19 Emergency Transition. Policy Report. **Midwestern Higher Education Compact**, 2021.

KUHFELD, M.; TARASAWA, B.; JOHNSON, A.; RUZEK, E.; & LEWIS, K. Learning during COVID-19: Initial findings on students' reading and math achievement and growth. **NWEA Brief**, Portland, OR, 2020.

LAI, J. W.; & BOWER, M. How is the use of technology in education evaluated? A systematic review. **Computers & Education**, v. 133, p. 27-42, 2019.

MARTINS, L. B.; & ZERBINI, T. Educação a distância em instituições de ensino superior: uma revisão de pesquisas. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 14, n. 3, p. 271-282, 2014.

MATTAR, J.; RODRIGUES, L.; MARTINS, M.; CZESZAK, W.; GRACIANI, J. Competências e funções dos tutores online em educação a distância. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

MULAY, T.; KHALAFALLA, M.; LI, C.; KOBELO, D.; & SHADRAVAN, B. Effects of Distance Learning on African American Students in Engineering Technology Courses During COVID-19 Pandemic. In **2023 ASEE Annual Conference & Exposition**, 2023.

MANN, B.; LI, W.; & BESNOY, K. Digital Divides: K-12 Student Profiles and Online Learning. **Education Policy Analysis Archives**, v. 29, n. 112, 2021.

POWELL, A.; WATSON, J.; STALEY, P.; PATRICK, S.; HORN, M.; FETZER, L.; & VERMA, S. Blending Learning: The Evolution of Online and Face-to-Face Education from 2008-2015. Promising Practices in Blended and Online Learning Series. **International association for K-12 online learning**, 2015.

PRADAS, S. I.; HERNÁNDEZ-GARCÍA, Á.; CHAPARRO-PELÁEZ, J.; & PRIETO, J. L. Emergency remote teaching and students' academic performance in higher education during the COVID-19 pandemic: A case study. **Computers in human behavior**, v. 119, p. 106713.

RAVIZZA, S. M.; UITVLUGT, M. G.; & FENN, K. M. Logged in and zoned out: How laptop internet use relates to classroom learning. **Psychological science**, v. 28, n. 2, p. 171-180, 2017.

RIVERO, A. A.; ODGERS, C.; & ANSARI, D. Elementary school teachers' perspectives about learning during the COVID-19 pandemic. **npj Science of Learning**, v. 8, n. 1, p. 40, 2023.

SCHERER, S.; & BRITO, G. D. S. Educação a distância: possibilidades e desafios para a aprendizagem cooperativa em ambientes virtuais de aprendizagem. **Educar em Revista**, p. 53-77, 2014.

SADEGHI, M. A shift from classroom to distance learning: Advantages and limitations. **International Journal of Research in English Education**, v. 4, n. 1, p. 80-88, 2019.

STREICH, FRANCIE E. 2014b. "**Education in Community Colleges: Access, School Success, and Labor-Market Outcomes.**" Chapter 2. PhD diss., University of Michigan.

SALMON, G. E-moderating: the key to teaching and learning online. **Routledge**, 2000.

TULLIS, J. G.; & BENJAMIN, A. S. On the effectiveness of self-paced learning. **Journal of memory and language**, v. 64, N. 2, p. 109-118, 2011.

XU, D.; & JAGGARS, S. S. The effectiveness of distance education across Virginia's community colleges: Evidence from introductory college-level math and English courses. **Educational Evaluation and Policy Analysis**, v. 33, n. 3, p. 360-377, 2011.

XU, D.; & JAGGARS, S. S. Performance gaps between online and face-to-face courses: Differences across types of students and academic subject areas. **The Journal of Higher Education**, v. 85, n. 5, p. 633-659, 2014.

XU, D.; & JAGGARS, S. S. The impact of online learning on students' course outcomes: Evidence from a large community and technical college system. **Economics of Education Review**, v. 37, p. 46-57, 2013.



**Capítulo 10**  
**ATENDIMENTO PSICANALÍTICO NA INFÂNCIA: SEUS**  
**ASPECTOS, SUAS VICISSITUDES, SUAS**  
**PERSPECTIVAS E SUA RELEVÂNCIA PARA UM**  
**ADOLESCER SAUDÁVEL**  
*Maria Dirce Barcelos Silva*  
*Sérgio Rodrigues de Souza*

# ATENDIMENTO PSICANALÍTICO NA INFÂNCIA: SEUS ASPECTOS, SUAS VICISSITUDES, SUAS PERSPECTIVAS E SUA RELEVÂNCIA PARA UM ADOLESCER SAUDÁVEL

**Maria Dirce Barcelos Silva**

*Pedagoga. Psicanalista. E-mail: [psiquebarcelos@gmail.com](mailto:psiquebarcelos@gmail.com)*

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Pedagogo. Psicanalista. Pós-Doutor em Psicologia Social. E-mail:  
[srgrodriguesdesouza@gmail.com](mailto:srgrodriguesdesouza@gmail.com)*

## RESUMO

Este ensaio aborda a temática do atendimento psicanalítico na infância, focando em seus aspectos, suas vicissitudes, suas perspectivas e sua relevância para um adolescer saudável. A sua relevância científica encontra-se no aspecto de provocar a comunidade acadêmica em aprofundar os estudos sobre a técnica e a prática em si, uma vez que com as mudanças nas expectativas de vida e sobre a existência humana, os pais têm lançado uma carga cada vez maior de responsabilidades sobre seus filhos, obrigando-os a manterem-se infantilizados e assim manter sobre eles um controle [*quase que*] absoluto. A sua relevância social encontra-se no aspecto de esclarecer ao público amplo, as nuances que envolvem este tipo de atendimento e como se efetua o tratamento terapêutico psicanalítico. Trata-se de um ensaio, que tem como fundamento a práxis de ambos os autores, embasados nos trabalhos de psicanalistas clássicos. O comportamento do adulto reflete toda sua vivência infantil, suas dores, angústias, impulsividade, compulsividade, rigidez, inflexibilidade, assim, como bondade, longanimidade, tolerância, paciência entre outros. Este é um processo de revivescência, que se realiza através da herança ontogenética, *i.e.*, o ser repete a si mesmo e ao seu comportamento. São marcantes e impactantes os primeiros anos de vida, os traços mnemônicos que ficam fixados para sempre, podendo ser minimizados ou maximizados dependendo da circunstância. Sendo a Psicanálise uma teoria, uma técnica, um método e uma prática, pode e deve ser utilizada em várias esferas da sociedade, até pela leveza do transitar tão bem nessa multidiversidade sociocultural. Independentemente da idade, o atendimento psicanalítico vem atender a demandas antes feitas pela Psiquiatria e pela Psicologia, muitas vezes de forma rígida e estanque. O interessante do atendimento psicanalítico é que não é oferecido o elemento *Cura*, não é predito um resultado. Como frisado pelo mestre criador da Psicanálise, a resposta é [*sempre*] do outro.

**Palavras-chave:** Atendimento psicanalítico infantil. Psicanálise. Criança. Adolescente.

## ABSTRACT

This essay addresses the topic of psychoanalytic care in childhood, focusing on its aspects, its vicissitudes, its perspectives and its relevance for a healthy adolescence. Its scientific relevance lies in the aspect of provoking the academic community to deepen studies on the technique and practice itself, since with changes in life expectations and human existence, parents have placed a burden each increasing responsibilities over their children, forcing them to remain infantilized and thus maintain [almost] absolute control over them. Its social relevance lies in the aspect of clarifying to the broad public the nuances involved in this type of care and how psychoanalytic therapeutic treatment is carried out. This is an essay, which is based on the praxis of both authors, based on the work of classic psychoanalysts. An adult's behavior reflects their entire childhood experience, their pain, anguish, impulsiveness, compulsivity, rigidity, inflexibility, as well as kindness, long-suffering, tolerance, patience, among others. This is a process of revival, which takes place through ontogenetic inheritance, i.e., the being repeats itself and its behavior. The first years of life are remarkable and impactful, the mnemonic traces that remain fixed forever, and can be minimized or maximized depending on the circumstance. Since Psychoanalysis is a theory, a technique, a method and a practice, it can and should be used in various spheres of society, even due to the lightness of moving so well in this sociocultural multidiversity. Regardless of age, psychoanalytic care meets demands previously made by Psychiatry and Psychology, often in a rigid and sealed manner. The interesting thing about psychoanalytic care is that the Healing element is not offered, nor is a result predicted. As emphasized by the master creator of Psychoanalysis, the answer is [always] from the other.

**Keywords:** Child psychoanalytic care. Psychoanalysis. Child. Adolescent.

## INTRODUÇÃO

Logo ao nascer, o ser humano começa a perder; e precisa aprender a perder; porque, as perdas no decorrer da existência são inevitáveis. Esta condição, *sui generis*, no nascimento já determina a ocorrência do primeiro luto a que os humanos terão que conviver, compreendendo que luto é o período que se segue depois da perda de algo que é muito importante, seja lá o que for. O luto se manifesta quando se percebe que aquilo que, de fato, fazia algum sentido na vida e na existência, já não está mais disponível e a sua ocorrência se dá pelo simples fato de que o homem não compreende que a partida de algo é apenas uma partida deste objeto e que não detém o poder de levar tudo embora consigo, especialmente o mundo intrapsíquico. A ruptura, a dor da passagem por uma porta estreita, a primeira, o útero, a mudança de ambientes, onde o bebê sai de um mundo aquático, morno, onde flutuava e ouvia sons amortecidos por esse líquido amniótico para um mundo aéreo, frio, barulhento, ofuscante. Deixa de ter uma alimentação umbilical e passa a ter uma alimentação oral.

Essa primeira ruptura leva a sensações de perda, de algo que falta e isso acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Algumas fobias podem ser explicadas pelo trauma do nascimento. Nascer dói. Não é sofrimento, é dor. E dor é transitória. Para cada fase do desenvolvida ocorrem perdas. A mãe, sujeito principal desse cenário, precisa ser suficientemente boa para que o processo de luto vivido pelo bebê se dê de maneira saudável, do ponto de vista psicológico. A perda do útero, enquanto lugar, poderá vir a ser o fantasma, algo que falta a esse indivíduo durante seu desenvolvimento podendo este sentimento de vazio permanecer até a morte.

Existem indivíduos assim em todo o ambiente de convivência, em que, para eles, a insatisfação extrínseca tenta justificar a intrínseca. Mesmo que sejam bem sucedidos, sempre procuram um motivo qualquer, aleatório, para mostrar que não são realizadas em suas conquistas. Recusam-se a perder e quando isso ocorre, se voltam naturalmente em direção ao ego, ao eu, se desinteressando assim, pelos acontecimentos do mundo externo. É no perder algo na vida, nas fases primeiras da vida, que talvez se reviva o primeiro luto, o do nascimento.

A criança chegará ao meio escolar com essa falta, com essa perda, com essa dor. O atendimento psicanalítico entraria aqui como um ego auxiliar rápido, pelo fato da criança não fazer o processo de transferência como o adulto [*supostamente*] o faz. Há que esclarecer que a criança ainda possui um ego em formação, incapaz de compreender a realidade que a envolve e de interpretar as situações conflitantes que a acometem. As sessões de atendimento a crianças precisam ser poucas e curtas, salvo alguns casos raros. A observação deve ser contínua e permanecer durante todo o processo, seja feito pelos pais, professores ou por alguém mais próximo. A maior parte dos atendimentos clínicos, onde o sintoma melancolia é desvelado, a busca, o ponto de inflexão na linha do tempo irá conduzir aos traços mnemônicos, aos pontos fixados na infância, o que Freud diria que esta pessoa encontra-se catexiada.

Adentrando um pouco o campo da Neurociência, que nos dias atuais é um assunto abordado com certa austeridade e curiosidade, trazendo e fazendo leitores que se interessam pelo funcionamento do órgão mais misterioso do corpo humano, o cérebro e que, graças a esta curiosidade desprovida de critérios, fomentada pelo senso comum, muito material especulativo e sem qualquer fundamento técnico-científico vem sendo produzido e exposto. Muito se tem ainda a ser estudado e descoberto sobre o cérebro e seu funcionamento. Nos dias atuais é um assunto abordado com insistência, mas na maior parte de forma rasa e superficial. A primeira

coisa que os entusiastas do cérebro ignoram é que, mesmo que se mostre perfeito e, com capacidade, potencialmente, ilimitada, está atrelado a um corpo, totalmente limitado por uma série de fatores, em que o maior adversário a ser enfrentado são as influências ambientais.

A Neurociência existe desde os primórdios, onde contempla-se o filósofo grego Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.) em sua famosa frase, onde argumenta que toda inteligência passa pelos sentidos<sup>1</sup>, onde mostra a ruptura dialética com seu antigo mestre, Platão. Esse tópico será retomado anos mais tarde por John Locke (1632-1704), considerado o Pai do Empirismo por muitos da época; no entanto, a fundamentação de suas teses é, claramente, antecedida pelo então citado filósofo.

A ligação do bebê com a mãe até os quatro meses é singular (*fusional*, na concepção de Lacan, que biologicamente, chama-se *ligação osmótica*), peculiar, onde o pai e outros familiares não conseguem adentrar. É um mundo onde duas pessoas, mãe e filho, começam a se conhecer; onde a saída de um mundo submerso para um mundo aéreo começa a tomar consistência, corpo. A partir dos quatro meses a figura do pai, começa a ser notada, percebida com mais nitidez (mas, ainda assim, o pai só reconhecido como tal por meio da afirmação do discurso materno, ou seja, a paternidade é fruto da *afirmação positiva* da mãe). Até os 4 (quatro) meses a criança reconhece a mãe pelo cheiro e pelo ouvir. O nervo óptico ainda não está, suficientemente, amadurecido para reconhecê-la pelo olhar. Até esta idade, a visão do bebê é binocular, semelhante a dos lagartos, em especial as lagartixas e o máximo que ela percebe é um vulto que, com o amadurecimento do nervo óptico, começa a delinear mais exatamente a figura materna e a partir daí a construção cerebral da imagem da mãe ou da cuidadora que, nos tempos freudianos, era a Ama.

A ligação simbiótica, cheiro, pele e voz funcionam como calmante para esse pequeno rei, tirano, ditador, esse bebê que chora com o desespero porque, às vezes, fora deixado só, por alguns minutos. A sensação não compensada de perda do útero, do lugar seguro, desse mundo submerso, para um mundo de maior espaço, cheio de outros objetos a dividir com ele. A sensação do abandono torna o choro mais alto e potente, porque traz em si o medo e a certeza da morte iminente. Nessas vicissitudes, faz-se aqui o uso do termo de Winnicott (1978): “mãe suficientemente boa, num ambiente suficientemente bom”, em que se pode interpretar tal pensamento como que

---

<sup>1</sup> Cf. ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2007.

não é por nascer, *a priori*, que será vencedor. Há que se olhar para o ambiente que cerca o indivíduo, quais as condições que o levará a vencer ou o interceptará.

## **O DESENVOLVIMENTO PSICOFÍSICO DA CRIANÇA**

A criança, que se encontra ainda na fase sensório-motor defendida por Jean Piaget (1896-1980), fica bem interessada quando o objeto some e torna a aparecer. Quando também brinca de fechar os olhos onde o mundo some. A importância do erro na construção do conhecimento, segundo a teoria de Piaget, vem reforçar hoje a necessidade e legalidade do atendimento psicanalítico, esclarecendo que se não há uma promessa de cura, há um entendimento pela parte do atendido, que no erro também se encontra respostas, estas até então ocultas, por não serem sabidas de sua existência, vindo à tona através do erro, e também, por não quererem ser percebidas pelo que errou. Só se tem conhecimento que o dia é dia porque existe a noite, do bem devido ao mal, do amor devido ao ódio, da chegada devido a partida e assim, sucessivamente; ou seja, o contrário produz o conhecimento acerca da existência do seu contrário e a partir daí a curiosidade sobre este, o que leva à formulação de suposições, hipóteses, construções intelectuais subjetivas, saberes, experimentações empíricas e, conseqüentemente, conhecimentos.

Algumas situações que hoje se transformaram em nomes famosos, onde as indústrias farmacêuticas têm sua fonte e públicos certos já eram conhecidas pelos povos da Antiguidade: A agorafobia e claustrofobia que têm suas fontes no parto e início da infância. O desejo de estar em um lugar quente, menor, dá a sensação de se sentir abraçado, uma volta ao útero, como banhos de imersão, influenciando assim, para mais ou para menos na vida do indivíduo, interpretação e compreensão que se torna possível seguindo a linha de raciocínio de Henri Wallon (1879-1962), onde sensações e emoções têm efeito direto sobre o feto em toda sua trajetória gestacional, sabendo que isso refletirá na formação da personalidade, nível de afetividade e tonicidade muscular do indivíduo; conseqüentemente, respostas a situações cotidianas sofrerão influência direta.

O comportamento do adulto reflete toda sua vivência infantil, suas dores, angústias, impulsividade, compulsividade, rigidez, inflexibilidade, assim, como bondade, longanimidade, tolerância, paciência entre outros. Este é um processo de

revivescência, que se realiza através da herança ontogenética, *i.e.*, o ser repete a si mesmo e ao seu comportamento.

São marcantes e impactantes os primeiros anos de vida, os traços mnemônicos que ficam fixados para sempre, podendo ser minimizados ou maximizados dependendo da circunstância. Sendo a Psicanálise uma teoria, uma técnica, um método e uma prática, pode e deve ser utilizada em várias esferas da sociedade, até pela leveza do transitar tão bem nessa multidiversidade sociocultural. Independentemente da idade, o atendimento psicanalítico vem atender a demandas antes feitas pela Psiquiatria e pela Psicologia, muitas vezes de forma rígida e estanque. O interessante do atendimento psicanalítico é que não é oferecido o elemento *Cura*, não é predito um resultado. Como frisado pelo mestre criador da Psicanálise, a resposta é [*sempre*] do outro.

Segundo Freud, uma criança brinca não somente para repetir situações satisfatórias, mas também para reelaborar as que lhe foram traumáticas e dolorosas. De acordo com Souza (2022), sentimentos positivos tendem a ser esquecidos enquanto os negativos, esses sim, são atemporais, sempre presentes e exigindo soluções para os conflitos que atravessam a existência individual, afetando o comportamento e a boa convivência; por vezes, até mesmo impedindo que seja levada uma vida afetiva normal e saudável. Esses sentimentos provocadores de conflito e dor voltam como fantasmas, em espaços e tempos diferentes no decorrer da vida cotidiana. Freud afirma, também, a impossibilidade do atendimento infantil sem a colaboração dos pais, sem o acompanhamento e anotações feitas pelos mesmos nas pequenas atitudes vivenciadas no cotidiano. Essa postura de Freud foi mais tarde defendida por sua filha Ana Freud (1895-1982), onde postula a impossibilidade de se analisar uma criança em consultório, onde há um distanciamento visível e estranho ao seio familiar. A experiência da análise infantil freudiana se deu com o caso do Pequeno Hans, onde enfatizou a importância dos detalhes contados pelo pai da criança em análise, onde foi levado em conta o inconsciente e a análise dos sonhos de Hans. Já Ana Freud vai em sua linha de pesquisa valorizar o ego, o consciente, a troca de informações relevantes ocorridas no dia a dia dessa criança, no meio familiar, a realidade na qual está inserido este pequeno infante.

A latência é um período silencioso no campo da sexualidade infantil, que antecede à fase da puberdade, esta que, segundo Freud, representa um retorno ao Complexo de Édipo com poder, certo nível de esclarecimento e consciência sobre as

ações, podendo, por sua própria atitude autônoma, dirigir o seu amor para um objeto não incestuoso. Na puberdade, esse adolescente destrói a imagem do pai biológico perfeito que construiu dentro de si, isso após perceber nuances que até então eram imperceptíveis em seu pensamento infantil, como a fraqueza, a mentira, os erros e falhas deste, onde existia, até então, um *super-herói*. Surge, então, um pai que ele não enxerga, a figura representativa de autoridade, o *superego social*. Unido a isso, surgem problemas/situações ou situações/problemas na escola, em casa, nos grupos de amigos. Seu corpo e seu pensamento ficam como no padrão grego, dissociados, como se fossem separados, falta sintonia, harmonia, entre esse corpo que está desenvolvendo de forma desproporcional num bombardeio de hormônios e essa mente que não acompanha esse crescimento; tem-se aí uma fase em que está dominado por um egodistônico. A libido exacerbada, os órgãos sexuais antes não tão vistos/percebidos ou enxergados tomando agora medidas, passando por mudanças, proporções aceleradas e desproporcionais em contraste com um pensamento que ainda permanece, na maior parte das vezes, infantil, sem querer sair da zona de conforto de ser criança, o ser cuidado, guardado e protegido deste mundo desconhecido, assustador, atraente, acelerado e instigante.

A reação do adolescente a esse superego social vai determinar o adulto, o indivíduo/agente transformado e transformador, numa sociedade enlouquecedora, embriagada por seus transeuntes, híbridos cartesianos, periféricos, ausentes, simplesmente viventes em uma grande selva que se divide em várias esferas de pedra, globalizada, cibernética, decimal, binária. Nem sempre o resultado é o ideal, porque com toda esta violência simbólica imposta sobre ele o que resta, como refúgio, pode ser a neurose ou a psicose.

O brincar e a brincadeira são um viés para atingir o universo simbólico ou figurativo da criança através da linguagem. O que a criança não consegue expressar linguisticamente ou através da linguagem, o fará através de personagens, seja de contos de fadas e/ou da utilização do próprio brinquedo. O mundo fabuloso de uma criança é ilimitado, é onde o inesperado acontece, onde o valor moral desaparece entre as linhas de bordados e brocados de longos vestidos; ao som de espadas e danças medievais, onde o cabo de uma simples vassoura vira um cavalo, que levará seu príncipe prometido a uma torre, onde lagartos viram dragões, onde uma boneca vira uma princesa e uma varinha seja ou não de condão é capaz de criar castelos e carruagens com seus príncipes e realezas. Aqui adentra-se no mundo da contação de

histórias, a importância da fantasia, nesse mundo simbólico e imaginário da criança, onde não existe a impossibilidade, a *insolução* de problemas. Esse mundo subjetivo, emotivo, onde o amor vence o ódio, onde impera a justiça e tudo termina bem; isto nos contos de fadas tem importante papel no ajustar e amadurecer as estruturas psíquicas da criança no seu desenvolvimento. A maturação biopsicossocial, onde a imitação e a repetição têm funções fundamentais na formação da personalidade e na identidade do pequeno infante. Imitação, pois todo comportamento é aprendido através da repetição, pela necessidade da criança de fixar, gravar aquilo que foi passado, ensinado, memorizado para mais ser utilizado mais tarde, em situações de vivência e de experiência. A história escolhida pelo adulto e rejeitada ou aceita pela criança, tem afinidade com a mesma, seja em nível consciente ou inconsciente. O processo de identificação com os personagens narrados ajudam a elaborar respostas, meios e fins que justifiquem situações atuais ou futuras.

Ao identificar o processo de construção das representações sociais vivenciadas na infância, segundo a percepção, sensação e todas as possibilidades cognitivas e psicossociais, o Psicanalista estará diante do protótipo do adolescente, do devir. O Universo infantil, que é a representação de um Pluriverso, vem repleto de simbologias, representações, signos e significantes com seus significados únicos, pessoais, peculiares, o significado individual em meio ao coletivo, isso a partir da elaboração e reconstrução de experiências subjetivas e objetivas, experienciadas na dinâmica psicossocial familiar, seja harmoniosa ou conflituosa. As crises e conflitos geracionais entre pais e filhos, tendo maior incidência no adolescer da, até então, criança e agora um desafiante, um dito transgressor de regras, o adolescente, aquele que vem para denunciar a idade e envelhecer dos pais, onde toda a potência e poder são questionados, posto à prova, onde a fonte da juventude dita as novas regras de um lar até então guiado, em linha reta, isso no caso de uma família nuclear sistêmica. Onde o próprio infante-juvenil não sabe ainda se é criança, jovem ou adulto. Onde se mata simbolicamente esse pai super-herói, até então intocável, puro, reto, irrepreensível, substituído por outro, falho, que erra, mente, não sustenta, não suporta situações inesperadas. Esse é substituído pelo suposto saber, suposto pai, o superego social, também com suas cobranças, seus anseios e expectativas sobre esse novo ser social. Aqui entra a importância do fortalecimento dos vínculos nas relações afetivas e sociais na infância, estabelecidas com os pais, irmãos e outras

peças próximas que moram junto ou que apenas exercem algum tipo de convivência.

Todas estas situações apresentadas são parte essencial de um processo de formação que, mesmo não se apresentando com tal nível de complexidade é assim que se processa e, por mais que a sociedade não deseje compreender a dinâmica que isto representa, sempre foi assim e continuará a ser, porque os sentimentos e conflitos que dominam a espécie humana são necessários para que possa realizar a transição de uma fase a outra, com exigências cada vez mais profundas, entre elas a mais extensa de todas, a construção da personalidade da geração seguinte.

O tratamento psicanalítico infantil revela mais sobre o ambiente e as coisas que ali acontecem do que sobre a criança em si, que apenas manifesta seu assombro e seu medo através de comportamentos que incomodam aos adultos que, na maior das vezes, preferem criar válvulas de escape, como justificativas para problemas que exigem soluções radicais e enfrentamentos difíceis, com consequências nada agradáveis. O mundo intrínseco da criança ainda é uma confusão devido a uma profusão de sentimentos e mensagens que não consegue decodificar, devido à sua imaturidade intelectual; logo, cabe aos adultos darem sentido a elas através de sentimentos de segurança e equilíbrio emocional. Uma vez que elas percebem que lhes falta isto, advindo de seus protetores, tudo tende a caminhar para o desequilíbrio emocional, podendo deixá-la fixada na idade em que ocorreu a situação traumática. Isto reflete na vida intelectual e nos processos de cognição das crianças, culminando no que se convencionou classificar como distúrbios de aprendizagem, o que culmina em busca por soluções medicamentosas.

## **TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM E O ATENDIMENTO PSICANALÍTICO**

Tem se tornado muito comum a confusão no diagnóstico com crianças que apresentam *dificuldades de aprendizagem* e crianças que apresentam *transtornos de aprendizagem*<sup>2</sup>. A intervenção em ambos os casos deve ser, em um primeiro

---

<sup>2</sup> *Transtornos de aprendizagem* são transtornos que causam discrepância entre o potencial e os níveis reais de desempenho acadêmico, assim como as previsões das habilidades intelectuais do indivíduo. Envolvem deficiências ou dificuldades na concentração, atenção, linguagem ou processamento visual de informações. O diagnóstico inclui avaliações médicas, psicológicas, intelectuais, educacionais, de fala e linguagem. O tratamento consiste, primeiramente, na abordagem educacional e, às vezes, terapêutica médica, comportamental e psicológica. **Fonte:** Manual MSD: versão para profissionais de saúde. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de->

momento, de caráter pedagógico, aplicando-se os testes costumeiros, de acordo com a categoria até que se obtenha uma resposta objetiva que demonstre qual procedimento poderá [ou deverá] ser tomado a seguir.

Há que esclarecer que, transtornos de aprendizagem não são comuns, são excepcionalmente raros, havendo que prosseguir com tratamentos em vários campos, desde o clínico geral até neurologistas e psiquiatras, conforme se mostre a gravidade do problema. Via de regra, o que se tem são crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem devido a fatores sociológicos ou mesmo de natureza mais complexa, como o não amadurecimento cognitivo e intelectual de maneira suficiente para abstrair ao nível exigido pela disciplina e seus componentes didáticos. Nestes casos, cabe à Pedagogia a devida e correta intervenção com vistas a auxiliar os estudantes a superarem suas dificuldades didáticas.

Fora deste escopo que fora apresentado acima, existem situações em que se mostram como elementos de inflexão entre a criança e a sua capacidade de aprendizagem, a destacar ocorrências de abusos [seja físico ou psicológico], o que gera consequências de retardo na potencialidade de absorção dos conteúdos, atenção e fixação. Estes casos se mostram tão complexos que podem provocar desde uma dificuldade mediana a elevada na aprendizagem até mesmo ao surgimento de um transtorno de aprendizagem.

É na tentativa de elucidar estes casos que se aplica a técnica de análise infantil, utilizando os vários recursos de que dispõe a Psicanálise para se aproximar de um diagnóstico e apontar a causa do problema que, uma vez descoberto e realizado o devido processo de intervenção, não quer dizer que solucionará a questão em si e o estudante volte a ter desempenho normal em suas atividades intelectuais, cognitivas e escolares. O papel da Psicanálise, no tratamento e na intervenção infantil é ajudar a criança a fortalecer o seu ego e dissipar seu sentimento de culpa em relação à situação provocadora do mal-estar psicológico e ainda o seu sentimento de medo em relação ao agente provocador da situação.

Estes dois componentes é que se tornam agentes estressores na psique da criança, levando-a a sentir-se como se estivesse a todo o tempo sujeita a agressão, o que não permite que se concentre nas disciplinas e na aula em si. Tornam-se arredias ao toque e até mesmo a aproximação do professor à sua carteira vá é motivo de

---

[aprendizagem-e-desenvolvimento/vis%C3%A3o-geral-dos-transtornos-de-aprendizagem](#). Acesso em 23/06/2024.

pânico, podendo mesmo a ter surtos, seguidos de crises de choro, sudorese, mãos frias, palidez perceptível que são consequências imediatas do medo, o que faz com que com os vasos sanguíneos se dilatem e o sangue tenda a sobrecarregar as veias dos membros inferiores, deixando as vias e os membros superiores com menor fluxo sanguíneo.

Estas observações são essenciais para que o professor e a equipe pedagógica busquem a ajuda especializada de um psicanalista infantil e este possa começar o seu processo de tratamento, junto à criança e sua família, investigando a partir da sintomatologia clínica expressa, a fim de determinar a causa do problema e a melhor forma de intervenção terapêutica. Em nenhuma hipótese, o pedagogo e a equipe escolar podem determinar algum diagnóstico, a começar que não são especialistas na área e, ainda que seja, a função descrita não lhes compete; sem contar que, estes casos, quando revelados expõem as crianças a situações de trauma, porque se tornam vítimas de *bullying* e outras violências que podem ser evitadas, se todo o protocolo de atendimento for seguido à risca.

Quanto à *Dificuldade de Aprendizagem*, ela está relacionada a vários fatores como:

*Fatores Emocionais:* A afetividade é um elemento marcante na existência e na vida humana, mais especialmente, com relação à criança que a utiliza como um instrumento balizador de segurança de sua vida em direção aos adultos. Devido ao parco desenvolvimento cerebral da criança, pode-se afirmar que ela é pura emoção, fato que se justifica com a fragilidade com que seus sentimentos são abalados, gerando situações traumáticas que perduram por toda a vida, com graves consequências individuais e coletivas.

Neste mesmo sentido, se alguma coisa perturba seu equilíbrio emocional, toda a sua estrutura psicológica é afetada, de maneira direta, influenciando, negativamente, sobre o seu rendimento escolar. Esta situação pode ser por causa da perda de algum ente querido, a chegada de um irmão, divórcio dos pais, abandono, exclusão, *bullying*. O que se deve ter muito claro é que o mundo da criança é um local em construção, o que pode ser um acontecimento trivial para um adulto, pode ser interpretado como assustador para ela, porque não possui um filtro que consiga mensurar o nível de periculosidade do ocorrido e auferir-lhe determinações de

gravidade ou de trivialidade. Este é um nível de abstração que, somente, vai adquirir após os 24 anos de idade, quando ocorre o amadurecimento definitivo do cérebro.

Neste aspecto, cabe a intervenção psicanalítica, auxiliando a criança a compreender os processos da emoção e como os acontecimentos existenciais podem inferir em sua condição de tristeza e felicidade e mesmo atrapalhando sua jornada em outros campos da vida, como a escola e suas tarefas. A partir da ajuda terapêutica, o analista vai descobrindo se há algo mais profundo na angústia apresentada pela criança e à medida que avança sobre no tratamento, vai elucidando os problemas, ao mesmo tempo em que auxilia a mesma a fortalecer o seu ego em desenvolvimento.

*Fatores Orgânicos:* Quando se aborda questões orgânicas, tem-se doenças e parasitas que podem atrapalhar o rendimento saudável de crianças nos seus respectivos campos de desenvolvimento cognitivo e intelectual. Pode, ainda, que haja alguma situação neurológica que termina por impedir ou interferir, de alguma maneira sobre o processo normal. Por não ter tido, ainda, contato com as várias doenças e parasitas que acometem a saúde humana, a criança se torna mais propensa a isto e, mais uma vez, o que a leva a um estado de assombro é o medo do desconhecido e qual será a gravidade do que sente e se isto poderá fazê-la morrer. Trabalhar esta questão do medo, encorajando-a a ter força de vontade e mentalizar ações no futuro é uma alternativa que ajuda muito na sua recuperação e retomada do otimismo e motivação pelas tarefas cotidianas.

Uma coisa que a família precisa reforçar com as crianças é a fala de que estará lá, sempre, ao seu lado, a cuidar dela e que ela pode contar com seu apoio e amor. Quando uma criança está doente e não consegue sair da cama é essencial que os pais, em especial, a mãe, fique ali ao seu lado. A presença da mãe ajuda-a a superar o medo que está sentindo do desconhecido e, assim, recupera-se mais rápido da situação patológica, voltando à vida normal, como se nada houvesse acontecido e, se alguém perguntar-lhe, se sentiu medo, vai dizer que não, porque sua mãe estava lá, ao seu lado.

*Fatores Específicos:* Como fatores específicos pode-se apresentar situações neurológicas ou doenças congênitas que atrapalham o rendimento normal das crianças nos campos cognitivos e intelectuais. Estes fatores podem ser de ordem naturais, sem maiores explicações ou provocados por qualquer problema na gravidez,

afetando o desenvolvimento normal do feto, como a deficiência de vitaminas e minerais, abuso de substâncias tóxicas e, por último, complicações na hora do parto, como anoxia, ingestão de líquido placentário.

Há outros fatores neurológicos que decorrem de acidentes, prejudicando o bom funcionamento do sistema cerebral, não em sua totalidade; mas, em algumas áreas específicas, a destacar o campo cognitivo. Relata-se aqui, um caso, de uma criança, do sexo masculino, com idade de 9 anos, em que quando tinha 5 anos de idade caiu da carroceria de um jipe em movimento, batendo com a cabeça em uma pedra. Depois de passar muitos meses em coma, recobrou a consciência e foi enviado à escola, normalmente. No entanto, apresentava uma dificuldade enorme em se lembrar das coisas e mesmo do processo de alfabetização, que ocorrera já de modo tardio, aos 8 anos, através do empenho de um professor.

Quando submetido a rigorosos testes pedagógicos, didáticos e psicopedagógicos, obteve-se a resposta conclusiva de que, sob motivação e condução todo o processo alfabetizatório estava disponível em sua memória; entretanto, por si só, ele não conseguia mobilizar os conteúdos de lá. Ao que ficou possível compreender, à medida que caminhava em direção à puberdade, mais difícil se tornava esta conexão entre a consciência e o ambiente mnemônico. Este é um caso clássico para a Neurologia e a realização de estudos, até que se descubra qual área foi afetada pelo trauma mecânico provocado pela queda e que caminhos podem ser adotados com o intuito de devolver-lhe a condições normais de vida e possibilidades de estudos formais, avançando na educação. Não existe nada que a aplicação da técnica psicanalítica possa auxiliá-lo em seu processo de cura, por ser uma situação muito específica.

*Fatores Ambientais:* Quando se aborda a questão sobre fatores ambientais, o primeiro pensamento que se assoma é com relação à qualidade do ambiente onde a criança está inserida. É provocador de atitudes positivas? Possibilita que esta possa realizar experiências, o que é bem diferente de proporcionar-lhe muitas experiências. No primeiro caso, tem-se que ela teste, empiricamente, os seus conhecimentos e esclareça suas dúvidas, por si própria, através de sua própria ação de dar-se a conhecer os objetos e suas nuances. Aliado a isto, há que avaliar se este ambiente não é tóxico, carregado de situações constrangedoras e excessos de situações negativas. A convivência com pais bêbados, drogados e em constantes brigas são

insalubres e impróprios para um desenvolvimento saudável da psique de qualquer ser humano normal. Esta criança, quando estiver na escola, jamais vai compreender o que é afeto, carinho e amor e, no dia em que tomar conhecimento, vai entender que nunca teve tais coisas em sua casa e, o ódio que já carrega contra os seus pais tenderá a espalhar-se contra todos, porque lançará sobre todos aqueles que conhecem a culpa por não terem feito nada para lhe proteger.

É aí que adentra o tratamento psicanalítico infantil, na tentativa de orientar a esta criança para direcionar todo o seu sentimento de ódio e rancor sobre algo que possa transformar em superação e projeto de vida, uma visão de futuro. O ambiente se mostra capaz de determinar o indivíduo, sua estrutura psicológica e toda sua trajetória de vida.

Jean Piaget, falando em *maturação*, afirma que cada indivíduo aprende de forma diferente, em tempo diferente, utilizando-se de erros e acertos, construindo, a partir destes eventos, seu próprio conhecimento. Para isto, faz-se necessário que a criança tenha liberdade para realizar as experiências que acredita poder esclarecer as suas dúvidas. Em fatores ambientais, o principal são as motivações intrínsecas e extrínsecas. Se o que é ensinado ao aluno, a essa criança, não lhe desperta motivações, nem por fora nem por dentro o processo de aprendizagem tende a paralisar, a emperrar. Há que questionar sempre: O que desperta o interesse dessa criança que tenho em sala de aula? Qual a realidade que a permeia? O que ensino precisa passar e perpassar esse ser, esse indivíduo aprendiz? Precisa-se transcender o livro didático, o quadro, o caderno, precisa alçar voo e entrar adentrar esse indivíduo, promovendo nele uma expectativa e um desejo autônomo de mudança, uma transformação, onde não será somente um leitor expectador; mas, um indivíduo crítico, produzindo dúvidas e respostas, tornando-se responsável e transformador do meio onde vive.

A massificação e banalização da aprendizagem aliado à constante má formação de professores e profissionais da educação têm contribuído, em grandes proporções, para perpetuar o aparecimento e aumento dos famigerados *distúrbios de aprendizagem*. Buscar uma justificativa para não ter que debruçar-se no estudo, na interpretação sintomatológica que a criança apresenta e na compreensão do caso, sob a autoridade sacerdotal de um médico, que não fez Pedagogia; portanto, que não conhece procedimentos didáticos de inferência e intervenção nos problemas de aprendizagem, é um descaso com a criança e um atestado de abandono pedagógico.

É necessário localizar e identificar o problema, para que se foque na tentativa de solução. Aqui, o reconhecimento por um profissional adequado, capacitado para atender essa criança fazendo com que esta [*suposta*] dificuldade seja sanada, canalizada, será aquele que fará a ponte, o *link*, a ligação *inter* e *intra* relacionamento familiar, pai-mãe-filho, onde não serão poupados esforços, compreensão, colaboração e serão quebrados paradigmas, valores arraigados, onde a flexibilização deve imperar entre as partes envolvidas nesse processo; valorizando, em primeira instância a criança e os pais, para subseqüentemente professores, pedagogos e colegas, a fim de que essa criança supere suas dificuldades e complete suas etapas evolutivas nos campos cognitivos e intelectuais.

A infância é singular, breve e cheia de surpresas. Um campo de descobertas, encontros, desencontros, cheio de desafios. Um mundo gigante com seus monumentos frios emparedados espelhados, vistos de baixo para cima por um pequenino ser. Freud afirmava que a infância é a melhor fase da existência humana, porque não existe outra com que possa ser comparada. Fosse algo além disto, é uma fase muito delicada, porque a plasticidade cerebral desta etapa é mais ampla, não no sentido de compreender as coisas; mas, no aspecto de absorção, uma vez que seu juízo de valor ainda não está formado; logo, não faz distinções sobre o que aprende e o valor que isto pode agregar, de fato, para sua vida e para sua existência. A presença das pessoas em sua vida é medida pelo grau de seguridade que podem auferir-lhe, não pela importância abstrata, sentimento que vai sendo construído de maneira muito lenta e se fortalece a partir da adolescência.

A cultura infantil merece destaque, pois até meados do século XVIII a criança era um ser não considerado significativo, nem importante para o meio familiar, silenciado mesmo, daí o termo *infante*, aquele que não fala, do qual derivou o vocábulo *infância*. Pode estender este período até a Segunda Revolução Industrial e mesmo, sem nenhuma modéstia, à publicação da obra *Interpretação dos Sonhos*, de Freud, em 1900. As mães, jovens senhoras após parirem, voltavam para suas vidas noturnas nos grandes teatros e salões. O recém-nascido era encaminhado para a mãe de leite, em outra localidade, iam envoltos em panos viajando por dias em carroças juntamente a outras crianças/bebês, muitas perdendo a vida durante a viagem devido ao frio, fome, sacolejos, falta de cuidados como banho e higiene, viajavam envoltos nas fezes e na urina (BADINTER, 1985).

Falar de cultura infantil ou direcionada a esse público infantil é complexo, paradoxal; pois, têm-se pouquíssimos conhecimentos empíricos e teóricos no âmbito da complexidade onde várias ciências, em seus biopsicoespaços, se interligam; mas, não se tem conseguido *conectar*, por assim dizer, o mais importante, o ator principal que é a criança e desvendar o seu mundo psíquico.

A história da infância surge através do historiador Philippe Ariès, em 1978, com a publicação do livro *História Social da Criança e da Família* e da filósofa francesa Elisabeth Badinter, com a publicação do seu livro *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*, em 1980, quando faz ver a *entrada* da história da infância na sociedade moderna. A noção de infância surge juntamente com a sociedade capitalista urbana e industrial, e isso acontecia concomitante à inserção da criança e seu papel social nessa nova comunidade. É um processo que se desdobra em cadeias, onde, a partir da presença do elemento no meio, provocando discussões e alterações porque possa a ser considerado, a Sociologia logo se manifesta, a fim de explicar o porquê de tal ocorrência. Na esteira, a Antropologia precisa esclarecer de onde vem este ser que não surgiu do nada, considerando que é ontológico, ontogenético e filogenético, fazendo com que a Psicologia se posicione, a fim de explicar seu comportamento. Isto demora muitos anos até que possa ser consumado como um campo de estudos e suas variáveis. Partindo de embasamentos teóricos ter-se-á grandes nomes que favoreceram a compreensão da infância em seu vasto campo biopsicossocial e histórico-cultural. Vários pensadores e estudiosos da infância vêm desde então, tentando desvelá-la em várias esferas ou de maneira histórico-ideológica e cultural.

Como ciências que se debruçam sobre este campo específico, têm-se a Antropologia que nos revela a diversidade das populações infantis, com suas práticas culturais envolvendo brincadeiras, brinquedos, músicas, histórias, mitos, lendas, histórias para dormir, todos estes mecanismos com seus respectivos valores e significados. Encontra-se nesse caminhar grandes nomes como Vygotsky (1896-1934) e a importância da linguagem e da mediação cultural e social. Wallon (1879-1962), com sua teoria em que defende acerca das emoções na vida intrauterina que irão influenciar no desenvolvimento e na formação do indivíduo; Freud (1856-1939) e suas fases oral, anal e fálica; Ana Freud (1895-1982) com seu atendimento psicanalítico fora do *setting* de análise, pela observação da criança por adultos próximos; Melanie Klein (1882-1960) e seu luto e melancolia que mais se aproxima dos textos de Freud, onde fala da inveja e da destruição do outro, a inveja do seio da

mãe e o bebê esquizoparanóide e esquizóide, a terapia através das técnicas de utilização de desenhos e brincadeiras, Arminda Aberastury (1910-1972), Sônia Krammer com seus jogos e brincadeiras e, Magda Soares (1932-2023) com sua liberdade de escrita no letramento e alfabetização através do construtivismo.

Deve-se lembrar, sempre, que a infância é mais que um estágio ou uma fase desenvolvimental, ela transcende os limites, as idades, *status* sociais onde as determinações impostas pela riqueza e pela pobreza não têm voz nem vez. Basta ser criança e ter a função única do brincar. No brincar, a criança vive o presente e revive o passado, elabora esse passado nem sempre colorido, nem sempre alegre. O fato de lembrar, repetir e elaborar nas brincadeiras *consume*, desgasta toda dor acumulada. Essa junção de tempos onde só o aqui e agora importam. Não existe o amanhã nem a preocupação com o depois. Por isso a intensidade o viver, a mágica da infância ou magia da infância, a vitalidade do momento, independente *do devir*. Criança é pulsão. Pulsão de vida, é energia libidinal em toda sua força, é fonte, é Id, é princípio do prazer. É através do brincar que a criança cria, aprende, apreende e estabelece regras e novas relações com ela e o meio. O construir e desconstruir do momento, do objeto, do brinquedo, proporciona amadurecimento das estruturas psíquicas, a organização e reorganização de fatos abrindo possibilidades para novas situações e oportunidades. A cultura infantil é produção e criação, tudo mesclado à emoção.

O homem somente persiste em sua existência e em toda sua constituição histórica, porque teve infância. O que difere o homem adulto da criança é que essa última brinca, se solta, se desprende, vive o momento, o *carpe diem*; sem o saber investe toda sua energia libidinal nesse momento sem se preocupar com o fator tempo, nem com o devir, até mesmo porque ele não existe. O cérebro infantil desconhece a noção abstrata e cartesiana de tempo. Interessante esclarecer que o inconsciente humano não conhece tempo, enquanto elemento conceitual determinante da ação humana e a fase da infância é, *grosso modo*, um estágio desenvolvimental da espécie em que se reproduz a sua existência primitiva, gerida por leis próprias da *Physis*, em que o homem não detinha poder de mudança nas estruturas que o circundavam, até mesmo porque desconhecia, por completo, a sua existência e mesmo quando passa a tomar conhecimento delas, não compreendia o seu significado.

A Psicanálise começa sua busca na interpretação das histerias e chega até o inconsciente humano; mas, para surpresa e assombro de Sigmund, este elemento que acreditava estar fora de sua visão se manifesta nas crianças, revelando todo o componente antropológico que encerra sobre a existência humana desde tempos imemoriais. Por mais que o Mestre de Viena venha a dizer que a infância é um momento único na vida do homem, há muito mais por ser dito, analisado e interpretado até que se possa aproximar de uma compreensão real do que se envolve a vida de uma criança, o que pensa e como pensa e a forma como absorve e processa, em seu mundo psíquico, todos os processos que a rodeia.

O atendimento psicanalítico infantil, embora não estivesse, *a priori*, atrelado à educação, com a universalização do direito a ela, acabou se vinculando de forma direta, porque a formação escolar não se trata mais de um direito; tornou-se um dever e a criança ali, está na iminência de aprender e apreender os conteúdos ofertados, *a fortiori*. Em não conseguindo atingir os objetivos propostos, pedagógica e didaticamente, outros profissionais são acionados a fim de intervir, diagnosticar o problema e apresentar soluções viáveis e plausíveis.

Nem todos os casos apresentados são possíveis de serem solucionados através da técnica psicanalítica; no entanto, com sua aplicação aproxima-se bastante de elucidar como funciona o mundo psíquico da criança e suas nuances, o que contribui para sensíveis melhorias na elaboração de propostas de intervenção junto às famílias em situações que desafiam o entendimento ordinário das dificuldades de aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aplicação da técnica psicanalítica ao tratamento de crianças é um desafio elevado e de intensa complexidade, porque existem dois fatores que são determinantes para o sucesso de qualquer intervenção terapêutica em Psicanálise, a saber, o paciente precisa falar e na extensão disto, ele precisa sentir-se seguro para expor aquilo que está a provocar o incômodo. No caso de crianças pequenas, em especial, o primeiro desafio é encontrar um meio de apresentar-lhe a devida segurança emocional para que, em seguida, seja encontrado um mecanismo de comunicação eficiente que o possibilite expressar os seus anseios e medos.

O que ocorre, com muita frequência, é o próprio agente causador da situação de conflito conduzir a criança ao tratamento, com um especialista, porque não entende o que está a acontecer com ela, que teve seu rendimento escolar entrando em déficit e também vem se mostrando arredia, triste, apresentando crises de pânico, pesadelos, medo de dormir sozinha, enurese noturna, quadro depressivo expresso. Lógico que a criança não vai revelar a causa de seu mal, nem com a melhor técnica que se conheça e nisto, há que ser utilizada toda a experiência e perspicácia do analista, porque do mesmo modo que o adulto está manipulando a criança-paciente, pode também, estar à espera de que o resultado do tratamento aponte em uma linha que o absolva de qualquer culpa na situação.

A situação aqui exposta aponta para uma direção em que se trata de um risco a que se está sujeito, mesmo tendo uma boa formação e capacidade técnica ilibada para lidar com tais situações quando do tratamento de crianças que estejam apresentando comportamento dissociativo. Os primeiros a perceberem tal ocorrência são os professores e quando comunicam aos pais estes tendem a mostrarem-se resistentes, dizendo que a criança, em casa, é normal e não está tendo qualquer conflito que a possa lançar em tal condição. Este argumento é o primeiro e mais austero direcionamento para se desconfiar de que algo grave está acometendo esta criança e que os pais sabem, exatamente, do que se trata. A partir daí, cabe a eles tomarem a decisão de procurar um profissional capacitado e seguir adiante com o tratamento e encararem o que será revelado, com seriedade e postura ativa.

O analista deve estar muito atento ao caso que lhe é apresentado, até mesmo para identificar que tipo de problema está sendo posto ao seu alcance e se encontra-se preparado para resolvê-lo e, se é de fato uma questão para a Psicanálise. Esta técnica caiu no gosto do senso comum com a promessa de que detém o poder de saber o que os outros pensam e, assim, há pais que encaminham seus filhos com a expectativa de que aquilo que for posto a desnudo acerca da vida íntima dos pacientes lhes será comunicado irrestritamente. Como já abordado em outro espaço deste artigo, a criança vítima de agressão sofre com o medo de ser agredida novamente; não com o trauma da agressão, propriamente, porque seu próprio cérebro cuida de protegê-la, apagando as memórias responsáveis pelo trauma.

O que ela busca na terapia é um confidente no qual possa confiar e que manterá suas confidências sob estrito sigilo. Ela bem que poderia escolher qualquer membro da família, da escola; no entanto, se não o fez, já é um sinal que estes

indivíduos não fazem parte do seu rol de figuras admiradas e, muito possivelmente, o agressor se encontra neste meio. O que a criança deseja é encontrar uma fórmula mágica que a ajude a superar e a vencer o problema; podendo, às vezes, apelar ao suicídio como única solução que enxerga; engana-se quem pensa que esta é uma ação desmedida.

As crianças emitem vários sinais de que as coisas não vão bem; infelizmente, a maioria tende a fazer de conta que é apenas uma fase de rebeldia e modinhas, que em breve irá passar. Fato é que passa; mas, a situação deixa uma sequela que toda vez em que for defrontada com aquela situação específica ou alguma que a leve a fazer comparações com aquela enfrentada anteriormente e que não superou, tenderá a uma recaída e a um risco de surto nervoso, psicótico, síndrome do pânico, ataque histérico.

O trabalho de psicoterapia psicanalítica com crianças é um desafio muito intenso e um risco que todos os envolvidos na situação correm, especialmente, os dois que mais se embrenham na busca por uma solução, o analista e a criança, porque o mais interessado na *cura* pode ser o maior responsável pelo mal e assim, seria como um detetive exemplar que esteja a investigar um crime terrível e complicado e que tem como consultor o próprio criminoso. Isto não é coisa muito difícil de acontecer, cabendo sempre muita perícia e compromisso com a ética psicanalítica, que é a de manter todo o tratamento e as descobertas sob estrito sigilo; por vezes, até mesmo do próprio paciente.

Mais estudos sobre a aplicação da técnica psicanalítica no tratamento de crianças necessitam ser elaborados e publicados, a fim de que possam ser discutidos à exaustão pelos diferentes grupos que a praticam. O que se tem é que, quando bem conduzido ela auxilia muito à criança-paciente a fortalecer o seu ego e desenvolver a sua personalidade de forma segura e saudável em direção às exigências da adolescência e, posteriormente, da vida adulta.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. *Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2007.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREUD, S. Freud (1901-1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. Edição brasileira Standard das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Volume 6.

FREUD, S. (1906-1908). *O Delírio e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos*. Edição brasileira Standard das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Volume 8.

FREUD, A. *Infância Normal e Patológica: Determinantes do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

KRAMMER, S. *Alfabetização: Leitura e Escrita – Formação de Professores em Curso*. São Paulo: Papeis Copios de Brotafogo, 1995.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola: uma Perspectiva Social*. São Paulo: Ática, 2001.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *Memória e Esquecimento em Nietzsche: Um estudo antropológico*. Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2022.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALLON, H. *As Origens do Caráter na Criança*. São Paulo: Manole, 1989.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Francisco Alves, 1978.



**Capítulo 11**  
**EMERGÊNCIAS RESPIRATÓRIAS: USO DE CIGARROS**  
**ELETRÔNICOS POR ASMÁTICOS**

*Amanda Edwards Borba*  
*Bruna Nayara Cabral Aguiar*  
*Everlândja Gomes de Almeida*  
*Júlia Miatello Lagrimante*  
*Nádia Alves Aquino*



# EMERGÊNCIAS RESPIRATÓRIAS: USO DE CIGARROS ELETRÔNICOS POR ASMÁTICOS

**Amanda Edwards Borba**

*Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Amazonas,  
amandaedwards@hotmail.com.br.*

**Bruna Nayara Cabral Aguiar**

*Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Amazonas,  
bruna.jessbruno@gmail.com*

**Everlândja Gomes de Almeida**

*Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Amazonas,  
everlandjagomes@gmail.com*

**Júlia Miatello Lagrimante**

*Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Amazonas,  
juliamieteli@hotmail.com*

**Nádia Alves Aquino**

*Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Amazonas,  
nadia.aquino02@gmail.com*

## RESUMO

O uso crescente de cigarros eletrônicos, especialmente entre jovens, tem levantado preocupações sobre seus efeitos adversos à saúde, muitas vezes subestimados devido à crença de que são uma alternativa segura ao tabagismo convencional. Este artigo explora os impactos do uso de cigarros eletrônicos em pacientes asmáticos, com foco em como esses dispositivos podem exacerbar crises asmáticas e emergências respiratórias. Foi realizada uma revisão sistemática das evidências científicas disponíveis, analisando estudos que abordam os efeitos dos cigarros eletrônicos na saúde respiratória, incluindo análises histopatológicas e riscos associados. A revisão revelou que, apesar de serem promovidos como menos prejudiciais do que os cigarros convencionais, os cigarros eletrônicos liberam quantidades significativas de nicotina e outras substâncias tóxicas que podem agravar

condições respiratórias preexistentes, como a asma. Estudos demonstram que o uso desses dispositivos está associado a um aumento de doenças pulmonares e a exacerbação de sintomas asmáticos. Os resultados destacam a necessidade de abordagens preventivas e de um monitoramento clínico rigoroso para pacientes asmáticos que utilizam cigarros eletrônicos. Conclui-se que os cigarros eletrônicos não são uma alternativa segura e podem, na verdade, aumentar o risco de emergências respiratórias graves, reforçando a importância da prevenção e do manejo adequado das crises asmáticas.

**Palavras-chave:** Cigarros Eletrônicos. Asma. Exacerbação respiratória. Saúde pulmonar. Emergências respiratórias.

**Abstract:** The increasing use of electronic cigarettes, especially among young people, has raised concerns about their adverse health effects, often underestimated due to the belief that they are a safe alternative to conventional smoking. This article explores the impacts of electronic cigarette use on asthmatic patients, focusing on how these devices can exacerbate asthma attacks and respiratory emergencies. A systematic review of the available scientific evidence was conducted, analyzing studies addressing the effects of electronic cigarettes on respiratory health, including histopathological analyses and associated risks. The review revealed that, despite being promoted as less harmful than conventional cigarettes, electronic cigarettes release significant amounts of nicotine and other toxic substances that can worsen pre-existing respiratory conditions such as asthma. Studies demonstrate that the use of these devices is associated with an increase in pulmonary diseases and exacerbation of asthmatic symptoms. The results highlight the need for preventive approaches and rigorous clinical monitoring for asthmatic patients using electronic cigarettes. It is concluded that electronic cigarettes are not a safe alternative and may actually increase the risk of severe respiratory emergencies, underscoring the importance of prevention and proper management of asthma attacks.

**Keywords:** Electronic cigarettes. Asthma. Respiratory exacerbation. Pulmonary health. Respiratory emergencies.

## INTRODUÇÃO

O crescente uso de cigarros eletrônicos, especialmente entre jovens, tem gerado preocupações significativas sobre os efeitos adversos à saúde, que muitas vezes são subestimados devido à ideia equivocada de que esses dispositivos são alternativas seguras ao tabagismo convencional. Estudos recentes indicam que, ao contrário dessa percepção, os cigarros eletrônicos podem causar danos consideráveis, tanto ao sistema respiratório quanto a outros sistemas do corpo humano. A inalação de substâncias tóxicas presentes nos e-líquidos e nos aerossóis gerados por esses dispositivos tem sido associada a diversos problemas de saúde.

Batista Filho et al. (2021) destacam que os cigarros eletrônicos podem ser tão prejudiciais quanto os cigarros convencionais, especialmente devido à presença de

nicotina e outras substâncias tóxicas que podem desencadear respostas inflamatórias nas vias aéreas. Além disso, Oliveira et al. (2022a) relatam que o uso de cigarros eletrônicos entre jovens está associado a um aumento significativo de problemas cardiovasculares, sugerindo que o impacto negativo desses dispositivos vai além do sistema respiratório. De maneira semelhante, Oliveira et al. (2022b) enfatizam os impactos negativos na saúde em geral, destacando os malefícios respiratórios e cardiovasculares.

Esses estudos revelam que os cigarros eletrônicos não são alternativas seguras e, em alguns casos, podem até amplificar o risco de desenvolver doenças crônicas, especialmente em indivíduos vulneráveis, como aqueles que já sofrem de asma. Estudar essa relação e examinar os riscos é essencial para o manejo adequado desses pacientes, particularmente em situações de emergência, onde crises asmáticas podem ser exacerbadas pelo uso desses dispositivos.

Deste modo, este artigo objetiva apresentar uma visão geral dos potenciais impactos do uso de cigarros eletrônicos na saúde respiratória de asmáticos, examinando como esses aparelhos podem desencadear crises asmáticas e emergências respiratórias.

## **METODOLOGIA**

Nesta pesquisa, foi realizada uma revisão sistemática para identificar e analisar os efeitos do uso de dispositivos eletrônicos de liberação de nicotina sobre a exacerbação da asma em adolescentes. A busca foi realizada em várias bases de dados, incluindo BVS, SciELO, LILACS, MEDLINE e PUBMED. Foram selecionados artigos relevantes que abordam os impactos dos cigarros eletrônicos na saúde pulmonar, com especial foco em doenças respiratórias crônicas, como a asma. Os artigos selecionados foram analisados para avaliar as evidências científicas disponíveis e melhor compreender as potenciais consequências do uso desses dispositivos em pacientes asmáticos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O uso de cigarros eletrônicos, embora frequentemente promovido como uma alternativa menos prejudicial ao cigarro convencional, continua a levantar

preocupações significativas sobre seus efeitos na saúde respiratória, especialmente em indivíduos com asma. Estudos recentes, como o de Vargas et al. (2021), destacam que, apesar de o cigarro eletrônico ser utilizado como ferramenta na cessação tabágica, ele libera quantidades consideráveis de nicotina e outras substâncias que podem agravar condições respiratórias preexistentes, como a asma. A Tabela 1 resume os principais estudos incluídos nesta revisão, fornecendo uma visão geral dos objetivos, resultados principais e referências desses trabalhos.

Tabela 1. Resumo dos estudos revisados sobre o impacto do uso de cigarros eletrônicos na saúde respiratória, com foco em crises asmáticas e doenças pulmonares

Título do Artigo	Objetivo	Resultados Principais	Referência
Riscos do uso alternativo do cigarro eletrônico: uma revisão narrativa	Analisar os riscos associados ao uso de cigarros eletrônicos comparados ao tabagismo convencional.	Identificação de riscos semelhantes aos do cigarro tradicional, como agravamento de condições respiratórias.	Vargas et al. (2021)
O uso de cigarro eletrônico por jovens e efeitos adversos ao sistema cardiovascular	Avaliar os efeitos adversos do uso de cigarros eletrônicos no sistema cardiovascular em jovens.	O uso de cigarros eletrônicos está associado a efeitos adversos significativos no sistema cardiovascular, além de potenciais riscos para a saúde respiratória.	Oliveira et al. (2022a)
Os impactos negativos do uso do cigarro eletrônico na saúde	Examinar os impactos negativos gerais do uso de cigarros eletrônicos na saúde.	Identificou-se que o uso de cigarros eletrônicos está associado a diversos problemas de saúde, incluindo impactos negativos na saúde respiratória e cardiovascular.	Oliveira et al. (2022b)
Cigarros eletrônicos e suas consequências histopatológicas relacionadas a doenças pulmonares	Analisar as consequências histopatológicas do uso de cigarros eletrônicos.	Lesões celulares e liberação de citocinas pró-inflamatórias, exacerbando condições respiratórias como a asma.	Araújo et al. (2022).
Os malefícios do cigarro eletrônico para a saúde: uma revisão de literatura	Revisar a literatura sobre os efeitos negativos dos cigarros eletrônicos na saúde.	Identificação dos malefícios gerais, com foco em problemas respiratórios e agravamento de condições existentes.	Lins et al. (2023)
Os impactos do uso do cigarro eletrônico e seus riscos ao sistema pulmonar	Investigar os impactos do uso de cigarros eletrônicos no sistema pulmonar.	Associação com doenças pulmonares como pneumonia eosinofílica aguda e pneumonite de hipersensibilidade.	Sabino et al. (2023)
Risco de exacerbação asma em adolescentes	Revisar os riscos de exacerbação da asma associados ao uso de dispositivos	Encontrou uma relação significativa entre o uso de dispositivos eletrônicos e o aumento das exacerbações asmáticas em	Rocha et al. (2023)

usuários de dispositivos eletrônicos de liberação de nicotina: uma revisão sistemática e metanálise.	eletrônicos de liberação de nicotina em adolescentes.	adolescentes, sugerindo uma necessidade de precauções adicionais.
Gerenciamento do tratamento da bronquiolite: estratégias para alívio dos sintomas respiratórios	Explorar estratégias para o manejo eficaz da bronquiolite e alívio dos sintomas respiratórios.	Importância da oxigenoterapia e medidas de suporte respiratório em crises respiratórias.

A literatura ainda carece de evidências conclusivas sobre os impactos de longo prazo desses dispositivos, aumentando a incerteza quanto à sua segurança. Os riscos específicos para o sistema pulmonar são reforçados por Sabino et al. (2023), que identificaram uma série de doenças pulmonares associadas ao uso de cigarros eletrônicos, como pneumonia eosinofílica aguda e pneumonite de hipersensibilidade. Esses resultados sugerem que os usuários de vapes estão sujeitos a danos semelhantes aos causados por cigarros tradicionais, o que pode exacerbar ainda mais os sintomas de asma em pacientes vulneráveis. A gravidade dessas condições pulmonares, frequentemente relacionadas ao uso de dispositivos eletrônicos de liberação de nicotina, ressalta a necessidade de abordagens preventivas rigorosas e de um monitoramento clínico cuidadoso desses pacientes.

Ferreira et al. (2024) também discutem a importância do gerenciamento adequado de condições respiratórias como a bronquiolite, oferecendo insights sobre o manejo de emergências respiratórias. Embora o foco do estudo seja em crianças com bronquiolite, suas descobertas sobre a necessidade de intervenções rápidas e eficazes podem ser aplicadas ao manejo de crises asmáticas exacerbadas pelo uso de cigarros eletrônicos, sublinhando a importância da oxigenoterapia e de outras medidas de suporte respiratório.

Outro estudo relevante é o de Lins et al. (2023), que destaca o perfil demográfico dos usuários de cigarros eletrônicos, predominantemente jovens, e os impactos negativos à saúde resultantes do uso desses dispositivos. A popularidade dos vapes entre adolescentes e jovens adultos, combinada com a percepção equivocada de que são uma alternativa segura ao cigarro convencional, expõe uma população já vulnerável ao desenvolvimento ou agravamento de doenças respiratórias crônicas, como a asma.

Além disso, Rocha et al. (2023) fornecem uma revisão sistemática e metanálise sobre o risco de exacerbação de asma em adolescentes usuários de dispositivos eletrônicos de liberação de nicotina. O estudo revela uma relação significativa entre o uso desses dispositivos e o aumento das exacerbações asmáticas, reforçando a necessidade de precauções adicionais e estratégias de prevenção para esta faixa etária.

Batista Filho et al. (2021) e Oliveira et al. (2022a) indicam que os cigarros eletrônicos podem causar danos similares aos dos cigarros convencionais, afetando tanto a saúde respiratória quanto a cardiovascular. Oliveira et al. (2022b) reforçam que o uso desses dispositivos está associado ao aumento de problemas cardiovasculares em jovens, ampliando os riscos para além do sistema respiratório.

Por fim, de Araújo et al. (2022) exploram as consequências histopatológicas do uso de cigarros eletrônicos, destacando lesões celulares e a liberação de citocinas pró-inflamatórias. Essas respostas inflamatórias podem ser particularmente prejudiciais para pacientes asmáticos, cujo sistema respiratório já é suscetível a inflamações exacerbadas. O estudo sugere que, apesar de algumas evidências apontarem para a menor nocividade dos cigarros eletrônicos em comparação aos tradicionais, os riscos para a saúde respiratória, especialmente em casos de asma, permanecem substanciais.

Esses estudos, em conjunto, sublinham a necessidade de uma abordagem mais cautelosa em relação ao uso de cigarros eletrônicos, especialmente entre indivíduos com doenças respiratórias crônicas, como a asma. A evidência acumulada sugere que os cigarros eletrônicos não são uma alternativa segura e podem, na verdade, agravar condições respiratórias existentes, aumentando o risco de emergências médicas graves.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os usuários de cigarros eletrônicos tendem a apresentar piores crises de asma, necessitando de intervenção médica de emergência e aumentando a probabilidade de hospitalização. Esses achados destacam a importância de abordagens preventivas eficazes para desestimular o uso de tais aparelhos, além da necessidade de uma abordagem clínica cautelosa ao tratar emergências respiratórias, levando em consideração o impacto potencial desses dispositivos na gravidade dos sintomas

asmáticos. A prevenção do fumo e o manejo adequado das crises respiratórias devem ser considerados pilares no tratamento de pacientes asmáticos, especialmente aqueles que utilizam cigarros eletrônicos.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. C. DE, BARBOSA, I. C. R., TARGINO, A. L. D., ARAÚJO, M. C. M., REINALDO, P. V. DE S., ARAÚJO, R. S. M. DE, QUEIROZ, S. S. DE, MACIEL, M. DO V., & RODRIGUES-NETO, J. F. (2022). **Cigarros eletrônicos e suas consequências histopatológicas relacionadas à doenças pulmonares.** *Arquivos de Ciências Da Saúde Da UNIPAR*, 26(1).

<https://doi.org/10.25110/arqsaude.v26i1.2022.8215>

BATISTA FILHO, A. R. DE S., BORÉM, A. L. S., TOLENTINO, A. C. N., MAGALHÃES, L. C., NEVES, J. V., FREITAS, G. G., SILVA, J. V. M., MEIRA, M. L. V., & FRANÇA, D. S. (2021). **Cigarro eletrônico: Malefícios e comparação com o tabagismo convencional/ e-Cigarette: Harmful effects and comparison with smoked tobacco.** *Brazilian Journal of Health Review*, 4(4), 15898–15907.

<https://doi.org/10.34119/bjhrv4n4-119>

FERREIRA, J. M., COSTA, M. E. R., & ALMEIDA, I. O. (2024). **Gerenciamento do tratamento da bronquiolite: estratégias para alívio dos sintomas respiratórios.** *Dataset reports*, 3(1), 74–76.

<https://doi.org/10.58951/dataset.2024.013>

LINS, I. E. M., MUNIZ, A. DOS S., BARROS, I. F., NASCIMENTO, T. S. V. DO, COSTA, J. D. DE A., & ROCHA, N. R. A. (2023). **Os malefícios do cigarro eletrônico para a saúde: uma revisão de literatura.** *Revista Ft*, 27(126).

<https://doi.org/https://doi.org/10.5281/zenodo.8350036>

OLIVEIRA, A. R. C. C. A. DE, SANTOS, B. L. DA S., ARAUJO, C., OLIVEIRA, L., LÚCIO, J. A., PEREIRA, E., & SOUTO, G. (2022). **Os impactos negativos do uso do cigarro eletrônico na saúde.** *Diversitas Journal*, 7(1), 0277–0289.

<https://doi.org/10.48017/dj.v7i1.2015>

OLIVEIRA, V. H., NASCIMENTO JÚNIOR, V. P. DO, & ARAÚJO, B. C. DE. (2022). **O uso de cigarro eletrônico por jovens e efeitos adversos ao sistema cardiovascular.** *Research, Society and Development*, 11(4), e56811427886.

<https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27886>

ROCHA, A. K. C. DA, MIYAWAKI, A. E., TROMBINI, M. A., ROSA, V. A. C. C., PRESTES, R. C. S., COSTA, T. B., CHONG-NETO, H. J., URRUTIA-PEREIRA, M., SOLÉ, D., ROSÁRIO-FILHO, N. A., FERNANDES-SILVA, M. M., & CHONG-SILVA, D. C. (2023). **Risco de exacerbação de asma em adolescentes usuários de dispositivos eletrônicos de liberação de nicotina: uma revisão sistemática e**

**metanálise.** *Arquivos de Asmas Alergia e Imunologia*, 7(1).  
<https://doi.org/10.5935/2526-5393.20230004>

SABINO, M. R. B., SABINO, I. R. B., LUCENA, L. Q., MELO, M. C. R. DE, BORBA, M. E. C. DE M., BERTO, M. E. DO N. P., ARAÚJO, I. C. F. DE, LÚCIO, A. S. S. C., & MAIA, A. F. L. (2023). **Os impactos do uso do cigarro eletrônico e seus riscos ao sistema pulmonar.** *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 23(7), e13281.  
<https://doi.org/10.25248/reas.e13281.2023>

VARGAS, L. S., ARAÚJO, D. L. M. DE, NORONHA, L. C., CARVALHO, L. A. A., MOTA, M. F. Q., ALVARENGA, F. P., CAMPOS, G. M. DE O., LIMA, A. K. M., OLIVEIRA, V. G., & BARBOSA, A. C. A. (2021). **Riscos do uso alternativo do cigarro eletrônico: uma revisão narrativa.** *Revista Eletrônica Acervo Científico*, 30, e8135. <https://doi.org/10.25248/reac.e8135.2021>



**Capítulo 12**  
**INTERVENÇÕES DE VÍNCULOS PAIS-BEBÊS**  
**PREMATUROS INTERNADOS EM UNIDADE DE**  
**TERAPIA INTENSIVA NEONATAL – UTIN**

*Talia Cavalcante de Souza*

*Camile Pereira Flor*

*Rania Thalia Barros Macedo*

*Kauane Vitoria Chagas Rodrigues Lima*

*Wilma Nunes Martins Zorzan*

*Mikelle Braz Pereira*



# INTERVENÇÕES DE VÍNCULOS PAIS-BEBÊS PREMATUROS INTERNADOS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL – UTIN

**Talia Cavalcante de Souza**

*Graduanda*

**Camile Pereira Flor**

*Graduanda Medicina*

**Rania Thalia Barros Macedo**

*Graduanda Enfermagem*

**Kauane Vitoria Chagas Rodrigues Lima**

*Graduanda*

**Wilma Nunes Martins Zorzan**

*Enfermeira*

**Mikelle Braz Pereira**

*Graduanda Enfermagem*

## RESUMO

Intervenções de vínculos entre pais e bebês prematuros internados em unidades de terapia intensiva neonatal (UTIN) são essenciais para promover o bem-estar emocional e físico tanto dos bebês quanto dos pais. Essas intervenções visam fortalecer a ligação afetiva, reduzir o estresse parental e apoiar o desenvolvimento saudável do bebê, mesmo em um ambiente hospitalar. Entre as principais intervenções estão o método canguru, que envolve o contato pele a pele entre o bebê e os pais, ajudando a estabilizar os sinais vitais, promover o ganho de peso e fortalecer o vínculo afetivo. A participação dos pais nos cuidados diários do bebê, como troca de fraldas, banho e alimentação, também é incentivada para aumentar a confiança dos pais e promover uma conexão mais forte. Além disso, práticas como a leitura, a fala suave e a massagem terapêutica ajudam a criar um vínculo emocional e a estimular o desenvolvimento sensorial e motor do bebê. Sessões de apoio emocional

para os pais, participação nas rondas médicas e a criação de espaços para momentos de privacidade também são importantes para fortalecer o envolvimento e o vínculo. Essas intervenções, facilitadas pela equipe de saúde, são fundamentais para criar um ambiente de cuidado mais humano e centrado na família, promovendo o desenvolvimento saudável do bebê e o bem-estar dos pais durante a internação na UTIN.

**Palavras-chave:** Intervenções, Relação Pais-Bebê, Unidade de Cuidado Intensivo Neonatal.

## **ABSTRACT**

Bonding interventions between parents and premature babies admitted to neonatal intensive care units (NICU) are essential to promote the emotional and physical well-being of both babies and parents. These interventions aim to strengthen the emotional bond, reduce parental stress and support the healthy development of the baby, even in a hospital environment. Among the main interventions are the kangaroo method, which involves skin-to-skin contact between the baby and parents, helping to stabilize vital signs, promote weight gain and strengthen the emotional bond. Parental participation in daily baby care, such as diaper changing, bathing, and feeding, is also encouraged to increase parental confidence and foster a stronger connection. Furthermore, practices such as reading, soft talking and therapeutic massage help to create an emotional bond and stimulate the baby's sensory and motor development. Emotional support sessions for parents, participation in medical rounds and creating spaces for private moments are also important to strengthen involvement and bonding. These interventions, facilitated by the healthcare team, are fundamental to creating a more humane and family-centered care environment, promoting the healthy development of the baby and the well-being of the parents during their stay in the NICU.

**Keywords:** Interventions, Parent-Baby Relationship, Neonatal Intensive Care Unit.

## **INTRODUÇÃO**

Bebês prematuros são aqueles que nascem antes das 37 semanas completas de gestação. Existem diferentes graus de prematuridade, sendo eles prematuridade moderada a tardia, que ocorre entre 32 e 36 semanas de gestação; muito prematuro, que é o nascimento entre 28 e 32 semanas de gestação; e extremamente prematuro, que acontece antes das 28 semanas de gestação. Bebês prematuros podem enfrentar vários desafios de saúde devido ao desenvolvimento incompleto dos órgãos (Costeloe et al., 2012; Passini et al., 2014)

Esses desafios incluem dificuldades respiratórias, controle de temperatura corporal, alimentação, infecções e outras complicações que podem afetar o desenvolvimento a longo prazo. Normalmente, eles precisam de cuidados especiais em unidades de terapia intensiva neonatal (UTIN) para apoiar seu crescimento e

desenvolvimento. O acompanhamento médico regular é crucial para monitorar o desenvolvimento desses bebês e fornecer intervenções necessárias para ajudar a alcançar marcos de desenvolvimento adequados a (Silva et al., 2020; Segundo et al., 2018).

Intervenções de vínculos entre pais e bebês prematuros internados em unidades de terapia intensiva neonatal (UTIN) são essenciais para promover o bem-estar emocional e físico de ambos. Essas intervenções ajudam a fortalecer a ligação afetiva, reduzir o estresse parental, melhorar o desenvolvimento neurológico do bebê e facilitar a transição para casa. Algumas das principais intervenções incluem o método canguru, que envolve o contato pele a pele entre o bebê e um dos pais, promovendo a regulação térmica do bebê, ganho de peso, estabilização dos sinais vitais e fortalecimento do vínculo afetivo; a participação dos pais nos cuidados diários do bebê, como trocar fraldas, dar banho e alimentar, o que pode aumentar a confiança dos pais e promover um sentimento de competência e conexão com o bebê (Mesquita et al., 2019; Naidon et al., 2018).

Além disso, ler histórias ou falar suavemente com o bebê, o que ajuda a criar um vínculo emocional e estimula o desenvolvimento auditivo e linguístico do bebê; a massagem terapêutica, que pode aliviar o estresse e a dor, melhorar o sono, promover o ganho de peso e fortalecer o vínculo entre pais e filhos; sessões de apoio emocional para pais, como grupos de apoio e sessões de aconselhamento, que ajudam os pais a lidar com a ansiedade e o estresse associados à hospitalização de um bebê prematuro; a participação em rondas médicas e nos processos de tomada de decisão, o que pode ajudar os pais a se sentirem mais incluídos e capacitados no cuidado do seu bebê; e o incentivo para que os pais mantenham diários ou registros do desenvolvimento do bebê, fortalecendo o vínculo e permitindo que acompanhem e celebrem o progresso do bebê. Essas intervenções criam um ambiente positivo e de apoio para os bebês prematuros e seus pais, facilitando uma experiência de cuidados intensivos mais humana e centrada na família (Naidon et al., 2018).

## **MÉTODO**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, segundo o proposto por Ganong (1987), visto que ela contribui no processo de sistematização e análise dos resultados visando à compreensão de um determinado tema a partir de outros estudos

independentes para identificação de produções sobre planejamento estratégico em enfermagem e saúde.

As referências foram levantadas a partir das bases de dados da Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE), da Literatura Latino-Americano e do Caribe Ciências da Saúde (LILACS) e da Scientific Electronic Library Online (SciELO) publicados entre 2019 a 2024. A estratégia de pesquisa desenvolvida para identificar os artigos incluídos e avaliados para este estudo baseou-se nos descritores contidos na lista dos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) e suas combinações no idioma português e inglês: [(Unidade De Terapia Intensiva Neonatal) AND (Vínculo) AND (País) AND (Recém-nascidos)]. Considerou-se como critérios de inclusão os artigos completos, totalmente disponíveis na íntegra nas bases de dados citadas, no idioma português e inglês e relacionados com o objetivo deste estudo e os critérios de exclusão foram artigos duplicados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Unidades de Terapia Intensiva Neonatal- UTIN**

O ambiente de uma unidade de terapia intensiva neonatal (UTIN) é projetado para oferecer cuidados intensivos e especializados a recém-nascidos que enfrentam condições médicas críticas ou complicações de saúde. Esse ambiente é cuidadosamente estruturado para atender às necessidades complexas dos bebês. A UTIN é equipada com tecnologia avançada, como incubadoras, ventiladores, monitores de sinais vitais e equipamentos de fototerapia, essenciais para monitorar e apoiar a respiração, a circulação, a temperatura corporal e outros aspectos críticos da saúde do bebê. A temperatura e a umidade são rigorosamente controladas para criar um ambiente estável e confortável, com incubadoras ajudando a manter a temperatura adequada e proteger o bebê de infecções (González- Serrano et al., 2012).

A iluminação é geralmente suave para não sobrecarregar os olhos sensíveis do bebê, e o nível de ruído é monitorado e reduzido sempre que possível para minimizar o estresse e promover um ambiente mais tranquilo. Embora as UTINs sejam ambientes altamente monitorados e ocupados, há áreas dedicadas ao cuidado individualizado de cada bebê, e muitos hospitais oferecem espaços para os pais interagirem com seus bebês, permitindo que participem ativamente dos cuidados e fortaleçam o vínculo afetivo.

Além disso, a UTIN adota rigorosos protocolos de controle de infecção para proteger os bebês de patógenos e infecções, incluindo a esterilização de equipamentos, a lavagem frequente das mãos e o uso de roupas e equipamentos de proteção pelos profissionais de saúde. A equipe da UTIN é composta por neonatologistas, enfermeiros especializados, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e outros profissionais de saúde que colaboram para fornecer um atendimento abrangente e personalizado para cada bebê. Essas características ajudam a criar um ambiente que não apenas cuida das necessidades médicas dos recém-nascidos, mas também promove um ambiente mais acolhedor e de suporte para os pais e suas famílias durante um período desafiador (Tallandini; Scalembra, 2012).

### **Fatores que dificultam a promoção do vínculo país/bebê na UTI**

Diversos fatores podem dificultar a promoção do vínculo entre pais e bebês na unidade de terapia intensiva neonatal (UTIN). O ambiente altamente técnico e clínico da UTIN, com equipamentos médicos complexos e monitoramento constante, pode parecer intimidador para os pais e criar uma barreira para a interação emocional com o bebê. Além disso, as UTINs frequentemente têm regras rigorosas sobre visitas e tempo de permanência, o que pode limitar o tempo que os pais podem passar com seus bebês e dificultar o desenvolvimento de um vínculo próximo (Mesquita et al., 2019).

O estresse e a ansiedade gerados pela situação de ter um bebê prematuro em uma UTIN também podem afetar a capacidade dos pais de se conectar emocionalmente com o bebê. Os bebês prematuros frequentemente enfrentam complicações de saúde graves que exigem cuidados intensivos e intervenções médicas frequentes, o que pode limitar as oportunidades para os pais interagirem e participarem dos cuidados diários (Nunes et al., 2015).

A falta de privacidade nas UTINs pode dificultar momentos íntimos e a construção de um vínculo profundo, já que os pais precisam compartilhar o espaço com outros pacientes e famílias. A insegurança e o desconhecimento sobre como interagir com o bebê em um ambiente tão especializado podem criar uma sensação de incapacidade, enquanto a comunicação inadequada entre a equipe médica e os pais pode gerar confusão e frustração (Makela et al. 2018).

Além disso, a hospitalização prolongada pode levar ao cansaço físico e emocional dos pais, afetando sua capacidade de se envolver e se conectar com o bebê de maneira consistente. Para superar esses desafios, é essencial adotar uma abordagem multidisciplinar e criar um ambiente de apoio e inclusão que permita aos pais se sentirem mais confortáveis e capacitados para estabelecer e manter o vínculo com seus bebês (Mesquita et al., 2019).

### **Importância da equipe de saúde para o fortalecimento do vínculo**

A equipe de saúde desempenha um papel crucial no fortalecimento do vínculo entre pais e bebês na unidade de terapia intensiva neonatal (UTIN). Seu apoio e orientação são fundamentais para ajudar os pais a superar desafios e estabelecer uma conexão emocional significativa com seus bebês. Profissionais de saúde fornecem informações essenciais sobre o estado de saúde do bebê, cuidados necessários e melhores práticas para interações, aumentando a confiança dos pais e facilitando a construção do vínculo (Sousa et al., 2019).

Além disso, a equipe oferece suporte emocional, ajudando os pais a lidar com o estresse e a ansiedade associados à hospitalização de um bebê prematuro. Esse apoio psicológico é fundamental para que os pais se sintam mais conectados e envolvidos no cuidado de seus filhos. A facilitação do método canguru, que envolve o contato pele a pele entre o bebê e um dos pais, é outra forma de apoio. Esse método tem benefícios comprovados para a regulação térmica do bebê, o ganho de peso e a criação de um vínculo afetivo mais forte (Sousa et al., 2019).

A inclusão dos pais nos cuidados diários, como trocar fraldas, dar banho e alimentar o bebê, também é crucial. A equipe de saúde pode envolver os pais nessas atividades, ajudando-os a se sentir mais competentes e conectados. Manter uma comunicação clara com os pais é essencial para reduzir a incerteza e promover um maior envolvimento. A equipe deve explicar os procedimentos médicos, responder a perguntas e atualizar regularmente os pais sobre o progresso do bebê (Candaten et al., 2020)

Sempre que possível, a equipe deve criar espaços onde os pais possam ter momentos de privacidade com seus bebês, permitindo que compartilhem experiências íntimas e desenvolvam uma conexão mais profunda. Além disso, a equipe pode encaminhar os pais para grupos de apoio, aconselhamento e outras fontes de suporte,

importantes para o bem-estar emocional e o fortalecimento do vínculo. O apoio da equipe de saúde também se estende à família como um todo, ajudando a integrar os pais e outros familiares no processo de cuidado e promovendo um ambiente de apoio abrangente. Em resumo, a equipe de saúde é essencial para criar um ambiente mais acolhedor e fortalecer o vínculo afetivo entre pais e bebês na UTIN (Mesquita et al., 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As intervenções para fortalecer os vínculos entre pais e bebês prematuros internados em unidades de terapia intensiva neonatal (UTIN) são de extrema importância para o desenvolvimento emocional e físico do bebê e para o bem-estar dos pais. Criar e fortalecer esse vínculo em um ambiente de UTIN, que pode ser estressante e cheio de incertezas, é essencial para promover a saúde e a resiliência de toda a família.

Essas intervenções não apenas auxiliam no desenvolvimento neurológico e físico do bebê, mas também ajudam os pais a se sentirem mais confiantes e capacitados em seu papel de cuidadores. Práticas como o método canguru, o envolvimento nos cuidados diários e o suporte emocional são estratégias eficazes que ajudam a construir um vínculo sólido, mesmo diante das dificuldades de uma internação prolongada.

A equipe de saúde tem um papel fundamental nesse processo, oferecendo suporte técnico e emocional, educação e um ambiente acolhedor que favorece a participação ativa dos pais no cuidado do bebê. Ao implementar práticas centradas na família, os profissionais de saúde contribuem para criar um ambiente mais humano e menos clínico, onde o foco está tanto no cuidado médico quanto no bem-estar emocional.

Considerando os benefícios significativos dessas intervenções, é vital que as UTINs continuem a desenvolver e aprimorar práticas que promovam o vínculo entre pais e bebês. Isso inclui a sensibilização das equipes de saúde, a criação de políticas que facilitem a presença e a participação dos pais e o desenvolvimento de recursos que apoiem as necessidades emocionais e psicológicas das famílias. Promover o vínculo entre pais e bebês não é apenas uma questão de cuidado, mas de construir

uma base sólida para o desenvolvimento futuro e o bem-estar integral da criança e de sua família.

## REFERÊNCIAS

CANDATEN, M. B., CUSTÓDIO, Z. A. O., & BOING, E (2020). Promoção do vínculo afetivo entre mãe e recém-nascido pré-termo: percepções e ações de uma equipe multiprofissional. *Contextos Clínicos*, 13 (1), 60-85

GONZÁLEZ-SERRANO, F., LASA, A., HERNANZ, M., TAPIA, X., TORRES, M., CASTRO, C., & IBAÑEZ, B. (2012). Maternal attachment representations and the development of very low birth weight premature infants at two years of age. *Infant Mental Health Journal*, 33(5), 477-488

MÄKELÄ, H et al. (2018). Clinging to closeness: the parental view on developing a close bond with their infants in a NICU. *Midwifery*, 62, 183-188

MESQUITA, D. S et al. (2019). Acolhimento de enfermagem na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) neonatal segundo binômio pais-filhos: estudo de revisão integrativa da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 11 (4), 980.

MOREIRA, T. B et al. (2020). Vivência materna no contexto da amamentação do recém-nascido hospitalizado e submetido à intervenção cirúrgica. *Escola Anna Nery*, 24 (4).

NAIDON, Â. M et al. (2018). Gestação, parto, nascimento e internação de recém-nascidos em terapia intensiva neonatal: relato de mães. *Texto & Contexto Enfermagem*, 27 (2)

SEGUNDO, W. G. B et al. (2018). A importância das Unidades de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) e de Cuidados Intermediários Neonatal (UCIN) para o recém-nascido prematuro. *Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança*, 16 (2), 85-90

SOUSA S. C. D et al. (2019). Fortalecimento do vínculo entre a família e o neonato prematuro. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 13 (2), 298-306.

TALLANDINI, M. A., & SCALEMBRA, C. (2006). Kangaroo mother care and mother-premature infant dyadic interaction. *Infant Mental Health Journal*, 27(3), 251-275.



**Capítulo 13**  
**TRASTORNO DISFÓRICO PREMENSTRUAL: UNA  
REVISIÓN COMPLETA**

*Layane Santos Dias*  
*Leonardo Delgado Freire*  
*Willians Mark de Souza Lima*  
*Milene Alemar*  
*Lídia Paula da Cruz Lima*  
*Talita Cristina de Souza Matos*



# TRASTORNO DISFÓRICO PREMENSTRUAL: UNA REVISIÓN COMPLETA

**Layane Santos Dias**

*Graduanda de Medicina na Universidade Maria Serrana, Ciudad Del Leste, Paraguai*

**Leonardo Delgado Freire**

*Graduanda de Medicina na Universidade Maria Serrana, Ciudad Del Leste, Paraguai*

**Willians Mark de Souza Lima**

*Graduando de Medicina na Universidade Maria Serrana, Ciudad Del Leste, Paraguai*

**Milene Alemar**

*Graduanda de Medicina na Universidade Maria Serrana, Ciudad Del Leste, Paraguai*

**Lídia Paula da Cruz Lima**

*Graduanda de Medicina na Universidade Maria Serrana, Ciudad Del Leste, Paraguai*

**Talita Cristina de Souza Matos**

*Graduanda de Medicina na Universidade Maria Serrana, Ciudad Del Leste, Paraguai*

## RESUMEN

El síndrome premenstrual disfórico (TDPM) es una condición clínica caracterizada por síntomas físicos y psicológicos severos que ocurren durante la fase lútea del ciclo menstrual en las mujeres. Es una forma grave del síndrome premenstrual (SPM) y puede provocar síntomas incapacitantes, que incluyen cambios de humor severos, irritabilidad, ansiedad, depresión, dolor físico y disfunción social. Esta condición compleja con etiología multifactorial involucra factores hormonales, neuroquímicos, genéticos y psicosociales. Se cree que la sensibilidad a los estrógenos y la serotonina desempeña un papel importante en su patogenia. El diagnóstico se basa en la evaluación clínica de los síntomas informados por el paciente, excluyendo otras condiciones médicas y psiquiátricas. El tratamiento del TDPM puede involucrar un enfoque multifacético, que incluye cambios en el estilo de vida, terapia cognitivo-conductual, terapia farmacológica y suplementos nutricionales.

**Palabras-clave:** Trastorno premenstrual, cambios de humor, tpm, depresión, autocontrol, ciclo menstrual, hipófisis eje hipotálamo.

## **ABSTRACT**

Dysphoric PMS (PMDD) is a clinical condition characterized by severe psychological and physical symptoms that occur during the luteal phase of the menstrual cycle in women. It is a severe form of premenstrual syndrome (PMS) and can result in disabling symptoms, including severe mood swings, irritability, anxiety, depression, physical pain and social dysfunction. This complex condition with multifactorial etiology involves hormonal, neurochemical, genetic and psychosocial factors. Estrogen and serotonin sensitivity are believed to play an important role in its pathogenesis. The diagnosis of PMDD is based on clinical evaluation of the patient's reported symptoms, excluding other medical and psychiatric conditions. Treatment of PMDD can involve a multifaceted approach, including lifestyle changes, cognitive-behavioral therapy, pharmacological therapy, and nutritional supplementation

**Keywords:** Premenstrual disorder, mood swings, tpm, depression, self-control, menstrualcycle, pituitary eje hypothalamus.

## **Introducción**

El Trastorno Disfórico Pré Menstrual es un trastorno del estado de ánimo que afecta a algunas mujeres en edad reproductiva. Se caracteriza por una serie de síntomas emocionales, cognitivos y físicos que se presentan en la fase lútea del ciclo menstrual y disminuyen o desaparecen después de la menstruación. El TDPM puede tener un impacto significativo en la calidad de vida de las mujeres que lo padecen, interfiriendo en su capacidad para llevar a cabo actividades diarias y relacionarse con los demás (Norma Pavía Ruz, 2009).

Este artículo ofrece una revisión simple y actualizada del Trastorno Disfórico Pré Menstrual, abordando sus características clínicas, etiología, diagnóstico y tratamiento. Se describen los síntomas comunes, que incluyen cambios de humor, irritabilidad, ansiedad, síntomas físicos y problemas cognitivos, y se discute su impacto en la vida cotidiana de las mujeres. Además, se analizan las posibles causas, incluyendo factores hormonales, genéticos, neurobiológicos y psicosociales, y se examinan los enfoques diagnósticos y las herramientas de evaluación utilizadas en la identificación del transtorno (Agostini G. 2016).

En términos de tratamiento, se revisan las opciones terapéuticas disponibles, como intervenciones farmacológicas, terapia cognitivo-conductual, cambios en el estilo de vida y enfoques complementarios y alternativos. También se aborda la importancia del enfoque multidisciplinario en el manejo, con una aproximación integral que involucre a profesionales de la salud mental, ginecólogos y otros especialistas

(Liisa Hantsoo 2015). Se destaca la necesidad de una comprensión adecuada y un enfoque compasivo, reconociendo su impacto en la vida de las mujeres y promoviendo una atención integral para aquellas que lo padecen.

## **Metodología**

Se realizó una búsqueda en la base de datos de la Biblioteca Nacional de Medicina (PubMed) para explorar los artículos, utilizando los descriptores: TDPM, eje hipotálamo- pituitario y ciclo menstrual. Como criterios de inclusión se utilizaron artículos que abordan las causas del TDPM y sus posibles tratamientos en español, inglés y portugués, publicados en los últimos 20 años (2003-2023).

## **Desarrollo**

Las mujeres fueran programadas para ser dinámicas, cíclicas, temperamentales y efervescentes. Las oscilaciones hormonales son la base de la sensibilidad que nos permite interactuar con el mundo. Ser sensible, carente y ocasionalmente insatisfecha es la fuente natural de energía. 7 Con el mundo moderno aprendemos que esto es algo malo, que debemos disculparnos por nuestras lágrimas, reprimir la ira que sentimos y también el miedo por la manifestación exagerada de crisis, especialmente las vulnerabilidades como los desánimos y la ansiedad, y el resultado de esto es el malestar y la frustración que sienten tantas mujeres por no dejar correr el flujo de días más difíciles de interacción social y muchas demandas (Bertone-Johnson E, 2014).

Mas como explicar para los hombres e até mesmo para las propias mujeres como funciona el cuerpo femenino? Bueno, para empezar, debemos entender que naturalmente, las mujeres son más propensas al dolor, porque anatómicamente su ínsula es más activa y también tienen más receptores de serotonina (monoamina producida en el SNC y en el tracto intestinal) y esta sensibilidad mayor tiene una fecha establecida para cada una. La forma en que se sientes tiene relación directa con la etapa del ciclo menstrual (Liisa Hantsoo 2015).

El temperamento tiende a ser mejor en la primera etapa del ciclo llamada fase Folicular, es durante este período que el ovario (las glándulas reproductivas de las

mujeres) estimula el desarrollo del óvulo (o ovócito que é una célula sexual femenina o gameta), y é esencial para la reproducción sexual. El óvulo es producido no ovarios durante un proceso chamado ovogénesis, después é liberados dos ovarios en uno proceso llamado ovulación. Durante la ovulación, el folículo ovariano se desenvolve y amadurece, liberando un ovulo pronto para ser fertilizado. El óvulo é então capturado pelas trompas de Falópio, onde pode encontrar um espermatozoide para ocorrer a fertilização. Todo este periodo dura 14 días y la hormona presente es el estrógeno, una hormona producida nos ovarios. Estrógeno es una denominación genérica para três hormonas estrógenos endogénas: estrona, estradiol y estriol, las cuales tienen la función de controlar la ovulación y desarrollar las características femeninas, razón por la cual las mujeres en esta etapa se sienten más enérgicas, bellas y seguras (Jorge Lolas-Talhami, 2015).

La segunda mitad del ciclo dura del día 14 al día 28 del ciclo, si, nuestro ciclo tiene 28 días, igualmente la luna tiene 28 días también com sus fases. pues bien, esta segunda fase se llama fase Lútea y engloba las dos semanas entre la liberación del óvulo del folículo y el inicio de la menstruación. La hormona presente es la progesterona, que en la mujer tiene un efecto modulador parasimpático, actuando sobre la estabilidad del sueño, el estado de ánimo y la labilidad emocional. La progesterona puede hacer que las mujeres se sientan perezosas y mal humoradas y alcanza su punto máximo el día veinte uno. Unos días antes de que baje la menstruación. Ocurre una caída repentina de estrógenos y alta en la progesterona, y esto caracteriza al tan famoso síndrome premenstrual. El síndrome premenstrual es algo natural y normal. Sin embargo, el trastorno disfórico premenstrual (TDPM), una forma disfórica del síndrome premenstrual, se clasifica como una patología que requiere tratamiento psiquiátrico, ya que, en la segunda mitad del ciclo, el cambio repentino de estrógenos y progesterona desencadena una disminución de la serotonina, neurotransmisor que está directamente relacionado con la depresión, el trastorno de pánico y el TOC (Liisa Hantsoo 2015).

Al comparar los síntomas del TDPM con los episodios de depresión, hay varios puntos en común, sin embargo, el TDPM es cíclico, desaparece cuando comienza la menstruación y la depresión es continua. Este es un fator importante para identificar de pronto la diferencia. Entonces, es de suma importancia ampliar los conocimientos sobre el tema, la mujer necesita conocerse a sí misma y reconocer tales cambios para

afrontar esta etapa de la vida con más naturalidad, no como algo patológico y reconocer cuando es patológico, aunque necesita ser tratado y acompañado. Un paso sencillo para aprender a identificar estos osciladores hormonales es a través de la tabla del ciclo menstrual, es una herramienta simple, pero de gran importancia, porque la vida emocional gira en torno al reloj interno de la mujer, y comprender este mecanismo es imprescindible para utilizar esta inestabilidad a tu favor (Jorge Lolas-Talhami, 2015).

En la TPM, disfórica o no, es un momento adecuado para comprobar si la vida va en la dirección que deseas. Cada ciclo es una oportunidad para empezar de nuevo. Presta atención a sus críticas, pensamientos racionales y sentimientos intensos, mira cómo es muy valioso. El bajo nivel de serotonina nos vuelve directos y verdadero, este es el momento ideal para honrar nuestros sentimientos más profundos. Entender estos cambios cíclicos es importante para afrontarlos con más naturalidad, pero no anula la búsqueda de un tratamiento adecuado dentro de las perspectivas de cada mujer. Es una condición compleja que involucra una interacción compleja de factores hormonales, neurológicos y psicosociales, y su tratamiento a menudo implica enfoques más convencionales, como cambios en el estilo de vida, terapia conductual cognitiva, suplementos de vitaminas/minerales y, en algunos casos, medicamentos. La terapia cognitivo-conductual (TCC): es un tratamiento coadyuvante que puede ayudar a identificar y modificar patrones de pensamiento negativos o distorsionados y comportamientos disfuncionales (Agostini G. 2016).

Esta terapia puede ser efectiva sin controlar dos síntomas emocionales como son la irritabilidad, la ansiedad y la depresión. Suplementos de vitaminas y minerales: algunos estudios sugieren que la suplementación con ciertas vitaminas y minerales, como calcio, vitamina B6, magnesio y ácido gamma-linolénico, puede reducir los síntomas.<sup>3</sup> Es importante consultar a un profesional de la salud antes de iniciar cualquier tratamiento. Es fundamental una forma multidisciplinar, acercándonos a los inhibidores selectivos de la recaptación de serotonina (ISRS), utilizando estos fármacos específicos en función de la gravedad de los síntomas y la respuesta individual de cada paciente y añadiendo terapias complementarias, como masaje, yoga, meditación, varias técnicas de relajación, asociando actividades físicas y cambiando hábitos alimenticios, estas terapias pueden ayudar a reducir el estrés y la ansiedad (Liisa Hantsoo 2015).

## Conclusión

En resumen, el trastorno disfórico premenstrual es un problema de salud que puede tener un impacto significativo en la calidad de vida de las mujeres. El tratamiento cognitivo-conductual puede ser una opción eficaz para ayudar a las mujeres a sobrellevar los síntomas y mejorar su salud mental y su bienestar general. Es importante que las mujeres que padecen este trastorno busquen ayuda profesional y comenten con sus médicos y/o psicólogos todas las opciones de tratamiento disponibles y aprendan a afrontar con mayor fluidez sus fases.

## Referencias

Agostini G. Trastorno disfórico premenstrual. Salud Actual. [en línea]. Dirección

Bertone-Johnson E, Whitcomb B, Missmer S, Manson J, Hankinson S, Rich Edwards J. Early life emotional, physical, and sexual abuse and the development of premenstrual syndrome: a longitudinal study. *J Womens Health (Larchmt)*. 23:729-39, 2014

Hantsoo Liisa and C. Neill Epperson. Premenstrual Dysphoric Disorder: Epidemiology and Treatment. *Curr Psychiatry Rep*. 2015 November; 17(11): 87, 2015

Lolas-Talhami Jorge, Lafaja-Mazuecos Juana and Ferrández-Sempere Diego. Is Premenstrual Syndrome a Uterine Inflammatory Disease? Retrospective Evaluation of an Etiologic Approach **Open Journal of Obstetrics and Gynecology**, 2015, 5, 305-312

Pavía Ruz Norma, Civeira González Laura y Rosado Franco Arsenio. Síndrome disfórico premenstrual de docentes preescolares en Mérida, Yucatán. **Ginecol Obstet Mex** 2009;77(4):185-90.

**Capítulo 14**  
**DESAFIOS DOS GESTORES NO CONTEXTO DO**  
**AVANÇO DAS DOENÇAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO**  
**DE CASO NA FARMÁCIA ULTRA POPULAR DE JALES**  
**(SP)**

*Karolina dos Santos de Freitas*  
*Kaylane Faria de Carvalho*  
*Tamires Cristina de Oliveira Gonçalves*  
*Clayton Cardoso de Moraes*

# **DESAFIOS DOS GESTORES NO CONTEXTO DO AVANÇO DAS DOENÇAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO DE CASO NA FARMÁCIA ULTRA POPULAR DE JALES (SP)**

***Karolina dos Santos de Freitas***

*Graduanda do Curso de Administração da Fundação Educacional de Fernandópolis*

***Kaylane Faria de Carvalho***

*Graduanda do Curso de Administração da Fundação Educacional de Fernandópolis*

***Tamires Cristina de Oliveira Gonçalves***

*Graduanda do Curso de Administração da Fundação Educacional de Fernandópolis*

***Clayton Cardoso de Moraes***

*Mestre em Engenharia da Produção pela Universidade Metodista de Piracicaba.*

*Professor do Curso de Administração da Fundação Educacional de Fernandópolis*

## **RESUMO**

O artigo tem como objetivo explorar os desafios enfrentados pelos gestores no contexto da globalização, mudanças econômicas e avanços tecnológicos, com foco na saúde mental dos colaboradores no ambiente corporativo. Ele aborda os impactos interligados desses fenômenos no contexto empresarial contemporâneo, destacando como moldam o ambiente empresarial, intensificam a competição e exigem adaptações constantes. As mudanças econômicas, impulsionadas por esses fatores, trazem desafios como a precarização do trabalho, demandando dos gestores uma liderança adaptativa e estratégias flexíveis para enfrentar as adversidades. O avanço das doenças emocionais prejudica a produtividade e aumenta os custos para as empresas. Assim, o desafio dos gestores inclui lidar com a saúde mental dos colaboradores e mitigar os impactos econômicos decorrentes de licenças médicas e baixa produtividade. Um dos principais desafios é a identificação precoce dos sinais de doenças emocionais, como cansaço excessivo, desmotivação, baixa produtividade e isolamento, que muitas vezes passam despercebidos, agravando as condições dos funcionários. O artigo conclui que, para alcançar o sucesso organizacional, os líderes devem desenvolver estratégias adaptativas que considerem tanto o bem-estar emocional dos colaboradores quanto as exigências de um mercado globalizado e tecnologicamente avançado. A metodologia utilizada inclui revisão bibliográfica, estudo de caso e aplicação de dois instrumentos de coleta de dados: entrevista e questionário.

**Palavras-chave:** Globalização; Desafios; Liderança; Gestão; Sucesso.

### **ABSTRACT**

The article aims to explore the challenges faced by managers in the context of globalization, economic changes and technological advances, with a focus on the mental health of employees in the corporate environment. It addresses the interconnected impacts of these phenomena in the contemporary business context, highlighting how they shape the business environment, intensify competition and demand constant adaptations. Economic changes, driven by these factors, bring challenges such as job insecurity, demanding adaptive leadership and flexible strategies from managers to face adversities. The increase in emotional disorders harms productivity and increases costs for companies. Thus, the challenge for managers includes dealing with the mental health of employees and mitigating the economic impacts resulting from sick leave and low productivity. One of the main challenges is the early identification of signs of emotional disorders, such as excessive fatigue, lack of motivation, low productivity and isolation, which often go unnoticed, worsening the conditions of employees. The article concludes that, to achieve organizational success, leaders must develop adaptive strategies that consider both the emotional well-being of employees and the demands of a globalized and technologically advanced market. The methodology used includes a literature review, a case study, and the application of two data collection instruments: interviews and questionnaires.

**Keywords:** Globalization; Challenges; Leadership; Management; Success.

### **Introdução**

O avanço das doenças emocionais, como depressão, ansiedade e burnout, tem se tornado um desafio crescente no ambiente de trabalho, afetando diretamente a gestão das empresas. Gestores enfrentam o desafio de lidar com essas condições de forma eficaz, tanto para preservar o bem-estar dos colaboradores quanto para manter a produtividade da equipe.

De acordo com Emma Seppälä (2021), é crucial que os gestores reconheçam a importância do bem-estar emocional no local de trabalho. Ela sugere que líderes devem ser treinados para identificar sinais precoces de estresse e burnout entre os funcionários. Gestores precisam adotar uma abordagem proativa em relação à saúde mental para reduzir o impacto das doenças emocionais na equipe.

O presente trabalho tem como objetivo explorar os desafios enfrentados pelos gestores no contexto da globalização, mudanças econômicas e avanços tecnológicos, com foco na saúde mental dos colaboradores no ambiente corporativo. Esses três fenômenos que são globalização, transformações econômicas e avanços

tecnológicos têm moldado o cenário empresarial contemporâneo, introduzindo novas exigências tanto para a gestão quanto para os trabalhadores.

Em seguida, explora-se os desafios específicos da liderança na gestão dessas questões, destacando a importância de abordagens estratégicas e humanas na promoção de ambientes de trabalho saudáveis.

Diante desse cenário, a problemática central deste estudo se concentra em investigar como os gestores da Farmácia Ultra Popular em Jales (SP) estão enfrentando os desafios associados ao aumento das doenças emocionais entre seus colaboradores. Especificamente, busca-se entender quais são as estratégias adotadas, os obstáculos encontrados e as possíveis lacunas na gestão que podem estar exacerbando esses problemas.

Espera-se que os resultados deste trabalho contribuam para o debate e a prática de gestão de pessoas, oferecendo soluções e recomendações que possam ser aplicados por gestores em contextos similares. Ao abordar a intersecção entre os desafios globais e a saúde emocional no ambiente de trabalho, este estudo pretende evidenciar a importância de políticas e práticas organizacionais que valorizem o bem-estar dos colaboradores como elemento central para o sucesso e a sustentabilidade das organizações no cenário atual.

### **Globalização, Mudanças Econômicas e Avanços Tecnológicos**

A globalização, as mudanças econômicas e o avanço tecnológico são fenômenos interligados que caracterizam o atual cenário empresarial. De acordo com Silva (2019), a globalização impulsiona a interconexão entre empresas e mercados em escala mundial, criando um ambiente de competição acirrada e exigindo adaptações constantes por parte das organizações.

Para Palley (2018), a globalização é um sistema de muitas partes móveis. No seu centro está o processo e os arranjos que constituem a globalização econômica. Cada país ou bloco é diretamente impactado, originando implicações econômicas, políticas e geopolíticas, assim como suas decisões e movimentações também impactam o sistema internacional.

Uma das características da globalização é o fato de ela se manifestar nos mais diversos campos que sustentam e compõem a sociedade: cultura, espaço geográfico, educação, política, direitos humanos, saúde e, principalmente, a economia.

Considera-se que o principal entre os problemas da globalização é uma eventual desigualdade social por ela proporcionada, em que o poder e a renda encontram-se em maior parte concentrados nas mãos de uma minoria, o que atrela a questão às contradições do capitalismo. (Farias, 2020)

Nesse contexto, as mudanças econômicas desempenham um papel significativo, impactando diretamente a dinâmica operacional e estratégica das empresas. Conforme destacado por Oliveira (2021), as transformações econômicas podem resultar em instabilidade financeira e incerteza no mercado, desafiando os gestores a desenvolverem estratégias flexíveis e resilientes para enfrentar essas adversidades.

As mudanças econômicas impulsionadas pela globalização também resultaram em desafios significativos, como a crescente desigualdade econômica e a precarização do trabalho em algumas regiões. Países em desenvolvimento, por exemplo, muitas vezes enfrentam dificuldades em competir com as economias mais avançadas, o que pode exacerbar as disparidades de renda. Além disso, a terceirização e a automação, em parte facilitadas pela globalização, têm levado a uma redução dos postos de trabalho em setores tradicionais em diversas economias desenvolvidas, o que gerou debates sobre a necessidade de políticas públicas que amparem os trabalhadores afetados por essas transformações. (Banco Mundial, 2024)

A tecnologia trouxe bastante melhorias à economia, pois permite que se criem melhores resultados nos estudos planejados, com menor esforço e custo, além de consentir que se crie um desenvolvimento muito mais aprofundado no produto final. Na área da saúde, por exemplo, o uso da tecnologia permite que se tenham aparelhos médicos mais avançados que possibilitem um melhor atendimento à população, com métodos precisos e modernos. Essas mesmas tecnologias aplicadas na área da saúde também permitem ao governo ter um orçamento mais enxuto, levando em conta que os estudos científicos impedem avanços de doenças, que poderiam causar um desembolso governamental na contenção de pandemias, por exemplo, muito maiores do que os investimentos no avanço tecnológico. (Del Claro, 2019)

Por outro lado, o avanço tecnológico tem revolucionado os processos de produção, comunicação e gestão nas organizações. Gonçalves (2022) menciona que as novas tecnologias oferecem oportunidades para aprimorar a eficiência e a inovação, mas também apresentam desafios relacionados à adaptação dos

colaboradores e à gestão da segurança da informação. Diante desse contexto dinâmico e complexo, a gestão de liderança desempenha um papel crucial na condução das organizações rumo ao sucesso.

Os avanços tecnológicos, particularmente na área da informação e comunicação, desempenham um papel crucial na aceleração do processo de globalização. Tecnologias como a internet, a inteligência artificial e a automação têm transformado a maneira como as empresas operam, possibilitando uma maior eficiência e inovação. Por exemplo, o comércio eletrônico permite que empresas de todos os portes alcancem consumidores em escala global, desafiando as barreiras tradicionais de mercado. No entanto, esses avanços também trazem novos desafios, como a necessidade de regulamentação adequada para proteger a privacidade dos usuários e mitigar os efeitos negativos da automação sobre o emprego. (Stiglitz, 2023)

Esses fenômenos interligados mostram como a globalização, as mudanças econômicas e os avanços tecnológicos são forças dominantes que estão moldando o futuro da economia global, criando tanto oportunidades quanto desafios para as sociedades ao redor do mundo. (Schwab, 2024)

Portanto, é fundamental que os gestores estejam preparados para enfrentar os desafios decorrentes da globalização, das mudanças econômicas e do avanço tecnológico, desenvolvendo habilidades de liderança adaptativas e estratégias de gestão eficazes. Conforme Lima (2023) afirma: "a capacidade de liderança é essencial para orientar as equipes frente às transformações do mercado globalizado e das inovações tecnológicas".

## **Desafios Dos Gestores e da Liderança**

No contexto empresarial contemporâneo, marcado pela complexidade e pela velocidade das mudanças, os gestores e líderes enfrentam uma série de desafios que exigem uma atuação proativa e estratégica. A globalização, as transformações econômicas e o avanço tecnológico têm impactado significativamente a dinâmica organizacional, gerando novas demandas e desafios para os profissionais de liderança. Nesse cenário, a gestão eficaz das equipes e a promoção de um ambiente de trabalho saudável e produtivo emergem como questões cruciais para o sucesso das organizações. (OMS, 2022).

A gestão de pessoas é a união de políticas e práticas indispensáveis para governar aspectos da posição em que uma pessoa se encontra. Nesse sentido, o líder assume um papel de grande importância para a empresa, uma vez que ele tem a função de agregar pessoas, aplicá-las, recompensá-las, desenvolvê-las e mantê-las dentro da organização cumprindo seu papel de forma satisfatória (Pizzette; Birck, 2019).

Um dos principais desafios dos gestores é a gestão da diversidade e inclusão no ambiente de trabalho. Com equipes cada vez mais heterogêneas, compostas por profissionais de diferentes gerações, origens culturais e experiências, os líderes enfrentam o desafio de promover a integração e o respeito mútuo entre os colaboradores. De acordo com Carvalho (2020) a capacidade de criar um ambiente inclusivo e acolhedor é essencial para maximizar o potencial humano da organização e estimular a criatividade e a inovação.

Portanto uma gestão eficaz das equipes requer habilidades sólidas de comunicação e relacionamento interpessoal por parte dos líderes. Souza (2021) destaca que a promoção do bem-estar dos colaboradores, através de uma comunicação aberta e transparente, contribui para fortalecer os vínculos entre os membros da equipe e aumentar a motivação e o engajamento no trabalho.

Para Banks, Woznyj e Mansfield (2021) o comportamento do líder é um fator crítico na composição das teorias relacionadas à liderança em si. Uma boa liderança deve basear-se primeiramente na confiança mútua e outras características comportamentais que pode contribuir para gerar bons estímulos à sua equipe, estando esses fatores diretamente relacionados à gestão de pessoas.

No âmbito da liderança, os desafios são ainda mais amplos e exigem uma compreensão profunda das dinâmicas organizacionais e do comportamento humano. Conforme Almeida (2022) ressalta que os líderes enfrentam o desafio de promover a inovação e a criatividade, incentivando a busca por soluções eficazes para os problemas enfrentados pela organização.

É importante destacar que a gestão de pessoas, nem sempre foi como é, ela mudou, da mesma forma que as organizações e empresas mudaram com o passar do tempo junto a evolução dos processos produtivos e das evoluções na área do relacionamento humano (Barros Neto, 2019).

Após descobertas em meados do século XX sobre fatores psicológicos e sobre como esses, junto a fatores sociais, podem influenciar a produtividade dos

trabalhadores, passou-se a reconhecer a real importância das pessoas dentro das organizações e da necessidade de o líder atuar junto a elas para garantir o desenvolvimento organizacional em conjunto com o crescimento profissional dos envolvidos (Pereira; Tevelin, 2020).

Além disso, a gestão da mudança e da incerteza é um desafio constante para os líderes, que precisam conduzir suas equipes de forma a adaptarem-se rapidamente às transformações do mercado e do ambiente empresarial. Calvosa e Ferreira (2023) destacam que o líder deve conhecer formas de satisfazer as principais necessidades tanto de seus clientes quanto de seus colaboradores, atendendo-os de forma satisfatória. E é por meio da sua atuação e sua forma de lidar com os indivíduos que o líder pode estabelecer a cooperação entre as pessoas, desenvolvendo-os e estabelecendo uma direção para as ações a serem realizadas.

O líder é uma pessoa que dirige sua equipe com a ajuda dos seus subordinados, sendo que todos estão voltados para um objetivo coletivo. Ele é responsável pelo sucesso ou fracasso da organização, já que sabe solicitar, é aberto a sugestões, confia ao delegar funções, presta atenção em cada um dos seus subordinados, é democrático, sabe comunicar-se bem e consegue uma conquista positiva de credibilidade através da admiração e do respeito mútuos. Cabe-lhe a incumbência de influenciar seus subordinados e de alinhar seus respectivos processos com os objetivos propostos pela organização. É fácil compreender a importância do líder como agente de direcionamento organizacional e das pessoas como executoras dos principais processos. (Lyrio, 2018)

O profissional que atua sob a liderança de uma empresa deve possuir duas habilidades consideradas básicas e que devem estar presente para a implementação de estratégias competitivas e uma boa gestão de pessoas, são as habilidades humanas e as habilidades conceituais. Onde as habilidades humanas são a capacidade de interagir com as pessoas, se comunicar de forma clara e motivar os seus funcionários, já as habilidades conceituais se referem à capacidade de olhar o todo, tendo uma visão sistêmica de todo o processo, bem como as suas interações com o meio externo (Lyrio, 2018).

É importante que o gestor trabalhe a gestão com pessoas, visando a motivação da equipe. Porém, o primeiro passo é conhecer cada membro individualmente, criar laços com as pessoas e colocar-se a disposição delas, acompanhando o seu resultado e fornecendo feedbacks claros e transparentes, levando os funcionários a

terem conhecimento de que estão ou não realizando corretamente seu trabalho, melhorando sempre que necessário e estando em sintonia com a organização (Santos et al, 2023).

Aragão e Maranhão (2020) destacam que há outro ponto importante na construção positiva da motivação e Gestão com Pessoas, o reconhecimento. Seja através de um aumento de salário, mudança de cargo e funções, funcionário destaque, mimos ou até mesmo um elogio, o reconhecimento faz total diferença no rendimento e motivação do funcionário para com o trabalho e empresa, fazendo-o doar-se cada vez mais ao seu trabalho, dando o melhor de si e influenciando outras pessoas a também fazê-lo, pois todos querem ser reconhecidos.

Os líderes enfrentam desafios crescentes em um ambiente corporativo marcado por mudanças rápidas e imprevisíveis. A globalização, as transformações tecnológicas e as mudanças nas expectativas dos colaboradores exigem que os gestores adaptem suas estratégias e estilos de liderança. Para navegar por essas águas turbulentas, os líderes precisam desenvolver uma mentalidade ágil, capaz de responder rapidamente às mudanças do mercado e das demandas internas. Essa flexibilidade é essencial para manter a relevância e a competitividade em um cenário de negócios globalizado. (Kotter, 2024)

Além das habilidades técnicas, a inteligência emocional se tornou uma competência crucial para os gestores. Em um mundo onde as equipes são cada vez mais diversas e dispersas geograficamente, os líderes devem ser capazes de entender e gerenciar as emoções de seus colaboradores para construir um ambiente de trabalho positivo e inclusivo. A capacidade de empatia, comunicação eficaz e resolução de conflitos são elementos-chave para manter o moral elevado e garantir a coesão da equipe, fatores fundamentais para o sucesso organizacional. (Goleman, 2023)

Em um mercado de trabalho competitivo, o desenvolvimento e a retenção de talentos se destacam como desafios críticos para a liderança. Os gestores precisam criar estratégias que não apenas atraiam os melhores talentos, mas também que incentivem o crescimento e o desenvolvimento contínuo dos colaboradores. Investir em programas de treinamento, oferecer oportunidades de carreira claras e promover uma cultura organizacional positiva são aspectos fundamentais para reduzir a rotatividade e garantir que a organização mantenha um quadro de funcionários qualificado e motivado. (Deloitte, 2024)

Finalmente, os gestores modernos enfrentam a crescente pressão para tomar decisões éticas e sustentáveis. Com as crescentes expectativas da sociedade por práticas empresariais responsáveis e transparentes, os líderes devem equilibrar as demandas de lucro com o impacto social e ambiental de suas ações. A tomada de decisões que considerem a sustentabilidade a longo prazo não é apenas uma questão de responsabilidade corporativa, mas também um fator que pode influenciar diretamente a reputação e o sucesso financeiro da organização. (Freeman, 2023)

### **Saúde Mental no Ambiente Corporativo: Enfrentando as Doenças Emocionais**

As doenças emocionais representam um desafio significativo para a saúde e o bem-estar dos colaboradores, bem como para o desempenho e os resultados das organizações. O estresse, a ansiedade, a depressão e outros transtornos emocionais afetam milhões de pessoas em todo o mundo, e o local de trabalho não é imune a esses problemas. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), as doenças relacionadas ao estresse ocupacional estão entre as principais causas de incapacidade e afastamento do trabalho em muitos países. (OMS, 2022).

No âmbito do presente estudo, as doenças emocionais podem se manifestar de diversas formas, afetando tanto os colaboradores quanto os líderes das organizações. A pressão por resultados, o ambiente competitivo e as demandas constantes podem contribuir para o surgimento e agravamento desses transtornos emocionais. Além disso, a pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios, aumentando os níveis de estresse e ansiedade entre os trabalhadores e exigindo uma resposta ágil e eficaz por parte da gestão de liderança. (OMS, 2022).

A compreensão dos fatores que contribuem para o surgimento das doenças emocionais no ambiente de trabalho é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção. De acordo com Santos (2019), é importante considerar tanto os fatores individuais, como predisposições genéticas e história pessoal, quanto os fatores organizacionais, como a cultura empresarial, as políticas de gestão de pessoas e o clima organizacional.

Considerando que os riscos psicossociais representam danos resultantes, os elementos que aumentam a probabilidade de ocorrência desses danos são denominados fatores de risco psicossociais. Portanto, os fatores de risco são elementos anteriores aos riscos associados, embora seja importante ressaltar que a

relação entre eles não é de causa e efeito direto. Assim, uma vez que os fatores de risco psicossociais interagem entre si, estes podem desempenhar um papel moderador, mediador ou até mesmo atuar como indicadores de riscos relacionados. (Rodrigues et al., 2020)

Os fatores que representam riscos psicossociais estão ligados à interação dinâmica entre os trabalhadores e o ambiente de trabalho, abrangendo aspectos como o desempenho no trabalho, o grau de controle e autonomia sobre as atividades realizadas, a estrutura organizacional do processo produtivo, a carga horária e intensidade do trabalho, às características específicas da organização e o contexto interno e externo em que as organizações estão inseridas. (Rodrigues et al., 2020

Almeida (2020, p. 56) ressalta que "a saúde emocional dos colaboradores é um ativo essencial para a produtividade e a competitividade das organizações". Diante desse cenário, é fundamental que a gestão de liderança adote uma abordagem proativa para lidar com as doenças emocionais no ambiente de trabalho. Isso inclui a promoção de um ambiente de trabalho saudável e inclusivo, o desenvolvimento de programas de apoio psicossocial e a implementação de políticas de saúde mental no local de trabalho.

Para os trabalhadores da saúde, o estresse e a pressão de lidar com o trabalho somado ao risco de adoecer, provocam severos problemas de saúde mental. A saúde destes trabalhadores necessita que sejam adotadas medidas de prevenção tanto referente aos aspectos biológicos quanto aos aspectos psicossociais (SILVA et al., 2022).

Ademais, trazendo uma visão mais filosófica entre a saúde mental e o trabalho, segundo Rumin et al (2021), o trabalho desempenha um papel central na vida das pessoas, pois é responsável por transformar suas habilidades e potencialidades em ações e resultados valorizados pela sociedade. Os esforços humanos demonstram o desejo de contribuir para a sociedade e, a nível individual, acabam por proporcionar uma reapropriação narcísica com o que foi investido no trabalho. Ao se dedicar ao trabalho, espera-se que haja um retorno satisfatório, o reconhecimento da contribuição para a comunidade, assim como o seu pertencimento, o que é fundamental para a preservação e manutenção da saúde mental. Portanto, a saúde mental está intrinsecamente ligada à satisfação pessoal e aos resultados alcançados por meio do trabalho.

Tendo em vista o impacto das relações no trabalho para a saúde mental do trabalhador, nota-se a urgência e a importância de investimentos em intervenções eficazes para tornar o ambiente corporativo mais saudável e assim, possibilitar uma maior satisfação e felicidade no trabalho. É importante que as organizações saibam agir de forma a minimizar os fatores de risco relacionados ao adoecimento mental no trabalho (SESI, 2021).

A Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento emocional e físico, despersonalização e baixa realização profissional, resultante de situações desgastantes, que demandam muita competitividade ou muita responsabilidade. De acordo com o Ministério da Saúde, a principal causa da doença é justamente esse excesso de trabalho (Brasil, 2022).

Essa exaustão emocional caracteriza-se por sentimentos de fadiga e falta de energia para manter-se em sua atividade laboral. Manifesta-se basicamente por sintomas de fadiga persistente, falta de energia, adoção de condutas de distanciamento afetivo, insensibilidade, indiferença ou irritabilidade relacionadas ao trabalho de uma forma ampla, além de sentimentos de ineficiência e baixa realização pessoal. Neste cenário do ambiente de trabalho, o indivíduo se sente exaurido emocionalmente. O sentimento de realização profissional passa a ser definido por uma autoavaliação negativa, normalmente relacionada a sentimentos de incompetência e de desempenho insatisfatório no trabalho. O indivíduo sente-se infeliz e insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, a relação com seu trabalho perde o sentido e importância e qualquer esforço para melhorar esse cenário parece inútil. (Rodrigues et al., 2020)

Para mitigar os efeitos dessas doenças emocionais, é essencial que as organizações adotem uma abordagem proativa em relação à saúde mental. Isso inclui a implementação de políticas de bem-estar, a oferta de programas de apoio psicológico e a promoção de um ambiente de trabalho saudável e inclusivo. Programas de treinamento que ensinam os gestores a reconhecerem os sinais de doenças emocionais e a apoiar seus colaboradores de maneira eficaz são fundamentais para a criação de uma cultura de cuidado. Além disso, promover um equilíbrio saudável entre trabalho e vida pessoal e oferecer flexibilidade nas jornadas de trabalho pode ajudar a reduzir o estresse e prevenir o desenvolvimento de condições emocionais graves. (Maslach, & Leiter, 2023)

As doenças emocionais no local de trabalho são um desafio significativo que requer atenção contínua por parte das organizações. Reconhecer a importância da saúde mental e implementar estratégias de apoio não só melhora a qualidade de vida dos funcionários, mas também contribui para a sustentabilidade e o sucesso a longo prazo das empresas. Com uma abordagem consciente e proativa, é possível criar um ambiente de trabalho onde todos possam prosperar, tanto pessoal quanto profissionalmente. (Gallup, 2024)

## **Materiais e Métodos da Pesquisa**

A pesquisa científica se beneficia muito da colaboração entre disciplinas. A ciência atual é complexa e interconectada, o que exige que pesquisadores de diferentes áreas trabalhem juntos para resolver problemas globais, como mudanças climáticas, saúde pública e inovação tecnológica. (Kuhn, 2020). Na atualidade em que a competitividade é cada vez maior, há uma grande exigência aos profissionais não só de conhecimento teórico, mas também produção de conhecimento prático.

Para o desenvolvimento deste trabalho científico foi realizada uma pesquisa exploratória, que envolve levantamento bibliográfico e estudo de caso, visando proporcionar maior familiaridade com o problema a fim de torná-lo explícito (GIL, 2022)

A revisão bibliográfica abrangeu diversos tópicos relevantes para o tema, com o objetivo de fundamentar teoricamente o tema abordado, explorando as contribuições de autores relevantes no campo da globalização, mudanças econômicas e avanço tecnológico. Gestores enfrentam o desafio de identificar e lidar proativamente com a saúde emocional dos colaboradores. Criar um ambiente de trabalho que promova o bem-estar e suporte emocional é essencial para manter a produtividade e o engajamento. A globalização, combinada com rápidas mudanças econômicas e avanços tecnológicos, tem forçado os gestores a se adaptarem rapidamente. Eles precisam lidar com mercados globais, cadeias de suprimento mais complexas, inovações digitais, além de gerenciar a força de trabalho remota e mudanças nas expectativas dos consumidores.

Enfrentam o desafio de liderar em um ambiente de trabalho dinâmico e em constante mudança, desenvolvendo habilidades de inteligência emocional, comunicação eficaz e promovendo um ambiente inclusivo. A liderança precisa ser flexível, com foco em resultados e bem-estar da equipe. A saúde mental no trabalho

tornou-se uma prioridade, com empresas buscando criar políticas de bem-estar e suporte para lidar com o avanço das doenças emocionais. Gestores desempenham um papel crucial em identificar sintomas precoces, promover diálogos abertos e implementar estratégias que equilibrem as demandas profissionais com a saúde emocional dos colaboradores. Fink (2020) enfatiza a importância de uma metodologia clara ao realizar uma revisão bibliográfica, sugerindo que o processo deve ser sistemático e abrangente.

Outro meio de pesquisa utilizado neste trabalho foi a realização de um estudo de caso na Farmácia Ultra Popular de Jales (SP). Thomas (2020) aborda a relevância dos estudos de caso longitudinais, que acompanham um fenômeno ao longo do tempo, permitindo observar mudanças e tendências. Ele também menciona que estudos comparativos entre múltiplos casos podem enriquecer a análise, ao fornecer contrastes entre diferentes contextos.

Dois instrumentos de coleta de dados foram aplicados como fonte de informações para o estudo de caso, sendo eles a entrevista e o questionário. A importância das entrevistas como método de pesquisa qualitativa é destacada por Costa (2020, p. 72), que afirma que "as entrevistas permitem a obtenção de informações detalhadas e aprofundadas sobre o ponto de vista dos participantes". A entrevista foi fundamental para complementar as informações obtidas na literatura e proporcionar uma visão prática e atualizada dos desafios enfrentados pelos gestores da empresa estudada.

Autores como Saunders, Lewis e Thornhill (2019) destacam a versatilidade dos questionários em diferentes campos de estudo, desde pesquisas de mercado até estudos em ciências sociais. Eles mencionam a importância de adaptar o questionário ao público-alvo e ao contexto da pesquisa.

A prática de realizar um teste piloto é uma etapa crucial no desenvolvimento de qualquer pesquisa ou instrumento de coleta de dados. Alguns autores têm enfatizado a importância desta prática como um meio de garantir a validade e a confiabilidade dos instrumentos antes de sua aplicação em larga escala. Segundo Bryman (2021), o teste piloto permite aos pesquisadores identificarem e corrigir problemas potenciais relacionados à clareza das perguntas, a estrutura do questionário, e a eficácia das instruções, proporcionando assim um instrumento mais robusto e preciso.

A metodologia do teste piloto geralmente envolve a aplicação preliminar do questionário ou entrevista em uma amostra reduzida e representativa do público-alvo.

Saunders et al. (2019) discutem a questão do tamanho da amostra em pesquisas baseadas em questionários. Eles recomendam que o número de participantes seja adequado para garantir a validade estatística, variando conforme o tipo de pesquisa e o nível de confiança desejado. Em geral, sugerem que uma amostra de pelo menos 30 a 50 participantes seja necessária para testes preliminares, enquanto amostras maiores são exigidas em estudos mais complexos.

A avaliação de um teste piloto por diferentes profissionais é crucial para assegurar a clareza e relevância das questões. No teste aplicado para psicóloga, agente de combate a endemias, analista e gerente administrativo, considerara o teste claro, recomendaram deixar um campo aberto para detalhar recursos recebidos, propôs exemplos e reformulações em várias questões para melhorar a compreensão e sugeriram ajustes nas opções de resposta e na organização das perguntas. Também foi observado que a forma de aplicação dos questionários pode influenciar os resultados, com sugestões para garantir respostas mais honestas e anônimas.

### **Estudo de Caso na Farmácia Ultra Popular de Jales (SP)**

A varejista de produtos farmacêuticos, cosméticos e de conveniência integra uma franquia situada na cidade de São Paulo, pertencente à rede Farmácias, que detém as marcas Ultra Popular, Total Popular, entre outras. As drogarias Ultra Popular são parte dessa franquia, com milhares de unidades distribuídas pelo Brasil. No ano de 2013, estabeleceram a primeira unidade em Jales-SP, onde são realizadas em média cerca de 10 mil vendas por mês. (Farmácia Ultrapopular 2023)

A Farmácia Ultra Popular vem enfrentando dificuldades para equilibrar a necessidade de manter a produtividade com a importância de promover um ambiente de trabalho saudável. Os gestores, que estão na linha de frente desse dilema, devem conciliar as demandas operacionais com o cuidado e apoio aos funcionários que enfrentam problemas emocionais. No entanto, a falta de políticas claras, recursos limitados e o estigma ainda associado às doenças mentais podem comprometer a eficácia das ações gerenciais.

A importância deste estudo de caso reside em diversos fatores que refletem questões relevantes tanto para a gestão de pessoas quanto para a saúde organizacional e emocional dos colaboradores da farmácia, permitindo que os resultados sejam usados como referência. O estudo de caso específico pode ajudar

sobre a aplicabilidade de soluções e estratégias em empresas com características e realidades semelhantes.

Primeiramente serão apresentadas as informações adquiridas mediante a entrevista realizada com a gestora da empresa, posteriormente serão descritos os resultados obtidos com a aplicação dos questionários aos colaboradores

### **Entrevista realizada com a gestora da Farmácia Ultra Popular de Jales (SP)**

A entrevista foi realizada dia 23 de agosto de 2023, onde foram abordados temas relacionados ao bem-estar emocional dos colaboradores e os desafios que enfrenta no gerenciamento do ambiente de trabalho. De acordo com a gestora, se considera o bem-estar emocional dos colaboradores fundamental para o sucesso da empresa, ressaltando que um colaborador precisa estar bem emocionalmente para ter um bom rendimento no trabalho.

Os principais desafios que se identifica no gerenciamento das emoções pelos colaboradores e como impactam o desempenho e o bem-estar da equipe, apontou a necessidade de manter o equilíbrio emocional, comportamental e que a falta desse equilíbrio pode impactar negativamente toda a equipe, dependendo do perfil da pessoa envolvida.

Foram abordadas as estratégias utilizadas para apoiar os colaboradores no gerenciamento de suas emoções no ambiente de trabalho, em que da empresa é manter um ambiente harmonioso, sempre disposto a ouvir os colaboradores. Sobre como incentiva uma comunicação mais aberta em relação às questões emocionais na equipe, enfatizou a importância da comunicação aberta, da escuta ativa, do entendimento do contexto das situações e da forma adequada de conduzir os problemas.

São indicados sinais de abalo emocional entre os colaboradores e, como parte de sua abordagem, procura ajudar os colaboradores questionando, por exemplo, se estão fazendo uso de medicações, demonstrando preocupação e oferecendo suporte.

Os impactos das questões emocionais dos colaboradores no ambiente de trabalho e nos resultados da empresa indicam que sinais como desvios de comportamento e queda nos resultados servem como alertas para que a gestão inicie conversas com os colaboradores e ofereça o apoio necessário.

Ao discutir o papel da liderança no estabelecimento de um ambiente de trabalho emocionalmente saudável e produtivo, mostrando que esse papel fundamental e que, se o gestor não estiver bem emocionalmente, ele não consegue transmitir confiança aos colaboradores, o que é crucial para o desempenho da equipe.

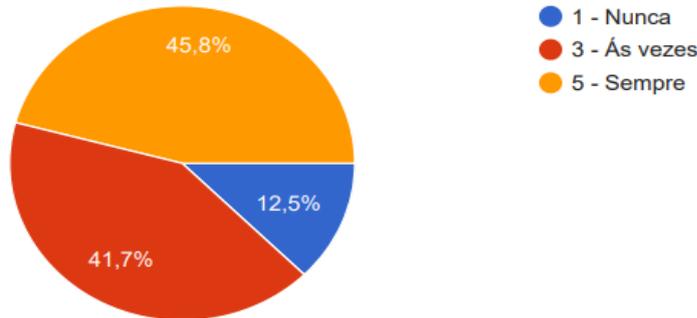
Na atualidade as pessoas muitas vezes se espelham em influenciadores de redes sociais, essa pressão pode impactar significativamente a saúde mental, sendo necessário manter um certo equilíbrio para lidar com essas expectativas, como a pressão para atender a padrões e expectativas globais, como qualidade, regulamentações internacionais e práticas sustentáveis, afetam a saúde mental dos colaboradores.

A empresa tem investido no bem-estar emocional de seus colaboradores por meio de diversas iniciativas. Entre elas, estão as palestras realizadas por uma psicóloga especializada, abordando temas voltados à saúde mental e ao equilíbrio emocional no ambiente de trabalho. Além disso, atividades em grupo têm sido promovidas, criando momentos de integração e apoio mútuo entre os colaboradores. Complementando essas ações, a empresa também oferece acesso ao aplicativo Orienteme, que permite consultas online com a psicóloga, proporcionando suporte contínuo e de fácil acesso para quem precisa de orientação psicológica, contribuindo para a qualidade de vida de todos.

## **Resultados dos questionários**

Referente a aplicação dos questionários, as respostas fornecem uma visão detalhada sobre diversos aspectos, como a frequência com que as demandas do trabalho causam preocupação, os recursos oferecidos pela empresa para lidar com a pressão, o conforto em compartilhar preocupações emocionais, e o respeito ao equilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Foram aplicados a 48 colaboradores que trabalham na Farmácia Ultra Popular na cidade de Jales entre os dias 19 de agosto a 23 de agosto de 2024. A seguir, serão apresentados os principais resultados e as implicações dessas percepções no ambiente organizacional.

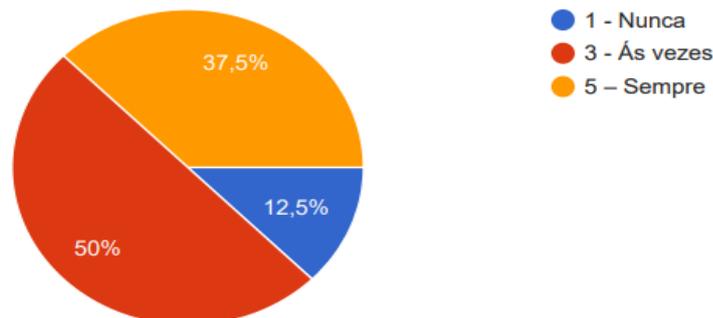
## 1. Demandas de trabalho que causam preocupações



Conforme pode ser notado no Gráfico1, dos 48 colaboradores que responderam à questão, 6 (12,5%) afirmaram que nunca se preocupam com as demandas do trabalho, enquanto 20 (41,7%) relataram que às vezes sentem essa preocupação, e 22 (45,8%) mencionaram que sempre enfrentam esse tipo de preocupação. Esses dados revelam que 42 (87,5%) dos colaboradores experimentam algum nível de preocupação devido às demandas do trabalho, surgindo assim uma preocupação constante.

O Gráfico 2 mostra se os colaboradores recebem recursos para lidar com a pressão que o trabalho causa.

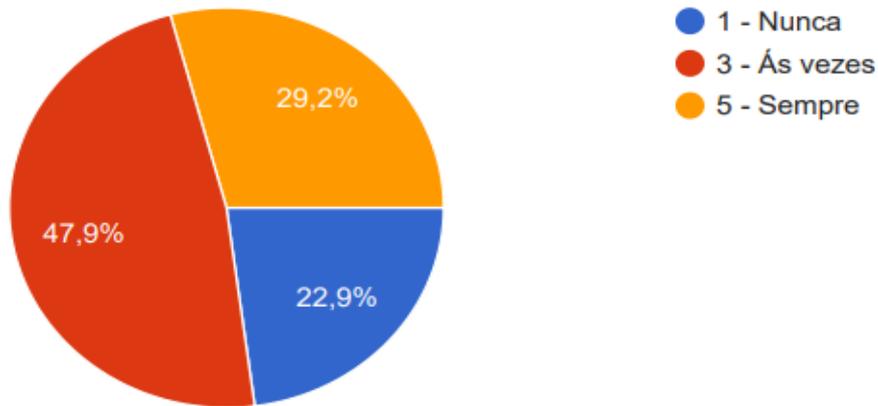
## 2. Recursos para lidar com a pressão do trabalho



Nesta questão, 6 (12,5%) dos colaboradores disseram que a empresa nunca oferece tais recursos, enquanto 24 (50%) responderam que às vezes esses recursos estão disponíveis, e 18 (37,5%) afirmaram que sempre têm acesso a esses recursos. Embora reconheçam a existência de algum nível de apoio, ainda há uma parcela significativa que não sente que esses recursos estão disponíveis de maneira consistente.

O gráfico 3 expõe se os colaboradores sentem vontade, confiança de compartilhar seus problemas no ambiente de trabalho.

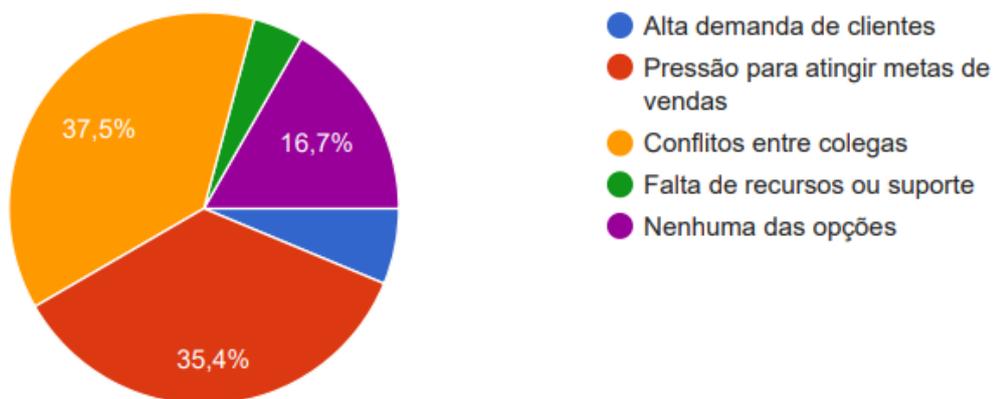
### 3. Vontade de compartilhar problemas no trabalho



Dos 48 colaboradores, 11 (22,9%) disseram que nunca se sentem à vontade para fazê-lo, 23 (47,9%) afirmaram que às vezes se sentem confortáveis, e 14 (29,2%) relataram que sempre se sentem à vontade para compartilhar. Esse resultado sugere que, por mais que se sintam moderadamente confortáveis em expressar suas preocupações, ainda há uma barreira considerável que os impede a ter uma comunicação aberta.

O Gráfico 4 expõe quais são os principais fatores que contribuem para o estresse no ambiente de trabalho.

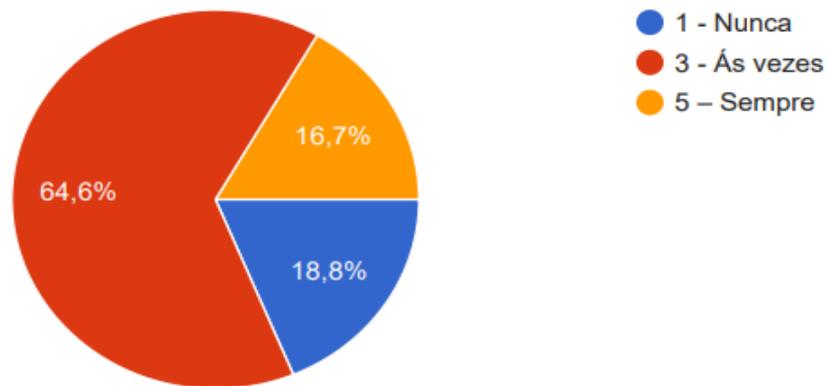
### 4. Principais fatores que contribuem para o estresse no ambiente de trabalho



Os principais fatores que contribuem para o estresse no ambiente de trabalho foram identificados como a pressão para atingir metas de vendas 18 (37,5%) e conflitos entre colegas 17 (35,4%). 3 (7,2%), incluíram alta demanda de clientes falta de recursos ou suporte apenas 2 (3,2%), enquanto 8 (16,7%) dos colaboradores indicaram que nenhum desses fatores era uma causa de estresse para eles.

No gráfico 5 apresenta uma visão clara sobre como os colaboradores percebem o impacto das emoções no ambiente de trabalho. Através dele, é possível analisar o percentual de profissionais que já experimentaram essa sobrecarga emocional e como ela influenciou diretamente suas atividades. Esse dado é crucial para entender a relação entre saúde mental e produtividade, além de evidenciar a necessidade de estratégias de suporte emocional nas organizações para evitar que o desgaste interfira no desempenho e nos resultados da equipe.

### 5. Como o emocional impacta o desempenho no trabalho

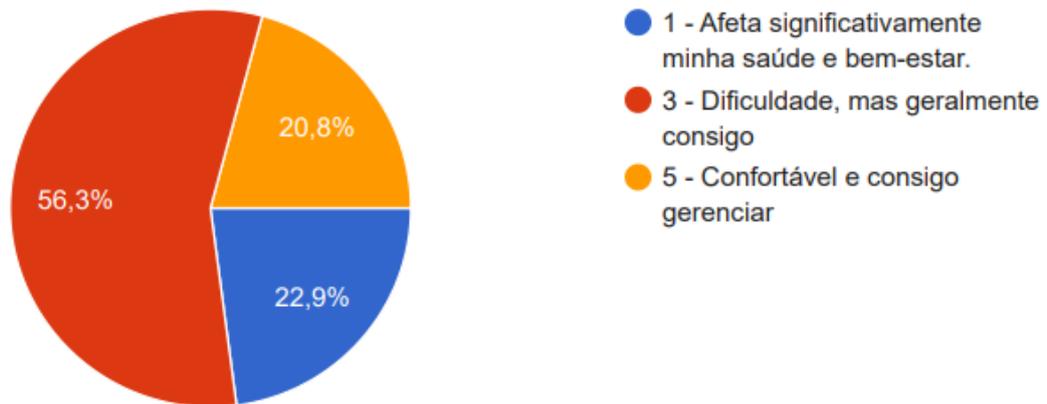


O estado emocional tem um impacto significativo no desenvolvimento no trabalho, pois influencia diretamente a capacidade de concentração, tomada de decisões, criatividade e produtividade. Sendo assim, 31 (64,6%) dos colaboradores relataram que às vezes impacta, 9 (18,8%) responderam que nunca impacta e 8 (16,7%) responderam que sempre afeta o desempenho no trabalho.

O gráfico 6 reflete a percepção dos colaboradores sobre sua capacidade de gerenciar preocupações no ambiente profissional. Ele permite visualizar o quanto os desafios e pressões do trabalho afetam o emocional de cada indivíduo, revelando se eles se sentem preparados ou sobrecarregados ao enfrentar essas situações. A

análise desses dados é importante para entender o nível de suporte necessário dentro da empresa, além de apontar possíveis áreas de

## 6. Preocupação no ambiente de trabalho



Dos 48 colaboradores que responderam à pesquisa sobre como lidam com a preocupação no ambiente de trabalho, 11 (22,9%) afirmaram que essa preocupação afeta significativamente sua saúde e bem-estar. Esse dado revela que uma parcela considerável enfrenta dificuldades que impactam negativamente sua qualidade de vida, indicando a necessidade de suporte emocional e estratégias de gestão do estresse.

A maioria, 27 (56,3%), relatou ter dificuldade em lidar com as preocupações, mas geralmente consegue gerenciar a situação. Esse grupo demonstra resiliência, mas ainda sente o peso das demandas emocionais do trabalho, o que sugere que, com o apoio adequado, poderiam melhorar ainda mais seu bem-estar e desempenho.

Por outro lado, 10 (20,8%) dos colaboradores se sentem confortáveis em lidar com as preocupações e afirmaram que conseguem gerenciá-las de forma eficaz. Esse grupo parece ter desenvolvido boas estratégias de enfrentamento, servindo como um exemplo de equilíbrio entre desafios e habilidades emocionais no ambiente profissional.

Esses resultados ressaltam a importância de iniciativas voltadas para a saúde emocional dos colaboradores, especialmente para aqueles que relatam maior impacto no seu bem-estar.

Em resumo, os resultados desta pesquisa destacaram a importância de estratégias mais eficazes e consistentes para a gestão da saúde emocional dos

colaboradores. A melhoria no suporte oferecido, a promoção de um ambiente mais receptivo à comunicação e a mitigação dos fatores estressantes identificados são essenciais para promover um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo na Farmácia Ultra Popular.

## **7. Análise dos Resultados**

A análise comparativa entre a entrevista com a gestora e os resultados dos questionários aplicados aos colaboradores da Farmácia Ultra Popular revela pontos importantes sobre o bem-estar emocional no ambiente de trabalho. Durante a entrevista, a gestora destacou a importância do bem-estar emocional para o sucesso da empresa, enfatizando que colaboradores que estão bem emocionalmente tendem a ter um desempenho melhor. Identificou o equilíbrio emocional e comportamental como desafios significativos, mencionando que a falta desse equilíbrio pode impactar negativamente a equipe. Além disso, ressaltou a importância da comunicação aberta e da escuta ativa para gerenciar as emoções no ambiente de trabalho.

Os resultados dos questionários corroboram a importância do bem-estar emocional, mas também revelam discrepâncias na percepção sobre a eficácia das estratégias de apoio. Dos 48 colaboradores que participaram, 87,5% relataram sentir algum nível de preocupação com as demandas do trabalho, indicando uma preocupação significativa com o bem-estar emocional, conforme destacado pela gestora. No entanto, apenas 37,5% dos colaboradores afirmaram ter acesso consistente a recursos para lidar com a pressão, e 22,9% não se sentem à vontade para compartilhar problemas emocionais no trabalho. Esses dados sugerem que, embora existam iniciativas de apoio, como palestras, atividades em grupo e o aplicativo Orienteme, a percepção sobre a eficácia desses recursos pode ser limitada.

Os questionários também revelaram que 64,6% dos colaboradores sentem que seu estado emocional às vezes impacta seu desempenho no trabalho, e 22,9% afirmaram que a preocupação afeta significativamente sua saúde e bem-estar. Isso está alinhado com a observação da gestora de que sinais de abalo emocional, como desvios de comportamento e queda nos resultados, devem servir como alertas para iniciar conversas e oferecer apoio.

Além disso, a gestora destacou a importância da comunicação aberta e da escuta ativa, mas os resultados dos questionários mostram que 22,9% dos

colaboradores nunca se sentem à vontade para compartilhar problemas emocionais, e 47,9% só se sentem confortáveis às vezes. Essa barreira para a comunicação aberta indica uma necessidade de melhorar a receptividade e a eficácia dos canais de comunicação e suporte emocional dentro da empresa.

Em resumo, a comparação entre as percepções da gestora e os resultados dos questionários sugere que, embora a importância do bem-estar emocional seja reconhecida, há uma necessidade de fortalecer e expandir as iniciativas de apoio. Melhorar o acesso aos recursos, promover uma comunicação mais aberta e garantir que as estratégias de suporte emocional sejam eficazes e acessíveis para todos os colaboradores são passos cruciais para promover um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo.

Embora exista algum nível de recursos oferecidos pela empresa para lidar com a pressão, a distribuição desses recursos ainda não é uniforme, isso sugere a necessidade de uma abordagem mais consistente e estruturada no fornecimento de recursos de apoio.

Considerar a implementação seria uma grande opção de treinamentos em gestão de tempo e técnicas de redução de estresse para ajudar os colaboradores a lidarem melhor com as demandas do trabalho. Além disso, uma análise mais aprofundada das cargas de trabalho poderia identificar áreas onde ajustes poderiam ser feitos para aliviar a pressão, podendo reforçar a divulgação e a acessibilidade de recursos, além de garantir que todos os colaboradores estejam cientes das opções disponíveis. A criação de um programa regular para suporte psicológico e bem-estar também pode ser benéfica.

A empresa pode promover treinamentos em comunicação aberta e escuta ativa, além de reforçar a importância de um ambiente seguro e sem julgamentos. Criar espaços e momentos dedicados ao diálogo sobre bem-estar pode ajudar a reduzir o estigma em torno de compartilhar questões emocionais.

Diante desses resultados, a empresa poderia intensificar programas de conscientização sobre saúde mental, fornecer treinamentos específicos sobre gerenciamento de estresse, e aumentar o acesso a recursos de apoio psicológico. Promover uma cultura de bem-estar contínua e criar um ambiente onde os colaboradores se sintam seguros para compartilhar suas preocupações são passos cruciais para reduzir a sobrecarga emocional e melhorar a qualidade de vida no trabalho.

## 8. Considerações finais

A globalização, junto com mudanças econômicas e avanços tecnológicos, influencia profundamente a forma como as empresas operam e competem. Abordou as competências que gestores e líderes precisam desenvolver para enfrentar um ambiente corporativo em constante mudança, como inteligência emocional, habilidades de comunicação e adaptabilidade.

Analizou as melhores práticas e políticas que a empresa pode adotar para apoiar a saúde mental dos colaboradores, incluindo programas de assistência e iniciativas de bem-estar, explorando estratégias para prevenir doenças emocionais e intervenções eficazes quando os problemas são identificados, como a implementação de programas de suporte e a criação de um ambiente de trabalho inclusivo.

A análise comparativa entre a entrevista com a gestora e os resultados dos questionários aplicados aos colaboradores da Farmácia Ultra Popular revela informações importantes sobre o bem-estar emocional no ambiente de trabalho. A gestora destacou que o bem-estar emocional é crucial para o sucesso da empresa, pois colaboradores bem emocionalmente tendem a ter um melhor desempenho. Identificou também o equilíbrio emocional e comportamental como desafios significativos, que podem impactar negativamente a equipe, e enfatizou a importância da comunicação aberta e da escuta ativa para gerenciar as emoções no ambiente de trabalho.

Os resultados dos questionários confirmam a importância do bem-estar emocional, mas também mostram discrepâncias na percepção sobre a eficácia das estratégias de apoio.

Em resumo, embora a importância do bem-estar emocional seja reconhecida, é necessário fortalecer e expandir as iniciativas de apoio. Melhorar o acesso aos recursos, promover uma comunicação mais aberta e garantir que as estratégias de suporte sejam eficazes e acessíveis são passos cruciais para criar um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo. A empresa deve considerar a implementação de treinamentos em gestão de tempo e técnicas de redução de estresse, além de realizar uma análise das cargas de trabalho para identificar áreas que podem ser ajustadas. Reforçar a divulgação e a acessibilidade dos recursos, criar programas regulares de suporte psicológico e promover um ambiente seguro para diálogo sobre bem-estar.

são essenciais para reduzir a sobrecarga emocional e melhorar a qualidade de vida no trabalho.

Considerando o aumento das doenças emocionais, o estudo de caso enfatiza a importância da saúde mental no ambiente de trabalho e pode promover mudanças na forma como a empresa lida com essas questões. Compreendendo e abordando os desafios emocionais pode levar a uma melhoria na eficiência e na satisfação dos colaboradores, impactando positivamente a operação da farmácia e a experiência do cliente.

## REFERÊNCIAS

Aragão, A. S. M.; Maranhão, T. L. G. Reconhecimento profissional e motivação nas empresas: revisão sistemática de literatura. ID Online: Revista multidisciplinar de psicologia, v.14, n.51, 2020.

Banco Mundial. (2024). **Desigualdade Global e Desenvolvimento Econômico**. Disponível em: <https://www.worldbank.org/globalinequality>.

Banks, G. C.; Woznyj, H. M.; Mansfield, C. A. Where is “behavior” in organizational behavior? A call for a revolution in leadership research and beyond. *The Leadership Quarterly*, v. 32, 2021.

Barros Neto, J.P. de. Desenvolvimento de competências e o poder das expectativas. In: SANTOS, E. A. P. dos.; CRUZ, M. T. de S. (org.) *Gestão de pessoas no século XXI: desafios e tendências para além de modismos*. São Paulo: Tiki Books: PUC-SP, 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Síndrome de Burnout [2022]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Bryman, A. (2021). **Social Research Methods**. Oxford University Press.

Calvosa, M. V. D.; Ferreira, M. Liderança: representações sociais e modelos mentais dos séculos XX e XXI. *Revista eletrônica de administração, Porto Alegre*, v.29, n.1, 2023.

Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2023). **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. SAGE Publications.

Del Claro, Fernanda. O avanço tecnológico no mundo econômico. Disponível em: <<https://img.fae.edu/galeria/getImage/45/5423643835714016.pdf>>

Deloitte. (2024). **Global Human Capital Trends: Leading in the New World of Work**. Disponível em: <https://www.deloitte.com/human-capital-trends>.

Farias, Lusilainde de Oliveira Souza. **Globalização e Seus Efeitos Na Sociedade**. Disponível em: < <https://dspace.unisa.br/server/api/core/bitstreams/069e0831-6dd6-433f-bcf2-c80e90867715/content>>

Freeman, R. E. (2023). **Business Ethics: A Stakeholder Approach**. Cambridge University Press.

Gallup. (2024). **State of the Global Workplace Report: Employee Well-being and Productivity**. Disponível em: <https://www.gallup.com/globalworkplace-report>.

Goleman, D. (2023). **Emotional Intelligence for Leadership**. Nova York: Bantam Books.

Gonçalves, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2019.

Gonçalves, J. C. *et al.* (org.). **Além da tese: percursos de pesquisa em ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2022. 212

Kotter, J. (2024). **Leading Change in a Disruptive World**. Harvard Business Review Press

Lima, Magna Dias de. **Problemas decorrentes do uso excessivo da tecnologia dos smartphones e redes sociais: 2023**.

Lyrio, M. L. O papel da liderança na gestão de pessoas. Monografia (Gestão de pessoas) Universidade Cândido mendes, Rio de Janeiro, 2018.

Maslach, C., & Leiter, M. P. (2023). **The Burnout Challenge: Managing People's Relationships with Their Jobs**. Harvard University Press.

Oliveira, Irení Alves de. **Fundamentos Históricos, Teóricos e Metodológicos do Serviço Social: Década de 60 e 80**. Unifatecie, Paranavaí - PR, 2021.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Meu herói é você**. Resumo científico. 2022.

Organização Mundial do Comércio. (2024). **Relatório Anual de Comércio**. Acesso em: 11 agosto 2024.

Palley, Thomas I. (2018) Globalization Checkmated? Political and Geopolitical Contradictions. Coming Home to Roost. Political Economy Research Institute WORKINGPAPER SERIES Number 466

Pereira, M. N.; Trevelin, A. T. C. Qualidade de vida no trabalho: a importância das pessoas nas organizações. Interface Tecnológica, v.17, n.1, 2020.

Rodrigues, Carlos Manoel Lopes et al. Fatores de Risco e Riscos Psicossociais no Trabalho: Definição e Implicações. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 36, n. spe, p. e36nspe19, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/JXLWrsLFmp8hFpb8GQ3yTxG/?lang=pt#>>. Acessado em: 03 ago. 2024.

Rumin, Cassiano Ricardo et al. Saúde Mental e Trabalho: a Reabilitação Profissional e as

Contribuições da Psicologia. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 41, p. e222902, 2021.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/hWkC6RR5L3sM3BW4YTsg7Fg/?lang=pt#>>.

Acessado em: 03 ago. 2024.

Santos, Márcia Regina Feitosa. **Literatura infantil**: um novo olhar para a criança acerca de suas potencialidades. Revista de Estudos em Educação, v.7, n.2, 2021.

Santos, N. M. dos. et al. A importância da gestão de pessoas para o sucesso de uma organização. ID Online: Revista de psicologia, v.17, n.66, 2023.

Schwab, K. (2024). **A Quarta Revolução Industrial**. Genebra: Fórum Econômico

Seppälä, E. (2021). **The Happiness Track: How to Apply the Science of Happiness to Accelerate Your Success**. HarperOne.

SESI BRASIL. **Por que é importante cultivar a saúde mental no trabalho**. 14 de julho de

2021. Visto em: 08 de junho de 2023. Disponível em:

<<https://www.sesirs.org.br/blog-do-sesi/por-que-e-importante-cultivar-saude-mental-no-trabalho>>. Acesso em: 08 ago. 2024.

Silva, W. R.; Campos, D. M. (orgs.). **Desafios da formação de professores na Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Pontes, 2019.

Silva, Jacson Renato da Costa da; Bueno, André Luis Machado; Muller, Andreia Simone; SCHERER, Juliane de Souza. Adoecimento mental: interfaces com o ambiente de trabalho durante a pandemia de COVID-19, sob a ótica dos profissionais de enfermagem. Revista Prâksis, 1, 234-250, 2022. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/2574/2980>, acesso em 30 jul. 2024

Souza, Neusa Santos. 2021. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 171p.

Stiglitz, J. (2023). **A Grande Divisão: Desigualdade e Política Econômica no Século XXI**. Nova York: W.W. Norton & Company.

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO PARA OS COLABORADORES

1. Com que frequência as demandas do trabalho te causam preocupação?  
 1 - Nunca  
 3 - Às vezes  
 5 - Sempre
  
2. A empresa oferece recursos para lidar com a pressão no ambiente de trabalho, como programas de bem estar, suporte psicológico, treinamentos em gestão de estresse, ambiente flexível e políticas de comunicação aberta?  
 1 - Nunca  
 3 - Às vezes  
 5 - Sempre
  
3. Você se sente à vontade para compartilhar preocupações ou problemas emocionais em seu ambiente de trabalho?  
 1 - Nunca  
 3 - Às vezes  
 5 - Sempre
  
4. Você considera que a empresa respeita o equilíbrio entre sua vida pessoal e profissional, como permitir pausas para lidar com compromissos pessoais e ajustar seu horário de trabalho conforme necessário?  
 1 - Nunca  
 3 - Às vezes  
 5 - Sempre
  
5. Você já se sentiu sobrecarregado emocionalmente no trabalho a ponto de impactar seu desempenho?

- ( ) 1 - Nunca
- ( ) 3 - Às vezes
- ( ) 5 - Sempre

6. Como você se sente em lidar com a preocupação no ambiente de trabalho?"

- ( ) 1 - Afeta significativamente minha saúde e bem-estar.
- ( ) 3 - Dificuldade, mas geralmente consigo
- ( ) 5 - Confortável e consigo gerenciar

## APÊNDICE B

### QUESTIONÁRIO APLICADO AOS GESTORES

1. Você considera o bem-estar emocional dos colaboradores fundamental para o sucesso da empresa?
2. Como gestora, quais são os principais desafios que você identifica no gerenciamento das emoções pelos colaboradores no ambiente de trabalho?  
Como esses desafios impactam o desempenho e o bem-estar da equipe?
3. Que tipo de estratégias você utiliza para apoiar os colaboradores no gerenciamento de suas emoções no trabalho?
4. De que maneira você incentiva uma comunicação mais aberta referente as questões emocionais na equipe?
5. Você identifica sinais de abalo emocionais entre os colaboradores? Como?
6. Você acredita que a empresa oferece recursos suficientes para atender às demandas emocionais dos colaboradores, como programas de assistência psicológica, treinamentos sobre gestão do estresse, acesso a terapias,

espaços de relaxamento ou atividades de bem-estar? Em caso afirmativo, quais esses recursos estão disponíveis?

7. Quais aspectos demonstram o impacto das questões emocionais dos colaboradores no ambiente de trabalho e nos resultados da empresa?
8. A empresa fornece suporte e o treinamento para ajudá-la, como gestora, a lidar com as questões emocionais dos colaboradores?
9. De que forma você enxerga o papel da liderança no estabelecimento de um ambiente de trabalho emocionalmente saudável e produtivo?
10. A pressão para atender a padrões e expectativas globais (como qualidade, regulamentações internacionais e práticas sustentáveis) pode afetar a saúde mental dos colaboradores?

**Capítulo 15**  
**PASTAGENS SOMBREADAS: ARGUMENTAÇÃO**  
**ZOOTÉCNICA A PARTIR DA BIOCLIMATOLOGIA**  
**ANIMAL**

*Deborah Ketlyn Pacheco Ferreira*  
*Isabele Augusta Gonçalves Souza*  
*Sérgio Rodrigues de Souza*

# PASTAGENS SOMBREADAS: ARGUMENTAÇÃO ZOOTÉCNICA A PARTIR DA BIOCLIMATOLOGIA ANIMAL

**Deborah Ketlyn Pacheco Ferreira**

*Acadêmica de Bacharelado em Medicina Veterinária pela Faculdade Multivix - Pólo Vila Velha (ES). E-mail: deborapacheco768@gmail.com*

**Isabele Augusta Gonçalves Souza**

*Acadêmica de Bacharelado em Medicina Veterinária pela Faculdade Multivix – Pólo Vila Velha (ES). E-mail: isabele.augusta2022@hotmail.com.*

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Pós-Doutor em Psicologia. E-mail: srgrodriguesdesouza@gmail.com*

## RESUMO

Em meio à discussão sobre pastagens e sombreamento está o animal, que representa uma peça fundamental na estratégia de ação zootécnica, por dois motivos, sendo o primeiro que, é ele o responsável principal pelo retorno financeiro do empreendimento, por se tratar de um bem móvel, um capital de giro; portanto, que pode ser comercializado. Com relação à pastagem, todo um cuidadoso princípio de conhecimento agrônomo deve ser aplicado na escolha da variedade que se deseja implantar como cultura a ser explorada comercialmente, atendendo aos ditames do clima, solo, declividade, drenagem, regime pluviométrico, lotação animal, resistência a pragas e doenças, produção de matéria seca por hectare por ano, resultados bromatológicos, tolerância ao sombreamento, resistência ao pisoteio, sistema de pastoreio que se pretende utilizar. Com relação ao sombreamento, este engloba a necessidade de conhecimento das variedades de espécies arbóreas que melhor se adaptem ao clima, ao solo e à produção de sombra, devendo tomar o cuidado de planejar como será direcionado esta última para estar em conformidade com a intenção do projeto de produção que não mais é algo isolado, mas a conjuntura de produção de massa para consumo animal e produção econômica do rebanho explorado zootecnicamente. No que se refere ao terceiro elemento, este que, aparentemente, é o mais importante do processo e, este tem sido o erro que, via de regra, conduz a fracassos iminentes na produção animal, porque a melhor genética vai necessitar do melhor alimento e do melhor manejo para que o animal manifeste o máximo do seu genótipo, não importando a área que se explore.

**Palavras-chave:** Pastagens e sombreamento; Zootecnia; *Stress* térmico; Arborização de pastagens; bioclimatologia.

## ABSTRACT

In the midst of the discussion about pastures and shading is the animal, which represents a fundamental piece in the zootechnical action strategy, for two reasons, the first being that it is mainly responsible for the financial return of the enterprise, as it is a movable asset. , working capital, which can therefore be sold. With regard to pasture, a careful principle of agronomic knowledge must be applied when choosing the variety to be implemented as a crop to be commercially exploited, taking into account the dictates of climate, soil, slope, drainage, rainfall, animal stocking, resistance to pests and diseases, dry matter production per hectare per year, bromatological results, tolerance to shading, resistance to trampling, grazing system intended to be used. With regard to shading, this encompasses the need to know the varieties of tree species that best adapt to the climate, soil and shade production, and care must be taken to plan how the latter will be directed to comply with the intention of the project production project that is no longer something isolated, but the conjuncture of mass production for animal consumption and economic production of the herd exploited zootechnically. With regard to the third element, this is apparently the most important in the process and this has been the error that, as a rule, leads to imminent failures in animal production, because the best genetics will require the best food and of the best management so that the animal expresses the maximum of its genotype, regardless of the area it is explored.

**Keywords:** Pastures and shading; Zootechnics; Thermal stress; Afforestation of pastures; bioclimatology.

## INTRODUÇÃO

Desde que o homem domesticou os animais, seu interesse era a exploração destes, através da força de trabalho, do consumo de seus produtos, como a carne, o leite e seus derivados, a lã, *que vieram a ser possíveis*, graças à sua incomensurável criatividade e capacidade de investigação. Lógico que, em pouco tempo descobriu que, para os animais produzirem o que desejava, havia todo um processo, este que necessitou conhecer em detalhes, através da observação do comportamento e da resposta destes aos fenômenos que os atravessavam, como a fome, o frio, a abundância ou a escassez de alimentos, bem como a qualidade que demonstravam possuir.

Na extensão de suas observações, pode perceber, também que a temperatura ambiente era fator determinante para o seu empreendimento e, o mais intrigante e difícil de enfrentar, possivelmente, tenha sido o calor; isto porque, diferentemente das estratégias utilizadas para amenizar o impacto do frio, com a construção de ambientes fechados, a técnica para se diminuir os impactos diretos do calor sobre os animais necessitavam ser estudados e submetidos a severo mecanismo de experimentação

até que se pudesse aproximar do ideal, em termos de regulação da temperatura ambiente, visando promover o máximo de conforto térmico aos animais domésticos, em exploração comercial.

Nas regiões onde se criava rebanhos em regime de pasto, foi fácil observar o comportamento dos animais com relação ao calor e como agiam nas horas mais quentes do dia, buscando sombras e distribuindo, de maneira categórica, os seus horários destinados a alimentarem-se e ao consumo de água. Sendo assim, o próprio boieiro já cuidava de seguir tais padrões até mesmo por uma questão de comodidade no manejo dos animais.

Da mesma maneira que observou o comportamento dos animais, em regime de pasto, observou-se, também como as plantas forrageiras comportavam-se em meio às árvores, produzindo mais quando expostas ao sol e, por vezes, não havendo nenhuma cobertura vegetal sobre o solo embaixo das árvores, pelo fato de não haver presença direta (ou mesmo indireta) de luz solar e calor naquele ambiente.

Esta percepção empírica fez surgir interpretações as mais variadas e genéricas de que as árvores representavam um problema para a configuração das pastagens, porque produziam sombra e, como consequência, não conseguiam produzir biomassa em quantidade a atender ao rebanho; fato que soa ridículo, porque a primeira coisa a se considerar é que árvore nas pastagens e sombra nas mesmas são conceitos, completamente distintos e que devem ser analisados, interpretados e compreendidos de forma distinta, resultando em sínteses singulares; ou seja, cada um dos elementos deve ser estudado, tomando em conta a singularidade e a particularidade de cada um, os pontos positivos e negativos relativos a cada um deles e o que pode ser feito, a fim de minimizar os efeitos negativos e potencializar os efeitos positivos.

Em meio à discussão sobre pastagens e sombreamento está o animal, que representa uma peça fundamental na estratégia de ação zootécnica, por dois motivos, sendo o primeiro que, é ele o responsável principal pelo retorno financeiro do empreendimento, por se tratar de um bem móvel, um capital de giro, portanto que pode ser comercializado. O segundo motivo é que, ele representa a resposta mais objetiva sobre todo o manejo aplicado, demonstrando através de seu fenótipo (ganho de carcaça e produção de leite, lá) e resistência a doenças e parasitos (internos e externos).

Um erro que se costuma cometer em estudos desta natureza é a de eleger um representante como sendo mais importante que o outro na análise conjuntural. A

pastagem, o sombreamento e o animal são todos elementos que merecem o mesmo nível de atenção científica e econômica, porque todos eles são empreendimentos que exigem investimentos de todas as ordens e um manejo adequado, visando à conquista de retornos diretos, em forma de ganhos financeiros.

Com relação à pastagem, todo um cuidadoso princípio de conhecimento agrônomo deve ser aplicado na escolha da variedade que se deseja implantar como cultura a ser explorada comercialmente, atendendo aos ditames do clima, solo, declividade, drenagem, regime pluviométrico, lotação animal, resistência a pragas e doenças, produção de matéria seca por hectare por ano, resultados bromatológicos, tolerância ao sombreamento, resistência ao pisoteio, sistema de pastoreio que se pretende utilizar.

Todo este cuidado agrônomo se torna relevante porque a cultivar que se pretenda implementar, como fonte de alimento para os animais, é um ser vivo, dotado de particularidades e singularidades biológicas que podem auferir produções de massa maiores ou menores em resposta a condições globais de manejo que lhes sejam proporcionadas. Toda planta vai apresentar um determinado comportamento em resposta ao clima; assim, o conhecimento sobre a climatologia mostra-se de suma relevância na hora da escolha da cultivar e da variedade de gramínea para produção animal.

Com relação ao sombreamento, este engloba a necessidade de conhecimento das variedades de espécies arbóreas que melhor se adaptem ao clima, ao solo e à produção de sombra, devendo tomar o cuidado de planejar como será direcionado esta última para estar em conformidade com a intenção do projeto de produção que não mais é algo isolado, mas a conjuntura de produção de massa para consumo animal e produção econômica do rebanho explorado zootecnicamente.

No que se refere ao terceiro elemento, este que, aparentemente, é o mais importante do processo e, este tem sido o erro que, via de regra, conduz a fracassos iminentes na produção animal, porque a melhor genética vai necessitar do melhor alimento e do melhor manejo para que o animal manifeste o máximo do seu genótipo, não importando a área que se explore. Nisto, todo um cuidado na escolha do animal mais adequado à produção deve ser realizada sob um criterioso conhecimento zootécnico e médico veterinário, sempre atento ao clima e expectativa de resposta econômica ao manejo implementado, considerando que tudo se resume a investimentos e perspectiva de retorno econômico direto e proporcional.

Produzir proteína animal em sistema de pastagem está muito além de, simplesmente, buscar uma forma mais rentável, do ponto de vista econômico para a pecuária. Envolve uma série de fatores diretos e indiretos; e, para cada um destes existe um critério de análise específico e variáveis que devem ser consideradas, o que, no caso deste trabalho o foco está na condição técnica de arborização das pastagens, escolha da variedade mais adequada para o fim que se pretende e o manejo que possibilite o melhor resultado.

Na perspectiva de elaborar um trabalho sobre pastagens sombreadas, o que se pretende, com este ensaio, é discutir o sombreamento de pastagens a partir do estudo da bioclimatologia animal, em que o objetivo é proporcionar aos animais a melhor condição de bem-estar, a fim de que possam produzir mais e melhor, respondendo aos investimentos diretos e indiretos no sistema de produção animal.

## **TOLERÂNCIA ANIMAL AO STRESS TÉRMICO**

A tolerância, do latim *tolerantia*, é um termo que define o grau de aceitação de cada espécime diante de um elemento contrário a uma situação. Geralmente, o nível dos animais domésticos, em especial, aqueles que tiveram suas condições genéticas de produção alteradas pela intervenção humana, são bem menores, porque suas exigências em termos de conversão alimentar são muito mais elevadas que seus ascendentes rústicos e, quando se vêem na iminência de terem que destinar energias para equilibrar a condição homeotérmica, tem-se aí um conflito inexplicável, porque sua condição genética foi alterada para responder a outra necessidade. Assim, não produz, porque em condição de *stress* e nem consegue equilibrar sua temperatura, porque perdeu parte de sua característica original, provocando comportamentos bizarros e estranhos, verdadeiras anomalias, para as quais os especialistas de gabinete inventam uma série de explicações desprovidas de qualquernexo causal.

Marques (2006) esclarece que o *stress* calórico ocorre quando a temperatura do ambiente excede a temperatura de conforto dos animais durante a maior parte do dia. Por isso, os animais procuram a sombra nas horas mais quentes do dia e, se ela estiver à disposição, eles terão suas necessidades atendidas, diminuindo o *stress* calórico; não o eliminando; porque animais de alta produção demandam elevadas cargas de energia para a realização do metabolismo alimentar e durante este processo também ocorre um aumento na temperatura corporal. Assim que, ter

quantidade de sombra suficiente para abrigar todos os animais ao mesmo tempo e a qualquer hora do dia é uma condição muito importante para evitar o prejuízo no desempenho dos mesmos em locais que há grande incidência de raios solares.

O Brasil se situa em uma zona tropical no Planeta, com incidências elevadas de radiação solar, por longas horas, ao longo do dia. Isto já faz com que a produção animal seja pensada em termos de estratégias que possibilitem o máximo de conforto térmico aos rebanhos, em especial, para aqueles criados em regime extensivo. A intenção é proporcionar condições especiais para que os animais possam manifestar, ao máximo, o seu potencial genético, convertendo em rentabilidade líquida o investimento realizado.

Muitos produtores, por desconhecerem o significado de um sistema de produção, tomam apenas uma parte do seu negócio como merecedora de sua atenção, a destacar, entre os animais de produção e a pastagem, seu foco está direcionado ao pasto, porque, em sua opinião, sem este, o animal não pode sobreviver e nem desenvolver zootecnicamente. Ocorre que, por sistema, em administração, se entende um conjunto no qual cada parte é fundamental para a existência e a persistência da outra e, na produção pecuária de corte, o foco é a produção animal de carne, a terminação da carcaça em menor tempo possível e com o máximo de qualidade.

Assim que, a quantidade e a qualidade das pastagens é fundamental para uma boa produção animal; porque, com menos bocados os bovinos já terão conseguido consumir o necessário para satisfazer suas necessidades de matéria seca; entretanto, a questão do conforto térmico interfere, sobremaneira, no resultado final desta equação, porque toda a energia que poderia ser investida na transformação da proteína e da energia em produto final e acabamento de carcaça termina sendo direcionada para a manutenção do equilíbrio homeostático; sem contar que, estressados, os animais passam a vagar, de modo desordenado pelas pastagens, não repousando e, com isto, comprometendo seus momentos de ruminação.

Em nenhum ambiente natural, no Brasil, os animais estarão em zona de conforto térmico, devendo sempre se procurar modos de adaptação para que se evite o *stress* calórico provocado pela temperatura. E, mesmo para animais que são de origem asiática, como as raças pertencentes ao grupo dos *Bos indicus*, que possuem uma zona térmica um pouco superior às raças *Bos Taurus* vão encontrar um limite que é superado pelo calor dos trópicos, necessitando, também de acomodações

adequadas e, especialmente, de sombras naturais para poderem manifestar seu potencial de produção, até porque foram, também, melhorados geneticamente e, neste processo, uma coisa advém em custo de outra. Automaticamente, ao se ganhar em rendimento de carcaça e conversão alimentar, perderam em resistência.

O sombreamento natural das pastagens visa a compensar os processos zootécnicos de produção, em que, se deixados à própria sorte, todo o investimento em genética, melhoramento, seleção, formação de pastagens estaria condenado ao fracasso, resultando em perdas financeiras diretas e indiretas. O calor provoca mortalidade de espermatozoides e menor velocidade destes e, nas fêmeas, atrapalha na detecção do estro (cio), uma vez que as vacas, quando em cio, incomodadas pelo calor excessivo, montam menos nas outras, prejudicando a observação e, para quem trabalha com inseminação artificial isto significa perdas diretas de receita. A detecção do cio já é complexa, porque a cada 21 dias, tem-se apenas 2 minutos para detectá-lo, considerando que uma vaca, neste estado, monta cerca de 10 a 12 vezes, durando cerca de 10 segundos cada montada.

Silva (2000) argumenta que as trocas térmicas que o animal realiza com o ambiente dependem da situação em que o animal e o ambiente se encontram, esclarecendo que, se o ambiente se encontra com temperaturas mais elevadas do que aquelas em que o animal se encontra na zona de conforto térmico, este fica em uma condição de *stress* térmico; no entanto, se o organismo do animal conseguir compensar a ação deste *stress* térmico, não haverá prejuízos para o desempenho do animal, a não ser que este processo de compensação do organismo cause prejuízos em outras funções realizadas por ele.

Nunca é somente afirmar que um animal de alta produção demanda cargas muito elevadas de energia e, qualquer demanda para compensar outra área, por menor que possa parecer, compromete o seu desempenho de conversão alimentar, afetando o desenvolvimento global do animal. No entanto, isto é uma estratégia técnica, entendendo por isto, que a organização do plantel, dimensionamento das áreas, distribuição das espécies arbóreas pelas pastagens e todo o controle deve ser projetado por um técnico qualificado.

A espécie de bovinos que se cria (*taurus ou indicus*) e o sistema adotado (cria, cria e engorda) não interessam na hora de projetar a arborização das áreas, porque os fins são os mesmos e a faixa térmica, não somente dos animais é baixa, como das espécies forrageiras, também. As árvores cuidarão de oferecer, além da sombra,

outros benefícios naturais, a destacar, diminuição na velocidade dos ventos, distribuição espacial dos animais pelas áreas de pasto, proteção contra quedas bruscas de temperatura, uma distribuição uniforme dos momentos de pastoreio e ruminação, descanso e consumo de água.

Um benefício pouco discutido é sobre a quantidade de fibra nas culturas vegetais tropicais destinadas a pastejo que, via de regra, são gramíneas do gênero *brachiaria*, conhecidas por apresentarem teores de fibra bruta muito alto e, quando cultivadas sob condições de sombreamento, tornam-se mais palatáveis e menos fibrosas, o que proporciona uma maior ingestão voluntária de alimentos (IVA), por parte dos bovinos, o que resulta em melhor resposta no tempo de engorda. Não é apenas a radiação solar direta pelo aumento no teor de fibra das gramíneas tropicais forrageiras, o vento também é causador de perdas de umidade e, como as árvores ficam dispersas pelas áreas de pasto, suas copas e troncos ajudam a reduzir a velocidade dos ventos.

Com uma boa disposição arbórea pelas áreas de pastagens, a radiação solar, bem como o efeito térmico é reduzido, fazendo com que diminua o *stress* calórico sobre os animais. Tal condição permite melhor desempenho zootécnico e resposta imunológica, permitindo que apresentem melhores condições de saúde e tudo isto pode ser interpretado como custo de oportunidade, porque haverá maiores intervalos de tratamento contra parasitas e pragas que afetam os bovinos. Não se está com a menor das intenções de pregar que prática de sombreamento de pastagens tende a provocar milagres; o que se faz esclarecido é que, a energia que seria destinada para manter a homeostase em equilíbrio fica à disposição do animal para que a empregue na manutenção de sua saúde e bem-estar.

As condições de criação de bovinos de pecuária de corte, no Brasil, são singulares, em que todo o desenvolvimento e precocidade, aliada à qualidade da carcaça pode ser considerado como um fenômeno, algo que não pode ser explicado de maneira apressada; se não, acompanhado, sem muita chance de se chegar à possibilidade de entender como funciona todo o resultado do processo, em que um bovino consumindo água, sal e capim se desenvolve atingindo um peso considerável em um espaço de tempo, relativamente curto, sem depender de complementação protéica e suplementação de probióticos para que atinja o objetivo. O próprio animal faz a coleta de seu alimento, tendo que caminhar para isto, triturá-lo com seus dentes e extrair a quantia necessária de matéria seca para sua manutenção e ganho de peso.

Dado todo este esforço, natural que tenha exigências quanto ao controle do calor para que se evitem situações de *stress*, este que ocorre quando os animais não conseguem mais manter a homeostasia corporal, ou seja, eles não conseguem manter as alterações a níveis toleráveis, ocasionando o estresse calórico (ou térmico) que é a reação do animal ao calor e ao frio. Quando o animal passa por estresse calórico ocorrem alterações no comportamento; aumento no consumo de água, diminuição da atividade de ruminção, diminuição do pastoreio diurno, aumento no pastoreio noturno, entre outros (FERREIRA, 2010).

Toda esta alteração no comportamento animal vai resultar em perdas diretas de ganho de peso, fertilidade, impactando na economia da propriedade e em seus resultados zootécnicos. Podem ser perdas que não se mostram visíveis e, por este motivo, talvez justifique a resistência dos pecuaristas em melhorar as condições de conforto térmico para os animais; porém, quando se analisa estudos comparativos, em que o desempenho de bovinos criados em pastagens sombreadas se revelam superiores, não há como confrontar a oportunidade de ganhos que a implantação de árvores nas pastagens pode proporcionar.

Esta é uma questão que cabe aos técnicos e extensionistas rurais de expandirem os resultados até agora alcançados em pesquisas de campo, fazendo comparações entre os sistemas sem sombreamento e com a presença de árvores de tal modo que promova conforto zootérmico aos animais. O interesse com todo o trabalho é difundir condições de melhorias na produção animal, em que se pode alcançar índices elevados de eficiência produtiva, gastando menos e ainda criando uma zona térmica confortável, em que, junto com isto, tem-se a melhoria nas condições do solo, evitando erosão pluvial, eólica, criando aeração nas camadas pedológicas, através das raízes das árvores, presença de pássaros que auxiliam no controle biológico de parasitas que infestam os bovinos.

Os benefícios são inúmeros e ainda se consegue uma maior produção de matéria seca por unidade de área, ao contrário do que se convencionou pensar, tomando uma situação isolada como ponto de interpretação para o todo, fato muito comum na agropecuária. A introdução de raças não especializadas ao clima tropical brasileiro fez com que houvesse perdas de animais por stress calórico, baixa produção, alto custo de manutenção, tendo que construir galpões e estábulos, sistemas de confinamento e outras panacéias, simplesmente, porque não se teve o devido cuidado em estudar o animal e toda sua carga genética, filogenia e capacidade

de adaptação, exigências climáticas, entre outros detalhes. Assim que, a solução foi buscar uma raça que *suportasse* as condições climáticas brasileiras e o manejo inadequado dispensado ao gado *vacum*, mesmo que a produção deste último fosse menor, em comparação ao primeiro, especialmente, devido à especialização nos processos de conversão alimentar.

As gramíneas tropicais forrageiras possuem teor de fibra alto e a digestibilidade também não é um fator que se pode ignorar em relação a elas. Porém, com o uso de sombreamento nas pastagens, em torno de 40% este detalhe se torna ponderável, porque, ao sofrer menos com a radiação solar direta e impacto dos ventos, os teores de celulose mantêm-se mais altos, mesmo quando a planta já entra em estágio maturacional, possibilitando ao bovino que consuma cargas mais elevadas de forrageira, sem depender de suplementos que auxiliem na quebra das cadeias de lignina. Tudo isto resulta em economia direta para o produtor, ainda que não tenha a menor noção do que está, de fato, ocorrendo em sua propriedade, com sua pastagem e com seu rebanho.

Com o melhoramento genético de raças bovinas, a especialização destas em determinada linha de produção fez com que perdessem capacidade de resistência em outras, não havendo uma em especial que se mostrasse mais forte que a outra no quesito do *stress* térmico, porque a manutenção e a regulação da temperatura corpórea é uma tarefa instintiva ao animal, dado que tem a ver com a preservação da vida e, por conseguinte, a preservação da espécie. Nããs (1989) reportou a faixa de 13 a 18°C, como confortável para a maioria dos ruminantes. Ainda segundo este autor, os fatores climáticos mais importantes são a radiação solar, a longitude e latitude, a altitude e a umidade relativa do ar e, os elementos climáticos mais predominantes são a temperatura ambiente, a umidade relativa do ar, a radiação solar, o grau de nebulosidade, os ventos e a pluviosidade. Todos estes atuam simultaneamente no ambiente e, conseqüentemente, nos animais, influenciando positiva ou negativamente sobre o conforto térmico deles.

A arborização das pastagens e seu conseqüente sombreamento têm a intenção técnica de amenizar tais impactos sobre os animais e, assim, melhorar sua *performance* e desempenho produtivo, reprodutivo e de resposta aos manejos aplicados, bem como ampliar sua resistência a pragas e doenças, etc. Por este motivo, foi que adotamos a Bioclimatologia animal como a ciência a fundamentar nosso trabalho, partindo da compreensão de que ela busca entender as relações existentes

entre os elementos climáticos e a fisiologia animal, tendo como meta o bom desempenho animal de acordo com o potencial genético(JACOB, 2024).

A fala do autor, supracitado, já demonstra que, nas circunstâncias climáticas brasileiras seria impossível encontrar uma raça bovina que sobrevivesse sem condições *ideais* de manejo e a autora, aqui citada, ressalta que todo o resultado esperado deve ser condizente com a capacidade genética dos animais explorados. Isto não quer dizer, em hipótese alguma, que animais com potencial genético inferior não sejam merecedores de cuidados especiais. Como ressalta Aristóteles de Estagira (384-322 a.n.e.), uma vez que o homem domesticou os animais, é responsabilidade sua oferecer-lhes o devido cuidado para que não pereçam.

Os bovinos, por serem animais homeotermos, procurarão diversas formas de realizarem a termorregulação, manter a temperatura regulada de forma a garantir sua estabilidade e manutenção das atividades essenciais. Assim que, ao se ter sombras, em quantidade e qualidade, disponíveis aos animais nas pastagens, isto favorece ao seu desempenho, porque terão que dispor de menos energia para atingir o ponto de equilíbrio homeostático.

## **SOMBREAMENTO DE PASTAGENS: POR QUÊ E PARA QUÊ?**

No Brasil, ainda persiste uma grande resistência à presença de árvores em meio às pastagens, sempre com a alegação de que esta impede a forrageira de receber luz solar e isto faz com que não cresça capim, perdendo áreas de pasto. Ignorância e desconhecimento do sistema, à parte, há o caso de que as culturas forrageiras tropicais não são, em sua maioria absoluta, plantas umbrófilas e, sob este estigma acaba que, segundo um estudo, no país, as pastagens são sombreadas em um percentual que varia de 3% a 4%, muito distante do ideal para ser considerado pastagem sombreada, que seria entre 30% e 40% de sua área coberta por sombra, ao longo do dia. Isto quer dizer que esta condição de sombreamento circularia, de acordo com a posição do sol no céu, não impedindo que a luz solar atingisse as plantas, na maior parte do tempo.

Neste sentido, há uma confusão entre uma *pastagem que possui sombra* e *pastagem sombreada*. A primeira trata de uma condição em que existem árvores no meio das mangas e que estão lá sem qualquer dimensionamento técnico ou desbastes de seus galhos, altura e projeção de copa. A segunda se refere ao resultado

de um planejamento agrônomo e zootécnico, detalhado de tal forma que respeite e atenda às exigências, tanto das culturas forrageiras ali implantadas e exploradas como do rebanho.

A ausência de estudos empíricos comparativos acerca dos benefícios da arborização de pastagens e seus efeitos diretos e indiretos na cadeia de produção animal fazem com que muitos produtores e pecuaristas resistam à ideia de implantar árvores em suas pastagens com o objetivo de produzir sombra para o gado. Um dos principais problemas, aqui no Brasil, é com relação à visão que se tem sobre pastagens, em que não são vistas como culturas perenes [*e isto, no sentido estrito da palavra*], em que, uma vez implantadas, jamais serão substituídas, porque se trata de investimento de alto custo e de longo alcance.

Andrade, Salman e Oliveira (2012, p. 19) esclarecem que, “a arborização de pastagens é uma prática que envolve a integração de espécies arbóreas (árvores, arbustos ou palmeiras) na atividade pecuária, seja pelo plantio ou pela seleção e manutenção das espécies que se regeneram naturalmente na pastagem”, devendo ser conduzidas de tal forma que a sombra que produzam não interfira, negativamente, no processo biológico e vegetativo das culturas forrageiras cultivadas agronomicamente.

A partir do exposto já se tem expresso que, o sombreamento de pastagens é uma técnica e, para tanto, faz-se uso de conhecimentos técnicos, não somente sobre a espécie vegetal a ser utilizada no sistema, como também, da forrageira, do tipo de animal que se pretende explorar, solo, porque as práticas agrônomicas, como correção, adubação, roçadas se tornam mais complexas, cabendo saber que tipo de equipamentos se tem à disposição para uso na propriedade e adequar o manejo a esta realidade. Assim que, o responsável pelo projeto deve preocupar-se em estudar o clima da região onde esteja localizada a propriedade, a climatologia local, distribuição de horas luz ao longo do dia, pluviometria, bioclimatologia animal e, de maneira mais profunda, a biologia e a fisiologia da espécie de bovinos com a qual pretende trabalhar.

Trata-se de desenvolver um projeto de exploração zootécnica, seguro e bem delineado, de tal forma que apresente resultados a curto, médio e longo prazos, esclarecendo que o objeto-alvo principal da atividade é a geração de divisas com a produção de gado; mas, tem-se a questão do solo e da forrageira, que são, também, investimentos e que, como tal, devem ser considerados no momento de se fazer o

planejamento financeiro e a contabilidade da empresa. O grande problema do setor agropecuário brasileiro é acreditar que *fazendas* devem ser gerenciadas, termo que no jargão semântico caipira, quer dizer, *vigiadas*, quando deveriam ser administradas e cada ocorrência dentro dela ser tratado como investimento operacional, tático e estratégico. Cada item, em seu espaço, tem um valor agregado e um *custo de oportunidade*, devendo gerar dividendos, de modo direto e/ou indireto.

Pesquisas mostraram que o fornecimento de sombra para assegurar o conforto térmico do gado é a principal motivação do pecuarista para a manutenção de árvores nas pastagens. No entanto, isto soa como algo preocupante, porque esta condição não é a sua principal motivação, se não, a única, o que revela a ignorância [*quase*] completa sobre outros fatores e benefícios associados, de maneira direta, ao sombreamento das áreas de pastagens. Este é um problema que caber aos extensionistas da área ligada à agropecuária resolverem, através de demonstrações e ensaios dirigidos nas próprias propriedades que tenham o sombreamento já funcionando e, naquelas que não existe, ainda, começar a direcionar estudos a fim de provocar mudanças no comportamento dos pecuaristas, em prol de conciliar a criação de bovinos com condições ideais de equilíbrio bioclimatológico.

A pecuária brasileira, em pouquíssimos anos, se tornou o ápice da excelência, conciliando desenvolvimento genético animal com resultados surpreendentes, isto apenas apostando na capacidade de desempenho dos animais, aliado a melhorias nas variedades de forrageiras, estas que, dado o seu elevado potencial de produção, exigiu investimentos nas condições de solo, melhorando sua fertilidade, manejo adequado, lotação animal de acordo com o volume de matéria seca disponível, época do ano, vedação de pastos para o período do inverno, entre outras ações. Com o aprimoramento da técnica de sombreamento natural nas pastagens, utilizando árvores nativas ou implantadas, ter-se-ia melhores condições de produção, porque estaria disponível uma pastagem de melhor qualidade, em que os horários de pastejo do rebanho seriam distribuídos de maneira uniforme, mesmo durante os dias quentes do ano.

O principal e mais detalhado investimento que se exige, quando se refere a sombreamento de pastagens é no sentido de alcançar conhecimento técnico sobre o assunto; porque, se com a instalação de uma pastagem, nunca mais haverá a possibilidade de revolver o solo por completo [*salvo em situações especialíssimas*] e, com isto, tem-se que a fertilidade deste deve ser mantida através do próprio processo

de reciclagem de plantas, animais [*superiores e inferiores*], como a microbiota pedológica, em que aplicações de adubos, defensivos, corretivos dependem, de maneira extrema, de tais organismos e da inter relação entre todos eles, no manejo de pastagens sob sombras, com densidade, relativamente elevada de árvores, distribuídas, aleatoriamente, pelas mangas, está-se criando um ambiente, estritamente, autônomo e que, como tal, deve responder por si só e quase exclusivamente quanto à sua manutenção.

Pode soar estranho tal afirmação, como se as pastagens, uma vez coberta com sombras de árvores, não dependessem mais da ação antrópica para produzirem e desenvolverem, o que é um mal entendido, uma vez que, em sistemas de exploração comercial, um bom manejo faz toda a diferença quanto aos resultados finais e, isto só pode ser realizado pelo homem, uma vez que está sendo aplicado ali, um princípio fundamentado sobre e a partir de uma razão econômica. Paradoxalmente, os maiores beneficiados são os bovinos e, os seus proprietários, por extensão, não diretamente, o que proporciona a necessidade de se entender que enquanto ganha peso, convertendo o alimento consumido em energia e proteína, por conseguinte, em carne, o papel do humano é garantir o máximo de conforto e equilíbrio, para que todo o potencial genético animal possa se manifestar. Isto exige que os produtores e seus técnicos pensem de maneira sistemática, enxergando a propriedade privada que administra como um recorte da natureza que lhe foi outorgada. Portanto, sua função é geri-la e a todos os componentes presentes da forma mais racional que se possa ser e, para isto, há que adquirir conhecimentos e se, por acaso, não os encontra, que os produza a partir de sua práxis, esta entendida como a relação de reciprocidade e simultaneidade entre a teoria e a prática (CANIÇALI e SOUZA, 2018).

Para se efetuar a arborização, há que se adotar critérios técnicos e científicos na escolha das espécies a serem implantadas ou mesmo a serem conduzidas nas áreas de pasto, em que “a espécie arbórea a ser utilizada em pastagens com animais deve possuir características específicas, como não ser tóxica ao animal, não produzir efeitos alelopáticos sobre as forrageiras, adequar-se às condições ecológicas e ambientais regionais, apresentar rápido crescimento, ser preferencialmente perenifólia, de copas que favoreçam a passagem de luz para o crescimento das plantas forrageiras tropicais, resistentes a ventos, capacidade de proporcionar conforto térmico para os animais” (PORFIRIO-DA-SILVA e SANTOS, 2010, p. 210).

A partir das características apresentadas pelos autores, já se nota que, para tal procedimento, há que se deter conhecimentos agronômicos fundamentados e, não apenas ser um entusiasta de oferecer conforto térmico aos animais em produção. Ao longo de todo este trabalho, temos fundamentado que arborização de pastagens, tendo em vista, o sombreamento, com fins zootécnicos, se apresenta como um investimento que promete retornos a longo prazo e não apenas uma condição para se ter dupla ou tripla oportunidade na propriedade. Pecuarista deve ser um grande agricultor, partindo da ideia de que deve conhecer de solo, plantas, climatologia; no entanto, seu foco deve ser a pecuária.

Muitos manejos ficam impossibilitados de serem realizados por causa da presença de árvores nos pastos; outros, se tornam mais complexos, como as roçadas, por exemplo, em situações que se exija-a, a fim de controlar estolões, caso bem típico quando se trabalha com as espécies forrageiras do gênero *Panicum* e, na maioria dos casos, terminam por passar fogo, o que é um manejo, completamente, inadequado na produção pecuária. Operações de subsolagem se tornam inviáveis, por causa da quantidade de raízes e excesso de manobras durante a operação. Tudo isto são situações que o produtor e o técnico de sua confiança devem estar cientes, criando, a partir do seu trabalho, maneiras de executar o manejo de tal forma que os resultados sejam efetivos e que possam ensinar cada vez mais como serem eficientes nos processos.

No dimensionamento das árvores, o que é tecnicamente recomendado é a adequação das copas para que fiquem a uma altura mínima do chão de 3 metros, porque assim há possibilidades de os raios solares atingirem toda a região do tronco, não havendo riscos de acúmulos de umidade, o que se torna foco de doenças e parasitas e impede o crescimento de vegetação, por causa da ausência de luminosidade. A distribuição deve ser de tal modo que não se crie bosques pelas pastagens, porque isto provoca aglomerações de bovinos, outra situação que não interessa pelo fato de que forma acúmulo de dejetos, sujeitando o rebanho a riscos de doenças.

O sistema de sombreamento natural de pastagens requer investimentos e estudos constantes, de forma a se garantir a sua máxima eficácia, apresentando resultados zootécnicos e econômicos para além do esperado. Para isto, análises agronômicas da produção vegetal, em termos fisiológicos e do solo, em termos de fertilidade são necessários; porque, desta forma, se deixa a questão do *achismo*,

pautado nas evidências teóricas, e se empenha em comprovar, empiricamente, aquilo que se tem como hipótese acerca do objeto de estudos e tais confirmações vão ganhando espaço no meio científico, abrindo oportunidades para novos empreendimentos.

Estudos neste sentido se mostram complexos, porque os produtores rurais brasileiros, são em sua maioria, desprovidos de conhecimentos científicos sobre a maioria das coisas com as quais trabalha e esta é uma deficiência grave, porque quando se pretende a mensurar resultados alcançados através de dados coletados empiricamente, a pesquisa exige um rigor metodológico tal que é quase impossível de se aplicar em nível de fazenda. Ademais, realizar estudos comparativos neste segmento em específico demandaria recursos públicos de todas as ordens e, uma justificativa que se mostrasse convincente, do ponto de vista burocrático. Este ser o principal motivo porque se tem poucos estudos realizados e divulgados, não sendo possível defender, de modo enfático, através de dados numéricos, a relevância de se arborizar as pastagens com a finalidade de promover acesso do rebanho à sombra de qualidade.

Nenhum empreendimento se mostra como passível de sucesso caso um bom manejo não seja agregado a ele; assim que, cuidados de todas as montas com as árvores, com a forrageira, com o solo e com o rebanho são imprescindíveis para que os resultados esperados sejam alcançados e até mesmo superados em expectativas de produção. No quesito sombreamento de pastagens tem-se 3 (três) linhas de ação integradas e que caminham na mesma direção, a destacar, a agrônômica, a zootécnica e a veterinária. Não há como auferir qualquer resultado confiável ao sistema aqui descrito caso não se disponha de avaliações destes segmentos. E é a partir delas que novas incursões técnicas podem ser planejadas, outras corrigidas e outras, já inseridas, de modo quase automático. Sendo assim, está-se a falar de um sistema integrado.

Trata-se de um empreendimento técnico, científico e também empresarial, em que “o desempenho dos animais em pastagens arborizadas está diretamente ligado à disponibilidade e qualidade da forragem produzida, sendo essas características influenciadas pelas práticas adotadas, principalmente o manejo das árvores (desrama e desbaste) e dos animais quanto à disponibilidade de alimento e taxa de lotação” (PORFIRIO-DA-SILVA e SANTOS, 2010, p. 210).

A doença mais terrível para bovinos e que, sem nenhuma modéstia, é a que mais mata animais de produção no Brasil, é *vento nas canelas*; isto quer dizer que o manejo das pastagens deve seguir critérios agrônômicos e zootécnicos, adequando desde a variedade de forrageira cultivada, em que tenha domínio sobre sua fisiopatologia, destacando sua capacidade de produção de matéria seca, ao longo dos meses do ano e, a partir deste dado, calcular o número de animais que podem ser postos em manejo, adequando as taxas de lotação animal, de acordo com a idade, peso e tipo de produção que se adota na propriedade: cria, recria e engorda.

Por ser um investimento permanente e de custo elevado, o produtor deve ter consciência de que os animais aí colocados devem apresentar alto poder de conversão alimentar e elevado potencial genético de produção. Esta decisão não pode ser algo particular e sim estritamente técnica, a partir da mensuração histórica de desempenho do rebanho, idade, desenvolvimento e expectativas de produção ao final de um período pré-determinado zootecnicamente. Da mesma forma, as ações clínicas veterinárias devem acompanhar o trabalho, a destacar, vacinações, controle de endo e ectoparasitas, doenças, qualidade e disponibilidade de água oferecida aos animais. Quando se tem bebedouros naturais, a questão se fundamenta na qualidade da água e [quase] fica aí restrita. Porém, quando o fornecimento de água é feito através de sistemas artificiais, a quantidade e a disponibilidade, *ad libitum*, dos animais deve ser muito bem planejada, porque os bovinos são animais que andam em manadas e, quando tem-se um determinado momento do dia, todos os membros do grupo caminham, ao mesmo tempo, para beber água, criando situações de conflitos e brigas, em que alguns demoram mais a consumirem ou mesmo não o fazendo na quantidade necessária às suas exigências, o que prejudica o seu desempenho.

Na mesma proporção, há que ser com o fornecimento de suplemento mineral, em que, tecnicamente, as medidas do cocho são de 4 cm para cada animal no pasto e, esta medida deve ser pensada para os momentos em que se tem a maior carga animal e não a menor. Como sói natural de acontecer, geralmente, os cochos para mineralização do rebanho são distribuídos ao longo das cercas que divisam as mangas, o que faz com que esta medida, também se dividida pela metade; logo, a solução é colocar cochos com 8 cm para cada animal lotado na área. Ainda sobre isto, de acordo com a dimensão dos pastos, aconselha-se a adequação dos cochos em mais de um ponto, a fim de permitir acesso mais amplo por parte dos animais e sua mais completa e equilibrada suplementação mineral.

Como já afirmado em outra parte deste texto, a arborização de pastagens a limita para a produção pecuária, não havendo muitas possibilidades para consorciações ou integrações como lavoura-pecuária. Neste sentido, o produtor precisa estar certo de quais áreas pretende adotar o sistema e, esta fala aqui, já supõe contrariedade em relação à nossa ampla defesa em direção à prática agrônômica de sombreamento de pastagens; mas, antes que sejamos mal interpretados, faça-se esclarecido que, as áreas destinadas às práticas agrícolas, como plantio de grãos para diversos fins, à critério do produtor e seus assistentes técnicos, não devem ser objeto de investimentos neste sentido. As áreas planas, mecanizáveis (preparo de solo, plantio e colheita), caso a propriedade seja de dupla aptidão (agricultura e pecuária), tudo isto deve ser planejado e determinado através de projeto agrônômico depois de um rigoroso estudo e levantamento topográfico.

Aquelas áreas que forem destinadas a fins de produção pecuária, poderão ser cultivadas com espécies arbóreas que contemplem a produção de sombra para o gado e as forrageiras. Tudo isto implica em estudos, análises e tomadas de decisão pautadas em resultados científicos, econômicos e empresariais; jamais seguindo a moda do momento ou porque o vizinho fez, deu certo; logo, dará certo em qualquer propriedade.

Segundo Baeta e Souza (1997), não há sombra de melhor qualidade para os animais do que o sombreamento natural gerado pelas árvores, pois elas têm muitas vantagens em serem introduzidas na pastagem, uma delas é que elas transformam a energia solar, através do processo de fotossíntese, em energia química latente, reduzindo a incidência de insolação durante o dia, o que é impossível que aconteça utilizando o sombreamento artificial.

O que a fala deste autor permite deduzir é que, quando o animal procura uma sombra, está em busca de algo muito mais que a amenização do calor atmosférico; elementos outros, como a radiação e os raios ultravioleta, a incidência calórica (sensação térmica) também devem ser considerados na hora de se planejar o empreendimento agropecuário. Mesmo as forrageiras tropicais, possuem faixas de desenvolvimento ótimo e que, quando o calor atmosférico ultrapassa tal dimensão, mesmo elas interrompem seus processos fisiológicos. Assim que, não apenas o animal deve estar na dimensão de análise e compreensão do que está sendo desenvolvido, como também as culturas forrageiras implementadas e exploradas, agronomicamente.

Mais uma vez, reitera-se o que já foi defendido até aqui, que o procedimento de sombreamento de pastagens é um instrumento técnico e como tal deve ser pensado e aplicado, depois de analisar a realidade particular de cada propriedade e suas singularidades, a destacar, o tipo de exploração comercial a que se destina, o tipo de rebanho com o qual se pretende trabalhar. O uso de sombreamento artificial é indicado até que as árvores cresçam e possam fornecer sombras em quantidade suficiente à demanda animal; mas, em razão de não haver nenhuma, ela serve muito bem, contribuindo para o equilíbrio homeostático do rebanho.

## **CONCLUSÃO**

Quando se propõe a argumentar sobre sombreamento de pastagens, com a finalidade de oferecer ao rebanho conforto térmico e condições de equilíbrio homeostático, a visão se recai sobre os animais, dado que, neste trabalho o foco se manteve na bioclimatologia, ou seja, procurou-se desenvolver uma discussão técnica e científica a partir do conhecimento das necessidades homeotérmicas dos bovinos.

Na tentativa de responder ao questionamento apresentado acima, acerca do sombreamento de pastagens, para que e porque, tem-se que o intento é fornecer conforto térmico aos animais e às plantas, com o intuito de que possam manifestar o seu máximo potencial genético e resultar em produções elevadas, precoces e de melhor qualidade no produto final. Isto atende ao para que; quanto ao porque, é uma resposta mais complexa e que envolve mercados consumidores mais finos, com exigências mais detalhadas quanto à qualidade da carne que é posta em suas mesas. Ademais, o consumidor final, europeu e norteamericano, por exemplo, se preocupam com a forma como este animal foi criado e se recebeu atenção zootécnica adequada às suas exigências fisiológicas, térmicas e nutricionais.

Como exposto, sombreamento de pastagens é um assunto antigo e que envolve muitas distorções, mitos e desinformações quanto ao seu uso e quanto aos seus benefícios (diretos e indiretos) sobre a produção animal de corte, em regime extensivo e/ou semiestensivo. Há uma necessidade de estudos realizados em nível de campo, para que dúvidas pudessem ser dirimidas e oportunidades de novos estudos fossem aventadas, a partir do momento em que se amplia o conhecimento sobre climatologia, bioclimatologia animal e vegetal e sobre o comportamento destes em diferentes níveis de calor e irradiação solar.

A implementação do sombreamento sobre pastagens deve ser uma decisão técnica e científica; o que já presume a presença de profissionais de várias áreas do saber agropecuário, a fim de que todos os cuidados agronômicos e biológicos sejam tomados antes de se realizar a ação, porque uma vez implantada todo o manejo passa a exigir planejamentos *sui generis*, conhecimentos específicos que vão se acumulando com o tempo, ao mesmo tempo em que se derruba ideias estereotipadas, hipóteses vão surgindo, exigindo que se aprofunde naquela direção até que seja encontrada a melhor solução para o caso.

De imediato, o que se tem à disposição são resultados positivos, em termos de produção animal, a partir do momento em que se adotou a técnica nas propriedades, em especial, naquelas onde a temperatura ambiente são elevadas, na maior parte do ano. Mas, este é um ponto delicado, porque animais de alta produção sofrem mais com o calor, porque suas capacidades de homeostase foram prejudicadas quando do melhoramento genético a que foram submetidos pela ação antrópica, em busca de lucros. Assim que, esta prática é uma parte do manejo que se deve inserir na exploração pecuária, a fim de se minimizar os efeitos nocivos da interferência humana nas condições fisiológicas e zootécnicas animais.

Muitos estudos ainda dependem de serem levados a efeito, em nível de campo, porque é aí onde estão lotados os animais e, a partir da observação do comportamento destes e de testes detalhados quanto à capacidade reprodutiva, resposta fenotípica, taxas de prenhezes, índices de abortos, mortalidade de terneiros, produção de carne e até mesmo a qualidade do produto final. São estes exames os que poderão determinar o quanto a prática agronômica e zootécnica de sombreamento de pastagens interfere na cadeia de produção animal.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Mauricio Soares de; SALMAN, Ana Karina Dias; OLIVEIRA, Tadário Kamel de. Arborização de pastagens na América Latina: situação atual e perspectivas. In: ANDRADE, C. M. S. de; SALMAN, A. K.; OLIVEIRA, T. K. de (ed.). *Guia ARBOPASTO: manual de identificação e seleção de espécies arbóreas para sistemas silvipastoris*. Brasília, DF: Embrapa, 2012.

Porfirio-da-Silva V.; Santos M. V. Perspectivas da arborização de pastagens na produção animal agroecológica. [Conferência] = Anais... // *Simpósio Brasileiro de*

*Agropecuária Sustentável* / ed. Rogério de Paulo Lana... [et al.] - Viçosa, MG : Os Editores, 2010. - pp. 207-226.

NÄÄS, I.A. *Princípios de conforto térmico na produção animal*. São Paulo: Ícone, 1989.

FERREIRA, Luiz Carlos Britto. *Respostas fisiológicas e comportamentais de bovinos submetidos a diferentes ofertas de sombra*. 2010. 88f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MARQUES, Jair de Araújo et al. Comportamento de bovinos mestiços em confinamento com e sem acesso a sombra durante o período de verão. *Campo Dig.*, Campo Mourão, jul./dez. 2006. Disponível em <<http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/campodigital/article/viewFile/297/138>>. Acesso em 10 dez. 2011.

BAETA, F. C.; SOUZA, C. F. *Ambiência em edificações rurais: conforto animal*. Viçosa: UFV, 1997, 246p.

SILVA, R. G. *Introdução à bioclimatologia animal*. São Paulo: Nobel, 2000.

JACOB, Flávia Gerbi. *Bioclimatologia animal*. Ribeirão Preto: FMVZ-USP, 2024.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2007.

**Capítulo 16**  
**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM TODAS AS**  
**MODALIDADES DE ENSINO**

*Francielle da Silva Antunes*  
*Joyce Karoline Da Silva*  
*Juliana Maldonado Cabral*  
*Lilian Demetria Carvalho*  
*Lucinéia da Mota Leite*  
*Márcia Veloso de Souza*  
*Maria Raquel Neri Rodrigues*  
*Raquel Maria Richetti Teixeira*  
*Rosimeire Davila da Cruz*  
*Taiane Nunes Canavezi*

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM TODAS AS MODALIDADES DE ENSINO**

**Francielle da Silva Antunes**

*Licenciada em Normal Superior - UEMS*

*Licenciada em História - UNIBF*

*Pós-graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais com Ênfase em*

*Psicomotricidade - FAES*

*Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica - ESAP*

*Pós-graduada em Educação Especial/ Educação Inclusiva/ Múltiplas deficiências -*

*Faculdade Iguaçu*

*antunesfrancielle600@gmail.com*

**Joyce Karoline Da Silva**

*Licenciada em Educação Física - Anhanguera/Uniderp*

*Pós-graduada em Educação Física Escolar e Atividade de Recreação - Educavales*

*Pós-graduada em Educação física escolar e Educação Especial - Educavales*

*Pós-graduada em Educação Física Escolar e Educação Infantil - Educavales*

*joyce.k361@hotmail.com*

**Juliana Maldonado Cabral**

*Licenciada em Normal Superior- VIZIVALI*

*Licenciada em Pedagogia - ULBRA*

*Pós-graduada em Educação Especial: Atendimento às Necessidades Especiais -*

*UNIVALE*

*Pós-graduada em Gerenciamento do Ambiente Escolar: Supervisão e Orientação -*

*LUTERANA DO BRASIL*

*julianacabral259@gmail.com*

**Lilian Demetria Carvalho**

*Licenciada em Educação Física - Anhanghera/UNIDERP;*

*Licenciatura em Pedagogia - FAVENI*

*Pós-graduada em Educação Especial - FOCUS*  
*Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Educação Física Escolar -*  
*IGUAÇU*

*Pós-graduada em Alfabetização e Letramento - FOCUS*  
*lilian1987demetria@gmail.com*

***Lucinéia da Mota Leite***

*Licenciada em Pedagogia - UFMS*

*Licenciada em Artes Visuais - FAVENI*

*Pós-graduada em Práticas Pedagógicas na Educação Infantil - UNINA*

*Pós-graduada Atendimento Especializado - UNINA*

*Pós-graduada Alfabetização e Letramento - FAVENI*

*lucineia\_damota@hotmail.com*

***Márcia Veloso de Souza***

*Licenciada em Pedagogia - UNINOVE;*

*Licenciatura em Normal Superior - FINAV;*

*Pós-graduada em Metodologia da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino*

*Fundamental - FINAV;*

*Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva- UNINA;*

*marciavelosososouza@gmail.com*

***Maria Raquel Neri Rodrigues***

*Licenciada em Pedagogia - FINAV*

*Licenciada em Letras - Língua Portuguesa - IBRA*

*Pós-graduada em Alfabetização e Letramento-FAVENI*

*Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais- FUTURA*

*Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva-FUTURA*

*raquelnr14@gmail.com*

***Raquel Maria Richetti Teixeira***

*Licenciada em Letras -Finav*

*Licenciada em Pedagogia - Uninove*

*Pós-graduada em Neuropsicopedagogia - Faculdade Única de Ipatinga*

*Pós-graduada em Ensino de Língua Portuguesa - Universidade Candido Mendes*  
*Pós-graduada em Educação Especial e Dificuldade de Aprendizagem - FAESI*  
*rakelmariateixeira@hotmail.com*

**Rosimeire Davila da Cruz**

*Licenciada em Ciências Sociais - UFMS*  
*Licenciada em Pedagogia- Unigran EAD*

*Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva - UniVitória*  
*Pós-graduada em Educação infantil: Corpo e Arte - UniVitória*  
*Pós-graduada em Antropologia - UniVitória*  
*rosimeiredaviladacruz@gmail.com*

**Taiane Nunes Canavezi**

*Licenciado em Pedagogia - UNIDERP*  
*Pós-graduada em Educação Especial - CAMPOS ELISEOS*  
*Pós-graduada em Pedagogia Digital e Letramento - PROMINAS*  
*thayanne-nunes@hotmail.com*

**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo compreender a importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno. Percebe-se que o texto passa por muitas mãos antes de chegar ao leitor, de modo que, toda pessoa ou instituição que se interpõe entre leitor e o texto efetua uma ação de mediação, isto é tanto pode promover como dificultar o contato entre eles. Com base nisso, esta pesquisa propôs estudar, a luz da sociologia da leitura, como tem atuado as instâncias mediadoras de leitura, as quais se incluem a escola, na formação de leitores. Assim para que seja possível iniciar uma reflexão sobre a formação do leitor e necessário, primeiramente conceber o que é leitura. E tendo em vista que nosso trabalho levava em consideração tanto a existência de textos artisticamente elaborados como a de textos que utilizam uma linguagem cotidiana. Isso implica uma série de competências. Na hora da leitura, os alunos precisam ser capazes de tomar uma posição frente ao que leem perceber não só o que está explícita, mas o que está subentendida, e compreender as intenções do autor e suas motivações para apresentar a informação de determinado modo. Sendo assim para formar bons leitores, o incentivo da leitura deve começar desde a educação infantil, onde os mesmos estão se descobrindo.

**Palavras chave:** Aprendizado do aluno. Formação do leitor. Leitura deleite.

**ABSTRACT**

This article aims to understand the importance of encouraging reading for the

student's training process. It is noticed that the text passes through many hands before reaching the reader, so that every person or institution that comes between the reader and the text performs a mediation action, that is, it can both promote and hinder contact between them. Based on this, this research proposes to study, in the light of the sociology of reading, how the mediating instances of reading, which include the school, have acted in the formation of readers. So that it is possible to start a reflection on the formation of the reader, it is necessary, first, to conceive what reading is. And bearing in mind that our work will take into account both the existence of artistically elaborated texts and texts that use everyday language. This implies a series of skills. When reading, students need to be able to take a stand on what they read, not only understand what is explicit, but what is implied, and understand the author's intentions and motivations for presenting information in a certain way. Therefore, in order to form good readers, encouraging reading should start from early childhood education, where they are discovering themselves.

**Keywords:** Student learning. Reader training. Reading delight.

## INTRODUÇÃO

A leitura desempenha um papel fundamental no processo educativo, independentemente da modalidade de ensino. Desde os primeiros anos escolares até a educação superior, a prática da leitura é essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. Neste artigo, exploraremos a importância da leitura em todas as modalidades de ensino, destacando seus benefícios e vantagens no aprendizado.

A habilidade de leitura é de suma importância na formação integral do indivíduo, desempenhando um papel indispensável em todas as modalidades de ensino. Através da leitura, é possível aceder ao vasto universo do conhecimento, da cultura e das informações, ao mesmo tempo em que se desenvolvem capacidades como imaginação, criatividade, interpretação e compreensão da realidade. Vale ressaltar que a leitura e a escrita são habilidades interligadas e que se desenvolvem de forma contínua e progressiva.

Além dos benefícios mencionados, a prática da leitura também contribui para o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dos estudantes. Ao se envolverem com diferentes textos, eles são expostos a diversas perspectivas e pontos de vista, o que possibilita uma compreensão mais ampla da realidade em que estão inseridos. Dessa forma, a leitura estimula a reflexão e o questionamento, promovendo uma postura mais crítica diante das informações e estimulando a formação de opiniões embasadas.

Ao longo do processo educativo, é necessário que a leitura esteja presente em todas as disciplinas e em diferentes momentos do currículo escolar. Ela não deve se restringir apenas às aulas de Língua Portuguesa ou Literatura, mas sim ser uma prática transversal, permeando todas as áreas do conhecimento. A leitura de textos científicos, literários, jornalísticos e acadêmicos, por exemplo, permite aos estudantes adquirir conhecimentos específicos de cada área, ampliando sua bagagem cultural e favorecendo uma compreensão mais abrangente do mundo.

Na prática pedagógica, a leitura deve ser incentivada e trabalhada de forma integrada às demais disciplinas, como forma de potencializar o aprendizado e enriquecer a formação do aluno. A leitura também pode ser realizada em diferentes formatos, como livros, revistas, artigos científicos, sites e blogs, o que permite uma maior diversidade de fontes de conhecimento e temas a serem pensados.

Portanto, é viável propor dinâmicas que podem ser utilizadas o alcance de tais objetivos; como entender que a leitura e a escrita desafiam nossa imaginação e possibilita nosso crescimento intelectual. Propiciar uma relação criativa crítica e libertadora com a escrita mostrando-se como desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva. O professor motivando seu aluno a ler, com metodologia diferenciada, o mesmo terá mais chance de se tornar um bom leitor e tendo gosto pela leitura.

### **A importância da leitura**

A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Portanto, deve ser iniciada no período da alfabetização e continuar nos diferentes graus de ensino. Ela constitui-se numa forma de interação das pessoas de qualquer área do conhecimento, está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura, possibilitando que se tenha a leitura com um hábito que faz parte do cotidiano, dessa forma, fazendo com que sempre se mantenha os conhecimentos atualizados.

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. (ORLANDI et al, 2005, p. 19).

A leitura é uma forma de lazer e prazer, proporcionando momentos de entretenimento e escapismo, permitindo que os leitores se transportem para outros mundos, vivenciem diferentes realidades e se identifiquem com personagens. Ao ler, as pessoas têm a oportunidade de explorar universos fictícios ou se aprofundar em temas de seu interesse, curtindo momentos de lazer e satisfação pessoal. A leitura é uma ferramenta poderosa para a aquisição de conhecimentos e o enriquecimento cultural. Através dos textos, temos acesso a informações, histórias históricas, ideias filosóficas, descobertas científicas e uma incorporada de conteúdos que expandem nosso repertório e nos permitem compreender o mundo de maneira mais ampla e sofisticada, nos possibilita aprender sobre diferentes culturas, valores e visões de mundo, seguramente para uma maior compreensão e respeito pela diversidade.

A leitura também desempenha um papel crucial na presença das condições de convívio social e interação. Ao ler, nos tornamos capazes de compreender e interpretar as ideias e opiniões dos outros, desenvolvendo empatia e respeito pela diversidade de pensamentos. Além disso, a leitura fortaleceu nossa capacidade de expressão e comunicação, ampliando nosso intelectual, aprendendo nossa escrita e nos tornando mais capazes de participar de debates e diálogos construtivos.

Em resumo, a leitura é uma atividade de valor incalculável, com benefícios evidentes e indiscutíveis. Ela oferece prazer, conhecimento, enriquecimento cultural, melhoria na convivência social e interação. Nesse sentido, é essencial promover o estímulo à leitura desde os primeiros anos de vida, proporcionando acesso a livros, incentivando a formação de hábitos leitores e valorizando a importância dessa prática em todas as etapas da vida.

A presença de livros em casa e a valorização da leitura pelos pais criam um ambiente propício para o desenvolvimento do hábito de ler. O exemplo dado pelos adultos, que dedicam tempo à leitura, motiva as crianças a seguirem o mesmo caminho. Além disso, é importante que as crianças tenham tempo livre e espaço mental disponível para se envolverem com os livros. Quando esses aspectos são negligenciados, o interesse pela leitura pode ser afetado.

Portanto, é essencial que os responsáveis reconheçam a importância da leitura na vida das crianças e protejam um ambiente favorável para que elas se tornem leitoras. Ter livros em casa, ler para as crianças desde cedo e demonstrar

entusiasmo pela leitura são ações que podem despertar o interesse delas. Além disso, é fundamental garantir que as crianças tenham tempo livre para explorar os livros, sem sobrecarregá-las com atividades excessivas. Dessa forma, será possível cultivar uma relação positiva e durar entre as crianças e a leitura, proporcionando-lhes um mundo de descobertas, conhecimentos e imaginação.

### **Formação do leitor**

A formação do leitor é um processo contínuo e crucial no desenvolvimento educacional e cultural de um indivíduo. Ela envolve uma série de etapas e estratégias que visam estimular o gosto pela leitura, a compreensão textual, a capacidade crítica e reflexiva, além de promover o acesso ao conhecimento e ao mundo da literatura. A formação do leitor começa desde cedo, ainda na infância, quando a criança é exposta ao universo dos livros por meio de histórias contadas pelos pais ou educadores. Essa primeira fase é essencial para despertar o interesse pela leitura e estimular a imaginação e a criatividade. Assim compreende Souza que:

O ensino e a promoção da leitura, compreendida como algo mais que a alfabetização, têm mobilizado atenção e esforços de diversas forças sociais, entre educadores, agentes sociais, lideranças políticas. Assume-se francamente que a capacidade de ler e a prática da leitura teriam implicações importantes na participação social dos indivíduos, contribuindo decididamente para sua maior produtividade, intervenção política e social, organização da vida prática etc. Souza (2009,p. 187).

A leitura vai além do simples ato de decifrar palavras e compreender textos; ela envolve o desenvolvimento de habilidades cognitivas, a capacidade crítica e reflexiva, e a participação social dos indivíduos. A capacidade de ler e a prática da leitura têm expressões significativas na vida dos indivíduos e na sociedade como um todo. Ao cultivar a capacidade de ler, os indivíduos adquirem conhecimento e se tornam mais informados sobre o mundo que os cerca. Eles podem se engajar de maneira mais eficaz na vida política e social, confiantes para o desenvolvimento da comunidade e para a tomada de decisões controladas.

A leitura também desempenha um papel importante na organização da vida prática. Através da leitura, as pessoas têm acesso a informações sobre saúde, direitos, economia, entre outros temas relevantes para a sua vida cotidiana. Isso

permite que elas tomem decisões mais assertivas, melhorem sua qualidade de vida e tenham maior autonomia. A promoção da leitura tem o potencial de aumentar a produtividade dos indivíduos, desenvolve habilidades de compreensão, interpretação e síntese, que são essenciais em diferentes contextos profissionais. Aqueles que têm o hábito de ler regularmente estão mais tolerantes a ter um desempenho acadêmico e profissional, uma vez que possuem uma base sólida de conhecimentos e são capazes de se adaptar às demandas do mercado de trabalho.

Para haver prazer em ler criança, é importante que além do contato com a leitura, ela também tenha contato com pessoas que a estimulem, podendo ser o professores, familiares e conviventes do seu contexto histórico.

A leitura, quando iniciada no ambiente familiar pode fazer com que o leitor tenha mais facilidade em compreender textos, havendo uma compreensão de mundo melhor. Segundo Raimundo (2007, p. 112), “O leitor que teve contato com a leitura desde cedo dentro de sua casa é diferenciado ao saber reconhecer os signos com maior facilidade que um aluno que teve seu primeiro contato ao entrar na escola.”

Através da leitura, os indivíduos adquirem conhecimentos e habilidades que são essenciais para o cumprimento de diferentes objetivos educacionais. Ao realizar tarefas que envolvem a leitura, como a compreensão de textos, a análise crítica de informações e a pesquisa de fontes, os estudantes desenvolvem competências que vão além do simples ato de decodificar palavras. Eles aprendem a selecionar e interpretar informações relevantes, a estabelecer conexões entre diferentes conteúdos e a formular argumentos embasados em evidências. “Para realizar determinadas tarefas que, se abordadas adequadamente, não só interferirão no primeiro objetivo, como também ajudarão a elaborar critérios pessoais que permitam aprofundá-lo”. SOLÉ, (1998, p. 97).

O leitor deve ser visto como um sujeito ativo no processo de leitura, conseguindo tirar conclusões e usar suas experiências acumuladas no decorrer da vida. O professor deve realizar leituras compreensivas e críticas. Deverá propor contato com diferentes gêneros, proporcionando momentos de debates e reflexão. É fundamental que o processo de mediação se dê a partir das relações interpessoais entre os sujeitos. Para Vygostky (1989):

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a

criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte do desenvolvimento independente da criança (1989, p. 101).

A citação, ressalta a importância da interação social no processo de aprendizado e desenvolvimento infantil. O aprendizado ocorre por meio da interação da criança com outras pessoas em seu ambiente, bem como através da cooperação com seus pares.

Quando as crianças interagem com pessoas mais experientes, como pais, educadores ou colegas, elas são expostas a conhecimentos, habilidades e perspectivas diferentes das suas. Essa interação social estimula a criança a internalizar novos processos de aprendizado, que se tornam parte integrante de seu desenvolvimento.

Ao cooperar com seus companheiros, as crianças encorajam ideias, resolvem problemas em conjunto e aprendem uns com os outros. Essa colaboração promove a construção conjunta de conhecimento e desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais. O processo de internalização mencionado por Vygotsky (1989), refere-se à assimilação e incorporação das experiências e conhecimentos adquiridos durante a interação social. À medida que a criança internaliza esses processos, ela se torna parte de seu desenvolvimento independente, permitindo que ela utilize esses conhecimentos de forma autônoma e autodirigida.

Dessa forma, a abordagem sociocultural de Vygotsky (1989), enfatiza a importância das experiências sociais e da colaboração no aprendizado e desenvolvimento infantil. O ambiente social e a cooperação entre pares desempenham um papel fundamental na construção de conhecimentos, na formação de habilidades e na promoção do desenvolvimento global da criança.

### **Atividades de Leitura**

Ao refletirmos sobre a prática de leitura nas escolas, podemos observar que muitas vezes os alunos são expostos a textos que não despertam seu interesse, não estão alinhados com suas experiências culturais e faixas etárias, resultando em uma leitura meramente avaliativa. No entanto, é crucial desenvolver atividades de leitura em sala de aula que não apenas incentivem os alunos a gostar de ler e

escrever, mas também contribuam para seu progresso acadêmico e sua conexão com a realidade, permitindo-lhes compreender seu contexto.. Vigner (2002, p. 36) afirma que:

Ler não é mais essa entrada em espaços desconhecidos como certa tradição o subentendeu, mas é, prosaicamente, a procura de uma confirmação, o acionamento quase automático de protocolos de leitura já constituídos, em presença de textos já repertoriados e identificáveis pelo leitor desde a recepção dos primeiros sinais (...)

Ao contrário da concepção tradicional, que via a leitura como a entrada em espaços desconhecidos, hoje ela é percebida de maneira mais prosaica, como uma busca por confirmação e o acionamento de protocolos de leitura já residiam diante de textos familiares para o leitor. Essa perspectiva destaca que, com a recepção dos primeiros sinais, os leitores são capazes de identificar e reconhecer textos que já fazem parte de seu repertório. Isso implica que a leitura não é mais um processo de exploração de territórios desconhecidos, mas sim uma atividade que se baseia em experiências prévias e conhecimentos adquiridos.

Essa visão contemporânea da leitura reconhece a importância do repertório do leitor e dos protocolos de leitura necessários para a compreensão e interpretação de textos. Os leitores utilizam estratégias e conhecimentos prévios para decodificar e compreender os textos, recorrendo a esquemas mentais, contextos culturais e estruturas linguísticas já familiarizadas.

Dessa forma, as atividades de leitura podem ser adaptadas às preferências dos alunos, envolvendo-os, cada vez mais, na prática de ler livros, elas contribuem fortemente para desenvolver o gosto dos estudantes pelas palavras. Eles precisam perceber que os textos são uma forma de comunicação e de interação social, o professor deve incentivar os alunos a criarem o hábito de ler, pois, por meio dessa atividade, os alunos tornam-se capazes de buscar novos conhecimentos, aprimorar os já possuídos, fazer uso desses para compreender a sociedade e interagir nela.

### **Importância de ler para as crianças**

A leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das

crianças, pois estimula a aquisição de habilidades essenciais, como compreensão escrita, ampliação do conhecimento, aprimoramento da memória, estimulação da imaginação e cultivo de empatia. Além disso, a leitura também desempenha um papel significativo no desenvolvimento emocional e social das crianças. Castle (2005) destaca a importância pessoal e emocional da leitura para os filhos do autor. O ato de ler para seus filhos não é motivado por razões acadêmicas ou recomendações médicas, mas sim por uma conexão afetiva e familiar. Castle ressalta que essa prática é uma continuidade da tradição que ele vivenciou com seu pai, percebendo-a como uma herança cultural que deve ser transmitida de uma geração para outra. Essa perspectiva ilustra como a leitura pode ser vista como um ato de conexão e união familiar, no qual os pais estudaram experiências literárias com seus filhos. Ao ler para seus filhos, os pais estão transmitindo valores, tradições e memórias pessoais, fortalecendo os laços familiares e cultivando um ambiente propício para a formação de leitores.

A leitura tem um poder transformador que vai além do aspecto educacional ou instrutivo. Ela tem o potencial de criar momentos de intimidade, imaginação e reflexão, proporcionando às crianças um espaço seguro para explorar emoções, desenvolver empatia e expandir sua compreensão do mundo. Conforme mencionado por Castle:

Leio para meus filhos não em função das aulas sobre a segunda infância da faculdade (não as tive), ou porque o pediatra tenha nos recomendado isso (ele não o fez), mas porque meu pai lia para mim. Portanto, quando chegou minha vez, eu sabia que havia uma tocha a ser passada de uma geração para outra. (CASTLE, 2005, p. 20).

A leitura para as crianças desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de diversas habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Ao expor as crianças a diferentes histórias, contos e poemas, a leitura estimula sua imaginação, criatividade e curiosidade. Através das palavras e das narrativas, elas são transportadas para universos fictícios ou reais, ampliando seus horizontes e desenvolvendo sua capacidade de visualização mental.

Além disso, a leitura contribui para o desenvolvimento da atenção e da memória das crianças. Ao acompanharem uma história, elas precisam se concentrar, seguir a sequência dos eventos e lembrar detalhes importantes. Essas

habilidades cognitivas são fundamentais não apenas para a compreensão de textos, mas também para o aprendizado em outras áreas acadêmicas.

A leitura também é uma forma de introduzir as crianças ao universo da literatura, despertando nelas o prazer pela leitura e pelo contato com diferentes formas de expressão. Através das histórias, elas podem se identificar com personagens, vivenciar diferentes emoções e refletir sobre questões e valores presentes nas narrativas, ela promove a interação social, pois pode ser compartilhada em família ou em grupos de amigos. Ler em conjunto, seja em voz alta ou em rodas de leitura, estimula a comunicação, a troca de ideias e a construção coletiva de significados. Essa interação social fortalece as emoções emocionais e contribui para o desenvolvimento socioemocional das crianças.

Em resumo, a leitura para as crianças desempenha um papel crucial no desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Ao estimular a imaginação, a criatividade, a atenção e a memória, a leitura amplia o repertório cultural e intelectual das crianças, além de despertar o prazer pela leitura e promover a interação social. É uma atividade enriquecedora que influencia positivamente seu crescimento e aprendizado ao longo da vida.

### **O professor e seu papel nesta jornada**

O papel do professor no incentivo à leitura é fundamental para despertar o interesse e o gosto pelos livros nos alunos. O professor desempenha um papel de mediador, orientando, estimulando e proporcionando experiências de leitura, o professor deve ser um leitor apaixonado, demonstrando entusiasmo e prazer pela leitura. Ao compartilhar suas próprias experiências literárias com os alunos, ele os inspira e motiva a explorar o mundo dos livros. Conforme aponta Freitas (2012, p.68), a mediação do desenvolvimento da leitura pelo professor é essencial para transformar o aluno em um leitor ativo e competente. Esse processo envolve o aprimoramento da compreensão do aluno, permitindo que ele avance de um estágio de leitor principiante para um estágio de leitor mais experiente. Para que isso aconteça, é necessário desenvolver a capacidade do aluno de ler com segurança, decodificar as palavras de forma clara e reconhecê-las rapidamente, visando uma leitura fluente. Além disso, o professor deve incentivar o aluno a realizar previsões, formular e responder perguntas sobre o texto, identificar ideias

centralizadas, extrair informações relevantes, relacionar o que está sendo lido com sua realidade social e pessoal, compreender o subtexto do texto, fazer inferências com base em pistas e ser capaz de fazer resumos.

Essas habilidades de leitura não apenas promovem a compreensão textual, mas também criaram para a formação do sujeito leitor em um leitor proficiente. Ao adquirir essas habilidades, o aluno se torna capaz de interagir de forma crítica e reflexiva com diferentes textos, estabelecendo conexões entre eles e construindo significados mais amplos.

A mediação do professor nesse processo é fundamental, pois ele desempenha o papel de guia, orientando e facilitando o suporte ao aluno em seu percurso de desenvolvimento como leitor. Ao propor atividades que estimulam essas habilidades de leitura e ao fornecer feedback construtivo, o professor cria um ambiente incentivado para o crescimento do aluno como leitor competente.

Em resumo, o professor desempenha um papel central no incentivo à leitura, apresentou-se como um modelo, selecionando materiais adequados, proporcionando momentos de leitura compartilhada e incentivando atividades criativas relacionadas à leitura. Sua dedicação e entusiasmo podem despertar o amor pelos livros nos alunos, confiantes para seu desenvolvimento como leitores competentes e apaixonados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando a leitura é realizada de acordo com os princípios abordados neste estudo, ela facilita o surgimento da reflexão e a capacidade de tomar posição diante das informações. A reflexão implica na compreensão profunda e crítica das obras escritas, permitindo a apropriação do próprio ato de existir. Já a tomada de posição envolve o confronto dos significados revelados na leitura, incentivando a participação ativa e a renovação cultural.

Além dos benefícios cognitivos, a leitura também contribui para o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Ao se identificarem com personagens e situações presentes nas histórias, eles são capazes de compreender e lidar melhor com suas próprias emoções. A leitura também estimula a empatia, ao colocar os alunos em contato com diferentes realidades e experiências, favorecendo a compreensão e o respeito pela diversidade.

Para que a importância da leitura seja plenamente explorada em todas as modalidades de ensino, é essencial que haja um ambiente propício para a prática da leitura. As escolas devem disponibilizar bibliotecas bem equipadas, com uma ampla variedade de livros e materiais de leitura. Além disso, é fundamental que os educadores incentivem e estimulem os alunos a lerem, promovendo atividades de leitura em sala de aula, como rodas de leitura, debates e produção de resenhas.

Portanto, a leitura desempenha um papel crucial em todas as modalidades de ensino, proporcionando diversos benefícios para o desenvolvimento dos alunos. É através da leitura que eles adquirem conhecimento, desenvolvem habilidades cognitivas, emocionais e sociais, além de se tornarem cidadãos mais críticos e reflexivos. Investir na promoção da leitura é investir no desenvolvimento integral dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais educada e consciente.

## REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o habito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

CASTLE, Marieta. **Ler e reler o mundo** – Pátio, revista pedagógica. ArtMed. Fev/abril – 2005.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. **Mediação: estratégia facilitadora da compreensão Leitora**, In : BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Leitura e mediação pedagógica. São Paulo: Parábola (2012).

LEAHY-DIOS, C.MENEZES, C.L.F.( colab.).**Língua e Literatura: uma questão de educação?** Campinas: Papirus, 2001.

HAUSER, A. **Sociologia del publico**. In : HAUSER, Arnold. Socilogia Del arte.Barcelona: editorial labor, p. 549-599, 1977.

MAGALHÃES, Ana Maria. **Ler ou não ler: eis a questão**. Porto Alegre: Kuarup, 1990.

MARTINS, Maria Helena Pires. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1990.NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER , Neiva Otero et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RAIMUNDO, A. P. P. **A mediação na formação do leitor**. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS**, 3., 2007,

Maringá. Anais... Maringá, 2007. Disponível em:  
[http://www.ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_literarios/pdf\\_literario/010](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010).  
p. Acesso em: 28 mar. 2023.

VIGNER, G. **O texto leitura e escrita/ Organização e revisão técnica de tradução**. Campinas SP: 3ª edição revisada. Pontes, 2002

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.



Celebramos com imensa alegria as 1000 publicações das Editoras do Grupo MultiAtual! Esse marco só foi possível graças ao apoio e confiança de nossos autores, leitores e colaboradores. A cada livro publicado, reforçamos nosso compromisso com a educação, a cultura e a disseminação do conhecimento. Nosso profundo agradecimento a todos que fazem parte dessa jornada.

1000 publicações! Esse marco representa não apenas a força e a dedicação de cada colaborador, mas também o impacto transformador que esses livros e revistas tiveram na vida de tantos leitores. Que venham muitas mais histórias, conhecimento e inspiração nas próximas mil e além!

**uniatual**  
EDITORA

ISBN 978-658601375-7



9

786586

013757



**Editoras**  
Grupo  
**MultiAtual**  
**1000**

